UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ - CAMPUS DE CASCAVEL
CENTRO DE EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E ARTES
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM LETRAS – NÍVEL DE MESTRADO E DOUTORADO
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO EM LINGUAGEM E SOCIEDADE

TÂNIA APARECIDA MARTINS

ESTUDOS PARA ESPECIFICAÇÃO E MODELAGEM DE ESTRUTURAS E ORGANIZAÇÃO DE UM DICIONÁRIO MONOLÍNGUE DE LIBRAS

CASCAVEL – PR
2020

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ - CAMPUS DE CASCAVEL
CENTRO DE EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E ARTES
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM LETRAS – NÍVEL DE MESTRADO E DOUTORADO
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO EM LINGUAGEM E SOCIEDADE

TÂNIA APARECIDA MARTINS

ESTUDOS PARA ESPECIFICAÇÃO E MODELAGEM DE ESTRUTURAS E ORGANIZAÇÃO DE UM DICIONÁRIO MONOLÍNGUE DE LIBRAS

Tese apresentada à Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE – para obtenção do título de Doutor em Letras, junto ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras – Nível de Mestrado e Doutorado, área de concentração em Linguagem e Sociedade.

Linha de Pesquisa: Estudos da Linguagem: Descrição dos Fenômenos Linguísticos, Culturais, Discursivos e de Diversidade.

Orientador: Prof. Dr. Jorge Bidarra

CASCAVEL - PR
2020

Ficha de identificação da obra elaborada através do Formulário de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da Unioeste.

MARTINS, Tânia Aparecida
Estudos para especificação e modelagem de estruturas e organização de um dicionário monolíngue de Libras / Tânia Aparecida MARTINS; orientador(a), Jorge Bidarra, 2020.
310 f.

Tese (doutorado), Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Campus de Cascavel, Centro de Educação, Comunicação e Artes, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2020.

1. Lexicografia. 2. Metalexicografia. 3. Libras. 4. Dicionário Monolíngue. I. Bidarra, Jorge . II. Título.

Programa de Pós-Graduação em Letras

ATA DA DEFESA PÚBLICA DA TESE DE DOUTORADO DE TÂNIA APARECIDA MARTINS, ALUNO(A) DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ - UNIOESTE, E DE ACORDO COM A RESOLUÇÃO DO PROGRAMA E O REGIMENTO GERAL DA UNIOESTE.

Valéria Menezes Bastos
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Patrícia Tuxi dos Santos
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (UNB)

Márcia Sipavicius Seide
Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)

Flávia Medeiro Álvaro Machado
Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)

Tânia Aparecida Martins
Aluno(a)

Coordenador(a) do Programa de Pós-Graduação em Letras

Prof.ª Dr.ª D. anelli A. Garcia

Aos meus pais, Suely e José Rubens (*in memorian*).
Aos meus filhos, Luiz Gustavo e Anthony.
Ao meu esposo, Valdenir.
Aos meus irmãos, Juliana e Marcelo.
Aos meus sobrinhos, Arthur e Heitor.
Aos meus cunhados, Cleber e Alessandro.
Ao povo surdo.
À Libras.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela minha vida e por me cuidar sempre, em todos os momentos.

Ao meu estimado orientador, professor Jorge Bidarra; este trabalho não teria sido possível se não fossem seus ensinamentos e paciência. Minha gratidão a ti, Prof. Jorge, que durante esses anos soube conduzir-me com maestria; obrigada pelas orientações valiosas e pela oportunidade que me foi concedida de fazer parte de suas pesquisas, sobretudo, pelos momentos de discussão, sua dedicação e prestatividade, não apenas com esta tese, mas com todas as pesquisas desafiadoras que tens assumido e desenvolvido em prol do desenvolvimento linguístico da Libras em benefício da comunidade surda. Obrigada por tranquilizar-me nos momentos de angústia, e olha que não foram poucos, especialmente nesses últimos dois anos. Obrigada pelo apoio, por ter estado comigo nos momentos de profunda dor pela partida de entes queridos, e também na chegada do novo (Anthony) bem no meio do caminho da tese (te dei muito trabalho). Obrigada pelo incentivo e pela confiança que depositou em mim na realização desta pesquisa. Essa confiança que me fez acreditar que poderia concretizá-la. Obrigada por me transmitir segurança, otimismo, força e credibilidade em minha caminhada acadêmica, do Mestrado ao Doutorado. Obrigada pela sua energia e disciplina na arte de fazer pesquisa, sem dúvida, levo seus ensinamentos para a vida. Obrigada por contribuir para minha formação humana e profissional, por muitas vezes, suas palavras e seus conselhos me tornaram uma pessoa melhor.

Às professoras Marianne Rossi Stumpf (UFSC), Márcia Sipavicius Seide (UNIOESTE), Mirna Fernanda de Oliveira (UNIOESTE), Patrícia Tuxi dos Santos (UNB), Tanya Amara Felipe de Souza (INES), Valéria Menezes Bastos (UFRJ), Flávia Medeiros Álvaro Machado (UFS), Terezinha da Conceição Costa-Hübes (UNIOESTE), pelas valiosas contribuições ao trabalho.

Às professoras Tanya Amara Felipe e Valéria Menezes Bastos, meu agradecimento especial pela acolhida nas reuniões de trabalho, dedicando-me do seu tempo para compartilhar seus conhecimentos, importantes materiais de apoio, além do incentivo para a realização dessa pesquisa. Gratidão por tudo!

Ao professor Félix Bugueño Miranda, por ter me aceitado como aluna especial para a disciplina “Tópicos de Lexicografia Bilíngue” junto ao PPGLET – UFRGS; obrigada por ter ampliado meus horizontes na área da Lexicografia e por toda a atenção dispensada durante e fora das suas maravilhosas aulas.

À Universidade Estadual do Oeste do Paraná, pela minha formação acadêmica, desde o Mestrado ao Doutorado.

Aos meus colegas de trabalho dessa respeitada Universidade.

Ao Programa de Pós-Graduação em Letras – PPGL da Unioeste e aos docentes, pelos conhecimentos compartilhados ao longo das aulas.

Ao Grupo de Estudos e Pesquisas - PORLIBRAS, pelo constante aprendizado, juntamente com os professores Jorge Bidarra e Valéria M. Bastos, e meus companheiros de pesquisas, Leidiani da Silva Reis, Keli Malaquias, Valdenir Pinheiro, Rosana Constâncio.

Aos colaboradores Leonardo Gonçalves, Vanessa Quadros e Ryan do Grupo de Pesquisa coordenado pela Professora Valéria Bastos no Curso de Ciência da Computação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Obrigada pelo empenho e dedicação na montagem da interface que, no futuro, permitirá a implementação desta pesquisa.

Aos meus familiares, que sempre estiveram ao meu lado, especialmente meu pai José Rubens (*in memorian*), minha grandiosa mãe Suely e irmãos Juliana e Marcelo, pelo apoio, amor, compreensão e respeito pelas vezes que não pude estar presente. A colaboração de vocês é imensurável, muito obrigada por cuidar do Luiz Gustavo e agora também do Anthony todas as vezes que preciso.

Aos meus maiores tesouros, meus filhos amados Luiz Gustavo e Anthony, e ao esposo Valdenir, na ciência de que a vocês reneguei um precioso tempo em busca desta realização; agradeço a todo amor, apoio, companhia e por aceitarem a minha ausência necessária e serem meus inspiradores para a concretização deste sonho.

Aos amigos surdos, os quais devo parte do conhecimento que adquiri para o crescimento profissional e afetivo. Em especial, aos amigos Jefferson Diego de Jesus, por não medir esforços em me atender todas as vezes que precisei; ao Jean

Michael Lira pela presteza em sempre me atender, ao Heloir Montanher, à Manuela Aragão, à Katiuscia Wagner, à Gisele Safari, à Maristela Tibúrcio, ao Júlio Souza, ao Antônio Almeida e à Franciele Giza, pelas valiosas trocas de experiências e discussões que possibilitaram pensar e analisar tantos vieses. Gratidão a todos aqueles que fizeram parte da minha jornada como intérprete de Libras.

Às intérpretes de Libras, Joice Severo Silveira, Graziela Cantelle de Pinho, Verônica Rosemary de Oliveira, Denise Francielle Dumke e Clarice Fabiano C. Palavissini, que prontamente estiveram comigo, possibilitando acessibilidade aos surdos presentes, nos momentos da qualificação e defesa desta pesquisa. Vocês, desempenharam essa função com dedicação e zelo, minha gratidão ao maravilhoso trabalho que vêm desenvolvendo.

Aos meus amigos de vida, que sempre me apoiaram e torceram por mim estando comigo nos mais diversos momentos, obrigada Keli Malaquias (irmã do coração), Leidiani Reis, Thiago Mazzarollo, Malu Moura, Joice Silveira, Aline Pin, Rosana Constâncio, Sérgio Ferreira, Josiane Facundo Almeida, Keli Vidarenko (*in memorian*), por vezes vocês tornaram os meus dias mais leves, obrigada pela amizade de longa data.

A todos os pesquisadores que consultamos, especialmente aos que constam nas referências deste trabalho; todos foram fundamentais para que essa pesquisa pudesse ser realizada dando sustentação teórica e suporte necessário para o seu avanço. Gratidão a essas mentes brilhantes!

Enfim, a todas as pessoas que somaram e me ajudaram a percorrer este caminho. A elas, os meus sinceros agradecimentos!!!

[...] “*Morre lentamente,*

quem se transforma em escravo do hábito,
repetindo todos os dias o mesmo trajeto,
quem não muda de marca, não se arrisca a vestir
uma cor nova ou não conversa com quem não conhece [...]

[...] Morre lentamente,

quem não vira a mesa quando está infeliz com o seu trabalho,
quem não arrisca o certo pelo incerto para ir atrás de um sonho,
quem não se permite pelo menos uma vez na vida fugir dos conselhos sensatos” [..]
(Pablo Neruda)

MARTINS, Tânia Aparecida. **Estudos para especificação e modelagem de estruturas e organização de um dicionário monolíngue de Libras**. 2020. 310f. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras, Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, Cascavel.

RESUMO

Embora muito já se tenha avançado no âmbito dos estudos lexicográficos das línguas de sinais, são ainda muitas as demandas por soluções e recursos para o atendimento das necessidades das pessoas com surdez, especialmente no diz respeito à composição, à formatação e ao acesso aos itens lexicais registrados nos dicionários dessas línguas. Esta tese discute e apresenta uma proposta de dicionário especificamente voltado para a Libras, ou seja, monolíngue, recurso que há muito vem sendo demandado, não apenas pela comunidade surda brasileira, mas também pelos educadores e estudiosos da língua. Com esse objetivo em mente, as principais perguntas que nortearam esta pesquisa foram: (i) Como os dicionários de Libras, tipicamente os monolíngues, devem ser estruturados? Ou, mais exatamente, tomando-se por base as suas estruturas internas, como os eixos macro e microestruturais desse tipo de dicionário devem ser organizados? E, também (ii) no que diz respeito à composição não apenas das chaves de buscas, mas também das próprias entradas lexicais, que informações considerar de modo tornar possível o registro, bem como a captura de características tão específicas quanto as observadas com as unidades léxicas que compõem os vocabulários das línguas de sinais? Para responder às perguntas propostas, elaborou-se uma pesquisa de cunho qualitativo-descritivo e, ao mesmo tempo, aplicado (TRIVIÑOS, 1990). As análises foram balizadas pelos pressupostos da Teoria Geral da Lexicografia, tanto no que diz respeito à construção de dicionários de línguas faladas (WIEGAND, 1984, 1989), quanto de línguas de sinais, mais particularmente (STOKOE, 1960, 1965, MCKEE & MCKEE, 2012; FELIPE e GP FENEIS, 2002; FELIPE e GP INES, 2005; CAPOVILLA; RAPHAEL, 2001; CAPOVILLA; RAPHAEL; MAURÍCIO, 2012; CAPOVILLA et al., 2017). A discussão se deu em duas partes: uma mais voltada ao trabalho do lexicográfo e à sua interação com o sistema lexical (*Front-end*), como forma de dar sustentação teórica e aplicada ao dicionário proposto; e a outra mais dirigida à formatação das entradas lexicais e orientações para o usuário final. Estão contemplados neste trabalho de doutorado, dentre outros, os seguintes aspectos: (i) o desenvolvimento de um desenho taxonômico, usado como base para a implementação, já em desenvolvimento, de um dicionário eletrônico monolíngue de Libras; (ii) discussão, definição e descrição a respeito dos critérios adotados para a composição das chaves de buscas; (iii) o detalhamento e as explicações envolvidas com a organização e estruturação das entradas lexicais, tanto ao nível da macro quanto da microestrutura.

PALAVRAS-CHAVE: Lexicografia; Metalexicografia; Libras; Dicionário Monolíngue; Especificação/Modelagem.

MARTINS, Tânia Aparecida. **Studies for specification and modeling of structures and organization of a monolingual Libras dictionary**. 2020. 310. Thesis (Doctor of Letters) - Stricto Sensu Graduate Program in Letters, State University of Western Paraná - UNIOESTE, Cascavel.

ABSTRACT

Despite publications in the field of lexicographic studies of sign languages, there are still many demands for solutions and resources to meet the needs of people with deafness, especially with regard to composition, formatting and access to lexical items recorded in dictionaries. of those languages. This thesis discusses and presents a dictionary proposal specifically focused on Libras, that is, monolingual, a resource that has long been demanded not only by the Brazilian deaf community, but also by educators and language scholars. With this objective in mind, the main questions that guided this research were: (i) How should Libras dictionaries, typically monolingual, be structured? Or more precisely, based on their internal structures, how should the macro and microstructural axes of this type of dictionary be organized? And, also (ii) with regard to the composition not only of the search keys, but also of the lexical entries themselves, what information should be considered so as to make it possible to record, as well as to capture characteristics as specific as those observed with the lexical units that make up the vocabularies of sign languages? To answer the proposed questions, a qualitative-descriptive and, at the same time, applied research was developed (TRIVIÑOS, 1990). The analyses were based on the assumptions of the General Theory of Lexicography, both as regards the construction of dictionaries of spoken languages (WIEGAND, 1984, 1989) and sign languages, more particularly (STOKOE, 1960, 1965, MCKEE & MCKEE, 2012); FELIPE and GP FENEIS, 2002; FELIPE and GP INES, 2005; CAPOVILLA; RAPHAEL, 2001; CAPOVILLA; RAPHAEL; MAURÍCIO, 2012; CAPOVILLA et al., 2017). The discussion took place in two parts: one more focused on the work of the lexicographer and its interaction with the lexical system (Front-end), as a way of giving theoretical support and applied to the proposed dictionary; and the other more focused on the formatting of lexical entries and guidelines for the end user. The following aspects, among others, are contemplated in this doctoral work: (i) the development of a taxonomic design, used as a basis for the implementation, already in use, of a monolingual electronic dictionary of Libras; (ii) discussion, definition and description regarding the criteria adopted for the composition of search keys; (iii) the details and explanations involved with the organization and structuring of lexical entries, both at the macro and microstructure levels.

KEYWORDS: Lexicography; Metalexicography; Libras; Monolingual Dictionary; Specification/Modeling.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Imagem correspondente à estrutura de busca da palavra AMIGO/AMIZADE do dicionário impresso português/Libras 46
Figura 2: Imagem correspondente a um dicionário geral do tipo acadêmico ou normativo 63
Figura 3: Quando recorrer a um dicionário especializado 65
Figura 4: Exemplo de um dicionário especializado de Análise do Discurso 66
Figura 5: Exemplo de dicionário especializado da LSF 67
Figura 6: Desenvolvimento e variações da Libras ao longo do tempo 72
Figura 7: Sinal de FURACÃO em Libras 80
Figura 8: ACEITAR em Libras 81
Figura 9: FAMÍLIA em Libras 81
Figura 10: Sinal de TRABALHAR 82
Figura 11: Sinal de PORQUE 82
Figura 12: Sinal de HELICÓPTERO 83
Figura 13: Sinal de APOIAR 83
Figura 14: Esquema para representar a organização querológica das línguas de sinais 84
Figura 15: Sinal para BLACK (preto) em ASL 85
Figura 16: Representação do sinal de DIFÍCIL em Libras 93
Figura 17: Exemplo de alofone no sinal de DIFÍCIL em Libras 93
Figura 18: Representação dos elementos que compõem a estrutura para a entrada 180B: <TOILET>, conforme os critérios desenvolvidos por Johnston (1987) 97
Figura 19: Configuração/forma da mão (dez) utilizada para realizar o sinal de APPLE em ASL 116
Figura 20: Estrutura geral usado no sistema de notação HamNoSys 118
Figura 21: Notação correspondente a WORKING (trabalhar) da ILS, a partir do HamNoSys 118
Figura 22: Escrita em sinais da Libras, recorte do texto “A Cobra Grande” (2016) . 121
Figura 23: Métodos de pesquisa no dicionário de Língua de Sinais Neozelandesa (DNZSL) 126
Figura 24: Resultado da busca de um sinal aleatório a partir da configuração de mão 127
Figura 25: Telas de representação de busca do Dicionário da Língua de Sinais Dinamarquesa 129
Figura 26: Tela adaptada para representar as entradas no dicionário SUVI 131
Figura 27: Tela do SUVI com destaque para a sequência querológica de um sinal 132
Figura 28: Registros de sinais usados por surdos brasileiros em meados de 1870 136
Figura 29:- Informações sobre a realização dos sinais da estampa VI 137
Figura 30: Entrada lexical do verbete AMIGO DE INFÂNCIA 141
Figura 31: Sinal que representava o signo ESPERAR (GAMA, 1875) 144
Figura 32: Sinal que representava o signo ESPERAR (OATES, 1969) 144

Figura 33: Sinal que representava o signo ESPERAR (TESTEMUNHAS DE JEOVÁ, 1992)..... 144
Figura 34: Sinal que representa o signo ESPERAR (CAPOVILLA; RAPHAEL; MAURÍCIO, 2012) 145
Figura 35: Tela de entrada para o sinal ESPERAR1..... 146
Figura 36: Tela de entrada para o sinal ESPERAR2..... 146
Figura 37: Tela referente ao método de pesquisa no dicionário de Libras..... 148
Figura 38: Tela referente ao resultado da pesquisa a partir da digitação da palavra DECORAR1 no dicionário de Libras..... 150
Figura 39: Tela correspondente a busca pela CM seleção da palavra ARARA..... 151
Figura 40: Tela inicial do glossário de Libras 153
Figura 41: Tela de entrada para a busca de um sinal a partir da Libras 154
Figura 42: Busca pelo sinal a partir da seleção de um grupo de CM e CM no grupo selecionado 155
Figura 43: Tela correspondente ao resultado da busca pelo sinal TESE..... 156
Figura 44: Representação do sinal de FRIO em Libras com referência pantonímica..... 160
Figura 45: Representação do sinal de FRIO em Libras sem referência pantonímica..... 161
Figura 46: Sinal de CARRO em Libras, com referência aos aspectos imitativos 161
Figura 47: Sinal de DIRIGIR em Libras, com referência aos aspectos imitativos.... 161
Figura 48: Sinal de VOLANTE em Libras, com referência aos aspectos imitativos 162
Figura 49: Sinal metonímico em Libras referente à VOLKSWAGEN 163
Figura 50: EU - Sinal com indicação dêitica em Libras 164
Figura 51: Sinal de nome em Libras: RONALDO e RONALDINHO GAÚCHO, ex-jogadores da Seleção brasileira 165
Figura 52: Sinal usado para VOLT em Libras 166
Figura 53: Representação do sinal ESPERAR em Libras..... 168
Figura 54: Notação para a palavra WAIT segundo o sistema de Stokoe..... 168
Figura 55: Registro do item lexical AULA em Libras e seu respectivo significado .. 174
Figura 56: Registro de itens lexicais relativos à categoria semântica “bebidas” em LSF e seu respectivo significado..... 175
Figura 57: Expressão usada em Língua Portuguesa e em Libras para NARIZ EMPINADO 176
Figura 58: Pesquisa possível a partir da seleção de um assunto..... 177
Figura 59: Pesquisa temática a partir da escolha de uma imagem ilustrativa alusiva a determinadas categorias semânticas no dicionário eletrônico da SUVI..... 177
Figura 60: Taxonomia de obras lexicográficas em línguas de sinais 178
Figura 61: Proposta taxonômica para um dicionário monolíngue de Libras..... 180
Figura 62: Diagrama organizado por Herbert Ernst Wiegand (1984) 185
Figura 63: Representação do Alfabeto Manual da Libras 189
Figura 64: 46 Configurações de Mãos – Ferreira-Brito (1995) 192

Figura 65: 79 Configurações de Mãos – Felipe e GP INES (2005) 193
Figura 66: 61 Configurações de Mãos – Pimenta e Quadros (2010) 195
Figura 67: Representação das chaves de buscas pela CM/OR 202
Figura 68: Representação das regiões de Locação 204
Figura 69: Representação do espaço de sinalização por Ferreira-Brito e Langevin (1995) 205
Figura 70: Representação do Espaço Neutro 210
Figura 71: Indicação do contato *tocar* no sinal CASA em Libras 213
Figura 72: Composição do sinal de FEIRA representado sem a marcação do ponto de contato (PC) 214
Figura 73: Composição do sinal de FEIRA representado com a marcação do ponto de contato (PC) 214
Figura 74: Expressões relacionadas a sentimentos 2211
Figura 75: Representação do Front Matter na tela inicial do dicionário de Libras ... 226
Figura 76: Representação da tela de busca para o dicionário monolíngue de Libras 22929
Figura 77: Proposta de tabela para geração de dados para as entradas dos itens lexicais 233
Figura 78: Tela do Back-end, protótipo do Programa auxiliar para o lexicógrafo na montagem dos dados para a construção das entradas dos itens lexicais em Libras 2355
Figura 79: Tela correspondente aos registros de armazenamento, revisão e edição de um sinal 2366
Figura 80: Tela referente ao registro do item lexical QUARTA-FEIRA 237
Figura 81: Representação do resultado da montagem da entrada de um item lexical / sinal IMAGINAR 238
Figura 82: Exemplos de entrada com sinais realizados com apenas uma mão 239
Figura 83: Exemplos de entradas com sinais em que ambas as mãos participam na realização do sinal 23939
Figura 84: Exemplos de entradas com sinais compostos 241
Figura 85: Representação do Campo 1 - organização das CMs 243
Figura 86: Representação da montagem das Chaves de Buscas 244
Figura 87: Representação de entradas referente ao sistema numérico em Libras . 249
Figura 88: Tela de representação da busca e entrada dos números da Auslan 251
Figura 89: Sinal de AÇÚCAR em Libras 253
Figura 90: Sinal de DOCE em Libras 253
Figura 91: Sinal de SOBREMESA em Libras 253
Figura 92: Itens lexicais AÇÚCAR, DOCE e SOBREMESA no dicionário eletrônico de Libras 254
Figura 93: Registro de itens lexicais ambíguos para a entrada correspondente a DOCE, AÇÚCAR e SOBREMESA 2577
Figura 94: Acesso às chaves de buscas: CM e OR, respectivamente 25959
Figura 95: Estrutura de entrada para chegar ao item lexical pretendido 261
Figura 96: Representação visual da macroestrutura e microestrutura da significação dos itens lexicais ambíguos 266
Figura 97: Representação dos componentes microestruturais relativos aos comentários de forma e comentários semânticos no dicionário da NZSL 267

Figura 98: Item lexical ambíguo para a entrada DOCE, AÇÚCAR e SOBREMESA, respectivamente 270
Figura 99: Elementos e layout para o dicionário monolíngue de Libras 275
Figura 100: Composição do sinal de AMANHÃ representado com a marcação do ponto de contato (PC) 279

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Elementos macroestruturais dos dicionários das línguas de sinais SUVI, NZSL, DTS e Libras 49
Quadro 2: Informações da microestrutura encontradas nos dicionários das línguas de sinais SUVI, NZSL, DTS e Libras 52
Quadro 3: Representação de pares mínimos no nível lexical da Libras..... 89
Quadro 4: Teses e Dissertações na área da Lexicografia da Libras – 2009/2015 .. 100
Quadro 5: Caracteres elaborados por Stokoe, Casterline e Croneberg (1965) para notação dos itens lexicais da ASL..... 112
Quadro 6: Representação da Lexicografia da Língua de Sinais Brasileira 141
Quadro 7: 75 Configurações de Mãos – Faria-Nascimento (2009) 194
Quadro 8: 111 Configurações de Mãos – Barreto e Barreto (2015)..... 195
Quadro 9: Critérios de inclusão e exclusão para a seleção das CMs 197
Quadro 10: Reparametrização com base em Felipe et al. (2002, 2005) e Faria-Nascimento (2009) 199
Quadro 11: Configurações de Mãos que iniciam itens lexicais da Libras..... 202
Quadro 12: Representação de itens lexicais que são articulados em uma locação e itens lexicais que são articulados em duas locações 210
Quadro 13: Relação dos movimentos básicos para a execução dos sinais..... 2188
Quadro 14: Itens lexicais AÇÚCAR, DOCE e SOBREMESA no dicionário eletrônico de Libras 256
Quadro 15: Informações sobre a composição da forma, do significado e do uso do item lexical em dicionários semibilíngues de Libras 263

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

LP – Língua Portuguesa

Libras – Língua Brasileira de Sinais

LSB - Língua de Sinais Brasileira

PLN – Processamento da Linguagem Natural

INES – Instituto Nacional de Educação de Surdos

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

LT - Linguística Teórica

ASL - American Sign Language

BSL – Língua de Sinais Britânica

DTS - Danish Sign Language

TSP - Swedish Sign Language

NZSL - New Zealand Sign Language

LIS – Língua Italiana de Sinais

ISL – Indian Sign Language

ISL – Língua de Sinais Irlandesa

DGS – Língua de Sinais Alemã

LGP – Língua Gestual Portuguesa

AUSLAN - Língua de Sinais Australiana

SUVI – Língua de Sinais Sueco Finlandesa

Dic-Libras – Dicionário de Libras

CM – Configuração de Mão

L – Locação

PA – Ponto de Articulação

M – Movimento

OR – Orientação da palma da mão

ENM – Expressões Não-Manuais

EUA – Estados Unidos da América

EURAC - European Academy of Bolzano

FENEIS - Federação Nacional de Educação e integrações dos Surdos

GP FENEIS – Grupo de Pesquisa da FENEIS

JMN - Junta de Missões Nacionais da Convenção Batista Brasileira

Edusp – Editora da Universidade de São Paulo

USP – Universidade de São Paulo

UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas

BDTD - Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações

Capes - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

PGET - Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução

IPUSP - Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

UNB - Universidade de Brasília

PPGL - Programa de Pós-Graduação em Letras

UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais

POSLIN - Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos

IEL – Instituto de Estudos da Linguagem

UNIOESTE - Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Encicolibras - Enciclopédia Visual Bilíngue Juvenil

TJ - Testemunhas de Jeová

SW – SignWriting

Varlibras - Núcleo de Pesquisas em Variação Regional dos Sinais da Libras

GIMALP - Glossário Ilustrado do Meio Ambiente Libras – Português

DNZSL - Dicionário online da Língua de Sinais da Nova Zelândia

WCNZSL - Wellington Corpus de NZSL

UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

JELL - Jornada Nacional de Estudos Linguísticos e Literários

PORLIBRAS – Grupo de Estudos e Pesquisas da Língua Brasileira de Sinais (Libras) em Interface com Língua Portuguesa Brasileira

PEL - Programa de Ensino de Línguas

CAS - Centro de Capacitação de Profissionais da Educação e de Atendimento às Pessoas com Surdez

FS – Falante Surdo

FNS – Falante Não Surdo

SSL - Língua de Sinais Eslovênia

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO 23
INTRODUÇÃO 25

1 LEXICOGRAFIA: ASPECTOS TEÓRICOS 33
1.2 PANORAMA GERAL DAS PESQUISAS REALIZADAS NO ÂMBITO DA LEXICOGRAFIA 33
1.3 ESTRUTURA BASE PARA O DESENVOLVIMENTO DE DICIONÁRIOS: MACRO E MICROESTRUTURAS 40
1.3.1 Macroestrutura 41
1.3.2 Microestrutura 50
1.3.3 Medioestrutura 52
1.4 DICIONÁRIOS DE LÍNGUAS: CONCEITOS BÁSICOS 54
1.5 TIPOLOGIAS LEXICOGRÁFICAS 56
1.5.1 Dicionários bilíngues 57
1.5.2 Dicionários monolíngues 58
1.5.3 Dicionários semibilíngues 59
1.5.4 Tipos de dicionários: critérios relevantes para o planejamento de uma obra lexicográfica 60
1.5.4.1 Dicionário Geral 62
1.5.4.2 Dicionário Especializado 64

2 LÍNGUAS DE SINAIS: O *STATUS* LINGUÍSTICO E OS AVANÇOS NO CAMPO DA LEXICOGRAFIA 71
2.1 REGRAS PARA A FORMAÇÃO DE SINAIS EM LIBRAS 79
2.2 AS LÍNGUAS DE SINAIS EM FACE DOS DESAFIOS DOS REGISTROS DO LÉXICO 94
2.3 DADOS SOBRE AS PESQUISAS ACADÊMICAS NA ÁREA DA LEXICOGRAFIA DA LIBRAS 99
2.3.1 O que dizem as Dissertações e Teses? 101
2.4 ESTUDOS SOBRE A CONSTRUÇÃO DE DICIONÁRIOS DE LÍNGUAS DE SINAIS NA ESFERA INTERNACIONAL 110
2.4.1 Avanços da lexicografia nas línguas de sinais em âmbito internacional 122
2.5 OS ESTUDOS DA LEXICOGRAFIA DA LIBRAS NO BRASIL 134
2.5.1 Dicionários de Libras: de Flausino da Gama aos dias de hoje 134
2.5.2 Lexicografia da Libras 147
2.5.2.1 O dicionário desenvolvido por Felipe e FENEIS – Versão 2.0 (2001) 147

2.5.2.2 Resultados da pesquisa no dicionário digital de Libras 149
2.5.2.3 Glossário de Libras..... 152
2.5.2.3.1 Resultado da pesquisa do Glossário de Libras 155

3 DADOS PRÉVIOS PARA A ESPECIFICAÇÃO DO DICIONÁRIO MONOLÍNGUE DE LIBRAS..... 159
3.1 UNIDADES QUEROLÓGICAS FORMACIONAIS DO SINAL..... 159
3.2 PROPOSTA DE UM DESENHO TAXONÔMICO PARA A CLASSIFICAÇÃO DE DICIONÁRIOS DE LÍNGUAS DE SINAIS 169
3.2.1 Tipos de dicionários e seus elementos para uma proposta taxonômica .. 170
3.2.2 Organização de uma taxonomia para a classificação de obras dicionarísticas e lexicográficas bilíngues e monolíngues de línguas de sinais 172
3.2.3 Taxonomia para um dicionário monolíngue de Libras voltado ao falante surdo 179

4 METODOLOGIAS ADOTADAS PARA A ANÁLISE LINGUÍSTICA..... 181
4.1 TEORIA GERAL DA LEXICOGRAFIA DE WIEGAND (1984) COMO PERSPECTIVA METODOLÓGICA 185
4.2 PROCESSO DE CONSTITUIÇÃO DO CORPUS: CRITÉRIOS NORTEADORES PARA A ORGANIZAÇÃO DOS QUEREMAS 188
4.2.1 Critérios definidores para a Configuração de Mão e Orientação da palma da mão..... 189
4.2.2 Critérios definidores da Locação / Ponto de articulação..... 203
4.2.3 Critérios definidores do Ponto de Contato - PC..... 212
4.2.4 Critérios definidores do movimento 217
4.2.5 Critérios definidores das Expressões Não Manuais - ENMs 220

5 **MODELO DE ORGANIZAÇÃO E ESTRUTURAÇÃO DE UM DICIONÁRIO MONOLÍNGUE DE LIBRAS: PROPOSTA 223**
5.1 DESCRIÇÃO E APRESENTAÇÃO DE INFORMAÇÕES NORMATIVAS PARA A ORGANIZAÇÃO DE UM DICIONÁRIO MONOLÍNGUE DE LIBRAS 224
5.1.1 Composição do *Front Matter* 224
5.1.2 Proposta composicional para operacionalização da macroestrutura..... 226
5.1.2.1 Das Chaves de Buscas 227
5.1.2.2 Da entrada do item lexical 230
5.2 ALIMENTAÇÃO DA BASE DE DADOS: ORIENTAÇÕES PARA O LEXICÓGRAFO..... 231
5.2.1 Montagem das Chaves de Buscas: Nível *Front-end* 2422

5.2.2 Estruturação e critérios de registros da entrada lexical: orientações para o lexicógrafo 245
5.2.2.1 Organização das entradas dos números em Libras 249
5.2.2.2 Organização das entradas de itens lexicais ambíguos da Libras 251
5.3 ESTRUTURA DA ENTRADA LEXICAL: O QUE CHEGA AO USUÁRIO DO DICIONÁRIO MONOLÍNGUE DE LIBRAS / ORIENTAÇÕES GERAIS PARA A LEITURA DOS ITENS LEXICAIS 258
5.4 PROPOSTA COMPOSICIONAL PARA A OPERACIONALIZAÇÃO DA MICROESTRUTURA 262
5.5 ASPECTOS DA MEDIOESTRUTURA E SUA FUNCIONALIDADE PARA O DICIONÁRIO MONOLÍNGUE DE LIBRAS 268
5.6 CRITÉRIOS E NORMATIZAÇÃO PARA A PRODUÇÃO DOS VÍDEOS EM LIBRAS 272
5.7 PROPOSTA DE LAYOUT PARA O DICIONÁRIO MONOLÍNGUE DE LIBRAS 275
5.8 QUESTÕES SOBRE ALOFONE EM LIBRAS: CONTRIBUIÇÕES DA TESE 276

CONSIDERAÇÕES FINAIS 280
REFERÊNCIAS 286
APÊNDICES 3022
APÊNDICE I - CONFIGURAÇÕES DE MÃOS E SUAS RESPECTIVAS ORIENTAÇÕES 302

APRESENTAÇÃO

Iniciei minha trajetória profissional na educação dos surdos em 1993. Em princípio, atuei como professora de crianças surdas em uma classe especial na rede municipal de ensino na cidade de Assis Chateaubriand, no Estado do Paraná. Naquela época, usar sinais em sala de aula para ensinar ou se comunicar com os alunos surdos era estritamente proibido, isso por conta de ainda prevalecerem políticas de oralização e reabilitação auditiva. No final dos anos de 1990, graças às lutas ferrenhas travadas pelos surdos, seus familiares, professores e simpatizantes ouvintes em busca de seus direitos linguísticos, a Língua Brasileira de Sinais (Libras, doravante) passou a ser utilizada como meio de acessibilidade comunicacional em vários espaços educacional e social. Foi assim que comecei as minhas primeiras atividades como intérprete de Libras, precisamente em 1998, em uma turma de 7º ano do Ensino Fundamental II que, na época, contava com seis alunos surdos inclusos.

Desde então, minhas agendas escolares passaram a ser os meus "dicionários", pois nelas anotava inúmeras palavras usadas pelos professores nas aulas, as quais nem eu e nem o aluno surdo encontrávamos sinais correspondentes ou equivalentes. Essa minha prática diária era realizada justamente na esperança de encontrar sinais correspondes ou algum meio para expressar tais palavras em Libras. Concomitantemente a tudo isso, o sonho de entrar no campo da pesquisa acadêmica científica só aumentava.

Finalmente, em 2010, ao ingressar como acadêmica no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste) - Nível de Mestrado. Parecendo adivinhar os meus anseios, o Professor Jorge Bidarra lançou-me o desafio de realizar a pesquisa sobre a ambiguidade lexical em Libras, que foi defendida em 2013 com o título "*Um estudo descritivo sobre as manifestações da ambiguidade lexical em Libras*". Nesse período, o Prof. Bidarra, a partir das suas demais orientações e projetos de pesquisas, com investigações voltadas à Libras, elaborou um projeto "guarda-chuva" de grande relevância científica: *Fundamentos para a especificação, modelagem e implementação de Soluções Computacionais com vistas ao desenvolvimento de um sistema bilíngue de tradução automática Português-Libras.* Esse projeto culminou na criação do Grupo

de Estudos e Pesquisas (PORLIBRAS)[1], cujas pesquisas são voltadas para a investigação da Libras em Interface com Língua Portuguesa Brasileira.

Diante da complexidade do tema, não posso deixar de mencionar as contribuições teóricas da disciplina de Lexicologia e Lexicografia ministrada, no PPGL da Unioeste, pela Professora Dra. Márcia Sipavicius Seide. Além, de sua valiosa orientação e indicação para que eu entrasse em contato com o professor Dr. Félix Bugueño Miranda, do Programa de Pós-Graduação e Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. E não posso deixar de relembrar ainda as minhas intensas angústias diante da necessidade de nortear os referenciais teóricos acerca da lexicografia. Além disso, não posso deixar de mencionar e agradecer, novamente, ao professor Félix Bugueño Miranda, que, com o aceite da minha participação em sua disciplina de Tópicos de Lexicografia Bilíngue no PPGL da UFRGS, contribuiu enormemente, para além das suas maravilhosas aulas, com a gentileza de disponibilizar-me muitos materiais e discussões caríssimas à lexicografia, que foram extremamente úteis para o delineamento teórico deste trabalho.

Esta tese, portanto, surge nesse contexto, e para além do intuito de colaborar com os trabalhos de pesquisa desenvolvidos pelo PORLIBRAS, o objetivo também foi voltar os olhares para as recorrentes buscas por sentidos e significação de sinais da Libras, que corriqueiramente são realizados por seus usuários, mas que, em sua maioria, não são encontrados nos dicionários disponíveis. Pensar em uma organização e nas bases para a implementação de um futuro dicionário monolíngue de Libras foi e ainda está sendo tanto desafiador, quanto satisfatório com cada resultado alcançado. Apesar dos resultados, ainda que de cunho teórico, que alcançamos com o desenvolvimento deste trabalho, logo percebemos que ainda temos um longo desafio e certamente muitos obstáculos pela frente, tendo em vista que esta pesquisa não se encerrara com a defesa do doutorado.

[1] Informações sobre o PORLIBRAS podem ser acessadas em: https://www5.unioeste.br/portalunioeste/prppg-grupos/grupo-de-pesquisa-porlibras/sobre-o-grupo.

INTRODUÇÃO

A Libras foi oficialmente reconhecida pela Lei nº 10.436/02, somada ao Decreto nº 5.626/05, como meio de comunicação e de expressão da comunidade surda brasileira. As línguas de sinais, herança linguística da comunidade surda, também são consideradas como língua preferencial das pessoas surdas (QUADROS, 2017). Os chamados “sinais” são compostos por símbolos icônicos ou arbitrários, que são realizados no corpo, no espaço e visualmente. Por conta de ser uma língua visual, gestual e espacial, em vez de sons, usa elementos linguísticos produzidos no corpo e no espaço para transmitir e receber significados.

Apesar dos diversos estudos que vêm sendo desenvolvidos, não só com relação às línguas de sinais de uma maneira geral, mas também à própria Libras, ainda há uma gama variadíssima de questões que precisam ser investigadas. Com relação à Libras, uma delas diz respeito à elaboração de seus dicionários. Embora sejam encontradas importantes descrições linguísticas a respeito da morfologia dos sinais, o modo como as unidades lexicais são registradas nos dicionários atualmente disponíveis para uso não tem se mostrado adequado para os usuários da Libras, especialmente para os surdos.

É fato que no Brasil, atualmente, existem diferentes dicionários de Libras. É igualmente verdade que esses dicionários trouxeram e trazem muitos benefícios não apenas para a comunidade surda, mas também para os não surdos e/ou ouvintes[2] que usam a Libras como meio de comunicação com os surdos. Não obstante, o que mais tem sido motivo de queixas, especialmente por parte dos surdos, é o fato de que esses dicionários ainda dependem das palavras da Língua Portuguesa (LP, de ora em diante). Com efeito, com raras exceções, o simples desejo que o consulente tenha de acessar uma entrada lexical na grande maioria dos dicionários requer dele um domínio da LP, requisito nem sempre verificado junto à comunidade surda brasileira, isso muitas vezes devido à falta de conhecimento do lexicógrafo, ou seja, de quem elabora o dicionário.

No entanto, esse não é um problema que envolve apenas os dicionários de Libras. A maioria dos dicionários envolvendo outras línguas de sinais também

[2] Usaremos o termo não surdo para nos referirmos àqueles que ouvem, isto é, não são surdos, mas falantes de uma língua oral, e, de alguma forma, têm contato com a Libras ou também fazem uso dela para se comunicar.

enfrentam dificuldades para uma indexação que de fato contemple as especificidades linguísticas dos seus usuários, ou seja, a própria língua de sinais. Para Zwitserlood (2010), muitos dicionários de línguas de sinais ainda são elaborados a partir da ideia de que há uma palavra para cada sinal e vice-versa, isto é, de itens lexicais correspondentes à “palavra – sinal”, e de modo geral trazem poucas informações adicionais sobre os respectivos sinais. Já os lexicógrafos, Solina, Krapez, Jaklic (2001), responsáveis pela criação do dicionário da Língua de Sinais Eslovênica (SSL), acreditam que, ao inserir uma palavra, é importante que seja exibida uma lista de possíveis equivalências. Tal procedimento seria uma forma de fornecer uma visão geral e melhor sobre o conteúdo do banco de dados e ajudar na seleção das palavras.

Nesse sentido, parece haver uma necessidade por parte dos lexicógrafos de que os dicionários de línguas de sinais, para serem completos, também precisam da língua oral escrita. Sob essa perspectiva, por exemplo, o dicionário de SSL apresenta aos seus usuários alguns exemplos escritos de frases que demonstram o uso da palavra selecionada e, em alguns casos apresentam um desenho que ilustra o conceito. Ademais, para muitos lexicógrafos, a característica mais importante do dicionário de língua de sinais é o vídeo em que a demonstração do sinal correspondente pode ser reproduzida. Contudo, o que defendemos, nesta tese, é a necessidade de se investir em dicionários monolíngues de línguas de sinais.

Um dos principais desafios da lexicografia em língua de sinais é como indexar os sinais sem a presença de uma língua escrita. Várias abordagens para esse problema foram adotadas, mas, nos últimos anos, entradas por parâmetros[3] formadores dos sinais inseridos em caixas independentes e o uso de gravações de vídeo têm sido predominantes. Obviamente, esse tipo de abordagem limita-se aos dicionários eletrônicos, mas oferece a possibilidade que um determidado sinal seja construído a partir da seleção de um ou mais parâmetros, mostrando por meio de vídeos a produção de sinais de maneira precisa e natural. A desvantagem é que nem sempre essa produção pode ser percebida diretamente pelo usuário, uma vez que são exigidas qualificações específicas, como conhecer a ortografia do sinal a ser pesquisado.

[3] Correspondem às unidades mínimas que são responsáveis para a construção de um sinal: Configuração da Mão, Locação ou Ponto de Articulação, Movimento (STOKOE, 1960), e Orientação da palma da Mão e Expressões Não Manuais (BATTISON, 1978).

No geral, a tendência de os dicionaristas vincularem as línguas de sinais às línguas orais escritas ainda é muito presente. A justificativa mais plausível para esse tipo de comportamento pode ser creditada ao grau de importância que dão à necessidade de divulgação das línguas de sinais, em especial da Libras no Brasil, pelos não surdos. Isso não seria um mal em si mesmo, não fosse pelo fato de que, com tal atitude, mantém-se o surdo à margem das atenções, culminando em uma total falta de estímulos à incorporação do uso de dicionários não apenas aos seus hábitos e costumes, mas também à consolidação, no caso da Libras, como segunda língua oficial brasileira. Diante desse quadro, os desafios continuam sendo o de encontrar caminhos alternativos que propiciem a elaboração de dicionários adequados, principalmente, para os usuários da Libras.

Portanto, a necessidade de organização de repertórios sob o ponto de vista do sinalizante surdo, ou seja, a partir das características dos itens lexicais da própria Libras, motivou-nos a desenvolver a presente tese guiada pelo objetivo de desenvolver um modelo que permita o acesso dos itens lexicais da Libras em um dicionário monolíngue mais voltado aos seus usuários. Com base na análise dessas observações, levantamos algumas indagações, listadas a seguir, que nortearam este trabalho:

1- Como os dicionários de Libras, tipicamente os monolíngues, devem ser estruturados? Ou como esses dicionários precisam ser organizados para garantir, principalmente, ao consulente surdo, que o acesso aos itens lexicais seja em sua língua, a Libras?

2- Tomando-se por base as suas estruturas internas, como os eixos macro e microestruturais, dos dicionários monolíngues de Libras devem ser organizados?

3- No que diz respeito à composição não apenas das chaves de buscas, mas também das próprias entradas lexicais, que informações considerar de modo tornar possível o registro, bem como a captura de características tão específicas quanto as observadas com as unidades léxicas que compõem os vocabulários das línguas de sinais?

Tais questões nos levam a pensar em meios de indexação e de organização de estruturas, cujos resultados do processamento adotado possam dar origem a um

modelo de representação de um dicionário monolíngue de Libras, e que esse possa, além de ser útil principalmente para usuários surdos, ser também diferente dos dicionários que já se encontram disponíveis.

Para responder a essas perguntas, desenvolvemos esta tese guiando-se por uma abordagem lexicográfica das línguas, pela investigação no campo do Processamento Automático das Línguas Naturais (PLN, doravante) (HANDKE, 1995), no que se refere ao estudo do léxico, e com base na Teoria Geral da Lexicografia, proposta por Wiegand (1984), como perspectiva metodológica, levando em consideração a percepção do usuário em relação à sua língua. Nesse sentido, partimos do princípio que a elaboração de uma organização e de uma estruturação lexicográfica, em uma perspectiva monolíngue, deve lançar mão da língua que o usuário tem como referência para a consulta de um dicionário monolíngue, de modo que ele tenha livre acesso à sua pesquisa.

Esta pesquisa, portanto, partiu de uma metodologia de natureza básica, de cunho qualitativo. Primeiramente, realizamos uma revisão bibliográfica em bases nacionais e internacionais da Lexicografia, a partir de autores como Hartmann (2001), Wiegand (1984), Bugueño Miranda (2007, 2008, 2009, 2011, 2013, 2014), dente outros; e das línguas de sinais, pautando-nos em Stokoe (1960), Stokoe, Casterline e Croneberg (1965), Mckee & Mckee (2012), Baltazar (2010), Zwitserlood (2010), Faria-Nascimento (2009), Felipe (2002, 2005), Capovilla e Raphael (2001), Capovilla, Raphael e Maurício (2012), Capovilla et al. (2017), entre outros.

A presente pesquisa se justifica, diante do exposto, principalmente pela falta de um dicionário monolíngue de Libras e pela necessidade de organizar uma estrutura que possa levar à especificação de um modelo para a sistematização de um dicionário dessa natureza, monolíngue.

O objetivo geral do estudo foi identificar e descrever a especificação de uma estrutura de representação lexical a partir dos parâmetros querológicos da Libras, por meio de dadas combinações simultâneas e sequenciais. Para tanto, essa estrutura deve dar suporte à definição, à estruturação e à modelagem de entradas lexicais, que possam garantir o acesso às entradas do dicionário pela Libras. Para alcançar esse intento, em um segundo momento, voltamo-nos para a definição e para a construção do corpus, fase composta por três etapas:

(i) Na primeira etapa, realizamos um inventário dos queremas[4] que constituem os itens lexicais da Libras, o qual contou com: (a) análise, elaboração de critérios para seleção, definição e ordenação das Configurações de Mãos (CMs), cujo conjunto foi constituído por 66 CMs; (b) ampliação do conjunto de CMs a partir da orientação da mão (OR). A cada CM foram aplicadas seis diferentes formas de orientação da palma da mão: voltada para cima, para baixo, para frente, para trás, para o lado de fora e para o lado de dentro (Apêndice I); (c) mapeamento dos possíveis pontos de Locação (L) onde os sinais são realizados (no corpo e no espaço neutro); (d) sistematização de aproximadamente 74 pontos de Locação; (e) inventário dos possíveis Pontos de Contato[5] (PCs), análise, definição e sistematização dos PCs; (f) organização dos tipos de movimentos (oito tipos distintos); (g) verificação e análises das expressões não manuais; (h) registros de itens lexicais da Libras em vídeos.

(ii) Na segunda etapa, averiguamos as abordagens e os métodos que os lexicógrafos e pesquisadores utilizam para desenvolver as pesquisas em dicionários da Libras e das línguas de sinais, bem como analisamos a composição do léxico, o modelo, a estrutura e a fonte dos dados utilizados nos dicionários pesquisados. A partir desse levantamento, definimos os critérios norteadores para a organização e a combinação dos queremas que servirão de base para o trabalho do lexicógrafo. Essa etapa na descrição de como o lexicógrafo deve proceder para alimentar a base de dados[6]. Essa interação, do usuário lexicógrafo, ocorre em uma interface ou o

[4] Para os linguistas das línguas orais e auditivas, a fonética estuda e classifica os elementos mínimos de uma língua articulada por sons da fala humana (as vogais, as consoantes e as semivogais). Já a fonologia é a parte da língua que estuda os fonemas do ponto de vista de sua função na língua, quais sejam: os pares opositivos, as variantes posicionais, as possibilidades de combinações, os arquifonemas, dentre outros elementos. As línguas de sinais também são constituídas de unidades menores assim como as línguas orais, no entanto, se diferenciam-se por serem articuladas com as mãos, e a elas as unidades menores associadas correspondem as formas ou configurações de mãos, a locação (onde a ação ocorre), ao movimento. Esses elementos menores e básicos que são inerentes à modalidade visual, gestual e espacial das línguas de sinais, compõem os itens lexicais dessas línguas e foram identificados pelo linguista Willian Stokoe (1960), ele chamou esses elementos de queremas. Já a fonologia, do mesmo modo foi chamada por Stokoe (1960) de querologia, para referir-se aos elementos do nível linguístico (fonológico, morfológico e sintático) que são inerentes às línguas de sinais. Portanto, fonologia = querologia; e fonema = querema. Considerando esse fator linguístico, nesta tese usaremos o termo querema(s) e querologia ao invés de fonética e fonologia.

[5] Referimo-nos a Pontos de Contato (PCs), que são as partes das mãos, dedos e corpo que tocam e são tocadas em pontos específicos da locação durante a realização de um sinal. Os PCs possíveis, no decorrer desta tese, estão indicados por uma “pinta preta” (●), e foram detalhados no capítulo 4.

[6] Uma interface foi desenvolvida pelos colaboradores do Curso de Ciências da Computação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, coordenado pela Profa. Dra. Valéria Menezes Bastos, em parceria com o Grupo de Estudos e Pesquisa – PORLIBRAS, coordenado pelo Prof. Dr. Jorge

Front-end que corresponde a toda parte da aplicação com a qual o lexicógrafo consegue interagir, por exemplo, a inserção de dados que compõem o corpus, relativos aos queremas, aos vídeos com definições em Libras, dentre outros. Nessa etapa, também organizamos uma taxonomia das obras lexicográficas das línguas de sinais e organizamos os registros para as entradas de itens lexicais ambíguos e sistema númerico da Libras.

(iii) Na terceira etapa, definimos o critério de busca para as entradas do dicionário (macroestrutura), mapeamos essas entradas na microestrutura lexicográfica e sistematizamos os dados coletados. Desse modo, organizamos e estruturamos os elementos que envolvem a criação do dicionário monolíngue de Libras, ou seja, elaboramos uma proposta composta por descrições e informações normativas referentes a: descrição do *Front Matter*; macroestrutura (chaves de buscas, entradas dos itens lexicais); microestrutura (registros linguísticos dos itens lexicais); medioestrutura; orientações para o lexicógrafo/compilador e para o usuário final; critérios para a produção dos vídeos em Libras; orientações para o layout; descrição da proposta composicional e composição do *Front Matter*).

Dadas as especificidades da Libras, inicialmente, foi necessário elaborar um sistema em que fossem respeitadas as características visuais, gestuais, espaciais e também sequenciais dos itens lexicais. Desse modo, nossa proposta se diferencia das demais, principalmente, quando se trata da indexação, em que consideramos as entradas por meio da Libras. Assim, o acesso ao item lexical desejado não se dá pela composição e/ou seleção aleatória de um parâmetro ou mais, de forma fragmentada, assim como já acontece em dicionários e glossários, tanto de Libras quanto de outras línguas de sinais. A organização para montagem das chaves de buscas, pela fusão da configuração e orientação da mão (CM/OR), e o acesso aos itens lexicais da Libras não ocorrem pela ordem alfabética em LP, assim como ainda acontece na maioria dos dicionários e glossários disponíveis. Nesse sentido, nossas reflexões e pesquisas nos conduziram a forma mais adequada para indexar os itens lexicais da Libras, em nossa compreensão, de modo que as suas características visuais-gestuais e espaciais sejam respeitadas, obedecendo a uma ordem sequencial e simultânea. De modo satisfatório, chegamos a uma possível

---

Bidarra. Essa interface, que por ora chamamos de PORLIBRAS, é responsável pela base de dados que é alimentada pelo lexicógrafo e que, posteriormente, servirá para a implementação do modelo de dicionário de Libras que estamos propondo.

sistematização do léxico capaz de permitir que as entradas lexicais sejam acionadas pela CM/OR e por elementos que constituem as unidades mínimas para a formação dos sinais da Libras.

Para apresentarmos os resultados obtidos, organizamos este texto em cinco capítulos. No primeiro deles, sob a perspectiva da lexicografia, expomos um panorama teórico dos estudos realizados no âmbito da lexicografia, ressaltando os avanços mais importantes para a área, em especial das línguas de sinais. De forma mais detalhada, mostramos algumas análises sobre a estrutura base, necessária para a produção de dicionários, e como esses processos influenciam na produção dos diferentes tipos de obras lexicográficas.

No segundo capítulo, abordamos alguns desafios que os pesquisadores das línguas de sinais enfrentaram ao longo dos anos em face das diversas tentativas para registrar o léxico dessas línguas. A partir de um levantamento das publicações de teses e dissertações que realizamos no banco de dados da CAPES, da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) e de diversas universidades, também apresentamos dados sobre a evolução das pesquisas acadêmicas envolvendo a lexicografia da Libras. Outros tópicos integrantes desse capítulo são: "*os estudos sobre a construção de dicionários de línguas de sinais na esfera internacional"; "avanços da lexicografia nas línguas de sinais"; "estudos sobre a lexicografia da Libras", "dicionários de Libras: de Flausino da Gama aos dias de hoje.* Por fim, destacamos a lexicografia da Libras e apresentamos análises dos dicionários e glossário de Libras.

No capítulo três, discutimos alguns dados prévios necessários para a especificação do dicionário monolíngue de Libras proposto neste estudo. Dentre os dados apresentados, as propostas e as discussões são relativas às "*unidades querológicas formacionais do sinal*", à "*proposta de um desenho taxonômico para a classificação de dicionários de línguas de sinais*" e aos "*tipos de dicionários e seus elementos para uma proposta taxonômica*".

No quarto capítulo, a discussão concentrou-se nas metodologias adotadas para as análises linguísticas. Nesse momento, explicitamos o processo de constituição do corpus e a "Teoria Geral da Lexicografia de Wiegand (1984) como perspectiva metodológica". Especificamos as "*técnicas*" que foram utilizadas para a geração do corpus*,* bem como os critérios adotados para as análises dos queremas

que compõem as entradas lexicais e os itens lexicais que envolvem a organização de estruturas para o dicionário monolíngue em questão.

No quinto e último capítulo, descrevemos uma proposta para a organização e estruturação de um dicionário monolíngue de Libras. Os elementos apresentados correspondem à composição do *Front Matter*, da macroestrutura e da microestrutura, além da montagem das chaves de buscas e das entradas lexicais pela Libras. Nesse capítulo, também descrevemos os procedimentos necessários para a alimentação da base de dados a partir do trabalho do lexicógrafo no nível *Front-end*, na interface que temos disponível. Do mesmo modo, tendo em vista a proposta de modelagem e de organização lexicográfica para o modelo que propomos, explicitamos os critérios de registros da entrada lexical com orientações voltadas para o lexicógrafo, e orientações voltadas ao usuário final, das entradas dos números em Libras, das entradas de itens lexicais ambíguos da Libras. Apresentamos, ainda, os critérios e a normatização para a produção dos vídeos em Libras, a proposta de *layout* para o dicionário em questão e as contribuições da tese relacionadas aos alofones em Libras. Por fim, elencamos as conclusões referentes aos resultados desta pesquisa, tendo em vista a sua relevância acadêmico-científica.

1 LEXICOGRAFIA: ASPECTOS TEÓRICOS

Partindo do pressuposto que o nosso objetivo é propor um modelo de organização e de estruturação de um dicionário monolíngue de Libras, buscamos, neste capítulo, revisitar, não todos os aspectos teóricos envolvidos no processo de construção de dicionários, obviamente, mas tão somente os conceitos que dizem respeito às etapas de planejamento e de modelagem de léxicos, tomando-se por base princípios que vêm sendo desenvolvidos no âmbito da área de Lexicografia. Nosso estudo, neste capítulo, também apresenta algumas análises relativas à macroestrutura, à microestutura e à medioestrutura dos dicionários. O estudo dessas três estruturas, necessárias para a construção de um dicionário, tem como finalidade principal facilitar o acesso do usuário ao dicionário e ajudá-los a obterem êxito com o manuseio do produto lexicográfico final. Antes de apresentar essas três estruturas, consideramos conveniente apresentar algumas pesquisas que, de um modo mais amplo, vêm norteando a áera da lexicografia.

1.2 PANORAMA GERAL DAS PESQUISAS REALIZADAS NO ÂMBITO DA LEXICOGRAFIA

Genericamente falando, o que se entende por léxico é tão somente “um amplo repertório de palavras de uma língua, ou conjunto de itens à disposição dos falantes para atender às suas necessidades de comunicação” (ANTUNES, 2012, p. 27). Todavia, de um ponto de vista linguístico-teórico, a ideia de léxico vai muito além dessa visão generalista e, por assim dizer, extremamente superficial. Mais do que apenas relacionar as palavras usadas pelos falantes para dar nomes às entidades no mundo, para os estudiosos desse campo, vários outros apectos precisam ser levados em conta quando se pensa em léxico. Por exemplo, os estudos teóricos propostos nessa concepção investigam, entre outros aspectos, a origem das palavras, bem como discutem e descrevem formalmente de que modo elas se relacionam umas com as outras; ainda, determinam como um dicionário de palavras, o vocabulário ou o glossário presentes nas línguas, deveriam ser estruturados e organizados, de modo a dar conta de representar os itens lexicais que as compõem.

Buscando cumprir tais requisitos, o fato é que os estudos teóricos sobre o léxico, dependendo dos objetivos pretendidos, desencadeiam uma série de questões, que tanto podem ser de natureza Lexicológica (BIDERMAN, 2001), Terminológica (CABRÉ, 2010) ou Lexicográfica (LANDAU, 1984). Por ser um ramo da Linguística mais voltado para investigação científica das palavras que compõem o vocabulário de uma dada língua, sob diversos aspectos, os estudos desenvolvidos no âmbito da lexicologia procuram determinar, dentre outras coisas, a origem, a forma e o significado que as palavras podem assumir em determinado contexto, e o modo como essas palavras são usadas no dia a dia pela comunidade de falantes. Ainda que também seja sustentada pela investigação das situações de comunicação, a exemplo do entendimento compartilhado acerca das palavras, no âmbito dos estudos terminológicos, o que se busca é representar os conceitos ligados a uma determinada área do conhecimento, com vistas ao estabelecimento de diretrizes ou princípios que regem a compilação dos termos especializados, quase sempre com o objetivo de que seja gerado um produto a ser explorado por profissionais da área. Mais diretamente interessada na produção de bases de dados lexicais estruturadas, a Lexicografia, por sua vez, ocupa-se da descrição e da representação dos signos lexicais usados pelos falantes para se referirem a conceitos “elaborados e cristalizados” em sua cultura” (BIDERMAN, 2001). Entram em cena, nessa perspectiva, não apenas a necessidade de se determinar em meios adequados para o registro de cada entrada lexical, mas também a de ser(em) determinada(s) a(s) forma(s) de acesso a cada uma dessas entradas.

Desse modo, o papel do lexicógrafo é de fundamental importância. Haensch & Wolf (1982), ao definirem a lexicografia, também fazem referência ao papel do lexicógrafo:

> La lexicografía [...] es quizás, entre todas las actividades linguísticas, [...] la que está más estrechamente relacionada con la vida humana en sus aspectos más variados y la que mayores servicios presta a la colectividad. [...] El lexicógrafo tendría que saberlo todo. Aunque su labor consiste esencialmente en registrar unidades léxicas, generalmente palabras o giros, y su significado, habrá que tener en cuenta, como telón de fondo, el sistema político, económico y sociocultural de la comunidad linguística, respectiva, en todos sus aspectos. En la mayoría de los casos, el lexicógrafo deberá ocuparse, además de la lengua, de una serie de especialidades extralinguísticas, desde la electrónica hasta el derecho, pasando por

> los deportes, la cocina, el automovilismo, la peluquería, la medicina, etc.[7] (HAENSCH; WOLF, 1982, p. 12).

Ao afirmarem que o lexicógrafo não é apenas a pessoa que escreve, compila e/ou edita um dicionário ou cataloga regras lexicais, os autores assumem que essa atividade linguística está mais intimamente relacionada à vida humana em seus mais variados aspectos, e, por sua vez, é uma das que mais oferece serviços para a comunidade. Para tanto, o lexicógrafo deve estar consciente e ter amplo conhecimento não somente do idioma, mas também dos aspectos e das idiossincrasias da comunidade linguística que o representa.

Para Biderman (2001), "a lexicografia é a ciência dos dicionários. É também uma atividade antiga e tradicional" (BIDERMAN, 2001, p. 17). De acordo com a autora, a descrição do léxico foi desenvolvida por meio da lexicografia, embora seja a lexicologia a ciência encarregada de analisar palavras, realizar a categorização lexical e a estruturação do léxico. No entanto, apesar de ser uma atividade relativamente tradicional, a execução de sua práxis ainda é pouco científica, visto que, conforme a autora, o fazer lexicográfico fundamentado em uma teoria lexical e com critérios científicos ainda é muito recente.

Wiegand (1989) compreende a lexicografia como uma atividade que visa a criar dicionários que permitam uma prática diferente: a prática cultural do uso do dicionário. Para o autor, a lexicografia é uma prática científica que envolve desde a criação, edição, publicação e reescrita de dicionários.

Para Alberts (2000), na lexicografia, há dois componentes básicos:

> (i) the theoretical component which consists of (a) the general principles of the applied science, and (b) the theoretical principles that form the basis for the general usage and expert principles; and (ii) the practical component which deals with the applied science of compiling and editing dictionaries[8] (ALBERTS, 2000, p. 56).

---

[7] A Lexicografia [...] é, talvez, de todas as atividades linguísticas, [...] a que está mais intimamente relacionada com a vida humana em seus mais variados aspectos e a que mais serviços oferece para a comunidade. [...] O lexicógrafo deve saber tudo. Embora seu trabalho seja, essencialmente, gravar itens lexicais, geralmente palavras e seu significado, devemos considerar, como pano de fundo, o sistema político, econômico e sociocultural da comunidade linguística em todos os seus aspectos. Na maioria dos casos, o lexicógrafo deve ocupar-se, além da língua, de uma série de especialidades extralinguísticas: desde a eletrônica, passando pelo esporte, culinária, automobilismo, cabeleireiro, medicina, etc. (HAENSCH; WOLF, 1982, p.12, tradução nossa).

[8] "O componente teórico que consiste em (a) os princípios gerais da ciência aplicada, e (b) os princípios teóricos que formam a base para os princípios gerais de uso e perito; e (ii) o componente prático que lida com a ciência aplicada de compilar e editar dicionários." (ALBERTS, 2000, p. 56, tradução nossa).

A Lexicografia lida, portanto, com a compilação e com a edição de dicionários gerais. Um dicionário geral compreende todos os aspectos de um determinado idioma de origem, ou seja, palavras comuns, palavras coloquiais, dialetos, palavras antigas, etimologia das palavras, gírias, palavras da literatura, palavras tabus, dentre outros. O lexicógrafo pode optar em fornecer as palavras do idioma de origem com equivalentes de tradução em um idioma alvo ou listar/fornecer as palavras no seu próprio idioma. Assim sendo, a lexicografia é o processo no qual a informação linguística é escrita, processada e compilada em um formato lexicográfico específico. O resultado do processo lexicográfico é geralmente o resultado de glossários, de dicionários, de *thesaurus* ou de um banco de palavras informatizado. O que podemos perceber é que, na lexicografia, ocorre o uso de vários termos para denotar um mesmo fenômeno, bem como o uso de um mesmo termo para denotar vários fenômenos que são diferentes, o que pode gerar obstáculos ao seu desenvolvimento teórico e prático.

Bidermann (2001) aponta que ainda não há uma teoria lexical ou critérios científicos para o fazer lexicográfico:

> Ao longo desses últimos séculos a descrição do léxico foi efetivamente realizada pela Lexicografia e não pela Lexicologia; contudo, essa tarefa foi executada como uma práxis pouco científica. A análise da significação das palavras tem sido o objetivo principal da Lexicografia. É muito recente, pelo menos entre nós, o advento de um fazer lexicográfico fundamentado numa teoria lexical e com critérios científicos. (BIDERMANN, 2001, p. 17).

De fato, a questão do problema com relação a uma teoria lexicográfica ainda segue sem solução. Há diferentes abordagens que prevalecem; por exemplo, Atkins e Rundell (2008), referindo-se a uma teoria da lexicografia, afirmam “não acreditar que tal coisa exista"[9] (ATKINS; RUNDELL, 2008, p. 4, tradução nossa). Na mesma direção, Béjoint (2010) argumenta:

> I simply do not believe that there exists a theory of lexicography, and I very much doubt that there can be one. Those who have proposed a general theory have not been found convincing by the community, and for good reasons. A theory is a system of ideas put forward to explain phenomena that are not otherwise explainable. A science has a theory, a craft does not. All natural phenomena need a theory, but how can there be a theory of the production of artefacts? There are

[9] “Do not believe that such a thing exists” (ATKINS; RUNDELL, 2008, p. 4).

> theories of language, there may be theories of lexicology, but there is no theory of lexicography. Lexicography is about all a craft, the craft of preparing dictionaries, as well as an art, as Landau (2001) says. It may be becoming more scientific, but it has not become a science[10] (BÉJOINT, 2010, p. 381).

Por outro lado, há defensores de uma teoria lexicográfica (WIEGAND, 1989; TARP, 2000, 2012; GOUWS, 2011), mas que não aderem a uma mesma teoria. Em outras palavras, existem diferentes teorias lexicográficas e, de modo geral, os linguistas reconhecem o fato de que a prática lexicográfica é complementada por um componente teórico e de que a lexicografia deve ser considerada como uma disciplina independente quando o assunto é dicionário. Dentre as teorias lexicográficas com características globais, as quais não apresentamos neste momento, podemos citar a Teoria Geral da Lexicografia de Scerba (1940); as reflexões teóricas traçadas por Hausmann (1977); a Teoria dos dicionários ativos e passivos desenvolvida por Kromann, Riiber e Rosbch (1991); a Teoria Lexicográfica Geral de Wiegand (1977, 1998); e a Teoria sobre as Funções Lexicográficas desenvolvida mais recentemente por Bergenholtz e Tarp (2003). Com respeito às teorias específicas formuladas por vários pesquisadores internacionais, temos: a Teoria da Lexicografia Bilíngue (DUDA; ZIMMERMANN, 1986); a Teoria do exemplo lexicográfico (HAUSMANN, 1984-1985; ZÖFGEN, 1991); a Teoria da Descrição da Linguagem Lexicográfica (WIEGAND, 1983); e a Teoria da Forma do Dicionário (WIEGAND; MORÁN, 2009). No Brasil, de acordo com Farias (2013), a lexicografia "não acompanha a discussão internacional, nem no que diz respeito a uma teoria geral do dicionário, nem no que diz respeito ao fazer prático em si" (FARIAS, 2013, p. 22).

Bugueño Miranda (2013) também nos chama a atenção sobre a legitimação da lexicografia pelo fazer prático, uma vez que o desenvolvimento da lexicografia tem sido guiado pela práxis e não pelo resultado de uma reflexão teórica. Para o autor, "a falta de uma reflexão teórica sobre o dicionário não se deve somente ao

[10] Eu simplesmente não acredito que exista uma teoria da lexicografia, e duvido muito que possa haver uma. Aqueles que propuseram uma teoria geral não foram considerados convincentes pela comunidade e por boas razões. Uma teoria é um sistema de idéias proposto para explicar fenômenos que não são explicáveis de outra maneira. Uma ciência tem uma teoria, um ofício não. Todos os fenômenos naturais precisam de uma teoria, mas como pode haver uma teoria da produção de artefatos? Existem teorias da linguagem, pode haver teorias da lexicologia, mas não há teoria da lexicografia. A lexicografia é sobre tudo um ofício, o ofício de preparar dicionários, assim como uma arte, como diz Landau (2001). Pode estar se tornando mais científico, mas não se tornou uma ciência. (BÉJOINT, 2010, p. 381, tradução nossa).

fato de muitas obras serem o produto de um “impulso criador” (BUGUEÑO MIRANDA, 2013, p. 16).

Nesse contexto, é importante destacar que um dos principais produtos da lexicografia é o dicionário, ou, para muitos, também pode ser um livro com significados de palavras, por isso, é considerado uma obra que pode abarcar muitos ramos do conhecimento (HARTMANN; JAMES, 2001). Em linhas gerais, os dicionários podem contemplar diferentes tipos ou gêneros (multilíngues, mais voltados à tradução de línguas, ou seja, aqueles destinados a mostrar os significados ou sinônimos das palavras em outra língua, os monolíngues, os de termos técnicos de áreas específicas, dentre outros), que, conforme a sua estrutura, podem ser classificados a partir de um conjunto determinado de critérios.

Os principais dicionários que estão no mercado, geralmente, são classificados de acordo com sua função, haja vista que os dados neles contidos devem desempenhar um papel de suma importância para satisfazer as necessidades do usuário em potencial. Por exemplo, os dicionários de uso geral apresentam dados morfológicos e semânticos que pretendem atender às necessidades dos usuários que têm um vocabulário considerado mais comun. Já o dicionário restrito é mais especializado, pois o foco são usuários específicos que podem ser especialistas, semiespecialistas ou não especialistas.

Sob esse viés, os lexicógrafos sempre procuraram moldar os dicionários tomando-se como base as necessidades de seus usuários (se não sabiam/sabem, pelo menos imaginavam/ imaginam quais eram/são) e o conhecimento que têm sobre a língua a ser compilada, e, em particular, sobre as palavras. Portanto, os dicionários são elaborados não somente considerando os seus usuários, mas também por aquilo que os lexicógrafos podem oferecer. Por exemplo, ao estabelecerem a disposição lemática, eles devem pensar em soluções lexicográficas para as palavras que apresentam múltiplos significados. São as tomadas de decisões dos lexicógrafos que definirão se determinados sentidos devem estar agrupados em uma só entrada, configurando uma “solução polissêmica”, ou se devem integrar entradas separadas, caracterizando uma “solução homonímica”.

Apesar de todos os esforços empenhados pelos lexicógrafos e pelas informações fornecidas no dicionário, ainda assim parece sempre haver uma lacuna entre como gostariam que seus dicionários fossem usados e a maneira como eles são realmente usados pelos usuários. Nesse sentido, os estudos têm se voltado

para as necessidades e as habilidades dos usuários a fim de produzir dicionários cada vez mais acessíveis e amigáveis. Assim, a compreensão e a ideia dos usuários acerca da estrutura de um dicionário poderão contribuir para o acesso às informações desejadas com mais rapidez e precisão, por isso, os diferentes tipos de dicionários têm uma estrutura definida, o que muda são geralmente as informações contidas na estrutura que diferem de acordo com a necessidade do usuário e o uso do dicionário.

Nessa seção, apresentamos inicialmente algumas teorias lexicográficas gerais e específicas. Percebemos que as propostas variam muito, já que algumas estão fortemente enraizadas na Linguística, enquanto outras se baseiam na ideia de que a lexicografia é uma disciplina independente e ao mesmo tempo científica. Com relação às estruturas que compõem os dicionários, basicamente três termos são comumentes usados: (i) a megaestrutura composta pelo *Front Matter*, Medioestrutura[11] e *Back Matter*; (ii) a macroestrutura; e (iii) a microestrutura (WIEGAND, 1984, 1989; HARTMANN, 2001; HARTMANN & JAMES, 2001; GOUWS, 2003; MCKEE & MCKEE, 2012; ZWITSERLOOD, 2010). Na sequência, apresentamos cada um desses elementos essenciais quando se trata do desenvolvimento de dicionários. Para tanto, antes de iniciarmos a próxima seção, apresentaremos alguns conceitos caros à lexicografia que utilizaremos no decorrer desta tese:

a) **Lexema** – refere-se à unidade básica no estudo do léxico, também chamado de item lexical ou unidade lexical. É uma combinação de aspetos formais, como a forma gráfica, a realização fonética, dentre outros elementos, e de aspectos semânticos, isto é, a sua percepção em um determinado contexto gramatical;
b) **Lema** – corresponde à entrada ou às formas de entrada lexical em um dicionário. É, portanto, a forma que um item lexical é registrado em um dicionário e pode variar de acordo com a tradição dicionarística;
c) **Entrada** - conjunto da informação fornecida acerca de um lema;
d) **Lematização** – é um processo de organização das formas flexionadas de um item lexical para que possam ser examinados como únicos. Corresponde, portanto, à redução, a uma forma canônica, de todas as variantes flexionais

[11] Diz respeito ao sistema de remissões entre as diferentes partes do dicionário, também pode ser chamada de estrutura média. Nesta tese, portanto, faremos uso do termo medioestrutura.

de um item lexical, mas também de expressões ou de combinatórias lexicais. O processo de lematização é o resultado da entrada (lema), que gerencia um item lexical em algum lugar do dicionário. Em linhas gerais, a lematização consiste em encontrar uma forma gráfica representativa de formas significativas que um item lexical pode assumir;

e) **Glosa** – minidefinição, ou seja, é uma definição muito sucinta, que pode complementar um equivalente num dicionário bilíngue, por exemplo.

1.3 ESTRUTURA BASE PARA O DESENVOLVIMENTO DE DICIONÁRIOS: MACRO E MICROESTRUTURAS

Do ponto de vista da forma, os dicionários são obras de referência com informações linguísticas. De acordo com Rey-Debove (1971), no geral, os dicionários são organizados por uma entrada principal, ordenados alfabeticamente, e a sua forma tem uma estrutura dupla. Essa dupla estrutura, na concepção da lexicologista, é geralmente referida como a macroestrutura e a microestrutura.

A macroestrutura refere-se à lista de todos os itens lexicais que compõem as entradas em um dicionário. Já a microestrutura corresponde a todas as informações fornecidas sobre cada item lexical que integra a macroestrutura. Na microestrutura, as informações são organizadas sistematicamente em seções menores e maiores.

Em termos gerais, é comum e imprescindível que os lexicógrafos discutam as partes componentes de um dicionário, por isso, dificilmente abstêm-se dessas discussões. E da mesma forma, é com base nos recursos macro e microestruturais que é possível distinguirmos os dicionários. Em termos de sua macroestrutura, os dicionários são comparados a uma coleção de entradas de itens lexicais incluídas como parte de uma lista. Para organizar o léxico de uma língua em um dicionário, é preciso que as entradas sejam selecionadas, do mesmo modo, os princípios que norteiam a ordenação dos itens lexicais por ordem alfabética, por conceitos, ou por combinação de ambos. Já na microestrutura, os dicionários podem ser comparados com relação às categorias de informações gramaticais fornecidas para cada item lexical e suas categorias de informações (SWANEPOEL, 2003).

Embora a macroestrutura geralmente contenha uma lista de itens lexicais, ela não pode ser definida como uma coleção de palavras, uma vez que o léxico de um idioma contém todos os itens lexicais que o representa (HARTMANN; JAMES,

2001). Ainda que a maioria desses itens lexicais seja ‘palavras’, o léxico também tem elementos maiores que as palavras e elementos menores que elas. Com relação a esse ponto de vista, assumimos, nesta pesquisa, com base em Pustejovsky & Boguraev (1996), Biderman (1996) e Krieger (2014), dentre outros, que um item lexical é uma única palavra, parte de uma palavra ou uma cadeia de palavras que forma os elementos básicos do léxico de uma língua. Vale também ressaltar que os itens lexicais, da mesma forma, podem ser entendidos como um meio para transmitir um único significado, mas não estão limitados a ser palavras únicas.

Do ponto de vista de quem idealiza e elabora as obras lexicográficas, os critérios norteadores que determinam os componentes essenciais da macroestrutura e da microestrutura dos dicionários são de suma importância. Tais elementos permitirão aos usuários não apenas o acesso às entradas lexicais, mas também à escolha da obra mais adequada às suas necessidades e aos seus interesses. Dito isso, voltemos às questões macro e microestruturais que permeiam a elaboração dos dicionários e sua megaestrutura.

1.3.1 Macroestrutura

A macroestrutura é um dos componentes que se refere ao formato de acesso geral do dicionário. Na organização da estrutura macro são contemplados os seguintes aspectos: o *Front Matter*, a estrutura das entradas e o *Back Matter*. O *Back Matter*, por sua vez, diz respeito às informações extras, equivalentes a dados que podem ser fornecidos no que poderíamos também chamar de ‘contracapa’. O *Back Matter* é um recurso facultativo, portanto, nem todos os dicionários contemplam essa função; caberá ao compilador a decisão de considerá-lo ou não em sua obra. Nesse momento, não desenvolvemos propostas que contemplassem esse item, pois nossa atenção está mais voltada à necessidade de desenvolver meios para sistematizar as chaves de buscas e as entradas lexicais por meio da Libras. Desse modo, seguimos esta seção trazendo algumas informações sobre o *Front Matter* e demais elementos da macroestrutura.

Conforme destaca Hartmann (2001), o *Front Matter* diz respeito à introdução do dicionário e ao índice de abreviaturas linguísticas. O *Front Matter* corresponde à ‘capa’ do dicionário, tanto do impresso quanto do eletrônico. São elementos

prefixados pelo lexicógrafo, por meio de introdução ou de identificação como parte de sua produção. No *Front Matter*, alguns elementos são considerados essenciais para que o usuário obtenha o máximo de informações acerca do material a ser pesquisado, dentre os principais estão: (i) o prefácio ou apresentação, que deve ser endereçado ao usuário, em que o autor ou editor explica o conteúdo, a finalidade ou a origem do conteúdo; (ii) informações sobre o autor(res), instituição e colaboradores; (iii) apresentação do(s) conteúdo(s) que compõem a obra, de preferência, com índices especificando a sua estrutura e seus constituintes; e (v) um frontispício, isto é, imagens representativas ou textos sobre o que vem a ser o dicionário.

Apesar de não ser ainda considerado, pela maioria dos lexicógrafos, como um componente canônico do dicionário, é o *Front Matter* que auxiliará o usuário na compreensão e no manuseio da obra, de modo que certas dúvidas a respeito da organização e do acesso às informações desejadas sejam sanadas. Bugueño Miranda e Farias (2007), no entanto, consideram esse elemento como um componente essencial por duas razões. A primeira é que o *Front Matter* apresenta ao usuário informações sobre o que ele pode esperar do dicionário, e a segunda é que serve como um manual de instruções. O dicionário, portanto, deve oferecer ao usuário informações gerais sobre o seu uso, além de deixar claro o público alvo, a função do seu conteúdo e como o usuário deverá usá-lo para chegar ao resultado desejado de forma mais rápida e eficiente.

Do mesmo modo, também consideramos essencial a função do *Front Matter* para que o usuário possa, além de um bom aproveitamento das informações fornecidas, ter um bom manejo da obra lexicográfica. Tendo em vista essa importância, no capítulo 5 apresentamos uma proposta de organização para a operacionalização do *Front Matter*, de modo que comtemple informações que facilitem o acesso do usuário ao dicionário monolíngue de Libras. Para tanto, estabelecemos e definimos alguns parâmetros, de modo que a função do *Front Matter* seja satisfatoriamente cumprida nesta proposta.

Por outro lado, as entradas de um dicionário também podem ser consideradas o carro-chefe da macroestrutura. Existem várias maneiras de organizar os itens lexicais em um dicionário, e suas políticas de entrada são um dos principais fatores que diferem um dicionário de outro. A maneira mais comum e mais frequente de organizar entradas no dicionário é o arranjo alfabético, no entanto, devem ser

organizadas em uma ordem específica e em um *layout* que esteja de acordo com os objetivos e o uso do dicionário. Um dos motivos para isso talvez seja o fato de o alfabeto ser uma forma mais fácil de manusear, tanto para o lexicógrafo quanto para o usuário. Não podemos negar que as vantagens da ordenação alfabética para as entradas são óbvias pela sua praticidade, se o usuário estiver familiarizado com ela e souber o que está procurando. Contudo, do ponto de vista da diversidade de usuários, o princípio alfabético também pode trazer desvantagens, uma vez que os conceitos ocorrem fora do contexto de uma ordem alfabética. Principalmente, quando se trata de usuários de obras lexicográficas envolvendo línguas de sinais, ou seja, para esse público, a entrada pela ordem alfabética não condiz com suas especificidades e necessidades linguísticas.

É importante ressaltar que a macroestrutura é organizada de acordo com um dos dois tipos que o dicionário pode ser: semasiológico ou onomasiológico. O dicionário semasiológico é voltado ao usuário, por isso, também é chamado de dicionário de decodificação com foco no significado (parte do significante para o significado), uma vez que nele o leitor pode procurar novas palavras que não conhece o significado ou o uso. O dicionário de viés onomasiológico, por sua vez, como explica Bertoldi (1935)[12] e Babini (2001), vai da “ideia ao signo”, ou seja, do conceito para a palavra; logo, é mais voltado para o escritor que geralmente precisa de informações sobre mais itens lexicais que tenham o mesmo ou semelhante significado da palavra conhecida. Do ponto de vista linguístico, há uma grande diferença metodológica quando o lexicógrafo opta pela perspectiva onomasiológica ou pela semasiológica. Na primeira, ele parte de um conteúdo ou de uma função linguística e procura os meios estruturais pelos quais determinado conteúdo é expresso em uma língua, ou seja, a onomasiologia é baseada em uma estrutura semântica, isto é, um sistema de conceitos e relações conceituais. Na segunda, o lexicógrafo parte de uma expressão linguística e de sua estrutura e investiga seus significados ou funções. Nesse viés, na perspectiva semasiologica, parte-se de uma expressão, e a construção de “X” para “Y” é pressuposta e seus significados são buscados. Assim, podemos dizer que um dicionário onomasiológico monolíngue é um dicionário de sinônimos, e um dicionário semasiológico monolíngue é um

[12] Pela definição de Vittorio Bertoldi, a onomasiologia é compreendida como um aspecto particular de busca linguística que parte de uma determinada ideia e investiga os vários modos com os quais foi encontrada uma expressão na língua.

dicionário de estrutura de palavras (simples, compostas e derivadas). Vale destacar que foi com base nessa última perspectiva, a semasiológica, que desenvolvemos a descrição de nossa proposta para o dicionário monolíngue de Libras, conforme discussões localizadas no capítulo 5 nesta tese.

Ainda em se tratando da macroestrutura, a lexicografia pré-estabelece alguns princípios que norteiam a sua organização, com base em autores como Wiegand (1983), Biderman (1998), Dapena (2002), Hornáčková Klapicová (2005): (i) a lematização; (ii) a ordenação das entradas lexicais que, geralmente, são dispostas em ordem alfabética e em posição vertical; e (iii) o tamanho da nomenclatura do dicionário. Sobre esses três princípios seguem alguns conceitos e esclarecimentos que nos auxiliaram no processo de organização e descrição da macroestrutura, e que também poderão servir como apoio e orientação para o lexicógrafo, conforme as estruturas do dicionário que estamos propondo:

(i) *Lematização* - é um dos meios fundamentais para a organização de dicionários. De acordo com Hornáčková Klapicová (2005), corresponde a um sistema ou princípio em que uma unidade lexical se torna representada por um lema (entrada), que gerencia um item lexical em algum lugar do dicionário. A lematização, portanto, está relacionada à possibilidade de transformar um dado modelo ou regra em uma forma convencionada ou básica, que possa representar o máximo possível de variantes do item lexical. Esse processo foi consagrado pela tradição lexicográfica como um meio de proporcionar ao usuário uma consulta mais rápida de um item lexical desejado, que esteja presente na nomenclatura de uma obra lexicográfica. Por conseguinte, o produto gerado pelo processo de lematização é o lema, que também é denominado pelos termos entrada ou palavra-entrada. A partir do lema, ou seja, da entrada, é que o lexicógrafo dará início ao tratamento lexicográfico que dará origem a macroestrutura e/ou nomenclatura do dicionário;

(ii) *Ordenação das entradas lexicais* - em primeiro lugar, é necessário definir por qual ou quais tipo(s) de unidades lexicais devem ser representadas as entradas do dicionário, isto é, se será por palavras, como já é de costume na lexicografia, ou por lexemas[13] ou monemas em geral. Com relação à ‘palavra’, não há consenso e

[13] Foi em Martinet (1973) que surgiu a primeira noção de lexema. É de consenso entre os linguistas que a linguagem humana é articulada. Martinet (1973) abre um tópico para discutir a dupla articulação da linguagem, assim, a primeira articulação diz respeito aos morfemas (unidades mínimas

ainda há vários problemas na linguística quanto à sua definição, por isso, a fim de não nos estendermos ou embrenharmos nessas discussões, optamos por utilizar o termo item lexical. O procedimento mais típico e básico para organizar entradas em um dicionário é o alfabético, a ponto de essa ordem ser considerada como essencial, tanto quanto ao próprio conceito do dicionário. Outra questão refere-se aos aspectos práticos, tais como: aplicação de critérios para a organização das entradas, de onde elas serão geradas e qual será a localização delas no dicionário. Contudo, o arranjo das entradas nos dicionários vai depender, também, da decisão do lexicógrafo, ou seja, de como elas serão ordenadas, e qual será o modo, se será semasiológico ou onomasiológico.

(iii) *Nomenclatura do dicionário:* Para Biderman (1998), os termos nomenclatura e macroestrutura do dicionário são sinônimos. Uma das questões tratadas nesse item corresponde ao tamanho da nomenclatura, ou seja, a quantidade de entradas que compõem um dicionário. O tamanho de uma obra lexicográfica depende e varia conforme o propósito e as escolhas feitas pelo lexicógrafo. Nesse sentido, cabe ao lexicógrafo, com base nas expectativas e perspectivas do usuário, ampliar ou reduzir o número de itens lexicais que constarão em determinado dicionário. No entanto, a maioria dos lexicógrafos tende a se preocupar com os itens lexicais constantes no léxico de uma língua, haja vista que isso faz com que sua obra seja capaz de abranger o maior número possível de palavras que integram o léxico. Atualmente, alguns dicionários também são comercializados ou disponíveis para uso em aplicativos de celulares e *websites*. Sobre esse avanço tecnológico do uso dos dicionários, Dapena (2002) nos chama a atenção que essas obras obedecem, de modo não incomum, a alguns critérios como a determinação das dimensões e materiais, critérios linguísticos ou pedagógicos, além dos parâmetros estabelecidos pela da editora que, conforme a organização e da isposição do material, pode programar e ordenar uma obra lexicográfica que atenda às dimensões e à características formais muito específicas. Com relação a

---

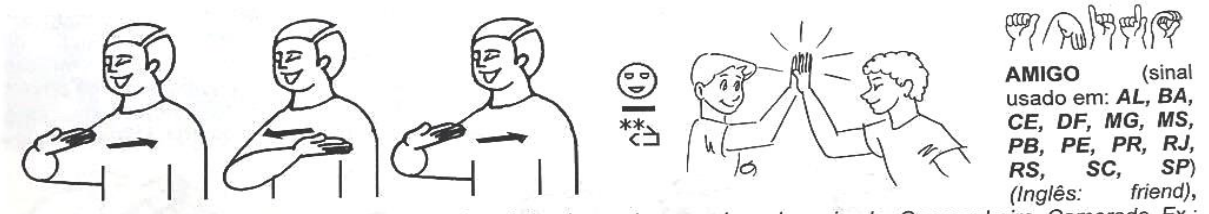
portadoras de sentido) e a segunda aos fonemas (elementos distintivos destituídos de significado). Para ele, é a primeira articulação da linguagem, as experiências a serem transmitidas, as necessidades que se pretendem revelar a outras pessoas, analisam-se em uma série de unidades, cada uma delas, portanto, possuidora de uma forma vocal e de um sentido, por isso, são chamadas pelo autor de monemas, divididos em lexemas, situados no léxico, e morfemas, situados na gramática. Contudo, lexema é a parte de uma palavra que constitui uma unidade mínima dotada de significado lexical. Nesse sentido, para Schwindt (2017), os lexemas se realizam também sob formas de palavras, ou seja, cada nova palavra – derivada ou composta – equivale a um lexema.

esse último critério, Dapena (2002) sugere que sempre deve haver cautela com essas obras, uma vez que algumas podem ser absolutamente inúteis ou até mesmo uma verdadeira fraude.

Como podemos observar até aqui, é de consenso entre os lexicógrafos que a macroestrutura refere-se à maneira como o léxico é configurado; em geral, apresenta a forma que os usuários entram no léxico e encontram a palavra-chave desejada. A macroestrutura também representa a estrutura da programação procedimental sobre como o usuário acessa as entradas.

Em léxicos on-line, em comparação aos dicionários impressos, a macroestrutura funciona essencialmente de maneira diferente. Um léxico impresso é um artefato físico fixo. Por exemplo, o início de um léxico em Libras em um dicionário impresso (CAPOVILLA et al., 2017) corresponde a um sinal que se encontra ao lado esquerdo da obra; a escrita do sinal e uma imagem representativa do verbete estão no meio; a soletração manual do verbete está localizada ao lado direito e abaixo se encontra a definição do verbete e informações gramaticais em LP, sendo que a entrada também se dá pela palavra em LP, conforme segue representado na Figura 1:

Figura 1: Imagem correspondente à estrutura de busca da palavra AMIGO/AMIZADE do dicionário impresso português/Libras



AMIGO (sinal usado em: ***AL, BA, CE, DF, MG, MS, PB, PE, PR, RJ, RS, SC, SP***) *(Inglês: friend)*,

AMIZADE *(Inglês: friendship)*: Amigo: *adj. m. Que é ligado a outrem por laço de amizade. Companheiro. Camarada. Ex.: Uma pessoa amiga busca ajudar o seu próximo. s. m. Indivíduo unido a outro por amizade. Pessoa que quer bem a outra. Ex.: Meu amigo e eu vamos viajar, e estou muito feliz por isso.* Amizade: *s. f. Sentimento fiel e recíproco de afeto, dedicação, simpatia, benevolência, estima ou ternura entre pessoas não ligadas por relação de parentesco ou de interesse sexual. Camaradagem. Companheirismo. Sentimento de amigo. Afeto que liga as pessoas. Reciprocidade de afeto. Ex.: A nossa amizade existe há anos.* (Mão aberta, palma para cima, dedos para a esquerda, próxima ao peito. Tocar levemente o peito, duas vezes. A expressão facial deve demonstrar a intensidade da amizade.) **Etimologia**. **Morfologia**: Trata-se de sinal formado pelo morfema *Sentimento – Emoção*, codificado pelo local de sinalização na região do peito e expressão facial correspondente ao tipo de sentimento.

Fonte: Capovilla et al. (2017, p. 186).

Já um léxico on-line é essencialmente dinâmico, ao contrário de um léxico impresso, que é inerentemente estático. Desse modo, projetar ou implementar um dicionário monolíngue de língua de sinais não é uma tarefa fácil, uma vez que exige do lexicógrafo pensar em um *design* de léxico que seja pesquisável e ainda se

perguntar se existiria outra maneira de torná-lo mais acessível e/ou se existiria outra maneira de vincular as entradas. Evidentemente, tornar um léxico de sinais pesquisável por "qualquer informação" nas entradas é viável apenas quando essa informação não está somente presente nas entradas, mas também é codificada em uma forma acessível às rotinas de pesquisa. Em um dicionário de Libras, por exemplo, se as estruturas de argumento dos verbos que estão sendo definidos não forem explicitamente declaradas, mas forem meramente demonstradas em frases em forma de glosas (como é frequentemente o caso em dicionários de línguas de sinais), então será difícil, se não impossível, escrever pesquisa de rotina para que os usuários procurem por verbos com estruturas de argumentos particulares. Para Biderman (2002), “o conceito de unidade léxica de um dicionarista reflete-se na organização da macroestrutura do dicionário, bem como os critérios por ele usados na seleção dos lemas” (BIDERMAN, 2002, p. 87).

De acordo com Burke (1998), os lexicógrafos de dicionários on-line devem considerar e tornar acessíveis as seguintes informações como macroestruturas:

(i) Os usuários devem poder acessar as entradas simplesmente procurando por palavras-chave, que correspondam a uma sequência digitada. Essa é a macroestrutura mais óbvia e principal nos dicionários on-line;
(ii) Disponibilizar aos usuários entradas que sejam de certa parte do discurso ou de uma determinada subcategoria de uma parte do discurso (por exemplo, verbos transitivos);
(iii) Os usuários devem ser capazes de pesquisar com base na etimologia ou composição morfológica;
(iv) Propiciar aos usuários pesquisas com base no campo semântico de uma palavra particular (para qualquer formulação lexicográfica concebível do conceito "campo semântico");
(v) Os usuários devem ser capazes de pesquisar sobre aspectos de conteúdo fonológico de palavras-chave;
(vi) No caso das línguas com sistemas de escrita ideográfica ou pseudo-ideográfica, os usuários devem ser capazes de pesquisar sobre os aspectos da forma gráfica de palavras-chave.

No caso dos dicionários on-line de língua de sinais, a macroestrutura deve garantir a entrada de modo que o sinal seja localizado pelo usuário sem que precise se preocupar com a palavra da língua oral. Dos itens citados por Burke (1998), podemos encontrar com mais frequência nos dicionários on-line de língua de sinais que analisamos a busca por parâmetros/queremas (configuração da mão, locação, movimento – ver cap. 2), o que corresponde à formação de uma palavra em dicionários de línguas orais. Também, comumente encontramos a possibilidade de pesquisas por campos semânticos/categorias, uma prática bastante recorrente nos dicionários impressos de línguas de sinais. Tais informações foram encontradas nos dicionários on-line que pesquisamos: Dicionário da Língua de Sinais Sueco Filandesa – SUVI, Dicionário da Língua de Sinais Neozelandesa – NZSL, Dicionário da Língua de Sinais Dinamarquesa – DTS, Dicionário da Língua de Sinais Brasileira – Libras e Glossário da Libras.

Com relação à estrutura de acesso desses dicionários, constatamos que todos eles liberam o usuário da busca alfabética linear, sendo essa a única rota de pesquisa possível nas versões do dicionário impresso Capovilla e Raphael (2001), Capovilla, Raphael e Maurício (2012) e Capovilla et al. (2017). Em geral, os dicionários que investigamos oferecem em sua macroestrutura uma série de opções de pesquisa:

a) *busca*: uma busca equivalente à pesquisa em dicionário impresso - o usuário percorre uma lista alfabética até encontrar o item de seu interesse (HALL, 2000, p. 77);
b) *busca direta da palavra*: o usuário digita um item lexical da língua oral na caixa de busca e tem acesso direto ao sinal correspondente; conteúdo da entrada;
c) *busca indireta do sinal*: o usuário tem a opção de selecionar queremas (configuração de mão (CM), locação (L), movimento (M), boca (ENM)) em caixas de busca específicas para ter acesso ao sinal desejado;
d) *categorias*: o usuário seleciona a categoria desejada (da língua oral) como meio de filtrar a pesquisa para chegar mais rápido ao resultado da busca.

No Quadro 1, a seguir, apresentamos na coluna “itens macroestruturais” um levantamento de recursos de buscas analisados e contidos nos dicionários on-line SUVI, NZSL, DTS, Dicionários e Glossário de Libras.

Quadro 1: Elementos macroestruturais dos dicionários das línguas de sinais SUVI, NZSL, DTS e Libras

ITENS MACROESTRUTURAIS	DICIONÁRIOS ONLINE				
	SUVI	NZSL	DTS	DIC.LIBRAS	GL. LIBRAS
Busca direta por digitação de palavra da língua oral do país- *Sign Search*	X	X	X	X	X
Busca por seleção alfabética da língua oral	-	-	-	X	X
Busca direta por CM	-	-	-	X	-
Busca por lateralidade manual – *Hand 1, Hand 2*	X	-	X	-	X
Busca indireta do sinal – *Filter – CM, L, M, ENM e Lateralidade*	X Cm/L/ M/B	X CM/L	X CM/ L	-	X CM/L
Busca direta do sinal - *Signing*	-	-	X	-	-
Busca por categorias semânticas/*Topics*	-	X	-	X	X
Busca por exemplo	-	-	-	X	-
Busca por acepção	-	-	-	X	-
Busca pela ordem alfabética em Inglês	-	-	-	-	X

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

No que diz respeito à estrutura de acesso, verificamos que os dicionários pesquisados, no item busca indireta do sinal, apresentam caixas segmentadas contendo separadamente os parâmetros que compõem um determinado sinal: CM, L, M e ENM. Entre os dicionários analisados, somente o dicionário de Libras não contém a busca usando a seleção dos parâmetros manuais, ou seja, quando o consulente deseja pesquisar por sinal, o dicionário dá a opção de filtro por meio da seleção por Mão. No entanto, apesar das várias rotas de pesquisa, o consulente surdo nem sempre é atendido em suas buscas. Tanto nos dicionários on-line bilíngues quanto nos semibilíngues, ao encontrar uma palavra que lhe é desconhecida na língua oral, o surdo terá dupla possibilidade de decodificação, isto é, pela definição na segunda língua e pela equivalência em sua língua.

Nos dicionários pesquisados, é notável que as informações contidas na macroestrutura, sobre o uso e o significado da palavra na língua oral (inglês, sueco-finlandês, dinamarquês e português), são necessariamente de maior peso do que

nas respectivas línguas de sinais, o que exige, por exemplo, do usuário surdo um conhecimento prévio da segunda língua que lhe permita o entendimento da explicação.

1.3.2 Microestrutura

A microestrutura do dicionário pormenoriza a maneira como os itens lexicais são organizados. Nos dicionários de línguas orais, geralmente, o item lexical, o lema ou a palavra-chave que compõem a entrada são o ponto principal em torno das informações que evoluem e se desenvolvem na microestrutura. Daí em diante, o item lexical é seguido pelas descrições ortográficas, fonológicas, morfológicas, sintáticas, semânticas e pragmáticas. Dentre essas propriedades definidoras, o significado é tradicionalmente considerado o mais importante. Em alguns dicionários, as últimas informações são sobre a origem da palavra.

De acordo com Carvalho (2001), a microestrutura é a parte do dicionário em que “são organizadas todas as informações a serem mencionadas acerca do lema" (CARVALHO, 2001, p. 65). Na microestrutura, podemos encontrar informações sobre o item lexical registrados na macroestrutura. Conforme descreve Selistre (2010), o significante (forma ortográfica) e o significado (item semântico) constituem os componentes da microestrutura. Com relação à forma, encontramos as indicações ortográficas, a divisão silábica, as variantes ortográficas e as informações gramaticais. Nesse contexto, o comentário semântico traz definições equivalentes, tanto nos dicionários monolíngues quanto nos bilíngues. É possível encontrarmos, nesse caso, marcas de uso, meios de desambiguação semântica e, em alguns casos, também podem apresentar ilustrações. Tais aspectos microestruturais valem para ambos os dicionários impressos e online, independentemente de ser monolíngue, bilíngue ou semibilíngue.

Esse tratamento microestrutural dos itens lexicais refere-se, portanto, à organização de várias informações que são correspondentes a eles. A estrutura de um dicionário contém, geralmente, uma lista de itens lexicais. Cada item lexical é acompanhado de um número de informações que constituem a entrada, e é justamente a organização consistente dessas informações dentro das entradas lexicais que se refere à microestrutura dos dicionários.

No que diz respeito às características microestruturais, nos dicionários podem ocorrer diferenças quanto à apresentação dos atributos gramaticais de um item lexical, visto que as características dependem do perfil de cada entrada. Nos diferentes tipos dicionários orais e de línguas de sinais, a partir das nossas investigações, listamos algumas informações gramaticais que identificamos e que, normalmente, integram a microestrutura: (i) dados ortográficos (ortografia e variantes formais); (ii) dados fonéticos (mais relativos à pronúncia); (iii) dados sintáticos (categoria sintática); (iv) dados morfológicos (morfologia flexional, derivação e composição); (v) dados semânticos (estrutura de sentidos e significados); (vi) dados etimológicos; (vii) dados distributivos (distribuição geográfica ou sociolinguística) muito presente nos dicionários de línguas de sinais; (viii) dados ilustrativos (exemplos verbais e não verbais - imagens) o uso de imagens é bastante recorrente, também, nos dicionários de línguas de sinais.

Essa estrutura organizacional dos itens lexicais é responsável, portanto, por mostrar as propriedades morfológicas, léxico-semânticas e léxico-morfossintáticas, bem como as suas unidades linguísticas, em que podem ser representadas em dois campos: um correspondente ao comentário de forma (deve apresentar informações morfológicas do item lexical) e o outro ao comentário semântico (composto por informações semântico-lexicais e semântico-morfossintáticas, e no caso de dicionários semasiológicos, demais recursos complementares com o objetivo de elucidar o significado).

Vale ressaltar que, no nível microestrutural, exitem diferenças quando se trata da organização em dicionários multilíngues. Ou seja, essa função é realizada pelo lexicógrafo que deve fornecer informações respectivamente de um item lexical no idioma de origem, e um ou mais equivalentes de tradução no idioma de destino.

Em se tratando da microestrutura dos dicionários da Libras, há um entrave imposto às obras lexicográficas impressas; já nos dicionários on-line, as possibilidades de *hiperlinks* e o cruzamento de referências são muito mais abrangentes. No Quadro 2, apresentamos as microestruturas que encontramos a partir de um levantamento em dicionários de línguas de sinais eletrônicos on-line, as informações seguintes são relativas as obras lexicográficas Sueco Finlandesa - SUVI, Neozelandesa - NZL, Dinamarquesa - DTS e LIBRAS:

Quadro 2: Informações da microestrutura encontradas nos dicionários das línguas de sinais SUVI, NZSL, DTS e Libras

ITENS MICROESTRUTURAIS	DICIONÁRIOS ONLINE				
	SUVI	NZSL	DTS	DIC. LIBRAS	GL. LIBRAS
Janela do sinal em vídeo	X	X	X	X	X
Representação dos sinais com imagens/fotos	X	X	-	-	-
Nome do sinal na língua oral	X	X	X	X	X
Janela de significados na língua de sinais	-	X	-	-	X
Acepção na língua oral	X	-	X	X	-
Exemplos de uso em forma de glosas	-	-	X	X	-
Exemplos de uso em língua de sinais	-	X	-	-	X
Variação linguística do sinal	X	-	-	X	X
Comentário semântico	X	-	X	-	-
Escrita do sinal – Sistema *SignWriting*	-	-	-	-	X
Informações gramaticais	X	-	X	X	-
Imagem como apoio visual	-	-	-	X	X

Fonte: Elaborado pela pesquisadora**.**

Podemos observar que é na microestrutura que se desdobra a organização dos dados. É nela que encontramos as informações gramaticais e lexicais dos itens, ou seja, é na microestrutura que o item lexical se constitui. Isto posto, reiteramos que nesta tese o nosso foco está no dicionário monolíngue, relativo à Libras. Desse modo, as informações que compõem a proposta composicional da microestrutura, apresentamos detalhadamente mais adiante.

1.3.3 Medioestrutura

Quando se trata de estudos das partes componentes de um dicionário é que vamos perceber que as estruturas que compõem um trabalho lexicográfico são bastante variadas e inter-relacionadas em diferentes graus. Com isso, queremos

dizer que, além da macroestrutura e da microestrutura, devemos considerar outros componentes estruturais, tais como a “medioestrutura” e a “megaestrutura”. Esta última é definida como a totalidade das partes que constituem uma obra de referência. Assim, compreendemos que, de modo geral, os dicionários têm uma estrutura multidimensional que corresponde a aspectos e características diversas quanto à natureza do seu conteúdo e da sua organização.

De acordo com Hartmann & James (2001), a mediostrutura geralmente está relacionada à estrutura de referência cruzada, ou seja, uma rede de referências que permite ao usuário do dicionário localizar informações que estejam espalhadas no conjunto da obra. Desse modo, a mediostrutura abrange a dimensão do significado do item lexical na relação que é estabelecida entre a forma e o conteúdo ou o conteúdo do dicionário. Para Fuertes-Oliveira e Arribas-Baño (2008), a medioestrutura do dicionário é composta por três aspectos: (i) a seleção concreta dos itens lexicais ou lemas que compõem a nomenclatura; (ii) os critérios de apresentação dos itens lexicais ou lemas; e (iii) a organização dos itens lexicais ou lemas e a estruturação interna das informações no dicionário.

Essas referências cruzadas são chamadas por Welker (2004) de sistema de remissivas, ou seja, diferentes maneiras que o usuário pode se utilizar para se remeter a determinadas informações de um lugar para outro no dicionário. Tais remissivas podem ser obrigatórias ou facultativas. Nas obrigatórias, o usuário, obrigatoriamente, deve acessar para chegar a um resultado desejado. Por exemplo, para que encontre uma definição desejada, primeiro deve encontrar/acessar o item lexical correspondente. As remissivas facultativas permitem ao usuário certa liberdade para acessar ou não demais informações complementares acerca do item lexical. Uma das funções do sistema remissivo é evitar repetições, bem como contribuir para a compreensão mais assertiva das informações pretendidas pelo usuário. Uma vez que ocorrem problemas na medioestrutura / sistema de remissivas, os usuários terão dificuldades no entendimento daquilo que busca. Contudo, a medioestrutura merece toda a atenção do lexicógrafo, assim como é dada à macro e às microestruturas. Portanto, nesta tese, também procuramos atender a esse importante elemento que compõe o dicionário, conforme as orientações e informações que descrevemos nos capítulos 4 e 5. Na sequência, seguem alguns aspectos e conceitos que envolvem o resultado final do processo lexicográfico, isto é, o dicionário propriamente dito.

1.4 DICIONÁRIOS DE LÍNGUAS: CONCEITOS BÁSICOS

Como apresentadas na seção anterior, as teorias lexicográficas vão surgindo conforme a criação dos dicionários. O dicionário pode ser considerado como o produto da lexicografia. De acordo com Ilson (19855), os dicionários são os recursos importantes que fornecem aos usuários informações sobre o idioma, por essa razão, é possível encontrar um dicionário em quase todos os campos e línguas.

Podemos dizer que o dicionário, ao longo do tempo, tem sido concebido como livros alfabeticamente organizados, que listam as palavras e as suas respectivas definições, produzindo uma fonte de consulta que os usuários confiam. É fato que ainda hoje a maioria das pessoas pensa nos dicionários em termos de ordenação alfabética (A-B-C). Nesse sentido, a maioria dos lexicógrafos se envolve na criação dessas obras, com base nessa que ainda é considerada uma política bem sucedida de organização e de estrutura das palavras, que, no geral, se distribuem alfabeticamente.

É comum que quem já tenha lidado com um dicionário terá se perguntado como tal obra foi produzida, de onde veio a informação e como e por que ela pode beneficiar muitos de seus usuários. No campo da pesquisa de dicionários, geralmente os autores destacam a história, as críticas, a tipologia, as estruturas e o uso dos diferentes tipos de dicionários. Para Hartmann & James (2001), os dicionários podem ser monolíngues, bilíngues ou multilíngues, em função das necessidades linguísticas e comunicacionais do usuário. Embora a função principal de um dicionário seja reunir palavras que compõem o vocabulário de uma língua, ou outros elementos linguísticos, e fornecer informações sobre eles (CABRÉ, 1992), também tem funções descritivas, educacionais e ideológicas. A função descritiva é fornecer informações abrangentes sobre o vocabulário de uma língua morta ou viva. A função instrucional é fornecer orientação aos indivíduos sobre o significado e uso da palavra. A função ideológica está em oferecer o melhor uso para as palavras interculturais e culturais, além de proteger os valores morais e ideológicos da sociedade, proporcionando uma unidade linguística (BÉJOINT, 1994). No entanto, o dicionário ideológico é de caráter onomasiológico, ou seja, tem uma natureza codificadora. Isso quer dizer que dicionários ideológicos são organizados do significado ao significante, isto é, parte do conceito para um. O seu principal fator é a sua organização que é em função das idéias, e não de cunho ideológico no sentido

de valores morais ou sociais, como o próprio termo pode sugerir. Partindo do princípio da onomasiologia, o dicionário ideológico deve oferecer ao usuário a partir de uma dada ideia, noção ou conceito, a possibilidade de encontrar a unidade lexical ou o termo que a exprima.

A importância dos dicionários é inegável. Com o avanço da alfabetização em massa nos últimos tempos, a sua relevância funcional é ainda maior, e o valor referencial do dicionário tende a aumentar ainda mais entre os recém-alfabetizados. De um ponto de vista simples, usamos o dicionário por vários motivos: normalmente, para verificar a ortografia correta das palavras, encontrar as pronúncias corretas ou procurar seus significados. No caso de consultas avançadas, usamos um dicionário para procurar sinônimos, investigar a origem das palavras ou rastrear padrões de uso.

Um dicionário é provavelmente o único recurso que pode nos fornecer as melhores e mais abrangentes informações sobre as palavras. Nesse sentido, a crença geral é de que as informações fornecidas em um dicionário são precisas, autênticas e confiáveis. Em grande parte, os usuários de um dicionário o consideram meramente como um livro de palavras, mas, como fonte abrangente de informações linguísticas, um dicionário deve refletir todo o léxico de uma língua. Todavia, uma abordagem baseada no léxico não apenas vai fornecer uma explicação mais abrangente do repertório lexicográfico, mas também pode fornecer uma indicação mais precisa da diversidade de formas que há dentro dele. Um tratamento lexicográfico mais consistente dos mais variados itens lexicais pode aumentar a maturidade linguística dos diferentes tipos de dicionários como um instrumento lexicográfico. De acordo com Gouws (1991), para fornecer uma descrição válida do estoque léxico completo de uma língua, a seleção de itens lexicais incluídos em um dicionário deve representar a variedade tipológica dessa língua. Sob essa perspectiva, o autor orienta que antes de selecionar a entrada para um dicionário, o lexicógrafo deve especificar os critérios linguísticos de acordo com os quais os itens lexicais são identificados e, ainda de acordo com Gouws (1991), são esses critérios que determinarão a escolha das etradas.

Com relação aos dicionários das línguas de sinais, esses apresentam basicamente a mesma classificação e composição dos dicionários das línguas orais. De acordo com Storrer e Freese (1996 apud WELKER, 2004), os dicionários podem ser classificados como prontos e em construção. Os dicionários prontos

correspondem respectivamente às versões de dicionários impressos, e os dicionários em construção são aqueles que fornecem a parte do trabalho já concluída pelos seus autores. Além desses, também há os dicionários colaborativos, que são desenvolvidos a partir de contribuições dos seus usuários. Nas línguas de sinais, são mais recorrentes os dicionários em construção e os dicionários colaborativos, talvez por causa da complexidade e desafios que os lexicógrafos têm em registrar os sinais, cujos itens lexicais são tridimensionais. Tomando como exemplo a Libras, temos o dicionário impresso de Capovilla e Raphael (2001), com edições revisadas e ampliadas em 2012, por Capovilla, Raphael e Maurício, e em 2017, por Capovilla et al. Seus autores informam a pretensão de, futuramente, publicá-lo também na versão on-line; com isso, teríamos o primeiro dicionário pronto da Libras, isto é, um dicionário impresso com versão on-line.

Para que a autoria dos dicionários prontos e em construção seja reconhecida pelos seus usuários, esses devem ser elaborados por especialistas qualificados (lexicógrafos, linguistas, pedagogos e outros), além de afiançados por editoras respeitadas no mercado. Já os dicionários colaborativos, apesar de trazerem informações úteis ao consulente, por não apresentarem fontes lexicográficas confiáveis, necessitam de supervisão profissional.

De acordo com Selistre (2010), independente da classe, todo dicionário, on-line ou impresso, é constituído pelos componentes de uma macroestrutura, uma microestrutura, uma medioestrutura e material complementar, conforme constatado na seção anterior. Sobre a tipologia lexicográfica, Hartmann & James (2001) falam em três: o dicionário bilíngue, o monolíngue e o semibilíngue, os quais serão considerados brevemente nas subseções posteriores.

1.5 TIPOLOGIAS LEXICOGRÁFICAS

Diante da amplitude do tema e da grande variedade tipológica, optamos, entre tantas outras possibilidades, por privilegiar apenas alguns aspectos acerca dos dicionários monolíngues, bilíngues, semibilíngues, dicionário geral e dicionários especializados. Tal escolha se deu devido à complexidade que existe na tarefa de definir os diferentes tipos de obras lexicográficas. A diferença, por exemplo, entre

dicionário, léxico, vocabulário ou glossário, dentre outros, não é consensual entre os estudiosos desse objeto.

No entanto, os lexicógrafos há muito se preocupam com a natureza do dicionário, ou seja, o que é o dicionário e o que deveriam projetar para atender da melhor forma possível o seu usuário. Nesse sentido, a organização e normalização dos dicionários apoiam-se nas descrições tipológicas, de modo que critérios possam ser estabelecidos com o intuito de acomodar as tradições nacionais e intercomunicação com dicionários similares de outras línguas (SILVESTRE, 2016). A tipologia lexicográfica tem o propósito de categorizar os dicionários, a partir do reconhecimento que diferentes línguas e culturas podem desenvolver tradições lexicográficas distintas. Hartmann & James (2001), ao analisarem a tipologia de dicionários, consideram duas distinções: a primeira entre dicionários gerais, cujo foco está em uma descrição extensiva, e dicionários especializados que se concentram numa descrição restrita, incidindo sobre uma área de domínio ou subdomínio. A segunda distinção corresponde ao predomínio ou à informação linguística sobre diferentes características do signo linguístico ou informações que se ocupam da descrição de realidades extralinguísticas.

Para Zgusta (1971), o dicionário é a organização sistemática de uma lista com formas linguísticas socializadas, agrupadas a partir dos hábitos de fala de uma dada comunidade e comentadas pelo autor de tal forma que o leitor qualificado entenda o significado. Para o autor, o dicionário também pode ser definido de forma muito simples ou muito abrangente; a definição simples é a de "um livro que define palavras". Quanto aos tipos de dicionários baseados na(s) língua(s) de modo geral, podem ser: bilíngues - por exemplo, os itens lexicais de entrada estão em língua portuguesa e as definições (ou equivalentes) estão em inglês; monolíngues – os itens lexicais de entrada estão em português e as definições na mesma língua; semibilíngues (ou bilingualizados) - por exemplo, as palavras de entrada são em língua portuguesa e são fornecidas com as definições em inglês e os equivalentes em inglês; multilíngues (ou plural) - esses contêm mais de dois idiomas.

1.5.1 Dicionários bilíngues

Dicionários bilíngues são tipicamente ferramentas práticas para a comunicação interlingual (entre duas línguas distintas) e para a aprendizagem. A

função do dicionário é coordenar as unidades lexicais de uma língua para as unidades lexicais de outra língua que têm equivalentes em seu significado léxico (ZGUSTA, 1971).

Em um dicionário bilíngue, a situação é diferente de um dicionário monolíngue, uma vez que geralmente o usuário está procurando por algum equivalente em vez de uma análise, por isso, às vezes, o usuário pode ter dificuldade em traduzir determinadas palavras, especialmente àquelas que têm relação cultural do outro idioma. No geral, o dicionário bilíngue apresenta recursos para traduzir a palavra do idioma de origem para o idioma de destino, ou seja, essa condição pode ajudar o usuário a traduzir uma L1 (primeira língua) para uma L2 (segunda língua). Outra característica é que esses dicionários sempre trazem palavras totalmente traduzíveis entre a L1 e L2, ou seja, para cada verbete há um termo equivalente.

Esses dicionários também são referidos como dicionários de equivalência e diferem de acordo com a função e a tarefa. No trabalho lexicográfico, os critérios estruturais são geralmente levados em conta para a diferenciação de dicionários monolíngues e bilíngues. Um dicionário monolíngue fornece explicações de significado, já um dicionário bilíngue oferece equivalentes de segmentação. Para Hausmann (1977), os dicionários monolíngues contêm uma definição para cada entrada, por isso, são chamados dicionários de definição; os dicionários bilíngues, por sua vez, fornecem um equivalente do idioma de destino para cada lema e, devido a isso, são chamados de dicionários de equivalência.

1.5.2 Dicionários monolíngues

Em contraste com os dicionários bilíngues, o dicionário monolíngue é descrito por Hartman & James (2002) como:

> Um tipo de trabalho de referência em que as palavras de uma língua são explicadas por meio dessa mesma língua. Para fins mais práticos e para a maioria das línguas, o dicionário monolíngue (também chamado de dicionário "geral", "explicativo" ou "de uso") é o trabalho prototípico de referência para falantes nativos. Pela mesma razão, também tem sido o gênero de dicionário mais popular e melhor estudado. (HARTMAN; JAMES, 2002, p. 95).

Podemos considerar um dicionário monolíngue como um inventário do léxico de uma língua. Em um dicionário monolíngue de línguas orais, por exemplo, para cada palavra ou termo inserido, informações são fornecidas sobre o seu significado, a sua ortografia, a sua pronúncia e, em alguns casos, a sua origem ou etimologia, ou sobre algum subconjunto desses fatos. Em línguas que usam um sistema de escrita alfabética, as palavras de entrada nesses dicionários são organizadas em ordem alfabética. Em chinês, a título de exemplo, que usa um sistema de escrita ideográfica, de acordo com Li Ming (2006), as palavras são organizadas em grupos de acordo com os seus "radicais".

Em um dicionário monolíngue onomasiológico, o usuário quer chegar à forma linguística que melhor combina com as ideias que pretende expressar. Em um dicionário monolíngue convencional, o arranjo dos itens lexicais é alfabético, a localização de uma forma de palavra desconhecida pode impossiblitar a busca se a forma ortográfica do item léxico não for conhecida. Essa situação pode ser comum quando se trata de um usuário que quer acessar um item lexical em outro idioma que não seja o seu de origem. Vale ressaltar que, em nosso caso, a estrutura de acesso do dicionário monolíngue baseia-se na língua de origem do usuário e não em uma língua estrangeira; por isso, localizar a entrada desejada não deverá ser um problema como sugere, por exemplo, Hausmann & Wiegand (1989), ao se referirem às desvantagens de um dicionário monolíngue para usuários de línguas estrangeiras.

1.5.3 Dicionários semibilíngues

À medida que os dicionários se integram ao cotidiano, seu papel e seu funcionamento podem sofrer transformações. Atualmente, cada vez mais o uso do dicionário ocorre em ambientes variados. A mudança da mídia impressa para a eletrônica também pode afetar o que um dicionário é ou talvez como será utilizado. Com isso, mais recentemete surgiu outro tipo ou alternativa de dicionários monolíngues e bilíngues, o dicionário semibilíngue, que às vezes também é referido como o dicionário híbrido ou ainda multilíngue. Historicamente, o termo híbrido é o mais antigo, sendo também usado para denotar uma variedade de outros trabalhos de referência de tipo misto, como dicionários enciclopédicos.

Os dicionários semibilíngues de versão on-line também podem ser bidirecionais, fazendo com que o computador recupere todas as traduções, organize-as em ordem alfabética e forneça as suas traduções equivalentes. O termo bilíngue, ao mesmo tempo em que se refere ao uso de duas línguas para a explicação semântica, traz a sugestão extra de que o dicionário tenha sido produzido como uma adaptação de um trabalho monolíngue. Muitos lexicógrafos reconhecem que há vantagens no uso de dicionários semibilíngues para estudantes de língua estrangeira, isso devido à combinação de definições de idiomas estrangeiros terem seus equivalentes no idioma nativo.

Como os dicionários semibilíngues têm sido usados por um tempo relativamente curto, as circunstâncias e os aspectos de seu uso ainda não foram estudados na mesma proporção que os tipos de dicionários mais tradicionais.

De modo geral, uma tarefa importante dos dicionários é garantir a comunicação. Contudo, os dicionários também têm suas tarefas sociais que são versáteis, haja vista que são dirigidas ao tipo e ao nível de desenvolvimento da língua e às necessidades políticas e culturais de determinada comunidade. Para autores como Weinrich (1976), Hausmann (1984-1985) e Wiegand (1987), os dicionários têm dois propósitos: por um lado, como obras de referência de utilidade, eles têm que satisfazer certas necessidades pontuais de informação dos indivíduos; por outro lado, eles podem ser baseados em requisitos de documentação administrativa, nacional e política, como obras de referência de documentação, nesse sentido, as duas tarefas não podem ser separadas.

1.5.4 Tipos de dicionários: critérios relevantes para o planejamento de uma obra lexicográfica

É inegável que a classificação dos dicionários seja um dos aspectos muito importante da lexicografia, bem como a escolha de um dos seus tipos é um dos primeiros passos para a preparação de um dicionário, que desde a sua base, para o lexicógrafo, já venha a ter um significado prático e direto. Todo o trabalho de elaboração de dicionário, desde a etapa de planejamento até a preparação da cópia da imprensa, ou da implementação eletrônica, em suas diferentes etapas de coleta de materiais, seleção, configuração e organização das entradas, e seus significados é amplamente regido com base em como o dicionário é classificado. Como dissemos

anteriormente, a natureza da entrada lexical ao usuário em potencial do dicionário pode variar conforme os critérios utilizados para a sua elaboração. Com base no referencial teórico em que pesquisamos, selecionamos alguns critérios mais relevantes, que, de modo geral, são analisados e considerados pelos lexicógrafos:

a) Sobre as entradas, os itens lexicais:
   - Como serão: (i) gerais, de alguma área restrita, ou especiais? (ii) o que serão contemplados nesses itens lexicais: regionalismos, dialetos regionais e sociais, gírias, jargões, neologismos etc.?
   - A natureza das entradas serão apenas lexicais ou também enciclopédicas?
   - Qual o grau de concentração somente dos dados lexicais?
   - Qual será a disposição dos itens lexicais: alfabética ou semântica?

b) Quantas línguas serão envolvidas: monolíngue (dicionário com definições), bilíngue ou multilíngue (dicionário com traduções)?

c) Qual o critério cronológico do dicionário: diacrônico (ao longo do tempo) ou sincrônico (dado período)?

d) Qual será o objetivo: normativo (prescritivo) ou referencial (representativo)?

e) A quem se destina / usuário em potencial: ao usuário geral com intuito de descobrir informações linguísticas gerais ou aos usuários especiais que buscam alguns aspectos especiais da unidade lexical, como etimologia etc.?

Esses critérios geralmente são aplicados para a análise e para a classificação dos dicionários. No entanto, muitos lexicógrafos ou desconhecem ou desconsideram tais critérios. Isso é possivel perceber quando analisamos qualquer entrada de qualquer dicionário, geralmente descobrimos que muitas características de diferentes tipos de dicionários foram incluídas nele. Apresentamos a seguir dois tipos de dicionários, o dicionário geral e o dicionário especializado, os quais apresentam elementos específicos conforme os critérios supracitados.

1.5.4.1 Dicionário Geral

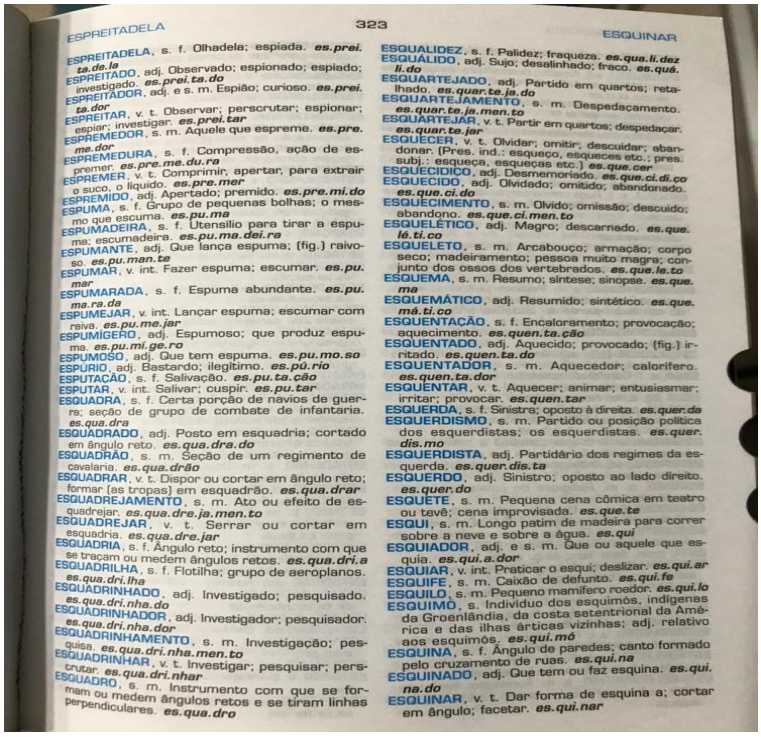
Como o próprio nome sugere, o dicionário geral abrange os itens lexicais de um idioma em sua totalidade, e por essa tentativa de representar todo o léxico, ele se aproxima de um dicionário ideal. Todavia, essa totalidade não quer dizer que as palavras de uma língua tenha sido registradas por completo, isto é, desde as palavras mais antigas até os neologismos mais recentes. De certo modo, isso nem seria possível, pois a lexicografia ainda não dá conta de acompanhar todo o dinamismo lexical, mas por outro lado, caracteriza a abrangência do componente léxico, sem privilegiar uma temática específica (KRIGER, 2006).

Quanto ao seu tamanho, não há um limitado, ou seja, um dicionário geral pode ter qualquer tamanho. Ele contém itens lexicais de todas as esferas das atividades humanas e de todas as áreas que envolvem a vida dos usuários da língua. Há dois tipos de dicionários gerais: (i) dicionário acadêmico ou normativo e o (ii) dicionário referencial ou descritivo geral. O dicionário normativo armazena e fornece itens lexicais variados do idioma padrão. De acordo com Martínez de Souza (1995), a função desse dicionário é registrar o léxico que se considera *estándar*, isto é, padrão. Tem como objetivo apresentar e fornecer, ao usuário, informações concernentes ao uso linguístico aceitável socialmente, além de significados e definições de modo que a língua seja apresentada e mantida. Por essa razão, uma das suas funções também é orientar os falantes quanto à aplicação da língua, levando em conta o uso adequado a certos contextos de produção. Isso porque o lexicógrafo organiza um dicionário desse tipo, já assumindo que o usuário não só espera nele informações relativas aos itens lexicais, que ele não entende precisamente quando lê (ou ouve) textos, mas que o usuário também verifique no dicionário alguns dados sobre o item que não compreendeu ou novas palavras que o próprio usuário gostaria de usar quando ele produz novos textos (ZGUSTA, 1971).

A seleção das entradas de um dicionário geral normativo é feita a partir das obras de escritores criativos, podendo ser anteriores e contemporâneas, da literatura, de ciências, dentre outros. Geralmente esses dicionários não contêm itens lexicais com variação local ou regional, as quais são incluídas somente quando usadas por determinados escritores e padronizadas no idioma. Do mesmo modo, ocorrem com itens lexicais em desuso. Outra característica é a inclusão abundante

de exemplos ilustrativos. Na Figura 2 , tem-se uma representação correspondente a um dicionário acadêmico / normativo da LP:

Figura 2: Imagem correspondente a um dicionário geral do tipo acadêmico ou normativo



ESPREITADELA 323 ESQUINAR

ESPREITADELA, s. f. Olhadela; espiada. *es.prei.ta.de.la*
ESPREITADO, adj. Observado; espionado; espiado; investigado. *es.prei.ta.do*
ESPREITADOR, adj. e s. m. Espião; curioso. *es.prei.ta.dor*
ESPREITAR, v. t. Observar; perscrutar; espionar; espiar; investigar. *es.prei.tar*
ESPREMEDOR, s. m. Aquele que espreme. *es.pre.me.dor*
ESPREMEDURA, s. f. Compressão, ação de espremer. *es.pre.me.du.ra*
ESPREMER, v. t. Comprimir, apertar, para extrair o suco, o líquido. *es.pre.mer*
ESPREMIDO, adj. Apertado; premido. *es.pre.mi.do*
ESPUMA, s. f. Grupo de pequenas bolhas; o mesmo que escuma. *es.pu.ma*
ESPUMADEIRA, s. f. Utensílio para tirar a espuma; escumadeira. *es.pu.ma.dei.ra*
ESPUMANTE, adj. Que lança espuma; (fig.) raivoso. *es.pu.man.te*
ESPUMAR, v. int. Fazer espuma; escumar. *es.pu.mar*
ESPUMARADA, s. f. Espuma abundante. *es.pu.ma.ra.da*
ESPUMEJAR, v. int. Lançar espuma; escumar com raiva. *es.pu.me.jar*
ESPUMÍGERO, adj. Espumoso; que produz espuma. *es.pu.mí.ge.ro*
ESPUMOSO, adj. Que tem espuma. *es.pu.mo.so*
ESPÚRIO, adj. Bastardo; ilegítimo. *es.pú.rio*
ESPUTAÇÃO, s. f. Salivação. *es.pu.ta.ção*
ESPUTAR, v. int. Salivar; cuspir. *es.pu.tar*
ESQUADRA, s. f. Certa porção de navios de guerra; seção de grupo de combate de infantaria. *es.qua.dra*
ESQUADRADO, adj. Posto em esquadria; cortado em ângulo reto. *es.qua.dra.do*
ESQUADRÃO, s. m. Seção de um regimento de cavalaria. *es.qua.drão*
ESQUADRAR, v. t. Dispor ou cortar em ângulo reto; formar (as tropas) em esquadrão. *es.qua.drar*
ESQUADREJAMENTO, s. m. Ato ou efeito de esquadrejar. *es.qua.dre.ja.men.to*
ESQUADREJAR, v. t. Serrar ou cortar em esquadria. *es.qua.dre.jar*
ESQUADRIA, s. f. Ângulo reto; instrumento com que se traçam ou medem ângulos retos. *es.qua.dri.a*
ESQUADRILHA, s. f. Flotilha; grupo de aeroplanos. *es.qua.dri.lha*
ESQUADRINHADO, adj. Investigado; pesquisado. *es.qua.dri.nha.do*
ESQUADRINHADOR, adj. Investigador; pesquisador. *es.qua.dri.nha.dor*
ESQUADRINHAMENTO, s. m. Investigação; pesquisa. *es.qua.dri.nha.men.to*
ESQUADRINHAR, v. t. Investigar; pesquisar; perscrutar. *es.qua.dri.nhar*
ESQUADRO, s. m. Instrumento com que se formam ou medem ângulos retos e se tiram linhas perpendiculares. *es.qua.dro*
ESQUALIDEZ, s. f. Palidez; fraqueza. *es.qua.li.dez*
ESQUÁLIDO, adj. Sujo; desalinhado; fraco. *es.quá.li.do*
ESQUARTEJADO, adj. Partido em quartos; retalhado. *es.quar.te.ja.do*
ESQUARTEJAMENTO, s. m. Despedaçamento. *es.quar.te.ja.men.to*
ESQUARTEJAR, v. t. Partir em quartos; despedaçar. *es.quar.te.jar*
ESQUECER, v. t. Olvidar; omitir; descuidar; abandonar; (Pres. ind.: esqueço, esqueces etc.; pres. subj.: esqueça, esqueças etc.) *es.que.cer*
ESQUECIDIÇO, adj. Desmemoriado. *es.que.ci.di.ço*
ESQUECIDO, adj. Olvidado; omitido; abandonado. *es.que.ci.do*
ESQUECIMENTO, s. m. Olvido; omissão; descuido; abandono. *es.que.ci.men.to*
ESQUELÉTICO, adj. Magro; descarnado. *es.que.lé.ti.co*
ESQUELETO, s. m. Arcabouço; armação; corpo seco; madeiramento; pessoa muito magra; conjunto dos ossos dos vertebrados. *es.que.le.to*
ESQUEMA, s. m. Resumo; síntese; sinopse. *es.que.ma*
ESQUEMÁTICO, adj. Resumido; sintético. *es.que.má.ti.co*
ESQUENTAÇÃO, s. f. Encaloramento; provocação; aquecimento. *es.quen.ta.ção*
ESQUENTADO, adj. Aquecido; provocado; (fig.) irritado. *es.quen.ta.do*
ESQUENTADOR, s. m. Aquecedor; calorífero. *es.quen.ta.dor*
ESQUENTAR, v. t. Aquecer; animar; entusiasmar; irritar; provocar. *es.quen.tar*
ESQUERDA, s. f. Sinistra; oposto à direita. *es.quer.da*
ESQUERDISMO, s. m. Partido ou posição política dos esquerdistas; os esquerdistas. *es.quer.dis.mo*
ESQUERDISTA, adj. Partidário dos regimes da esquerda. *es.quer.dis.ta*
ESQUERDO, adj. Sinistro; oposto ao lado direito. *es.quer.do*
ESQUETE, s. m. Pequena cena cômica em teatro ou tevê; cena improvisada. *es.que.te*
ESQUI, s. m. Longo patim de madeira para correr sobre a neve e sobre a água. *es.qui*
ESQUIADOR, adj. e s. m. Que ou aquele que esquia. *es.qui.a.dor*
ESQUIAR, v. int. Praticar o esqui; deslizar. *es.qui.ar*
ESQUIFE, s. m. Caixão de defunto. *es.qui.fe*
ESQUILO, s. m. Pequeno mamífero roedor. *es.qui.lo*
ESQUIMÓ, s. Indivíduo dos esquimós, indígenas da Groenlândia, da costa setentrional da América e das ilhas árticas vizinhas; adj. relativo aos esquimós. *es.qui.mó*
ESQUINA, s. f. Ângulo de paredes; canto formado pelo cruzamento de ruas. *es.qui.na*
ESQUINADO, adj. Que tem ou faz esquina. *es.qui.na.do*
ESQUINAR, v. t. Dar forma de esquina a; cortar em ângulo; facetar. *es.qui.nar*

Fonte: Silveira Bueno (2007, p. 323).

Conforme podemos observar na Figura 2, que a presenta o Minidicinário da Língua Portuguesa, dentre muitos outros aspectos, um dos critérios é a progressão alfabética: ***espa...; espra...; espu...; esqua....*** Também, na entrada, o item lexical é registrado com destaque em azul, com definições curtas e diretas; além da divisão silábica no final de cada verbete (item lexical) ser destacada em *itálico* e **negrito**. Nesse dicionário, estão inclusos cerca de 46.000 itens lexicais de várias áreas do conhecimento, como Anatomia, Artes, Ecologia, Economia, dentre outras. É um dos dicionários comercializados por gande parte dos estudantes brasileiros, talvez pela quantidade de verbetes e pelo custo mais acessível.

Dentre as obras lexicográficas de caráter normativo, estão: os dicionários acadêmicos, os dicionários escolares, dicionários de dúvidas e dificuldades, dicionários de pronúncia, dicionários ortográficos dicionários de normas. Já o dicionário geral referencial ou descritivo, não tem nenhum objetivo normativo, mas sim retratar a realidade linguística. O estoque de itens lexicais desse tipo de

dicionário é selecionado entre diferentes grupos de fala heterogêneos. Geralmente, o corpus inclui não apenas textos literários, mas também a literatura oral, variações regionais, sociais e estilísticas. Ou seja, um dicionário referencial fornece uma explicação completa das várias convenções, usos simbólicos, pronúncia, gramática, significado, etimologia e ilustrações. Portanto, um dicionário de referência não pode ser tão homogêneo quanto o descritivo padrão; também pode acontecer de um item lexical não cumprir com sua tarefa descritiva tão perfeita como os lexicógrafos gostariam, isso porque as esferas individuais da linguagem às quais um item lexical pertence não são suficientemente discernidas. Porém, mesmo que ocorram erros ao projetar toda a densidade que compõem os itens lexicais, esses dicionários, de certo modo, cumprem sua tarefa informativa e contribuem de forma positiva com o usuário.

1.5.4.2 Dicionário Especializado

Embora seja consenso que a definir um item lexical é desafiador, visto que, em muitos casos, nem sempre se chega a uma noção ou definição, esse processo não pode ser evitado na prática do lexicógrafo. Como vimos anteriormente, os dicionários gerais, tanto os de cunho normativo quanto os descritivos, apesar da sua amplitude dos registros lexicais, não dão conta de todas áreas e especialidades de uma língua. Por exemplo, o *Oxford English Dictionary* tenta apresentar em seus significados contemporâneos todas as palavras em inglês desde o primeiro uso registrado. Atualmente, esse dicionário é composto por vinte volumes e 22.000 páginas.

Além disso, como destacado anteriormente, alguns dos critérios são decididos pelo lexicógrafo, tais como quem será o usuário em potencial e como esse dicionário será (geral, restrito, especializado). Além dos dicionários padrão, muitos dicionários especializados estão disponíveis. O conteúdo de um dicionário especializado, por sua vez, fornece definições para os principais termos técnicos de uma disciplina ou profissão. Alguns exemplos são: Dicionários da área médica e suas especialidades, Dicionário Técnico e Químico, Manual Técnico de Balé Clássico, Dicionário Técnico da Indústria de Calçados, Português-Inglês, Dicionário Técnico de Processamento de Dados, Computadores, Máquinas de Escritório em diversas línguas, dentre tantos outros. Termos técnicos são usados em todas as disciplinas, e a contribuição dos

dicionários especializados para que o usuário possa aprender a reconhecer definições técnicas e lembrar-se de seus significados é indispensável. Dicionários especializados podem ajudar o usuário a entender materiais de vários cursos, além de léxicos específicos, e muitas bibliotecas universitárias geralmente oferecem acesso a edições on-line.

Os dicionários geralmente contêm palavras não encontradas no idioma padrão, ou seja, palavras que são variações da forma padrão ou palavras cujos significados são restritos a uma área ou a um grupo social específico.

Há algumas dicas e indícios de quando o usuário deve verificar um dicionário especializado. Vamos resumir algumas delas com base no que dizem Rainbolt & Dwyer (2012). De acordo com os autores, se o usuário não entende uma palavra, seu primeiro passo deve ser procurá-la em um dicionário padrão. No entanto, muitos termos técnicos geralmente não estão nesses dicionários. Desse modo, os autores nos fornecem duas dicas principais sobre quando devemos recorrer a um dicionário dessa categoria:

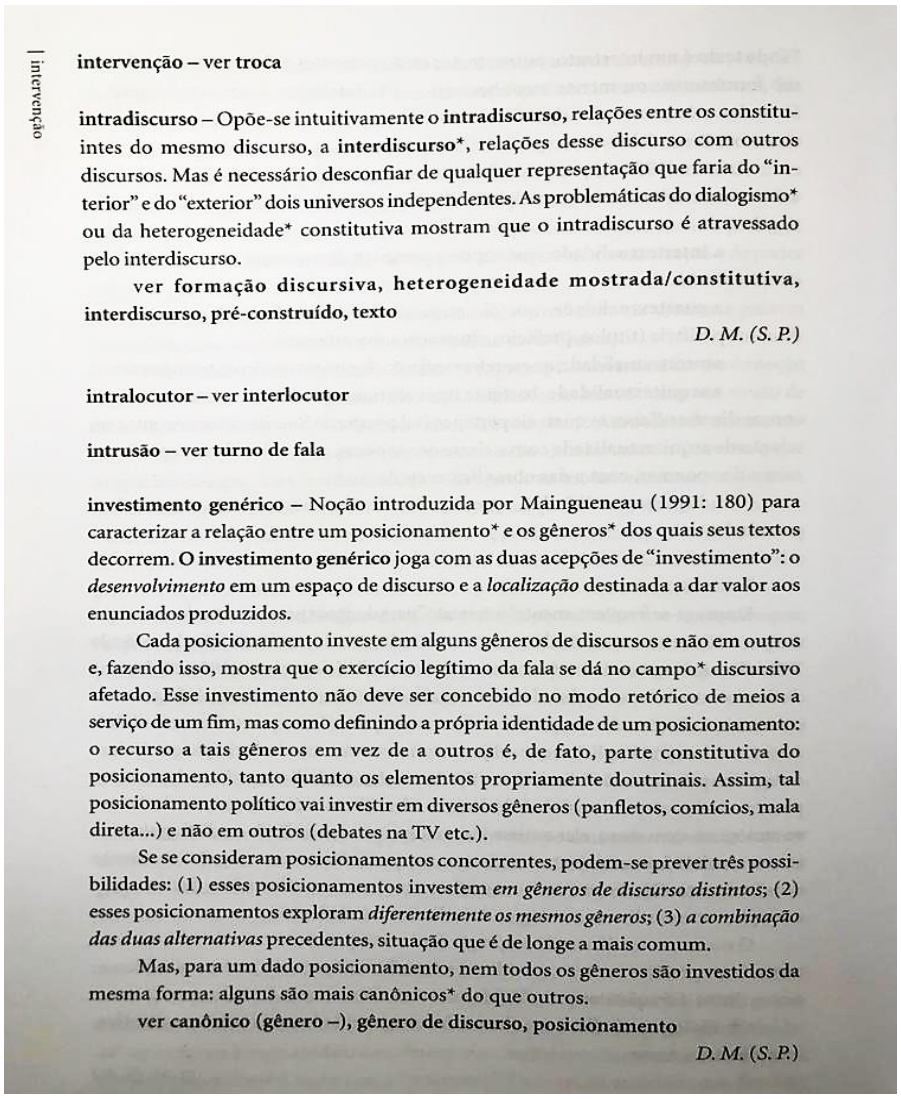
Figura 3: Quando recorrer a um dicionário especializado

Fonte: Elaborada pela autora com base nos argumentos de Rainbolt & Dwyer (2012, p. 122-128).

Há um número variadíssimo de dicionários especializados; escolhemos dois tipos desses dicionários para exemplificar: um corresponde ao *Dicionário de Análise do Discurso* (2008) e outro é o *Dicionário de Linguística da Língua de Sinais Francesa*[14] (2015-2016), conforme visualizamos nas a seguir:

[14] Dictionnaire de Linguistique em Langue des Signes Française. Année Universitaire (2015-2016).

Figura 4: Exemplo de um dicionário especializado de Análise do Discurso



| intervenção

intervenção – ver troca

intradiscurso – Opõe-se intuitivamente o **intradiscurso,** relações entre os constituintes do mesmo discurso, a **interdiscurso***, relações desse discurso com outros discursos. Mas é necessário desconfiar de qualquer representação que faria do "interior" e do "exterior" dois universos independentes. As problemáticas do dialogismo* ou da heterogeneidade* constitutiva mostram que o intradiscurso é atravessado pelo interdiscurso.

ver **formação discursiva, heterogeneidade mostrada/constitutiva, interdiscurso, pré-construído, texto**

D. M. (S. P.)

intralocutor – ver interlocutor

intrusão – ver turno de fala

investimento genérico – Noção introduzida por Maingueneau (1991: 180) para caracterizar a relação entre um posicionamento* e os gêneros* dos quais seus textos decorrem. **O investimento genérico** joga com as duas acepções de "investimento": o *desenvolvimento* em um espaço de discurso e a *localização* destinada a dar valor aos enunciados produzidos.

Cada posicionamento investe em alguns gêneros de discursos e não em outros e, fazendo isso, mostra que o exercício legítimo da fala se dá no campo* discursivo afetado. Esse investimento não deve ser concebido no modo retórico de meios a serviço de um fim, mas como definindo a própria identidade de um posicionamento: o recurso a tais gêneros em vez de a outros é, de fato, parte constitutiva do posicionamento, tanto quanto os elementos propriamente doutrinais. Assim, tal posicionamento político vai investir em diversos gêneros (panfletos, comícios, mala direta...) e não em outros (debates na TV etc.).

Se se consideram posicionamentos concorrentes, podem-se prever três possibilidades: (1) esses posicionamentos investem *em gêneros de discurso distintos*; (2) esses posicionamentos exploram *diferentemente os mesmos gêneros*; (3) *a combinação das duas alternativas* precedentes, situação que é de longe a mais comum.

Mas, para um dado posicionamento, nem todos os gêneros são investidos da mesma forma: alguns são mais canônicos* do que outros.

ver **canônico (gênero –), gênero de discurso, posicionamento**

D. M. (S. P.)

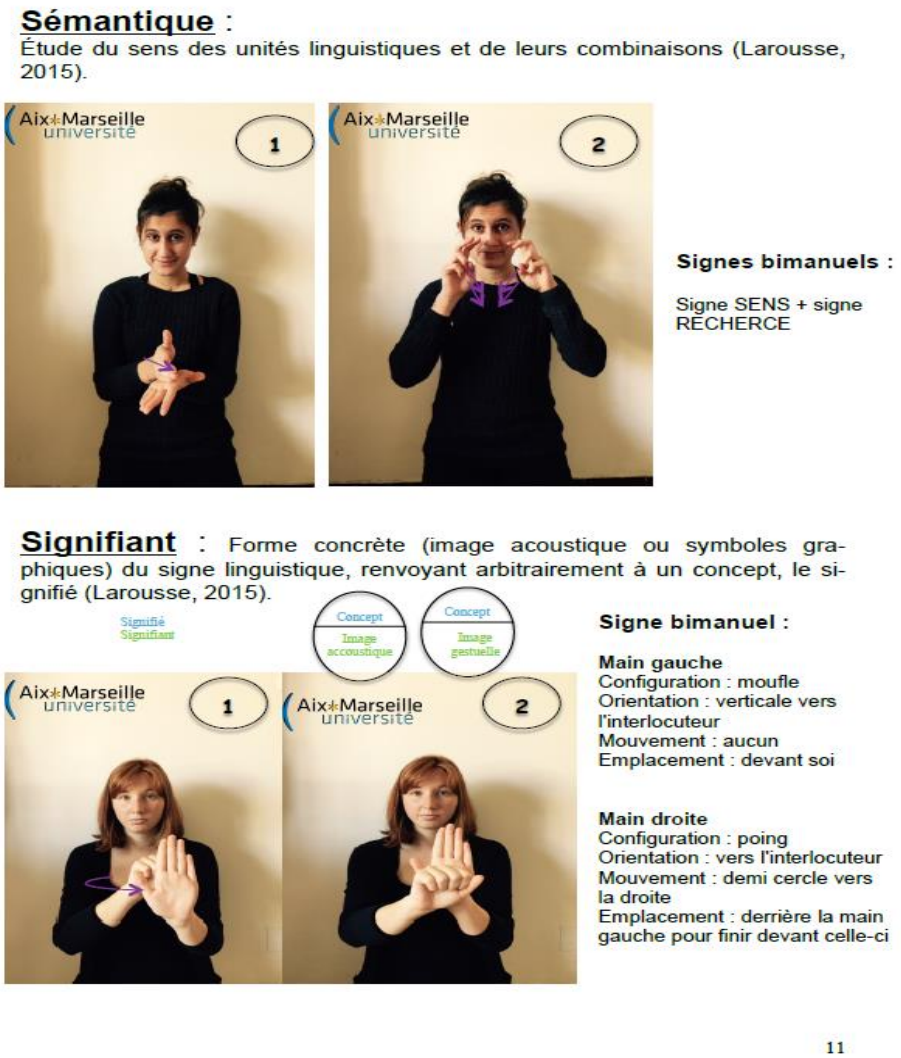
Fonte: Dicionário de Análise do Discurso, Charadeau e Mainguenau (2008, p. 290).

A organização do Dicionário de Análise do Discurso é bastante distinta, se comparada aos dicionários que estamos acostumados a manusear. Trata-se de dicionário monolíngue destinado a pesquisadores, a estudantes e aos que trabalham com as produções verbais sob uma perspectiva de análise do discurso. É uma obra com mais de 400 entradas, organizada pela ordem alfabética da LP, e conta com várias remissões internas no decorrer das entradas, por exemplo, **intralocutor –** ver **interlocutor.** Foi traduzida para o português por uma equipe de tradutores, da obra original *Dictionnaire d'analyse du discours.* Ao analisarmos, muito superficialmente, notamos que há muitos itens lexicais que são indexados nessa obra que também constam em dicionários padrão, como: *figura* (CHARADEAU; MAINGUENAU, 2008, p.

237), que, em análise do discurso, mais especificamente na retórica, apresenta uma definição bastante distinta e peculiar em relação às definições dos dicionários padrão. Isso confirma que cada vez mais as especialidades e as especificidades das disciplinas, além do que tornar dicionários padrão e especializados como parte das pesquisas, poderão não somente ampliar, mas também aprofundar as habilidades intelectuais.

Outra obra lexicográfica especializada, também da área de linguística, é o *Dicionário de Linguística da Língua de Sinais Francesa*, conforme verificamos na figura a seguir:

Figura 5: Exemplo de dicionário especializado da LSF



Fonte: Dictionnaire de Linguistique em Langue des Signes Française, Laplane e Seguin (2015-2016, p. 11).

Esse dicionário impresso semibilíngue especializado da LSF apresenta o item lexical composto por um sinal da LSF, os sentidos são equivalentes aos termos técnicos relativos à linguística e escritos em francês. Além disso, essa obra revela os avanços que vêm acontecendo no campo da lexicografia das línguas de sinais. Até há pouco tempo, o léxico voltado à linguística era completamente desconhecido pelas pessoas surdas, não apenas na França, mas em praticamente em todos os continentes. Ao longo do tempo, na medida em que os surdos conquistaram seus direitos linguísticos, passaram também a frequentar diferentes espaços educacionais, sociais e conquistaram, por direito, a formação em diferentes áreas do conhecimento. Com esses avanços, da mesma forma, o léxico das línguas de sinais expandiu, surgindo a necessidade do registro lexicográfico desses novos itens lexicais nas diferentes línguas de sinais. No Brasil, essa ampliação do léxico também vem acontecendo e, com isso, muitos glossários e sinalários[15] especializados estão sendo criados. A maioria deles está em formato eletrônico com acesso on-line ou para ser baixado como aplicativos em *smartphones* e *tablets*. Contudo, podemos perceber que o leque de possibilidades e finalidades que os dicionários revelam para seus usuários depende sobremaneira do trabalho do lexicógrafo, pois uma grande parte das suas decisões é de cunho linguístico. Diante de uma temática tão vasta que envolve os dicionários de um modo geral, o que apresentamos aqui, vale dizer que, é apenas uma pequena parcela de uma complexa atividade relacionada às reflexões sobre a prática lexicográfica.

Feita essa explanação sobre os diferentes tipos de dicionários, no capítulo 2, a seguir, discorremos sobre as línguas de sinais. Contudo, antes de seguirmos, chamamos a atenção para alguns termos que, apesar de serem apresentados de modo explicativo ao longo do texto, serão utilizados, de agora em diante, no decorrer desta tese. São eles:

a) **Querologia** – termo denominado por Stokoe (1960) para referir-se aos elementos do nível linguístico (fonológico, morfológico e sintático) que são

[15] O Sinalário Disciplinar de Libras é uma ferramenta de apoio que a Secretaria Estadual de Educação do Paraná - SEED-PR criou com a finalidade de contribuir com alunos e profissionais (intérpretes) que trabalham com estudantes surdos. O aplicativo conta com aproximadamente 300 vídeos, com sinais em Libras, de diversos termos encontrados nas 13 disciplinas que compõem o currículo do Ensino Fundamental e do Ensino Médio. Maiores informações disponíveis em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=1511.

inerentes às línguas de sinais. A sua função seria similar à realizada pelo sistema fonológico das línguas orais, logo, querologia = fonologia;

b) **Queremas** - termo denominado por Stokoe (1960) para referir-se às unidades mínimas que compõem um sinal, isto é, a unidade elementar visual das línguas sinalizadas, equivalente aos fonemas das línguas orais; assim, queremas = fonemas;

c) **Parâmetros** – é um conjunto composto por cinco unidades menores formativos da Libras: (i) configuração da mão; (ii) locação; (iii) movimento; (iv) orientação da mão; e (v) expressões não manuais;

d) **Configuração da mão (CM)** – forma que a mão assume para a realização de um sinal;

e) **Locação (L)** – lugar onde o sinal é realizado. O local é definido no corpo ou no espaço neutro (no espaço a frente do corpo);

f) **Movimento (M)** – refere-se ao modo como as mãos se movimentam (retilíneo, circular, semicircular, angular, helicoidal, tremular, simultâneo ou alternado) e para onde as mãos estão se movimentando (diferentes direções), deslocando-se em um determinado ponto no espaço neutro, ou em algum ponto específico do corpo de quem realiza o sinal (o sinalizante);

g) **Orientação da mão (OR)** – corresponde à direção da palma da mão ou da configuração da mão, no momento em que o sinal será realizado;

h) **Expressões Não Manuais (ENM)** – envolvem os movimentos da boca, olhos, face, cabeça ou tronco durante a realização de um sinal. As ENMs são divididas em afetivas (função de expressar emoções) e gramaticais (função de diferenciar significados e sentenças em nível fonológico, morfológico ou sintático);

i) **Ponto de Contato (PC)** – local específico de uma das áreas de locação onde a mão configurada poderá tocar. Nesta tese, o PC será indicado por um ponto preto;

j) **Sinais** – correspondem a um conjunto de palavras produzidas e percebidas de modo visual, gestual e espacial;

k) **Mão passiva ou mão base** – é um tipo de configuração de mão que não se move, e a mão ativa se apoiará quando da realização dos seus movimentos;

l) **Mão ativa** – mão que realiza algum tipo de movimento para a realização do sinal.

2 LÍNGUAS DE SINAIS: O *STATUS* LINGUÍSTICO E OS AVANÇOS NO CAMPO DA LEXICOGRAFIA

Por muito tempo, as línguas de sinais foram chamadas de línguas gestuais ou línguas naturais dos sinais. Em virtude de vários eventos históricos influenciados pelo contexto social, político e cultural, as línguas de sinais de modo geral, e em particular a Libras, cuja origem foi a Língua de Sinais Francesa (LSF), vêm passando por várias transformações. Uma das principais mudanças que a Libras vem atravessando é o processo de transformação de língua natural para língua histórica. Sobre essa transformação, os estudos de Supalla & Clark (2015), na ASL, e de Seide (2016), em Libras, reúnem evidências e resultados desse processo. Esses estudos, portanto, corroboraram para a nossa decisão em assumirmos, nesta tese, a Libras como língua histórica. Seide (2016), em sua reflexiva pesquisa sobre a transição da Libras de língua natural para língua histórica, compreende que:

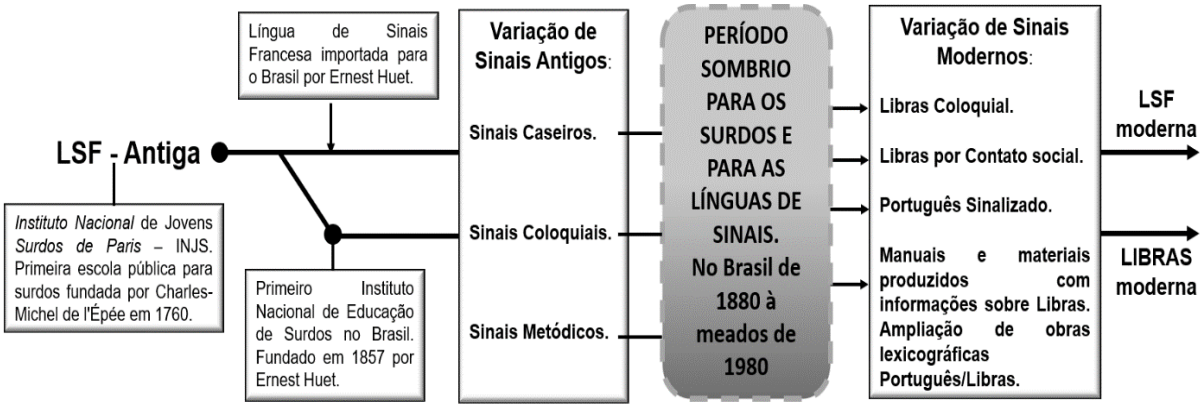
> A língua histórica não é uma descrição objetiva da língua, mas sim uma concepção de língua como um bem simbólico forjado, resultado de ações deliberadas de natureza política, estética e artística pelas quais houve a criação e colocação em prática de um ideal linguístico. (SEIDE, 2016, p. 49).

Os ideiais linguísticos dos surdos, como veremos no decorrer desta seção, vêm de longa data, e ao conquistarem o direito de usar o seu meio natural de comunicação, ainda vêm a conquistar a sua língua em toda a sua completude e diferença linguística. Por exemplo, os vocabulários e a estrutura gramatical das Línguas de Sinais Brasileira (Libras), Americana (ASL), Alemã (DGS), Dinamarquesa (DTS), Neozelandesa (NZSL) diferem entre si, e assim sucessivamente entre outras línguas de sinais cujo número existente é desconhecido.

Com relação à Libras, apresentaremos, , mesmo que brevemente, o seu desenvolvimento a partir das raízes na língua de sinais francesa. De acordo com a maioria dos relatos históricos, as raízes da Libras começam por volta de 1855 quando o professor Conde Ernest Huet e sua esposa mudaram-se da França para a Corte de Portugal, no Brasil, mais precisamente no Rio de Janeiro, efetivando-se em 1857 com o estabelecimento do primeiro Instituto Nacional de Educação de Surdos (o atual INES). Sob um sistema de ensino baseado em metodologias para a

educação de surdos que era adotada na Europa, sobretudo na França, juntamente com demais professores e alunos do próprio Instituto, posteriormente,se envolveram em discussões pedagógicas e na criação de materiais, que, dentre outros, incluíam descrições de sinais para os colegas usarem. Assim, com base em uma tradicional *timeline* sobre o desenvolvimento e variações da ASL por Supalla & Clark (2015), organizamos uma linha do tempo para representar o desenvolvimento e algumas variações da Libras historicamente produzidas, conforme o esquema a seguir:

Figura 6: Desenvolvimento e variações da Libras ao longo do tempo



Fonte: Elaborada pela autora com base em Supalla & Clark (2015, p. 2-20).

Apesar de não nos aprofundarmos nesse estudo, nesse esquema é possível observar que, assim como aconteceu com outras línguas de sinais, a exemplo da LSF, a Libras também sofreu variações e mudanças ao longo do tempo. Embora durante o período sombrio, a partir do Congresso de Milão em 1880, em que o uso das línguas de sinais foram proibidas no mundo todo, muitas nuanças, em especial da Libras, foram difíceis de capturar, já que em alguns casos muitas literaturas também foram perdidas.

No entanto, os primeiros trabalhos sobre línguas gestuais usadas entre os surdos foram desenvolvidos na França e merecem destaque. Especialmente Bébian[16] (1817), professor de uma escola de surdos e não adepto ao método misto

[16] Sobre Roch-Ambroise Auguste Bébian, segue uma breve biografia. Nasceu em Pointe-a-Pitre, na colônia francesa de Guadaloupe, e para ser educado em Paris, seus pais o colocaram sob tutela do abade Sicard, que era amigo da família. Durante algum tempo, Bébian residiu com o Abade Sicard no Instituto Nacional para Surdos, o atual Instituto Nacional de Jovens Surdos de Paris – INJS, fundado pelo Abade L'Epèe em 1760. Paralelamente, Bébian frequentava a Lycée Charlemagne, uma escola secundária de audição, lá fez amizade com os alunos surdos e aprendeu a língua de sinais. Após se formar no Lycée, tornou-se instrutor no Instituto, e tentou reformá-lo defendendo a restauração da

e/ou sinais metódicos proposto pelo Abade L´Epée (que consistia em tornar a língua de sinais usada pelos surdos franceses mais semelhante em morfologia e sintaxe ao francês falado e escrito, ou seja, transformar a língua de sinais francesa (LSF) em francês sinalizado), estabeleceu as bases para o desenvolvimento de pesquisas acadêmicas sobre línguas de sinais de comunidades surdas no século XX. Para Bébian (1817), a língua é uma questão de natureza essencialmente mental de alto nível que nada tem a ver com "o poder mecânico da fala" (BÉBIAN, 1817, p. 13). Nessa perspectiva, ele defendeu fortemente a língua de sinais como língua natural dos surdos. Felipe (2014) reitera que o francês também foi pioneiro na proposição de uma educação bilíngue, ao propor que a língua de sinais dos alunos surdos devesse ser ensinada e aprendida também pelos alunos e professores; ademais, propôs que a LSF se tornasse a língua de instrução da escola.

Apesar do importante e sério trabalho desenvolvido na Europa, foram as pesquisas do americano William Stokoe[17](1960), conhecedor dos trabalhos de Bébian, que chamaram a atenção dos estudiosos da ASL, não apenas em Linguística, mas também em inúmeros outros campos. De fato, Tom Humphries (2008) argumenta que os trabalhos de linguistas de sinais foram fundamentais, fazendo com que muitas pessoas surdas nos Estados Unidos e na Europa e, posteriormente, em todo o mundo, compreendessem que as suas línguas não eram uma forma de comunicação inferior às línguas orais, mas sim passaram a entendê-las como idiomas genuínos.

Em se tratando do *status* linguístico das línguas de sinais, vamos considerar os três principais marcos iniciais de Stokoe (1960), Stokoe, Casterline e Croneberg (1965). Como já mencionado anteriormente, a tentativa de registrar as línguas de sinais vem de longa data, assim como as pesquisas de descrição linguística de

---

língua gestual como meio natural de comunicação entre os surdos, e assim queria propor a língua gestual como método de instrução, opondo-se à linguagem gestual "metódica" e o movimento gradual em direção ao oralismo. Teve um curto trabalho no Instituto, pois logo foi demitido, porém mesmo fora continuou sua campanha que defendia o uso de sinais naturais e por maior representação e responsabilidades dos surdos no corpo docente e na administração. Sob essa perspectiva, em 1826 estabeleceu uma escola particular concorrente em Paris, e depois aceitou o cargo de diretor de uma escola em Rouen em 1834. Os problemas o forçaram a abandonar esse cargo; ele voltou para Guadaloupe em 1836, onde veio a falecer três anos depois, nesse período também fundou mais uma escola para surdos lá. Sua obra Essai sur les Sourds-Muets et sur Language Naturel (1817) aparece em uma tradução moderna para o inglês, Essay on the Surdos and Natural Language, em The Deaf Experience: Classics in Language and Education (1984). (OVIEDO, 2009, p.127-160).

[17] Conforme relata Oliver Sacks (1998), “William C. Stokoe, um jovem medievalista e linguista, no final de 1950, encontrou seu caminho para o Gallaudet College. Stokoe pensava ter ido ensinar Chaucer (poesia medieval inglesa) aos surdos, mas logo se deu conta de que havia caído, por sorte ou por acaso, num dos meios linguísticos mais extraordinários do mundo” (SACKS, 1998, p. 88).

línguas de sinais[18]. O primeiro feito de Stokoe se dá com seu olhar afinado sobre a ASL, sendo o primeiro linguista a legitimá-la como uma língua autêntica, e, a partir disso, o seu segundo legado foi criar um sistema para descrever a produção dos sinais, conforme destacam Valli &Lucas (2000):

> In 1960, Stokoe proposed that signs have three parts (parameters) that combine simultaneously. The three parts are the location of the sign, which he called the *tabula* or *tab*; the handshape, which the *designator* or *dez*; and the movement, which the called *signation* or *sig*. Palm orientation and nonmanual signals were dealt with indirectly in the Stokoe system.[19] (VALLI; LUCAS, 2000, p. 26).

Desde então, as línguas de sinais consideraram os parâmetros querológicos propostos por Stokoe como as unidades mínimas que constituem um sinal. Essas unidades, em comparação às línguas orais, correspondem aos fonemas, por isso, são chamadas por Stokoe (1960) de queremas: Configurações de Mãos – CM - (forma que a mão assume para a realização de um sinal), Movimentos – M - (mãos e corpo), Pontos de Articulação ou Locação – PA ou L - (lugar onde o sinal é realizado no corpo ou no espaço). Outros dois parâmetros querológicos, a Orientação da palma da mão (OR) e as Expressões Não Manuais – ENM - (afetivas e gramaticais), foram tratados indiretamente no sistema de Stokoe e aprofundados por Edward Klima e Ursula Bellugi no final de 1970. A combinação desses cinco parâmetros é considerada a base necessária para a estruturação e para a organização de um item lexical nas línguas de sinais. Esses estudos linguísticos realizados por Stokoe, desde então, se concentraram na área da fonologia, e mais especificamente nas unidades formadoras de um sinal foram apresentados por ele como fonemas. Fundamentado e convecido pela produção linguística gestual da ASL, a partir da composição do sinal realizado principalmente pelas mãos e a modalidade gestual,

---

[18] Bébian (1825) foi o primeiro pesquisador a apresentar, a partir da LSF, que os sinais poderiam ser decompostos em unidades sublexais; seus estudos foram publicados em duas importantes obras que serviram de base para estudos posteriores, inclusive aos estudos linguísticos desenvolvidos por Stokoe na década de 1960. William C. Stokoe criou um sistema para descrever os sinais, o qual, conforme as análises de McBurney e Stokoe (2001), apresenta algumas similaridades com o sistema de notação (*mimographie*) descrito por Bébian em 1825.

[19] Na década de 1960, Stokoe sugeriu que os sinais poderiam ser analisados da mesma maneira como as unidades das línguas orais eram analisadas. Ele propôs que os sinais teriam três partes (os parâmetros) que se combinam simultaneamente. As três partes são a localização do sinal, que ele chamou de *tabula* ou *tab*; a configuarção da mão ele chamou de *designador* ou *dez*; e o movimento ele chamou de *signation* ou *sig*. Orientação da palma da mão e sinais Não-Manuais foram tratadas indiretamente no sistema Stokoe. (VALLI; LUCAS, 2000, p. 26, tradução nossa).

visual e espacial, envolvidas na produção e na percepção dos sinais, como dito anteriormente, o linguísta também propôs uma nova terminologia para a fonologia das línguas de sinais: querologia em vez de fonologia e queremas no lugar de fonemas. Compartilhamos da mesma percepção de Stokoe quanto ao uso dos termos querologia e queremas, por isso, neste trabalho, esses termos serão utilizados.

Em 1960, Stokoe nos brindou com a publicação *Sign Language Structure*, obra inaugural que mudou a concepção linguística das línguas de sinais. Apesar de existirem diferenças entre as línguas de sinais, os postulados de Stokoe sobre a querologia (fonologia) nos mostram que, apesar de existir centenas de línguas de sinais no mundo, há muitos pontos em comum entre elas. Um dos motivos para esse fator de semelhança querológica pode ser o fato de que as línguas de sinais ainda são jovens quando comparadas às línguas orais. Por isso, a maioria das línguas de sinais ainda segue os estágios iniciais dos estudos querológicos, e em alguns casos os seus estudos estão fundamentados na fonética e fonologia das línguas orais, e não na modalidade visual, gestual e espacial, propriamente ditas.

O terceiro marco aconteceu em 1965, quando, juntamente com os colegas surdos Dorothy Casterline e Carl Croneberg, Stokoe publicou *A dictionary of american sign language on linguistic principles*. Conforme relata Sacks (1998), “Stokoe convenceu-se de que os sinais não eram figuras, e sim complexos símbolos abstratos com uma estrutura interna complexa. Foi então, o primeiro a buscar uma estrutura, analisar os sinais, dissecá-los, procurar as partes constituintes” (SACKS, 1998, p. 89). Esse dicionário não organizava os sinais por temas (por exemplo, sinais relativos a alimentos, a animais, a frutas, entre outros), mas de modo sistemático, de acordo com as partes, a organização e os princípios da língua. Essa importante obra, além de revelar a estrutura léxica da língua, mostra o inter-relacionamento linguístico de três mil “palavras” básicas expressas por sinais. Assim sendo, antes de 1960, as línguas de sinais eram consideradas uma coleção de gestos muito inferior quando comparadas às línguas orais.

Esses foram os principais marcos para a consolidação das pesquisas científicas das línguas de sinais, além de sistematizar e tornar a ASL uma língua reconhecida nos Estados Unidos da Améria (EUA) e posteriormente em muitos outros países. Nos EUA, o ensino da ASL teve sua expansão em 1980 e atualmente

está cada vez mais popular. Wilcox (2017) disponibilizou uma lista[20] com 185 faculdades e universidades que aceitam a ASL como língua estrangeira em cumprimento de exigências da graduação. Ainda de acordo com Wilcox (2017), o tipo de aceitação como língua estrangeira pode variar conforme as políticas formais de cada instituição. De acordo com o autor,

> The type of acceptance can vary greatly from school to school. Some institutions have formal policies accepting ASL in fulfillment of the foreign language requirement. Others accept ASL only within certain colleges, divisions, or departments. Still others may accept ASL on an ad hoc basis for certain majors.[21] (WILCOX, 2017, n.p.).

Contudo, normalmente nos EUA, individualmente, alguns estados reconhecem a ASL como uma “língua estrangeira”, sendo aceita por um número considerável de universidades norte-americanas como crédito para cumprir os requisitos de língua estrageira. Além disso, outras pessoas reconhecem-na como língua de instrução nas escolas. No site "*Info-to-Go*", do Centro de Educação Nacional Laurent Clerc, pode ser encontrada uma lista de estados dos EUA que reconheceram ASL como língua estrangeira para fins de créditos acadêmicos.

Com o fortalecimento linguístico das línguas de sinais associado aos movimentos dos surdos, no fim do século XX e início do século XXI, o reconhecimento das línguas de sinais, por meio de leis, se expandiu em todo mundo. Não é nosso escopo aprofundar os estudos sobre a legislação das línguas de sinais, mas sim mostrar o seu reconhecimento, por isso, destacamos, na sequência, apenas alguns casos de jurisprudência ocorridos em alguns países.

Em 17 de junho de 1988, o Parlamento Europeu aprovou a primeira resolução sobre as línguas de sinais para os surdos europeus (TIMMERMANS, 2005). Essa resolução recomendava a todos os países membros da União Européia que apresentassem uma proposta ao Conselho sobre o reconhecimento da língua de sinais usada por deficientes auditivos em cada Estado-Membro. Em Portugal, a Língua Gestual Portuguesa (LGP) “foi reconhecida enquanto língua da comunidade surda portuguesa pela Constituição da República em 1997, a 15 de novembro, data em que se assinala anualmente o Dia Nacional da Língua Gestual Portuguesa”

[20] Disponível em: http://www.unm.edu/~wilcox/UNM/univlist.html. Acesso em: 18 ago. 2019.
[21] Em alguns casos, a ASL é aceita apenas dentro de certas faculdades, divisões ou departamentos e outros podem aceitá-la numa base *ad hoc* para determinados cursos. (WILCOX, 2017, n.p., tradução nossa).

(DIÁRIO DA REPÚBLICA, 2017, n.p.). A Língua de Sinais Britânica (BSL) foi reconhecida na Escócia em 17 de setembro de 2015; esse evento significou uma nova era na campanha da comunidade surda para o reconhecimento legal da BSL em todo o Reino Unido.

Assim como em outros países, a Língua de Sinais Australiana (AUSLAN) também foi reconhecida pelo governo australiano em declarações políticas entre 1987 e 1991 como uma "língua comunitária diferente do Inglês", sendo o idioma prefencial da comunidade surda australiana[22]. Da mesma forma, o governo da Nova Zelândia, em 10 de abril de 2006[23], reconheceu e declarou como língua oficial do país a *New Zealand Sign Language* (NZSL).

No Brasil, o reconhecimento da Libras aconteceu em 24 de abril de 2002, por meio da Lei 10.436/02[24], que foi regulamentada pelo Decreto 5.626/05[25]. Esse evento ocorreu depois de estar, desde 1993, como projeto a partir do documento “As comunidades surdas reivindicam os seus direitos linguísticos” (FENEIS, 1993), cuja elaboração foi coordenada pela linguista Tanya Amara Felipe sob a defesa de que as línguas de sinais são línguas naturais, completas e equivalentes do ponto de vista gramatical às línguas orais. Além disso, tal reconhecimento se deu devido ao fato do Ministério da Educação e da Secretaria Educação Especial (MEC-SEESP)[26] terem elaborado, juntamente com a Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (FENEIS), Programas Nacionais para capacitação de Instrutores de Libras e cursos básico de Libras para professores de todas as redes estaduais de educação do Brasil[27]. Concomitante a esse período, foi publicado em 2001 o primeiro dicionário impresso, o *Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue Língua de Sinais Brasileira LIBRAS* (CAPOVILLA; RAPHAEL, 2001); também, uma equipe

---

[22]Auslan policy, las t update: August, 2010, p. 2. Disponível em: http://deafaustralia.org.au/wp-content/uploads/Auslan_Policy_2010.pdf. Acesso em: 10 ago. 2016.

[23]Lei disponível na íntegra em: http://www.legislation.govt.nz/act/public/2006/0018/latest/whole.html. Acesso em: 21 jul. 2016.

[24]Lei que reconhece a Libras como Língua oficial no Brasil. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2002/L10436.htm. Acesso em: 25 maio 2016.

[25]Decreto que Regulamenta a Lei 10.436/02. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm. Acesso em: 25 maio 2016.

[26] A Secretaria Educação Especial – SEESP –, que era responsável pela implementação de Políticas Nacionais para as áreas da Educação Especial, foi extinta em 2011 pelo decreto presidencial n. 7.480, de 16 de maio, e desde então seus programas e ações estão vinculados à Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (SECADI).

[27] A partir do Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos (2001 – 2004) e, no período de 2005-2008 –, o Programa Nacional Interiorizando a Libras – MEC-SEESP-FNDE – FENEIS, em parceria com todas as Secretarias de Estado da Educação – SEDUC.

especializada coordenada por Felipe (2001) desenvolveu a organização do *Dicionário Digital Bilíngue da Libras,* que foi implementado e disponibilizado gratuitamente para consulta em 2005 (em DVD e na internet).

Apesar dos exemplos supracitados, há muitos países e estados que ainda seguem sem reconhecer a língua de sinais utilizada como meio de comunicação dos seus cidadãos surdos; em alguns casos, isso ocorre devido à falta de registro lexical ou dicionarização da língua em questão. Como exemplo, podemos citar a Itália, que, apesar de fazer parte da União Europeia, não tem a Língua de Sinais Italiana (LIS) reconhecida como língua em grande parte todo seu território. Por isso, com o propósito de ampliar o seu reconhecimento, um grupo de pesquisadores da *European Academy of Bolzano,* a partir de um projeto de pesquisa iniciado em 2004, que ainda se encontra em andamento, está empenhado e preocupado com a primeira tentativa de criar um dicionário bilíngue de referência em LIS. Nesse sentido, Vettori, Sreiter e Knapp (2004) chamam a atenção para a importância do trabalho lexicográfico que sua equipe vem, arduamente, desenvolvendo. Além disso, com esse sistema esperam contribuir para uma área de investigação que até agora, de acordo com os autores, tem sido bastante negligenciada na Itália, e que, sobretudo, possam acelerar o processo que conduzirá o governo italiano ao reconhecimento oficial da LIS.

Diante do exposto, é possível perceber que os estudos linguístico-descritivos, a gramaticalização, a lexicalização e a dicionarização foram, e ainda são, fatores essenciais para a consolidação das línguas de sinais no mundo. Por conta das particularidades linguísticas que constituem as línguas de sinais, os fatores de lexicalização e de dicionarização vêm impondo muitos desafios e expectativas, principalmente, quando se trata da estruturação do léxico em um dicionário cujas entradas lexicais estejam estruturadas a partir da língua de sinais. Para ampliar essa discussão, apresentamos na seção seguinte as regras básicas para a formação de um sinal, em particular da Libras, tendo em vista que esses elementos nos serviram para a organização do nosso modelo para as entradas lexicais, no capítulo 5, para futura implementação do dicionário monolíngue de Libras.

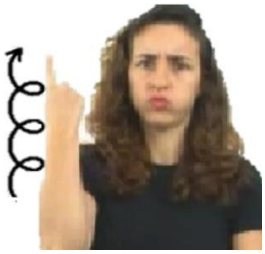
2.1 REGRAS PARA A FORMAÇÃO DE SINAIS EM LIBRAS

Os itens lexicais de um léxico das línguas de sinais são compostos por um número finito de unidades contrastantes discretas, sem sentido e com significado (STOKOE, 1960). Morfemas e sinais significativos são formados por essas unidades, que podem ser recombinadas ou substituídas umas pelas outras para criar novos sinais. Esse tipo de estruturação e organização da língua permite ampliação do léxico com um vasto vocabulário. Seguindo o trabalho de Stokoe (1960, 1965), Battison (1978) e Sandler (2012) sobre a ASL e de Quadros e Karnopp (2004), Quadros (2019) e Xavier (2006, 2014) a respeito da Libras, exemplificamos como os sinais são realizados em Libras.

É de consenso entre os pesquisadores que nas línguas de sinais os signos são compreendidos como um complexo articulatório executado de diferentes maneiras (BLANCO, 2009). Na Libras, assim como em outras línguas de sinais, esse processo articulatório pode ocorrer de duas formas:

(i) Sinais realizados com apenas uma mão (signos monomanuais). Ela pode assumir diferentes configurações e realizar diferentes tipos de movimentos em diferentes direções, além de ser posicionada em diferentes partes do corpo que servem como locação para a realização dos sinais da Libras (no corpo, ou no espaço neutro - sem o contato da mão ou parte dela no corpo do sinalizante). Isso é exemplificado pela figura a seguir, relativa ao sinal de FURACÃO, que é realizado com a CM , posicionada no espaço ao lado do tronco, executando um movimento (helicoidal) com intensidade marcada pela ENM (bochechas infladas):

Figura 7: Sinal de FURACÃO em Libras



Fonte: Adaptada pela autora com base no Dicionário de Libras do INES on-line (FELIPE; GP INES, 2005)[28].

(ii) Sinais realizados com as duas mãos (signos bimanuais). Nesse caso, são duas situações distintas, ou seja, duas restrições na sua formação: uma é a condição de simetria e a outra é a condição de dominância. Na condição de simetria, as regras para a produção de um sinal são: (a) ambas as mãos devem assumir as mesmas formas/configuração; (b) ambas as mãos são ativas, isto é, as duas se movimentam; (c) o movimento pode ser simultâneos com ou sem a orientação espelhada[29] ou alternados[30], e a direção também deve ser a mesma na realização do sinal; (d) a orientação das palmas das mãos devem ser iguais e posicionar-se na mesma locação. Ou seja, se o sinal for realizado na posição vertical no espaço frente ao corpo, as duas mãos devem estar posicionadas de forma simétrica, o mesmo acontecerá se o sinal for realizado na forma horizontal. Nas figuras 8 e 9, apresentamos dois exemplos de sinais com movimentos simultâneos na condição de simetria. O sinal de ACEITAR com movimento simultâneo na execução do movimento, e o sinal de FAMÍLIA, cujo movimento é simultâneo e espelhado (movimento com a mudança da orientação da mão durante a realização do sinal), conforme a figura a seguir:

[28] O dicionário está disponível em animação no site: Disponível com animação em: http://www.ines.gov.br/dicionario-de-libras/main_site/libras.htm.

[29] Entende-se por espelhado o sinal quando ambas as mãos realizam o mesmo movimento e têm as mesmas configurações, porém, durante a realização do movimento ocorre a mudança na orientação da configuração de mão.

[30] Situação em que ambas as mãos configuradas iguais e locadas no espaço neutro frente ao corpo, realizam o movimento em direção oposta. Por exemplo, durante a realização de um determinado sinal, enquanto a mão esquerda executa um movimento horizontal retilíneo de frente para trás, a mão direita executa o mesmo movimento, no sentido contrário.

Figura 8: ACEITAR em Libras

Fonte: Adaptada pela autora com base no Dicionário de Libras do INES on-line (FELIPE; GP INES, 2005).

Figura 9: FAMÍLIA em Libras

Fonte: Adaptada pela autora com base no Dicionário de Libras do INES on-line (FELIPE; GP INES, 2005).

Nessas figuras, notamos que em ambos os sinais, tanto a mão direita quanto a esquerda, assumem a mesma configuração. Na Figura 8, o item lexical ACEITAR, as duas mãos, iniciam o sinal com a mesma CM e OR e o finalizam com as mesmas CM e OR , no espaço neutro frente ao trono. Ambas as mãos executam um movimento retilíneo para baixo. Já para o sinal de FAMÍLIA, da mesma forma, ambas as mãos apresentam as mesmas CM e OR e locação no espaço neutro frente ao tronco. Porém, ao iniciar o sinal, ambas as mãos estão com as palmas voltadas para fora do corpo do sinalizante e, ao executar simultaneamente o movimento curvilíneo, ocorre o espelhamento, isto é, as palmas das mãos são orientadas/viradas/direcionadas para dentro em direção ao corpo do sinalizante.

Nos sinais com movimentos alternados, obrigatoriamente, as mãos devem ter a CM iguais e a orientação das palmas das mãos devem estar sob a mesma

direção/posição, porém, os movimentos são realizados em direção oposta, conforme representamos na Figura 10, correspondente ao sinal de TRABALHAR em Libras:

Figura 10: Sinal de TRABALHAR

Fonte: Adaptada pela autora com base no Dicionário de Libras do INES on-line (FELIPE; GP INES, 2005).

Na condição de dominância: (a) uma das mãos é ativa (mão ativa) e a outra mão é passiva ou de base (mão passiva)**.** A mão passiva é o lugar onde a mão ativa se apoiará quando da realização dos seus movimentos; (b) as mãos poderão assumir configurações iguais, ou configurações diferentes. Para ilustrar o que estamos dizendo sobre a condição de dominância no processo de formação de um sinal em Libras, apresentamos na sequência: a Figura 11, correspondente ao sinal de PORQUE, a Figura 12, referente ao sinal de HELICÓPTERO, e a Figura 13, para o sinal APOIAR:

Figura 11: Sinal de PORQUE

Fonte: Adaptada pela autora com base no Dicionário de Libras do INES on-line (FELIPE; GP INES, 2005).

Como podemos observar na Figura 11, as duas mãos têm a mesma configuração, no entanto, uma mão é passiva com a orientação na horizontal e a outra é a mão ativa, que executa o movimento retilíneo para baixo tocando duas vezes no dedo indicador da mão passiva.

Figura 12: Sinal de HELICÓPTERO

Fonte: Adaptadas pela autora com base no Dicionário de Libras do INES on-line (FELIPE; GP INES, 2005).

Figura 13: Sinal de APOIAR

Fonte: Adaptadas pela autora com base no Dicionário de Libras do INES on-line (FELIPE; GP INES, 2005).

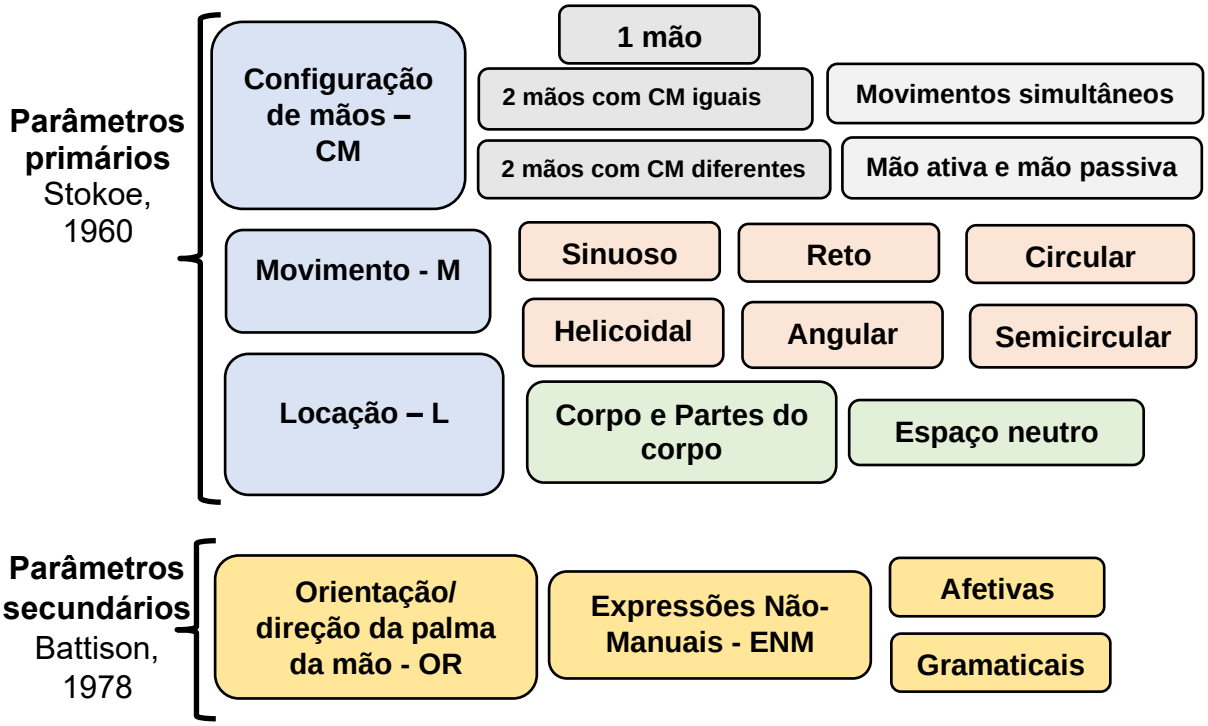
Com relação aos sinais que têm CMs diferentes, em que uma é a ativa e a outra passiva, nota-se na Figura 12 que a mão ativa assume a CM (espalmada) com a orientação voltada para baixo toca na palma da mão passiva configurada em . Nesse caso, a mão ativa irá realizar o movimento tremular em círculo sobre o dedo da mão passiva. Enquanto na Figura 13, a mão passiva com a configuração também com a mão espalmada orientada para cima; já a mão ativa assume a CM . Nesse sinal, o movimento realizado será retilíneo para frente.

Vale ressaltar que essas reflexões e constatações sobre a formação dos sinais na Libras é possível porque Stokoe (1960) nos mostrou que os sinais da ASL eram analisáveis, em termos de local onde o sinal ocorre, do movimento que age sobre uma determinada forma de mão enquanto o sinal é realizado. No entanto,

para Stokoe (1978), os sinais pareciam não se encaixar nos moldes das palavras faladas, onde os fonemas são sequenciais em estrutura subjacente.

Com base no que apresentamos sobre o processo e as regras que envolvem a formação de um sinal em Libras, elaboramos um esquema que resumidamente representa a organização querológica e que, de algum modo, outras línguas de sinais, a exemplo da ASL, compartilham do mesmo processo, conforme representado na Figura 14:

Figura 14: Esquema para representar a organização querológica das línguas de sinais



Fonte: Elaborado pela pesquisadora com base em Stokoe (1960) e Battison (1978).

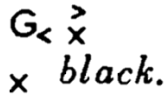
Ao observarmos esse esquema, podemos perceber a sistematização das três partes ou parâmetros independentes propostos pelo modelo de Stokoe (1960). Do mesmo modo, atestamos o que Stokoe constatou em suas análises acerca das semelhanças de articulação entre os parâmetros articulatórios das línguas orais e os parâmetros que constituem a composição dos sinais. Ou seja, cada um dos parâmetros (CM, L e M) tem um número finito de diferentes valores, todavia, eles podem se recombinar e reaparecer na composição de outros itens lexicais. No caso da constituição dos sinais da Libras, compartilhamos dos mesmos princípios de Stokoe quanto ao fato das línguas de sinais serem constituídas de fonemas

(queremas) produzidos simultaneamente. E na elaboração da nossa proposta para a organização das entradas do dicionário monolíngue de Libras, consideramos especialmente a organização sequencial dos queremas na realização dos sinais. Embora Stokoe e seus adeptos não ignorarem a existência de certos aspectos que são realizados sequencialmente, de acordo com Liddell & Johnson (2000), a organização sequencial no processo de produção dos sinais era fonologicamente irrelevante.

Liddell (1984), em seus estudos, ao examinar a natureza da estrutura sublexical dos sinais na ASL, apresenta dados que mostram que a concepção de que um sinal é um conjunto simultâneo de formas primárias de mãos, movimento, localização e orientação seria insuficiente de várias maneiras, reiterando a ideia de que todos esses aspectos estariam presentes ao longo do processo de execução do sinal. Liddell (1984) exemplifica com a realização do sinal BLACK da ASL da seguinte forma: o sinal BLACK é realizado colocando um **dedo indicador estendido horizontalmente** contra o centro da testa, com a palma da mão para baixo, e puxando o dedo indicador pela testa em direção à direita. Essa realização é representada na Figura 15:

Figura 15: Sinal para BLACK (preto) em ASL

Fonte: Klima & Bellugi (1979, p. 218).

Esse sinal é registrado no Sistema de Notação proposto por Stokoe, Casterline e Croneberg. (1965) no *A Dictionary of American Sign Language on linguistics principles* da seguinte forma:  Desse modo, representa a localização na testa; o símbolo representa a configuração da mão apontando para a esquerda ( ); o símbolo representa o movimento para a direita; e o

símbolo representa o contato: e escrevendo um sobre o outro () indica que os dois se aplicam simultaneamente. Nesse exemplo, o movimento ocorre em contato com a testa. Portanto, para os autores, essa organização do sinal mostra a ideia de que não faz sentido perguntar se o movimento vem antes da forma da mão ou se o local precede o movimento, uma vez que claramente todos os elementos estão presentes em um determinado momento. Esse tipo de observação levou Stokoe (e outros depois dele) a considerar a estrutura subjacente de um sinal ASL como um único conjunto simultâneo de formas de mãos, de locação e de movimento.

Os estudos de Liddell (1984) examinam a natureza da estrutura de sinais em ASL e sua relevância sob várias perspectivas. Dentre outras análises realizadas pelo autor, destacamos os dois tipos que, de acordo com ele, é possível na ASL: os *sinais unitários* e os *sinais sequenciais.* Os sinais unitários são realizados com um único movimento ou em um único local, esse conjunto de sinais tem como principal característica a estabilidade, isto é, a configuração da mão, a locação e a orientação da palma da mão são as mesmas durante a execução do sinal. Os sinais sequenciais, por sua vez, têm como características a realização sequencial de seus aspectos formacionais (CM, L, M, OR) e compõem a maioria dos itens lexicais da ASL.

De acordo com Liddell (1984), as representações sequenciais identificadas em sua investigação contribuiram para a resolução de uma série de problemas, dentre outros: (i) são responsáveis pelo comportamento dos sinais de contato em suas formas reduzidas e sem contato; (ii) descrevem sinais de múltiplos movimentos, que tinham um *status* um tanto ilegítimo, como perfeitamente normais e sequenciais; (iii) são responsáveis pelas três formas de movimento: contínuo, seguro e contido; (iv) permitem que sinais não manuais sequenciais sejam especificados em um nível subjacente e permitem a especificação de como os componentes manual e não manual de um sinal correspondem em sua sequência temporal; e (v) a representação sequencial subjacente de signos também permite a incorporação de morfemas de concordância de sujeito e objeto de maneira muito direta.

Apesar de trazermos apenas alguns aspectos evidenciados por Liddell (1984) e Liddell & Johnson (1989) acerca da sequencialidade dos sinais, é notável que essa manifestação na estrutura interna dos sinais desempenha um importante papel e podem ser encontrados entre seus diversos aspectos formacionais, uma vez que, na

ASL, há sinais que realizados com duas ou mais configurações de mãos, movimentos e locações.

Portanto, vale destacar que nesta tese vamos nos ater aos aspectos simultâneos e especialmente aos sequenciais, que são inerentes ao processo de articulação dos sinais da Libras. Essa questão contribuiu consubstancialmente com as ideias para a elaboração da nossa proposta de entradas para o dicionário monolíngue de Libras, localizadas no capítulo 5. Essa decisão se dá em decorrência, além das constatações de Liddell, também, após analisarmos o comportamento dos sinais da Libras e como a sua realização é, comumente, descrita para o usuário nos dicionários exisitentes em Libras. Ou seja, a frequência de registros quanto à descrição sobre como o sinal é realizado evidencia mais a sequência CM/OR + L + M. Em alguns sinais acrescenta-se a descrição da ENM (expressão facial contraída, inclinando a cabeça para a direita fechando os olhos, dentre outras). Tais ocorrências podem ser verificadas em cerca de 1.300 sinais da Libras em Oates (1969), em mais de 3 mil entradas de sinais da Libras em Brandão (2011), em mais de 10 mil entradas de sinais da Libras em Capovilla et al. (2017).

Verificamos que, exceto os dicionários eletrônicos on-line[31], a maioria dos dicionários impressos da Libras apresenta a descrição de como o sinal deve ser feito, sempre a partir da forma da mão, da sua orientação, da locação e do movimento, e, alguns casos, da expressão facial e corporal. Contudo, no léxico da Libras, também temos evidências de que os sinais sequenciais constitui a maioria dos itens lexicais. Portanto, compreendemos que um sinal pode ser realizado a partir de sequências querológicas. Ou seja, a partir da combinação e da articulação dos parâmetros querológicos constitui-se o léxico de diferentes línguas de sinais. Em Libras, os parâmetros podem articular-se sequencialmente compondo diferentes sinais, a partir de pelo menos quatro possibilidades:

(1) **CM/OR + L + M + ENM** = *n(sinais)*[32];

(2) **CM/OR + L + M** = *n(sinais)*;

(3) **CM/OR + L + M + L + ENM** = *n(sinais)*;

[31] Os dicionários on-line não fazem nenhuma menção sobre como o sinal é realizado, talvez essa decisão de não apresentar a descrição, seja devido ao fato dos sinais serem apresentados em *flashes* de vídeos, muitas vezes com a possibilidade do usuário rever a execução do sinal por quantas vezes for necessário.

[32] A expressão *n(sinais)* refere-se a um conjunto de sinais da Libras que poderão ser realizados a partir de determinada combinação dos parâmetros querológicos.

(4) **CM/OR + L + OR + ENM** = *n(sinais)*;

Huslt (1993) também propõe uma estrutura segmental para as línguas de sinais em que a CM corresponde a um elemento nuclear do qual o Movimento e a Locação são elementos dependentes. Já Anderson e Ewen (1987) compreendem essas possibilidades articulatórias como fonologia da dependência. Todavia, consideramos a sequência querológica sob o ponto de vista de Hulst (1993), Anderson e Ewen (1987) e Sandler (1989).

2.1.1 O valor contrastivo dos parâmetros querológicos: pares mínimos e alofones na Libras

Como podemos perceber, a partir do modelo querológico proposto por Stokoe, muitos outros trabalhos aprofundaram as análises das estruturas internas dos componentes das línguas de sinais. Uma dessas investigações deu origem à introdução aos estudos de uma ordem linear, mostrando a sequencialidade das unidades que constituem os sinais. Além disso, também houve novas pesquisas que aprofundaram sobre o funcionamento dos parâmetros e trouxeram com mais evidências as relações estruturais entre essas unidades simultâneas, essas investigações ampliaram as descrições no nível querológico dos sinais.

Portanto, como podemos observar também no esquema da Figura 14, os dois últimos parâmetros correspondentes a Orientação da palma da mão (OR) e Expressões Não Manuais (ENM) foram chamados de parâmetros secundários pelo linguista Robbin Battison (1974, 1978). Embora Stokoe tenha mencionado essas unidades em seu modelo, as análises das unidades formacionais dos sinais foram investigadas por Battison, que sugeriu a incorporação da orientação da mão e dos aspectos não manuais dos sinais (expressões faciais e corporais). Desde então, esses outros dois parâmetros foram adicionados ao modelo e aos estudos querológicos das línguas de sinais. O que levou à adição da OR e das ENMs foram as constatações de Battison (1978) sobre a presença e a identificação de pares de sinais em um conjunto de itens lexicais da ASL. Ele percebeu que alguns sinais apresentavam significados diferentes quando se contrastavam minimamente. Ou seja, os sinais se diferenciavam em um único valor dos três parâmetros propostos (CM, L e M). Em linguística, os estudos fonológicos das línguas orais chamam esse

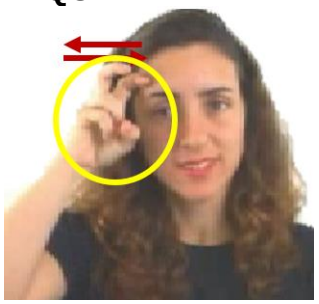
fenômeno em que há contraste de dois itens lexicais com base em um único componente de *par mínimo*. Em outras palavras, nas línguas de sinais, os pares mínimos ocorrem quando os itens lexicais se opõem quanto à configuração de mão, locação, movimento e orientação.

Em Libras, muitos sinais se opõem quanto à configuração de mão, locação, movimento, orientação e expressões não manuais. Para ilustrar, no Quadro 3, apresentamos no nível lexical alguns pares mínimos da Libras em oposição a CM, L, M, OR e ENM:

Quadro 3: Representação de pares mínimos no nível lexical da Libras

(continua...)

Oposição na OR: contraste mínimo na Orientação da Mão		
SALÁRIO		**VIDA**
	CM = **L =** **M =** **OR ≠**	
Oposição na L: contraste mínimo na Locação		
SÁBADO		**APRENDER**
	CM = **L ≠** **M =** **OR =**	
Oposição na L e OR: contraste mínimo na Locação e na Orientação da Mão		

<table>
<tr><td>QUARTA-FEIRA
 </td><td>CM =
L ≠
M =
OR ≠</td><td>CONHECER
 </td></tr>
<tr><td colspan="3">Oposição na CM: contraste mínimo na Configuração da mão</td></tr>
<tr><td>QUARTA-FEIRA
 </td><td>CM ≠
L =
M =
OR =</td><td>QUINTA-FEIRA
  </td></tr>
<tr><td colspan="3">Oposição no M: contraste mínimo no Movimento</td></tr>
<tr><td>CINZA
 </td><td>CM =
L =
M ≠
OR =</td><td>CURSO
 </td></tr>
<tr><td colspan="3">Oposição na ENM: contraste mínimo na Expressão Não-Manual</td></tr>
<tr><td>DISCUTIR
 </td><td>CM =
L =
M =
OR =
ENM ≠</td><td>POLÍTICA
 </td></tr>
</table>

Fonte: Elaborado pela autora com base no Dicionário de Libras do INES on-line (FELIPE; GP INES, 2005).

Como podemos observar nesse quadro, em Libras, alguns sinais mantêm-se idênticos em alguns parâmetros durante a sua execução; porém, é possível verificarmos alterações mínimas em suas unidades, que podem ocorrer em um ou em dois parâmetros utilizados para a realização de determinados itens lexicais. Oss pares SALÁRIO e VIDA, por exemplo, são realizados com a mesma CM, mesma locação e mesmo movimento, com diferença apenas na OR. Enquanto para o sinal de SALÁRIO a CM ( ) é orientada para baixo, em VIDA a mesma CM ( ) é orientada para cima. Já o sinal de QUARTA-FEIRA opõe-se a duas situações distintas quando comparada a outros sinais, isto é, QUARTA-FEIRA em relação à QUINTA-FEIRA formam dois itens lexicais com significados distintos somente devido à mudança da CM (CM usada para quarta-feira) e (CM usada para quinta-feira), pois são idênticos a L, o M e a OR. Outra situação de mudança de significado com relação à QUARTA-FEIRA ocorre com o par de sinal de CONHECER, nesse caso, as oposições estão nas unidades OR e L, embora a CM de QUARTA-FEIRA (palma orientada para frente) e CONHECER (palma da mão orientada para dentro) sejam as mesmas, para a realização de um ou do outro sinal, como podemos observar, ocorre a mudança na orientação da palma da mão. No entanto, além da mudança na OR, há também a alteração na locação, ou seja, enquanto o sinal de QUARTA-FEIRA é locado na têmpora, a locação do sinal CONHECER é no queixo.

Também, podemos constatar que em Libras há sinais em que os parâmetros CM, L, M e OR são mantidos iguais ou idênticos. Quando isso ocorre, será a expressão não manual (ENM) que fará a distinção entre um item lexical e outro. Esses casos, embora não sejam comuns, são passíveis de serem confundidos como signos ambíguos, uma vez que, às vezes, as mudanças nas ENMs são quase imperceptíveis, dependo do contexto. Por exemplo, os pares de sinais DISCUTIR e POLÍTICA, como se pode perceber, são distintos apenas pela alteração da expressão facial (sobrancelha, olho e boca). Portanto, esse par de sinais é minimamente distinto, pois mantém a mesma CM, L, M e OR. Contudo, ao ocorrer

um contraste entre dois ou mais itens lexicais com base na mudança de um único componente ou parâmetros que compõe um sinal, estaremos diante de um “par mínimo”. Essas observações de alterações mínimas dos parâmetros serão retomadas mais adiante quando das discussões acerca da organização das entradas para o dicionário em questão.

Em nossas pesquisas sobre os parâmetros querológicos, encontramos vários estudos, alguns ainda em andamento, como os de Hulst e Kooij (2000) sobre a locação, por exemplo. Brentari (1998) mostra que em ASL têm o equivalente a uma prosódia (aplicável a outras línguas de sinais), isto é, enquanto as línguas orais usam os recursos da voz para o aumento e a queda do seu tom, além do volume e pausa para obter certos efeitos, as línguas de sinais se utilizam e aplicam recursos como expressões faciais, posturas corporais e rítmicas com forma e função para obter certos efeitos. Dentre outras pesquisas, algumas mostram que os movimentos ‘fonológicos’ (querológicos) das línguas de sinais podem ser analisados como segmentos ‘fonêmicos’ (querêmicos) independentes, em contraste com os ‘fonemas’ (queremas) "sem movimento", (compostos de configuração da mão, localização, contato etc.). Atualmente, o parâmetro movimento vem sendo bastante investigado nas línguas de sinais. De acordo com Hansen (2011), o interesse nos estudos dos movimentos que ocorrem durante a realização de um sinal deve-se ao fato de esse querema referir-se a um alvo querológico, uma vez que os movimentos “são as maneiras fonéticas para atingir esse alvo”. Dito de outro modo, os diferentes meios (fonéticos) de realizar o movimento estão relacionados aos alofones. Na linguística, os alofones são as variadas possibilidades de realização de um mesmo fonema, portanto, um fonema pode ter alofones. Enquanto a alteração de um fonema pode mudar o significado de um item lexical, o alofone apenas altera o modo de ‘pronúncia’ de determinados fonemas, não alterando de modo algum o significado do item lexical. Em LP, por exemplo, em alguns contextos linguísticos de fala do Brasil, o /t/ pode ser reproduzido como /tch/, ou seja, ao invés de pronunciar /tia/ uma pessoa pode falar /tchia/, sem que ocorra qualquer mudança do significado.

Em Libras, ainda não temos estudos científicos acadêmicos aprofundados sobre as possíveis manifestações de alofones, mas sabemos que esse fenômeno acontece em vários momentos de fala do sinalizante. Por exemplo, o sinal de

DIFÍCIL em Libras é convencionalmente realizado com a CM , com locação de um lado da testa e movimento sinuoso do dedo que segue em sentido retilíneo até o outro lado da testa (podendo ser da direita para esquerda e vice e versa), conforme representado na Figura 16:

Figura 16: Representação do sinal de DIFÍCIL em Libras

Fonte: Elaborada pela autora. Item lexical extraído e adaptado do Dicionário de Libras do INES on-line (FELIPE; GP INES, 2005).

Todavia, é muito comum que os sinalizantes alterem a locação no momento da realização do sinal, isto é, ao invés de locar a CM tocando na testa, utilizam o espaço neutro na frente da cabeça para a execução do sinal. Contudo, não há alteração no seu significado, e também esse modo de realização do sinal não quer dizer que o sinalizante esteja errado, visto que essa maneira de sinalizar, ou pronunciar o sinal, pode ser devido ao momento do contexto linguístico, e isso não quer dizer que o sinalizante não saiba qual a forma convencional ou formal do sinal. Conforme ilustra a Figura 17, o sinal de DIFÍCIL foi capturado em um contexto linguístico informal em que o sinalizante relatava um fato sobre avaliação escolar:

Figura 17: Exemplo de alofone no sinal de DIFÍCIL em Libras

Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Há muitas outras possibilidades de alofones que podem ser encontradas na Libras. Com base em observações que realizamos de narrativas espontâneas de sinalizantes da Libras, a presença de alofones parece ser mais comum na realização dos parâmetros de configurações de mãos, locação e movimento. Em alguns casos, a alteração pode ocorrer em até duas unidades formacionais, como observamos na Figura 17, na execução do sinal de DIFÍCIL, em que as mudanças ocorreram na locação e no movimento, contudo, o sinal continua com o mesmo significado. Em cada língua de sinais, o comportamento dos alofones pode ser diferente, por isso, em se tratando da Libras, os estudos devem ser baseados na própria Libras. No entanto, essas são investigações para trabalhos futuros. Retomaremos esse assunto mais adiante no capítulo 5, momento em que apontaremos algumas contribuições desta tese.

2.2 AS LÍNGUAS DE SINAIS EM FACE DOS DESAFIOS DOS REGISTROS DO LÉXICO

Ao longo dos anos, vários dicionários de língua de sinais foram desenvolvidos em todo o mundo. Os primeiros dicionários, em sua grande mairoria, foram basicamente organizados a partir de listas de palavras de uma língua oral escrita, sendo elas acompanhadas por desenhos ou fotografias de uma pessoa articulando um sinal específico. Muitas vezes, setas ou linhas eram adicionadas aos desenhos ou fotografias com o intuito de indicar ao usuário o movimento de um sinal. A desvantagem das representações dos sinais é que elas são unidades holísticas que são difíceis de organizar ou pesquisar em comparação com a ordenação alfabética dos dicionários de línguas orais[33].

Os primeiros registros que envolvem um modelo de notação foram publicados por Bébian (1817, 1825) na primeira metade do século XIX, quando apresentou a *mimographie*, um modelo de notação para a escola de surdos (OVIEDO, 2009). Alguns estudos (CUXAC, 1983, 2004; FISCHER, 1993, 1995; BERNARD, 1995; OVIEDO, 2009; FELIPE, 2014) apontam que nos registros da notação desenvolvidos por Bébian já havia características componentes dos sinais com base na divisão dos aspectos formais compostos, principalmente pelo órgão articulador (mãos e corpo) e

[33] Consideramos nessa pesquisa a língua oral aquela que envolve habilidades recebidas auditivamente e produzidas pelo aparelho fonoarticulatório e que, geralmente, consiste em seis áreas: fonologia, gramática, morfologia, vocabulário, discurso e pragmática. A aquisição dessas habilidades é desenvolvida no início da vida a partir da correspondência e decodificação de símbolos sonoros.

pela atividade desempenhada. Ademais, esses aspectos teriam um número limitado de elementos e as mudanças nos sinais poderiam representar mudanças no nível desses elementos. O que tais estudos de Bébian (1825) indicaram, e que podemos constatar no texto original, é que *"*Chaque signe est composé d´un ou de plusieurs gestes; le geste est um mouvement partiel ou général du corps. Il su" ra donc pour écrire le signe, de pouvoir indiquer la partie gesticulant et le mouvement qu´elle execute*"*[34] (BÉBIAN, 1825, p. 29). Já de acordo com Oviedo (2009), o modelo de notação de Bébian, apresentado em sua obra *Mimographie* (1825), era composto por caracteres que representavam partes do corpo e relações espaciais - entre eles, movimentos e expressões faciais – e, segundo ele, a escrita desses caracteres da esquerda para a direita em certa ordem permitiria transcrever facilmente qualquer sinal.

Anos depois, mais precisamente 1960 e 1965, o sistema de notação proposto por William C. Stokoe (STOKOE, 1960; STOKOE; CASTERLINE; CRONEBERG, 1965) foi considerado um marco histórico que fundamentou a linguística das línguas de sinais. Apesar de estudos como o de Cuxac (2004) apontarem as semelhanças entre os modelos de transcrição de Bébian e Stokoe, o trabalho de Stokoe tem sido o mais citado e reconhecido. Felipe (2014) destaca que:

> O mérito de Stokoe foi ter refinado a descrição das categorias em dois parâmetros independentes do sinal - Tabulação: localização de um sinal e Designador: forma da mão – e ter acrescentado mais uma categoria - Signation: tipo de movimento articulado, além de ter criado um sistema de transcrição diferente do de Bébian. (FELIPE, 2014, p. 5).

Sob essa perspectiva, o "*Dictionary of American Sign Language",* de Stokoe, Casterline e Croneberg (1965), apresentou um avanço na pesquisa da língua de sinais, indicando que todos os sinais podem ser descritos ou analisados em termos de certos parâmetros, e que esses parâmetros podem ser transcritos em um sistema de anotação. Nas décadas seguintes, vários sistemas de notação baseados nas formas dos signos foram desenvolvidos, dois deles ainda hoje são considerados os mais importantes:

---

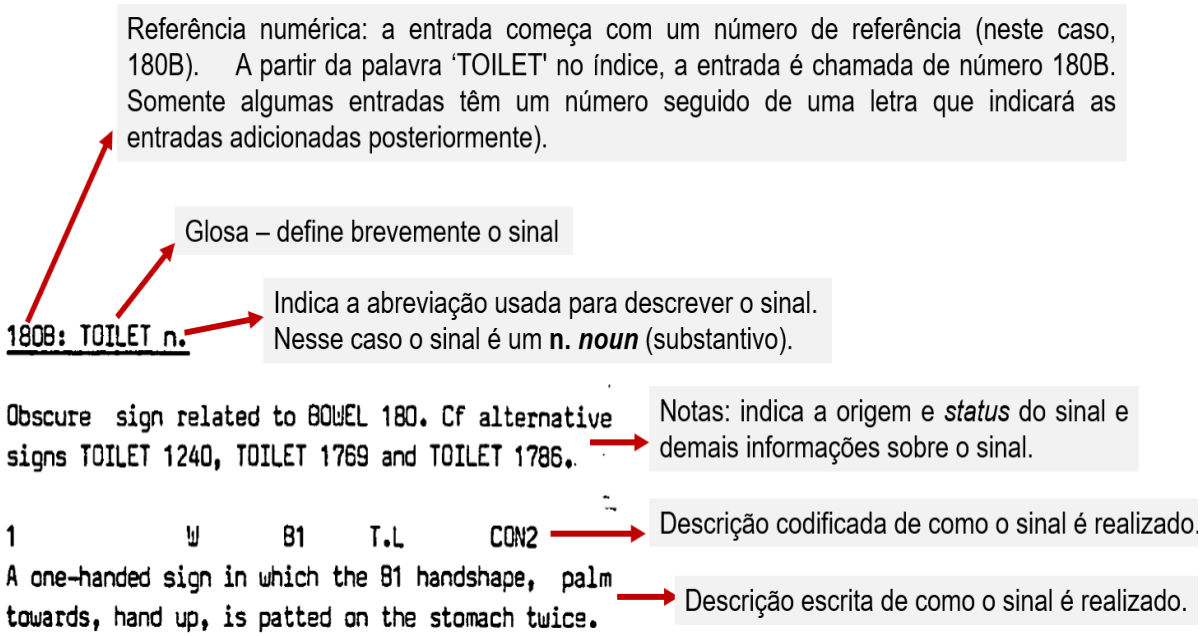
[34] "Cada sinal é composto por um ou mais gestos. O gesto é um movimento de uma parte do corpo ou de todo o corpo. Assim, para escrever o sinal, tudo o que precisamos indicar é a parte gestual e o movimento executado" (BÉBIAN, 1825, p. 29, tradução nossa).

(i) Sistema de Notação: inicialmente, Stokoe organizou um sistema que atendesse a uma necessidade particular para os seus estudos da ASL, portanto, não tinha como objetivo servir como meio de escrita ou como recurso para os surdos. No entanto, em 1965, na Gallaudet University, Stokoe e seus colaboradores linguistas desenvolveram esse que consiste no primeiro sistema de notação que parte de cinco elementos (o lugar, as configurações de mãos, os movimentos, a orientação e sinais diacríticos);

(ii) o Sistema de Notação *HamNoSys* foi criado por Prillwittz, Vollhaber e seus colaboradores em 1989 – o *Sistema de Notação de Hamburgo* ou *HamNoSys -,* e já contou com várias versões para a informática, também considera e distingue principalmente: as configurações de mãos; as orientações de dedos e da palma; as localizações sobre a cabeça e o tronco; os tipos de movimentos e a pontuação. Esses sistemas têm conjuntos de símbolos para os vários valores dos parâmetros de um item lexical, e esses símbolos são combinados para representar a forma do sinal. As notações do Sistema de Stokoe e do Sistema *HamNoSys* são em sua maioria lineares e abstratas. Trataremos desses dois sistemas de notação mais detalhadamente nas próximas seções.

Apenas alguns dicionários bilíngues contêm representações de signos ou um arranjo com descrição de signos baseado na estrutura dos sinais; um desses é o *Dicionário Preliminar da Língua de Sinais Australiana* - Auslan - (JOHNSTON, 1987), que contém, não apenas uma lista alfabética de Língua Inglesa para Auslan, mas também uma seção de Auslan para a Língua Inglesa, na qual os sinais são organizados de acordo com os valores dos parâmetros de sinal. Apresentamos esse sistema de entradas na Figura 18, a seguir, a partir da entrada 180B: <TOILET>. Organizamos um esquema em que apontamos, brevemente, os elementos que Johnston (1987) lançou mão para a organização e para a estrutura do dicionário da Auslan. Vale destacar que tais representações não contam com ilustrações ou qualquer outro tipo de imagem, conforme segue:

Figura 18: Representação dos elementos que compõem a estrutura para a entrada 180B: <TOILET>, conforme os critérios desenvolvidos por Johnston (1987)



Fonte: Adaptada pela autora com base em Johnston (1987, p. 33).

Assim, a descrição decodificada na sequência **1 W B1 T.L CON2** corresponderia a: **1** – sinal realizado com uma mão; **W** – movimento *(Wiggle*) da mão ou dos dedos; **B1** – a forma de mão

; **T.L** – direção da palma da mão; e **CON2** – contato tocando duas vezes.

No entanto, a maioria dos compiladores dos dicionários de línguas de sinais impressos preferiu não optar pelos sistemas de notações. Portanto, não enfrentaram esse problema, e grande parte desses outros dicionários tende a ser bilíngues, monodirecionais e organizados alfabeticamente de acordo com as palavras da língua oral em forma escrita. Entretanto, se, por um lado, essa alternativa, de algum modo pareça ser mais confortável para o lexicógrafo, por outro, há pontos intrigantes que permeiam o usuário, pois um dicionário bilíngue sempre tem que escolher entre definir o significado de um item de uma língua ou traduzi-lo por meio de material da outra língua envolvida. Em decorrência disso, é natural que haverá um comprometimento entre as duas opções, mas os dicionários tendem a alinhar suas

políticas e passam a ser do tipo predominantemente definidor ou de tradução. Se olharmos mais de perto, no entanto, veremos que os procedimentos utilizados nos dicionários de línguas de sinais estão intrinsecamente ligados à definição de uma palavra da língua oral para um sinal correspondente.

Em nossa cultura de não surdos, em que nosso meio de recepção é a audição e o meio de expressão é a língua oral, é muito comum associarmos o significado de uma palavra à sua definição de dicionário. E de modo mais recente, com a aprendizagem das línguas de sinais, a nossa tendência também é associar um sinal a alguma definição da língua falada oralmente. Quando nos deparamos com um item léxical que não é familiar, geralmente consultamos um dicionário ou serviços on-line, como o *Google* e o *Youtube*, para descobrirmos o seu 'significado'. O mesmo ocorre se não tivermos a certeza sobre a ortografia, a pronúncia ou a origem de uma palavra ou sinal; procuramos o dicionário como a fonte dessas informações. Ao realizar atividades envolvendo formação de sentenças em Libras, por exemplo, os aprendizes buscam em dicionários, manuais ou em ferramentas de serviços on-line os sinais correspondentes. Isso cria uma impressão de que os registros dos sinais e as suas definições, seja em dicionários ou em outros meios, podem capturar tudo o que precisamos saber sobre o significado e o uso de um determinado item léxico.

É importante ressaltar, no entanto, que os lexicógrafos no contexto das línguas de sinais criaram dicionários, ao coletarem informações sobre como uma palavra ou sinal são usados em uma determinada comunidade linguística. No caso das línguas de sinais, é a comunidade surda que determina o significado de um determinado sinal. Logo, o significado de um sinal lexicalizado em um dicionário reflete o que os usuários, de uma determinada língua, usam para significá-lo. Atualmente, há um número significativo de diferentes dicionários de diferentes línguas de sinais que se encontra disponível; porém, a maioria deles tenta registrar os significados dos sinais a partir das línguas orais e não os significados de fato usados nas comunidades surdas. Apesar do avanço significativo da lexicografia das línguas de sinais, os dicionários podem não determinar o significado dos itens lexicais em línguas de sinais. As informações que eles contêm contribuem significativamente com a aprendizagem e a disseminação das línguas de sinais. Não obstante, parece-nos que essa necessidade emergencial de registrar essas línguas de sinais deixou um pouco de lado o modo como os próprios usuários dessas

línguas entendem como um sinal é usado entre seus pares (nesse caso, mais especificamente, entre os surdos) e como eles relacionam a forma do item lexical ao seu significado.

E com o intuito de verificar as contribuições da Lexicografia, em especial no Brasil, realizamos também uma pesquisa acerca dos trabalhos desenvolvidos no meio acadêmico, tanto de mestrado quanto de doutorado. Nessa pesquisa, que compartilhamos na seção seguinte, consideramos os estudos na área da lexicografia que têm sido permeados e tecidos no campo da Libras.

2.3 DADOS SOBRE AS PESQUISAS ACADÊMICAS NA ÁREA DA LEXICOGRAFIA DA LIBRAS

Nas décadas de 1990 e 2000, as pesquisas voltadas à lexicografia da Libras se concentravam em grupos de pesquisas. Há registro de pelo menos dois grandes grupos: um coordenado por Fernando César Capovilla, Ph.D. e Livre docente, realizado junto ao Laboratório de Neuropsicolinguística Cognitiva do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, com participação de membros da FENEIS; e o Grupo da FENEIS (GP FENEIS), coordenado pela Professora Dra. Tanya Amara Felipe (atualmente do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES)), composto por uma equipe multidisciplinar de especialistas nas áreas de linguística com conhecimento da Libras, da lexicografia e da informática, além de surdos com domínio em Libras e bom conhecimento da LP. A principal preocupação desses renomados grupos era a produção de dicionários bilíngues de Libras. E graças a eles, a comunidade surda brasileira foi contemplada com duas grandes obras: em 2001, com o *Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira – Libras* (volumes I e II), e em 2005 com o *Dicionário Digital da Língua Brasileira de Sinais – Libras*.

Apesar da publicação de vários artigos que contemplam sobre a produção dessas obras lexicográficas, publicados por esses pesquisadores, somente no final dos anos 2000 que são registradas as primeiras pesquisas no âmbito acadêmico. As pesquisas que realizamos nos bancos de dados de teses e dissertações da *Biblioteca* Digital Brasileira de *Teses e Dissertações* (BDTD) e no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES apontam que as pesquisas acadêmicas nas áreas de

mestrado e doutorado passaram a ser mais efetivas, com um crescente número de pesquisas desenvolvidas, entre os anos 2009 e 2018. As pesquisas desenvolvidas nesse período têm a preocupação e os objetos de estudo mais dedicados ao desenvolvimento de terminologias e glossários terminológicos em Libras, com poucas pesquisas no campo da lexicografia. No Quadro 4, apresentamos um panorama das pesquisas (de Mestrado ou Doutorado), que foram identificadas a partir da utilização de palavras-chave que se relacionam a este estudo, com as áreas afins abordadas, com os Programas, as Instituições e o nível:

Quadro 4: Teses e Dissertações na área da Lexicografia da Libras – 2009/2015

(continua...)

NÍVEL:			**Palavras-chave para busca:**	
MESTRADO – 21 dissertações			Dicionário Libras; Lexicografia Libras; Glossário Libras; Terminografia Libras; Terminologia Libras.	
DOUTORADO - 10 Teses				
TOTAL: 31				
ÁREAS AFINS ABORDADAS			**PROGRAMAS X NÍVEL**	
	Mestrado	**Doutorado**	**Mestrado**	**Doutorado**
Linguística	**04**	**05**	UNB – PPGL **- 04**	UNB - PPGL – **04** UNICAMP- IEL - **01**
Linguística Teórica e Descritiva	___	**01**	___	UFMG - POSLIN - **01**
Estudos da Tradução	**03**	**02**	UFSC- PGET – **01** UNB – PGET - **02**	UFSC- PGET - **02**
Psicologia Experimental	**01**	**02**	USP- IPUSP - **01**	USP - IPUSP - **02**
Estudos da Linguagem	**02**	___	UFG – PPGEL - **02**	___
Diversidade e Inclusão	**05**	___	UFF – PPG - diversidade e inclusão - **05**	___

Ensino de Ciência e Tecnologia	**03**	___	UTFPR – PPGECT – **02** PPGECHSN - **01**	___
Educação	**01**	___	UEPA – PPGED - **01**	___
Química biológica	**01**	___	UFRJ – IBqM - **01**	___
Ensino de Ciências Naturais e Matemática	**01**	___	UFRN – PPgECNM - **01**	___

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

2.3.1 O que dizem as Dissertações e Teses?

A investigação das dissertações e das teses defendidas no período de 2009 a 2015, no que diz respeito à Lexicografia, revela uma produção discente crescente na área da Lexicologia e Lexicografia da Libras, conforme indicado no quadro anterior. Dos 31 pesquisadores que concluíram os seus trabalhos, três são surdos: Messias Ramos Costa (Mestrado em Linguística, 2012), Gláucio de Castro Júnior (Doutorado em Linguística, 2014) e Brenno Barros Douettes (Mestrado em Estudos da Tradução, 2015).

É de consenso entre os pesquisadores da área das línguas de sinais no Brasil que o Curso de Letras-Libras[35], iniciado em 2006 na Universidade Fedral de Santa Catarina (UFSC), na modalidade de Educação à Distância semipresencial, foi um dos grandes adventos que impulsionaram os estudos em diversas áreas envolvendo a Libras. Podemos considerar que foi um marco no que diz respeito à expansão das pesquisas nos campos dos estudos linguísticos, da tradução, dentre outros, visto que a academia vem ampliando seus espaços de pesquisas em várias áreas em Cursos de Graduação e Programas de Pós-Graduação, para que muitos surdos brasileiros, tradutores e intérpretes, professores e pesquisadores da Libras se

[35] A Libras foi instituída segunda língua oficial no Brasil em 2002, por meio da Lei 10.436, que foi regulamentada pelo Decreto 5.626/05. Em 2006, teve início o curso Letras-Libras em licenciatura na modalidade de Educação à Distância semipresencial na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), que inicialmente contava com nove polos de ensino e 495 alunos, surdos, em sua grande maioria. Em 2008, foi incluída a habilitação de bacharel em Tradução e Interpretação de Língua de Sinais, passando para 15 polos espalhados pelo Brasil. Em 2009, foi iniciado o curso presencial de Letras-Libras na UFSC.

tornassem mestres e doutores. Faria-Nascimento (2009), em sua tese pioneira, menciona “como o Curso de Licenciatura em Letras Libras trouxe consigo o despertar de muitos termos da área temática escolhida para pesquisa” (FARIA-NASCIMENTO, 2009, p. 46); o tema abordado foi uma proposta lexicográfica com vistas às representações lexicais da Língua de Sinais Brasileira – LSB[36].

A investigadora parte de uma perspectiva funcional para estudar o léxico, por isso, adota o Modelo SILEX de Corbin (1997) e, com base nesse Modelo, propõe um estudo de expansão terminológica da Libras, com foco no desenvolvimento da LP como segunda língua (L2) para surdos falantes de Libras. A pesquisadora apresentou várias propostas de modelos de repertório lexicográfico e terminográfico, desenvolvidos no decorrer da pesquisa, que foram aplicados em dois protótipos de glossários: um “Glossário Ditático Visual de Classificadores em LSB” e o outro “Glossário Terminológico de Linguística em LSB”.

Faria-Nascimento (2009) sistematiza uma representação paramétrica da LSB, realizada a partir da ordenação das Configurações de Mãos, sob a justificativa de que “a proposta paramétrica contribui para a organização de repertórios lexicográficos” e mais ainda “para a organização de repertórios lexicográficos impressos” (FARIA-NASCIMENTO, 2009, p. 224-225). As análises realizadas foram a partir de 20 repertórios aplicados a 22 surdos, nesse sentido, as sugestões da autora vem ao encontro com uma parte da proposta inicial desta pesquisa.

O pesquisador surdo Messias Ramos Costa (2012), em sua dissertação de mestrado, com base nas teorias lexicais e terminológicas e nas ideias de Denis Diderot sobre enciclopédia, sistematizou um recorte do campo semântico relativo ao Corpo Humano, especificamente, criando sinais em Libras relativos à subárea “Reprodução Humana, Nascimento e Crescimento”. Costa (2012) afirma que “sua proposta se diferencia do modelo enciclopédico de Diderot, em função de ser bilíngue: LSB – Português. Outro diferencial da referida pesquisa é a criação do termo “sinal-termo”[37], dos seres em um acontecimento” (COSTA, 2012, p. 33, destaque do autor).

---

[36] LSB ou Libras, ambas são nomenclaturas que se referem à Língua Brasileira de Sinais. Na década de 1990, quando surgiram as primeiras pesquisas da língua de sinais no Brasil, tendo alguns trabalhos publicados por Lucinda Ferreira Brito juntamente com outros pesquisadores internacionais, a sigla comumente utilizada era LSB; seu uso diminuiu a partir da oficialização dessa língua no Brasil, com o registro da Lei 10.436/02 sob a sigla LIBRAS.

[37] A expressão sinal-termo surgiu aparece pela primeira vez na dissertação de mestrado de Messias em 2012, foi um termo criado por sua orientadora Enilde Faulstich. A pesquisadora, durante as

O pesquisador converge com Faria-Nascimento (2009) sobre o fato da mão base se repetir no processo de formação dos sinais quando, principalmente, se trata da expansão terminológica. Costa (2012) organiza a *Enciclopédia Visual Bilíngue Juvenil* – Encicolibras - a partir do agrupamento dos conceitos lexicais seguido das regras que se aplicam à construção terminológica em LSB. Para tanto, o autor considerou o estudo de conceitos, da criação de testagem, da validação de sinais já existentes e de neologismos junto a estudantes e acadêmicos surdos. Foram verificados 126 "sinais-termo"/verbetes, criados no decorrer da pesquisa com base nos estudos sobre classificadores em LSB, ordenação de Configuração de Mão e movimento no processo de realização do sinal e parametrização. Conforme explica Costa (2012), "dos 126, 34 já existem em Libras e 92 foram criados e aceitos" (COSTA, 2012, p. 80). A Encicolibras, portanto, foi sistematizada em formato de DVD pelo autor, contendo a seguinte estrutura: (i) Menu com imagens relativas à subárea "Reprodução Humana, Nascimento e Crescimento"; (ii) Apresentação em Libras e em português (com legendas); (iii) Índice da temática em Libras e em português; (iv) Vocabulário - contém termo com léxico bilíngue e a entrada se dá a partir do sinal-termo em Libras. Nessa pesquisa, o autor também realizou uma proposta de ordenação da Configuração de Mão para organizar o vocabulário científico na Encicolibras.

Em outra pesquisa, Daniela Almeida Moreira (2012) apresentou um Estado da Arte sobre a trajetória do desenvolvimento do repertório lexicográfico na Libras, das obras consideradas representativas das fases dos estudos da lexicografia da Libras. Ela investigou e analisou a elaboração da definição lexicográfica dos verbetes conforme os princípios e critérios metalexicográficos (equivalência, comutabilidade, identidade categorial, análise, transparência e autossuficiência) de Dapena (2002). Com base em um conjunto de unidades lexicais referente às "cores", Moreira (2012) utilizou uma tabela contendo quatro colunas - "*definido"; "definidor"; "critérios metalexicográficos"* e *"indicativos"* - para verificar o tratamento de cada unidade léxica desses verbetes, em cada uma das quatro fontes bibliográficas de 1969 a

---

discussões de natureza lexicográfica, percebeu que a expressão sinal ou sinais não eram suficientes para significar termos específicos, comumente, usados na terminologia científica ou técnica. O sinal-termo carrega consigo um aspecto conceitual, o que acaba distinguindo seu uso, do uso de um sinal que agrega conceitos do léxico comum e não do especializado. Fazendo com que o estudante surdo entenda conceitos fundamentais e de funcionalidade científica na sua própria língua afim de compreender o mundo (TUXI, 2017, p. 33).

2012. A autora conclui que, a partir dos critérios empregados na pesquisa, foi possível verificar os avanços técnicos e metodológicos das obras, bem como as inovações na metodologia de elaboração dos repertórios lexicográficos, aspectos significativos para a lexicografia da Libras.

A pesquisa apresentada por Antonielle Cantarelli Martins (2012), por sua vez, na interface da Lexicografia da Libras e da área de Psicologia Experimental, documentou e registrou um léxico de aproximadamente 3.000 sinais da Libras usados pela população surda do Estado do Rio Grande do Sul (RS). A autora realizou uma pesquisa bibliográfica de sinais publicados, típicos do RS, que ainda não haviam sido documentados no dicionário *Novo Deit-Libras* (CAPOVILLA; RAPHEL; MAURÍCIO, 2009), que subsidiou a organização de campos semânticos que ainda não tinham sinais documentados. Conforme argumenta Martins (2012), os sinais registrados foram coletados na pesquisa de campo com surdos fluentes em Libras, com nível escolar superior, das mais diversas áreas. Todos os sinais coletados foram submetidos à descrição detalhada e sistemática em sua forma, no nível de sua composição sematosêmica. De acordo com a pesquisadora, a construção da caixa de cada verbete seguiu o modelo canônico do *Novo Deit-Libras* (CAPOVILLA; RAPHEL; MAURÍCIO, 2009).

Em sua pesquisa de mestrado na área dos Estudos da Tradução, o tradutor surdo Brenno Barros Douettes (2015) apresentou uma comparação dos sinais-termos religiosos presentes em três manuais de Libras das religiões Católica, Evangélica (Batista) e Testemunhas de Jeová (TJ), organizando uma lista com os principais sinais-termos comuns às religiões em questão. Em seu trabalho, Douettes (2015) desenvolveu um glossário conceitual semibilíngue em Libras nos formatos de DVD e versão Web. Para tanto, organizou as entradas em ordem alfabética, de A a Z, em LP, seguidas dos sinais-termos, definições e exemplos em Libras sem legenda e/ou definição em LP escrita. Em seu árduo estudo, o autor desenvolveu um capítulo em que documentou a tradução de bíblias e materiais religiosos, bem como os problemas que envolvem a tradução em língua de sinais.

Douettes (2015) divulgou um compilado de “Fichas Terminográficas para elaboração de glossário de sinais-termos religiosos com língua de sinais” (DOUTTES, 2015, p. 306), contendo separadamente: *Ordem; Nome do livro (na Bíblia); Sinal-termo; Escrita do sinal SW; CM1 em SW (*corresponde à configuração da mão no primeiro estágio do sinal); *CM2 em SW (*corresponde à configuração da

mão no segundo estágio do sinal); *Locação em SW; Movimento em SW e variante* (relacionada à variação religiosa). Em seu Glossário semibilíngue de termos Bíblicos em Libras, foram registrados 93 sinais-termos bíblicos, da categoria de personagens bíblicos.

Outro estudo foi a tese de doutorado de Gláucio de Castro Júnior (2014), pesquisador surdo que investigou a variação linguística da Libras. Fundamentado na linha adotada por Labov, o pesquisador propôs uma metodologia para analisar dados de termos em Libras que são considerados padrão e apresentam registros e dados de termos que têm variação em Libras e não apresentam registros na análise das variantes regionais/geográfica, a partir de variáveis estabelecidas como critérios para o seu registro.

Castro Júnior (2014) desenvolveu procedimentos para a elaboração da pesquisa terminológica bilíngue do par Libras/Português e, no Núcleo de Pesquisas em Variação Regional dos Sinais da Libras – Varlibras -, construiu um banco de dados a partir de um inventário lexical em Libras que serviu para a criação do DVD Varlibras contendo um léxico alfabético-bilíngue com termos das áreas de Biologia, de LP, de História, de Física, de Matemática e de Química. A proposta contou com um registro de 643 sinais-termo da Libras a partir de uma base paramétrica e com os traços linguísticos ou condições paramétricas que compõem a organização da sinalização do sinal-termo, incluindo as formas variantes. Apesar de seguir a parametrização das CMs para organizar os sinais-termos, as entradas para cada disciplina são organizadas pela ordem alfabética da LP.

Nilce Maria da Silva (2012), em sua tese de doutoramento, a partir da perspectiva da Análise do Discurso, a fim de buscar compreender a história de produção de dicionários da Libras, analisou os dicionários dessa língua a partir das condições sócio-históricas em que foram produzidos, bom como a historicização da Libras e da sua produção científica em diferentes conjunturas. Sobre o analista do discurso lexicográfico, Silva (2012) afirma que esse, “ao escutar os dicionários, leva em conta o efeito de completude da representação da língua, e também sua opacidade, sujeita à falha e ao equívoco, como também a posição sujeito-autor de dicionário[...]” (SILVA, 2012, p. 69) . Nesse sentido, a autora realizou o estudo do dicionário como um instrumento linguístico-tecnológico da gramatização com base nas obras do professor francês surdo Pélissier (1856) e do precursor da lexicografia

no Brasil, o *repetidor/auxiliar* e também surdo, Flausino José da Gama (1875). De acordo com Silva (2012), a obra de Gama

> [...] inaugura o discurso sobre o léxico da língua de sinais do Brasil e funciona como referência básica no imaginário da constituição da Libras e de todos os seus falantes, permite ao pesquisador a introdução do domínio do estudo científico e linguístico das línguas de sinais. (SILVA, 2012, p. 256).

Avançando nos relatos das pesquisas encontradas, temos a tese desenvolvida por Janice Gonçalves Temoteo (2012), que se insere na área da Psicologia Experimental e é parte do Programa de Pesquisa de Documentação Lexicográfica de Libras realizado no Laboratório de Neurolinguística Cognitiva da Universidade de São Paulo. A tese, intitulada *Lexicografia da Língua de Sinais Brasileira (Libras) do Nordeste*, teve como objeto de estudo a documentação do léxico dos sinais de Libras usados por uma amostra da população surda residente em nove estados do nordeste. A investigação contou com informantes surdos nativos e teve como objetivo principal ampliar a representatividade geográfica lexical dos sinais de uso comum entre os surdos nordestinos em edições posteriores do *Novo Deit-Libras* (CAPOVILLA; RAPHEL; MAURÍCIO, 2009). Conforme Temoteo (2012), o corpus de 4.287 sinais coletados em 25 categorias semânticas foi documentado, descrito, ilustrado em sua forma e em seu significado e submetido aos procedimentos metodológicos *canônicos* de coleta de análise lexicográfica originais do *Novo Deit-Libras* (CAPOVILLA; RAPHEL; MAURÍCIO, 2009). Após esse processo, os sinais passaram por um processo de validação junto a “juízes” surdos de cada estado envolvido na pesquisa.

Outra pesquisa relevante foi desenvolvida pela pesquisadora Vera Lucia de Souza Lima (2014), que apresentou em sua tese os procedimentos metodológicos para a construção de uma obra terminográfica, bilíngue e bimodal de termos técnicos relativos ao desenho arquitetônico e, portanto, pertencentes às áreas da Arquitetura e da Engenharia, em LP e Libras. O corpus formado por conceitos de termos da área do Projeto Arquitetônico foram traduzidos da LP para Libras. Lima (2014) construiu uma ficha lexicográfica com informações específicas sobre o termo analisado, atendendo às especificidades do registro em Libras ou das línguas de sinais, em geral. Após o preenchimento das fichas, confeccionou e organizou os verbetes. O corpus da “Obra Terminográfica Bilíngue Bimodal Língua Oral/Língua de

Sinais do Ensino do Desenho Arquitetônico" foi organizado em ordem alfabética da LP (partida) para a Libras (chegada). A pesquisadora justifica essa escolha, pois, segundo ela, "se fosse escolhida como Língua de Partida a Libras, as entradas ou lemas precisariam estar em ordem de configuração de mãos o que dificultaria o processo de consulta tanto por parte do público surdo quanto do público ouvinte" (LIMA, 2014, p. 118). A autora informa que o consulente poderá consultar a obra em sua edição on-line, por meio de três buscas: "1- Ordem alfabética; 2- Por Configurações de Mãos, CM; e 3- Pelo percurso onomasiológico." (LIMA, 2014, p. 118). Os vídeos gravados foram acrescidos como uma categoria semântica "Arquitetura" e publicados no glossário[38] Libras da UFSC.

A condução, de caráter descritivo, do trabalho de Janine Soares de Oliveira (2015) se fez no campo dos Estudos da Tradução motivada pela criação do Curso Letras-Libras na UFSC. A autora analisou e descreveu as unidades lexicais especializadas ou as unidades terminológicas, partindo da produção de termos técnicos em Libras no contexto do curso de Letras-Libras da referida universidade, tendo em vista a necessidade de expansão terminológica para atender às discussões no âmbito acadêmico. A autora desenvolveu uma extensa metodologia que envolveu a análise da literatura especializada a partir de pesquisas nacionais e internacionais.

Oliveira (2015), baseada no formulário para análise geral de repertório de Faria-Nascimento (2009), registrou informações relevantes à pesquisa sobre dicionários eletrônicos já implementados em línguas de sinais internacionais: Suvi – Diconário de Língua de Sinais Sueco-Finlandesa; Dicionário de Língua Gestual Dinamarquesa e eLIS - Dicionário eletrônico bilíngue básico Língua de Sinais Italiana – Italiano. Outro dado interessante trazido pela autora foi a análise da frequência de ocorrências das CMs, que, segundo ela, levou à reformulação do sistema que estava em uso ao constatar que a mão participante é relevante para a formação do item terminológico, não sendo apenas uma 'mão passiva', 'estática', além de um minuncioso estudo acerca dos parâmetros fonéticos/fonológicos e morfológicos da Libras. Como consequência da investigação feita por Oliveira (2015), a versão atual do Glossário[39] Letras-Libras permite ao consulente realizar a

[38] O glossário pode ser acessado no seguinte site: www.glossario.libras.ufsc.br
[39] O Glossário Letras-Libras no formato on-line está disponível em http://glossario.libras.ufsc.br/.

busca de um sinal, a sua definição e exemplos por meio de três formas: 1- busca pelo Sinal; 2- busca pela LP; e 3- busca pela LI.

De modo geral, as análises das pesquisas em dissertações e teses desenvolvidas no Brasil até o momento apresentam contribuições bastante relevantes para o nosso trabalho. Por exemplo, a parametrização das CMs proposta por Faria-Nascimento (2009) e a descrição de Oliveira (2015) relativa à fonética/fonologia e à morfologia das línguas de sinais vêm ao encontro dos nossos estudos iniciais voltadados à construção de uma base lexical da Libras a partir dessas perspectivas desenvolvidas pelas autoras. Do mesmo modo, também nos serviu de apoio a ficha lexicográfica com informações específicas sobre um determinado termo analisado, desenvolvida por Lima (2014), e a ficha que registra a frequência da ocorrência das CMs, elaborada por Oliveira (2015), além dos apontamentos que consideramos de extrema relevância, realizados pelos pesquisadores surdos (COSTA, 2012; CASTRO JÚNIOR, 2014; DOUETTES, 2015) no decorrer das suas investigações.

Essas pesquisas, além de registrarem repertórios de sinais da Libras em diferentes áreas, principalmente nos campos da Educação, da Informática, da Saúde e do Jurídico, contribuem não somente para o registro lexicográfico da Libras, mas também servem de subsídios teóricos para a dicionarização da língua. Conforme declararam Carvalho e Marinho (2007), “os registros lexicográficos constituem contribuições significativas para a aquisição e divulgação de conhecimentos sob a perspectiva social, linguística e pedagógica” (CARVALHO; MARINHO, 2007, p. 121). E de acordo com Lucas (2003) e Padden e Humphries (2005), o envolvimento em atividades de documentação da língua aumenta a consciência da identidade linguística para os falantes de uma língua com tantas riquezas e detalhes; além disso, o artefato de um dicionário pode apoiar o reconhecimento do *status* de uma minoria linguística.

Podemos afirmar que nos últimos 10 anos o avanço na disponibilização de repertórios lexicográficos/terminológicos em Libras é fato comprovado. Ademais, como podemos observar, grande parte é fruto de trabalhos desenvolvidos por grupos de pesquisa ligados às instituições acadêmicas nos Programas de Mestrado e Doutorado em diferentes áreas. Alguns materiais são disponibilizados em sites, blogs, DVDs e, em sua maioria, são semibilíngues. Contudo, conforme classificação de Carvalho e Marinho (2007), as entradas são organizadas de acordo com a ordem

alfabética da LP. Essa característica na organização dos glossários e dos repertórios terminológicos parece evidenciar que o público-alvo são as pessoas não surdas, uma vez que os surdos só poderão realizar buscas nesses acervos se souberem o item lexical que corresponde à entrada em LP. Carvalho e Marinho (2007) apontam que:

> Na situação de consulta aos verbetes do corpo do dicionário, o surdo que procurar pelo significado de uma palavra em português localizará a palavra- entrada facilmente. Encontrará, porém, dificuldades se ele souber o sinal e tentar encontrar o equivalente em português, pois terá que percorrer toda a obra ou recorrer a um mediador, colocando-se na condição de dependente. (CARVALHO; MARINHO, 2007, p. 128).

Em se tratando de pesquisas relacionadas à lexicografia das línguas de sinais, Bornstein e Hamilton (1972) também parecem se preocupar com essa realidade ao afirmarem que:

> In all of the sign dictionaries, the entries consist of sign representations which are explained in verbal terms. That is to say, the entries are pictographic, but the definitions and explanations are in the printed form of the national language. Hence, it is difficult to avoid concluding that all of these dictionaries have been made, intentionally or otherwise, for hearing people. […] If a dictionary is to be useful for deaf people, then it is obvious that both entries and definitions of entries should be presented in the same terms. The terms, of course, would take the form of illustrations and/or some symbolic notation. If it is desired to link the sign language to the related spoken, national language, appropriate indexes can be added.[40] (BORNSTEIN; HAMILTON, 1972, n.p.).

A preocupação de organizar os repertórios de sinais conforme a necessidade linguística do sinalizante surdo, levando em consideração as particularidades da própria Libras, também se estende aos pesquisadores, aos lexicólogos e aos lexicógrafos da Libras, tais como Barros (2008), Faria-Nascimento (2009), Oliveira e

[40] Em todos os dicionários de sinais, as entradas consistem em representações de sinais explicadas em termos verbais. Ou seja, os verbetes são pictográficos, mas as definições e explicações encontram-se na forma escrita da língua oral nacional. Portanto, é difícil evitar a conclusão de que todos esses dicionários foram feitos, intencionalmente ou não, para pessoas ouvintes. […] Se um dicionário é útil para pessoas surdas, então obviamente tanto as entradas quanto as definições de entradas devem ser apresentadas nos mesmos termos. Os termos, naturalmente, tomariam a forma de ilustrações e / ou alguma notação simbólica. No desejo de vincular a língua de sinais à língua oral nacional relacionada, então índices apropriados poderiam ser adicionados. (BORNSTEIN; HAMILTON, 1972, n.p., tradução nossa).

Weininger (2013), Oliveira e Stumpf, (2011) e Tuxi (2017). Apesar disso, ainda não dispomos de um dicionário cujas características dos itens lexicais da Libras sejam totalmente consideradas. Oliveira (2015) aponta que

> [...] tentativas iniciais de organização do repertório com base na intuição dos sinalizantes ou mesmo com base em propostas de ordenação defendidas nas pesquisas existentes revelaram-se inadequadas ou demasiadamente complicadoras para os objetivos do Glossário Letras-Libras.[41] (OLIVEIRA, 2015, p. 38).

Naturalmente, os destinatários potenciais dos dicionários e dos glossários de Libras têm demandas de consulta que coincidem com as de qualquer outro consulente. Contudo, pelas suas motivações, seja como estudantes ou não, e pelos seus objetivos, alguns de atuarem como professores de Libras, os consulentes potenciais desses dicionários e glossários têm necessidades de busca idiossincrásicas. Desse modo, são essas idiossincrasias que nos levaram a pensar e a propor um processo de indexação pela Libras com vistas a dar origem a um modelo de dicionário monolíngue de Libras. Nossa pretensão, descrita no capítulo 4, é que as entradas lexicais sejam organizadas com base na composição sequencial e simultânea dos parâmetros querológicos dos sinais que compõem o léxico da Libras.

2.4 ESTUDOS SOBRE A CONSTRUÇÃO DE DICIONÁRIOS DE LÍNGUAS DE SINAIS NA ESFERA INTERNACIONAL

Muitos trabalhos foram realizados para a compilação e para a implementação de dicionários de línguas de sinais em todo o mundo. Dicionários foram criados na forma de livros, os quais, atualmente, em grande parte, estão obsoletos na era da informatização e da digitalização.

O professor Pélissier, do Instituto Nacional de surdos-mudos de Paris, em 1856, produziu um dos primeiros dicionários impressos que se tem registro, o *Iconographie des signes faisant partie de "l'Enseignement primaire des sourds-*

[41] O Glossário Letras Libras na versão on-line é um glossário colaborativo, pois é possível colaborar enviando sinais. Foi iniciado a partir de um projeto coordenado pela Profa. Dra. Mariane Stumpf no início do curso de graduação em Letras/Libras Licenciatura e Bacharelado no ano de 2006, e desenvolvido por uma equipe de tradutores/pesquisadores da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Encontra-se disponível em http://glossario.libras.ufsc.br/. Acesso em: 20 set. 2018.

muets"[42]. O objetivo da obra era popularizar a “linguagem ecumênica dos gestos”, por meio dos sinais mais simples e básicos[43]. O dicionário de Pélissier contém 382 sinais que foram registrados pela litografia, uma técnica de desenho daquela época, e é composto por: notas explicativas, alfabeto manual (datilologia), 18 categorias – alimentos e objetos de mesa, bebidas e objetos de mesa, objetos para escrever, objetos escolares, indivíduos e profissões, animais, pássaros – peixes – insetos, adjetivos (qualidades exteriores), adjetivos (qualidades das coisas), adjetivos (qualidade moral), adjetivos (qualidades de interior), numeração, os três tempos do indicativo, verbos, advérbios, preposições, preposições e conjunções, interjeções e perguntas. Esse dicionário serviu de modelo para a elaboração de outros dicionários em vários países como Estados Unidos, Canadá, Espanha, dentre outros. No Brasil, o dicionário de Pélissier foi inspiração para Flausino José da Gama, em 1875, desenvolver os primeiros registros lexicográficos da língua de sinais (ver a subseção 2.5.1).

Dentre os dicionários impressos publicados em várias línguas de sinais, destacamos o dicionário de Stokoe, Casterline e Croneberg (1965), intitulado *A Dictionary of American Sign Language.* Essa obra foi um marco para a lexicografia das línguas de sinais e também foi responsável pela percepção que tivemos para organizar a nossa proposta de modelagem para o dicionário monolíngue de Libras.

Ao manusear pela primeira vez o dicionário de Stokoe, Casternline e Croneber (1965), um primeiro olhar parece ser mais desconcertante do que esclarecedor, mesmo para aqueles leitores que já são familiarizados e conhecem a língua de sinais. Essa certa estranheza pode acontecer devido à forma como o dicionário está escrito, ou seja, os autores desenvolveram um método para escrever a ASL. Consiste em um sistema de escrita/notação para os sinais usando alguns caracteres para representar a forma da mão, a locação e os movimentos. Cada signo é escrito em sequência: (1) o lugar onde o sinal é feito ele chamou de *tabula* ou *tab*; (2) a configuração distintiva da mão ou das mãos ele chamou de *designador* ou *dez;* e (3) a ação da mão ou das mãos, chamou de *signation* ou *sig.* Esses três termos -, tab, dez e sig - são usados em todo o dicionário como rótulos para os três

[42] Iconografia dos Signos que fazem parte da "educação primária dos surdos-mudos" (PÉLISSIER, 1856).
[43] L'auteur cherche à populariser le langage oecuménique des gestes, et, pour eu faciliter la vulgarisation, il en expose les signes les plus simples et les plus élémentaires (PÉLISSIER, 1856, n.p.)

aspectos dos signos. Contudo, para ler um sinal escrito nesse dicionário, é necessário um conhecimento de quais itens específicos podem ser usados. Por conta disso, Stokoe, Casterline e Croneberg (1965) apresentam um conjunto de símbolos para escrever a ASL logo nas primeiras páginas do impresso, os quais podem ser observados no Quadro 5. Na coluna da , têm-se o texto e os caracteres propostos no modelo de Stokoe, Casterline e Croneberg (1965), e na coluna da direita a nossa tradução para o português:

Quadro 5: Caracteres elaborados por Stokoe, Casterline e Croneberg (1965) para notação dos itens lexicais da ASL

(continua...)

Tab symbols	**Caracteres de *Tabulação*** Correspondente a Locação
1. **Ø** zero, the neutral place where the hands move, in contrast with all places below 2. face or whole head 3. forehead or brow, upper face 4. mid-face, the eye and nose region 5. chin, lower face 6. cheek, temple, ear, side-face 7. neck 8. trunk, body from shoulders to hips 9. upper arm 10. elbow, forearm 11. wrist, arn in supinated position (on its back) 12. wrist, arm in pronated position (face down)	1. **ø** zero, o local neutro onde as mãos se movem, em contraste com todos os locais abaixo. 2. face ou toda a cabeça. 3. testa ou sobrancelha, face superior 4. meio da face, região dos olhos e nariz. 5. queixo, face inferior 6. bochecha, têmpora, orelha, lateral da face. 7. pescoço 8. tronco, dos ombros aos quadris 9. braço 10. cotovelo, antebraço. 11. punho fechado, em posição para cima (palma para cima) 12. punho, braço em posição pronada (face para baixo)
Table of symbols Dez symbols, some also used as tab	**Tabela de Caracteres** Símbolos designadores, alguns também usados como *tabulação* (tab) Correspondente à configuração distintiva da Mão
13. **A** compact hand, fist; may be like 'a', 's', or 't' of manual alphabet	13. **A** mão fechada, punho cerrado; podendo ter a forma da mão como 'a', 's' ou 't' do alfabeto manual

14. **B** flat hand	**(ASL)**
15. **5** spread hand; fingers and thumb spread like '5' of manual numeration	14. **B** Mão espalmada
16. **C** curved hand; may be like 'c' or more open	15. **5** dedos e polegar abertos como em '5' da numeração do alfabeto manual (ASL)
17. **E** contracted hand; like 'e' or more clawlike	16. **C** mão curvada; em forma de 'c' ou mais aberta
18. **F** "three-ring" hand; from spread hand, thumb and index finger touch or cross	17. **E** mão contraída; como em forma de 'e' ou mais semelhante a garras
19. **G** index hand; like 'g' or sometimes like index finger points from fist	18. **F** mão em forma de "três anéis – três dedos do meio"; mão aberta, polegar e dedo indicador tocando-se ou cruzando-se
20. **H** index and second finger, side by side, extended	19. **G** indicador apontando; em forma de 'g'
21. **I** “pinkie" hand; little finger extended from compact hand	20. **H** indicador e dedo médio, unidos e estendidos
22. **K** like G except that thumb touches middle phalanx of second fingers usually bent into palm	21. **I** Mão fechada e dedo mínimo "mindinho"; estendido
23. **L** angle hand; thumb index finger in right angle, other fingers usually bent into palm	22. **K** em forma de G, somente o polegar toca a falange média do dedo médio, geralmente dobrados tocando na palma da mão
24. **3** “cock” hand; thumb and first two fingers spread, like “3” of manual numeration	23. **L** mão angular; dedo indicador do polegar em ângulo reto, outros dedos geralmente dobrados na palma da mão
25. **O** tapered hand, fingers curved and squeezed together over thumb; may be like ‘o’ of manual alphabet	24. **3** Mão com o polegar e dois primeiros dedos abertos, como em "3" da numeração manual **(ASL)**
26. **R** “warding off" hand; second finger crossed over index finger, like 'r' of manual alphabet	25. **O** mão afunilada, todos os dedos curvados tocando no polegar; ou forma de 'o' do alfabeto manual **(ASL)**
27. **V “**victory" hand; index and second fingers extended and spread apart	26. **R** dedos indicador e médio cruzados em forma de 'r' do alfabeto manual **(ASL)**
28. **W** three-finger hand; thumb and little finger touch, others extended spread	27. **V** Mão em forma de V "vitória"; dedos indicador e médio estendidos e afastados
29. **X** hook hand; index finger bent in hook from fist, thumb tip may touch fingertip	28. **W** mão em forma de três, dedos
30. **Y** "horns" hand; thumb and little finger spread out extended from fist; or index finger and little finger extended, parallel	
31. **ϒ** (allocheric variant of Y); second	

finger bent in from spread hand, thumb may touch fingertip	indicador, médio e anelar estendidos e abertos/espalhado; somente o polegar segura ou toca no dedo mínimo. 29. **X** mão em forma de gancho; dedo indicador dobrado em forma de gancho em direção ao punho, a ponta do polegar pode tocar a ponta dos demais dedos. 30. **Y** mão em forma de "chifres"; polegar e dedo mínimo estendidos afastados para fora do punho; ou indicador e dedo mínimo estendido paralelamente. 31. (variante de Y); dedo médio dobrado, o polegar pode tocar a ponta do dedo
Sig Symbols	**Caracteres de Sinalização** Refere-se à ação da Mão - Movimento
32. upward movement 33. downward movement 34. up-and-down movement — Vertical action 35. rightward movement 36. leftward movement 37. side to side movement — Sideways action 38. movement toward signer 39. movement away from signer 40. to-and-fro movement — Horizontal action 41. supinating rotation (palm up) 42. pronating rotation (palm down) 43. twisting movement — Rotary action 44. nodding or bending action 45. opening action (final dez configuration shown in brackets) 46. closing action (final dez configuration shown in brackets) 47. wiggling action of fingers 48. circular action 49. convergent action, approach 50. contactual action, touch 51. linking action, grasp interaction 52. crossing action 53. entering action — Interaction	32. movimento para cima 33. movimento para baixo 34. movimento para cima e para baixo — Ação vertical 35. movimento para a direita 36. movimento para a esquerda 37. movimento lado a lado — Ação lateral 38. movimento horizontal em Direção ao sinalizante 39. Movimento para fora do sinalizante 40. Movimento para frente e para trás — Ação horizontal 41. supinação rotativa (palma para cima) 42. pronação rotativa (palma para baixo) 43. movimento de torcer — Ação rotativa 44. ação de dobrar ou flexionar 45. ação de abertura (CM final da mão mostrada entre colchetes) 46. ação de fechar (CM final da mão mostrada entre colchetes) 47. ação dos dedos mexendo

54. ÷ divergent action, separate 55. ( ) interchanging action	48. ação circular 49.)(ação convergente de aproximação 50. X ação de contato, toque 51. ação de vínculo, agarrar, apertar 52. ação cruzada 53. ação de entrar 54. ÷ ação divergente, separada 55. ( ) ação de trocar, alternar Interação

Fonte: Elaborada pela autora com base na obra original de Stokoe, Casterline e Croneberg (1965, p. x – xi, tradução nossa).

No dicionário, proposto por Stokoe, Casterline e Croneberg (1965), a junção de cada um dos caracteres ou símbolos, apresentados no quadro anterido, são utilizados para a sistematização das entradas lexicais. Cada entrada fornece informações sobre como ocorre a disposição de alguns ou todos os caracteres. Vale lembrar que tais caracteres são equivalentes aos parâmetros que formam os itens lexicais correspondentes a cada entrada. Conforme explicam os autores, no decorrer da introdução (*Front Matter*), cada entrada tem: (1) o sinal em caracteres/símbolos; (2) variantes do sinal; (3) a natureza do sinal; (4) notas sobre como o sinal é feito; (5) indicações especiais de uso; (6) valor sintático: N, V, ^{x}; (7) glosas, equivalentes em inglês; (8) notas sobre uso, sinais relacionados, exemplos; (9) referência cruzada (remissivas), (STOKOE, CASTERLINE; CRONEBERG, 1965, p. xxiii). Por exemplo, para o usuário reproduzir o sinal usado para *APPLE* / MAÇÃ no sistema de notação de Stokoe Casterline e Croneberg (1965) } A$^{\omega\cdot}_{x}$ } X$^{\omega\cdot}_{x}$, os autores fazem a seguinte descrição: o polegar deve ser configurado (dez) torcendo na bochecha; também é preciso observar o contraste mínimo que há em relação ao sinal usado para 'cebola', feito sob os olhos e possivelmente muito próximo da locação (tab). Além da descrição da notação, os autores também apresentam uma imagem referente ao sinal usado para *APPLE* / MAÇÃ, como mostra a Figura 19:

Figura 19: Configuração/forma da mão (dez) utilizada para realizar o sinal de APPLE em ASL

Fonte: Stokoe, Casterline e Croneberg (1965, p. 172, destaque nosso).

O sinal é representado por meio dos seguintes símbolos: } para indicar o local onde o sinal é realizado (tab), podendo ser na bochecha, na têmpora, na orelha ou na face lateral; A corresponde à forma da mão (dez); ω• indica o movimento de torcer (sig); e o x refere-se à ação de contato ou toque.

Como podemos ver nessas representações, os símbolos representam todos os parâmetros que constituem o sinal, e o movimento e a posição da mão são marcados a partir da configuração da mão. Esse sistema de notação foi pensado por Stokoe para anotar/escrever os sinais manuais, por isso, não foi concebido para escrever sentenças. Cada item lexical é escrito nesta sequência: a localização, a forma e o movimento da mão.

Apesar do Sistema de Notação de Stokoe ter um vasto reconhecimento e notabilidade, esse não foi o primeiro sistema ou tentativa de notar sinais de uma língua sinalizada. O primeiro sistema de notação foi o *Mimographie,* publicado em 1825 por Bébian, cujo método era voltado à transcrição fonética dos gestos ou sinais daquela época, e foi considerada uma das suas mais importantes obras. Com uma ideia bastante revolucionária, Bébian propôs alguns caracteres para representar e decompor os sinais em cinco elementos básicos: (i) a forma da mão; (ii) a posição da mão no espaço; (iii) o lugar onde o sinal ou gesto era realizado; (iv) a ação dos gestos (movimento); e (v) a expressão facial (OVIEDO, 2007). É interessante notar que muito antes de Stokoe (cerca de 130 anos), Bébian já havia percebido e identificado as unidades mínimas que formavam os sinais, e que vale ainda para as línguas de sinais atuais.

Depois do sistema de notação de Stokoe, Casterline e Croneberg (1965), outros sistemas foram criados. Um deles foi o Sistema de Notação de Hamburgo (*HamNoSys*), que é um dos mais utilizados atualmente para a anotação de sinais. Além desse, outro que também é muito utilizado, mas totalmente diferente de um sistema de notação, pois se trata de escrita, é o Sistema de escrita de sinais *SignWriting*. Enquanto o sistema de notação é constituído por caracteres/símbolos que tendem a representar conceitos de determinadas áreas do conhecimento (música, ciências, línguas), geralmente utilizado por pequenos grupos, o sistema de escrita utiliza-se de caracteres ou grafemas com o objetivo de representar a estrutura de uma língua de forma convencional.

O *HamNoSys*[44] foi desenvolvido por um grupo de pesquisadores da universidade de Hamburgo, em 1984, e atualmente é coordenado por Thomas Hanke. É um sistema de notação alfabético, baseado no sistema de notação de Stokoe, que anota os sinais em um nível fonético, correspondendo a um conjunto de aproximadamente 200 caracteres para representar em um sinal as características manuais e não manuais, as configurações de mãos, a orientação da mão, a localização na realização do sinal e o movimento. De acordo com Hanke (2004), os símbolos de anotação estão disponíveis como um conjunto de caracteres baseado em unicode[45] para vários sistemas operacionais e podem ser baixados gratuitamente. Esse sistema de notação também serve para uma série de controles de avatar, uma vez que está integrado com ferramentas padrões de computação e apresenta uma sintaxe formal que segue os princípios da composicionalidade. De acordo com Hanke (2007), é um sistema que sempre poderá ser melhorado conforme a evolução das línguas de sinais. Atualmente, o *HamNoSys* está em sua versão 4.0 e pode ser usado na construção de dicionários de línguas de sinais como meio de descrição. Smith (2013) elaborou um guia[46] com recursos disponíveis para

---

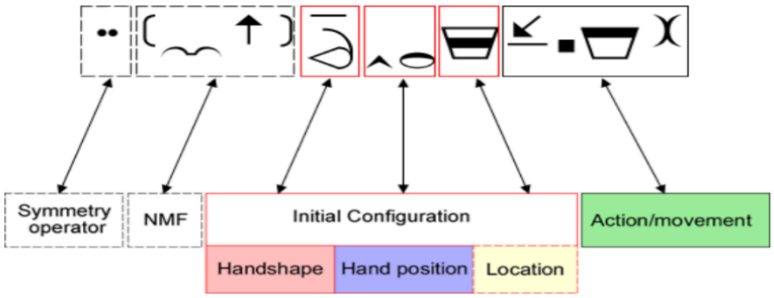
[44] Maiores informações sobre esse sistema de notação podem ser encontradas neste site: https://www.sign-lang.uni-hamburg.de/dgs-korpus/index.php/hamnosys-97.html.

[45] É um código de caracteres de padrão universal para processamento de informações que inclui todos os principais *scripts* do mundo e é a base para o desenvolvimento de software para uso mundial. O unicode oferece suporte a todas as línguas em todo o mundo com seus conjuntos de caracteres únicos - pode suportar mais de 1 milhão de caracteres. (LONGMAN, 2000, p. xxv). Disponível em: http://tka4.org/materials/lib/Articles Books/Programming/OS/The%20Unicode%20standard%20version%203.0%20(AW).pdf. Acesso em: 10 fev. 2019.

[46] O guia para uso do HamNoSys 4.0 pode ser acessado em: https://robertsmithresearch.files.wordpress.com/2012/10/hamnosys-user-guide-rs-draft-v3-0.pdf. Acesso em: 06 nov. 2018.

o *HamNoSys 4.0*, no qual apresenta um esquema para representar a estrutura geral desse sistema de notação, conforme ilustrado na Figura 20:

Figura 20: Estrutura geral usado no sistema de notação HamNoSys



Fonte: Smith (2013, p. 4).

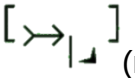
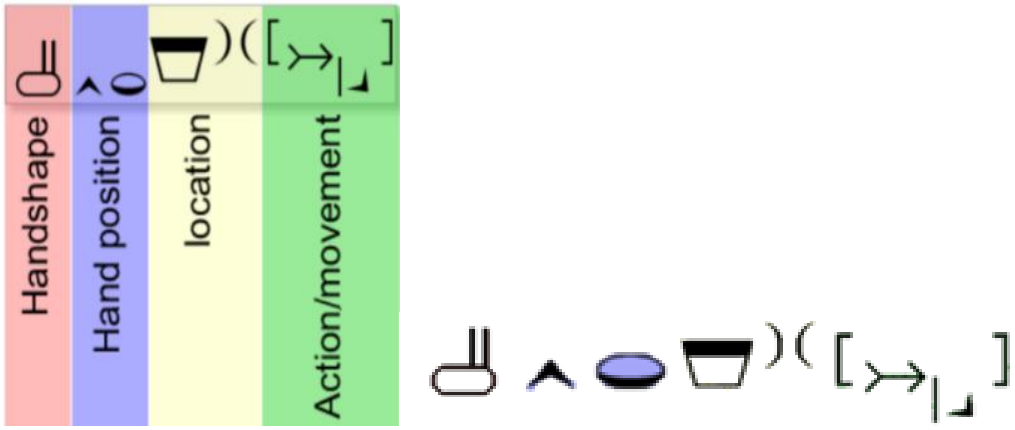
Com os recursos do *HamNoSys*, Smith (2013) apresenta a notação referente ao sinal *WORKING* (trabalhar) da Língua de Sinais Irlandesa (ISL). A representação por notação é composta pela sequência de: (configuração de mão), (orientação da mão), (locação) e  (movimento, ação), representado na Figura 21:

Figura 21: Notação correspondente a WORKING (trabalhar) da ILS, a partir do HamNoSys



Fonte: Adaptado de Smith (2013, p. 4).

Diferente do sistema de notação, o *SignWriting* é um sistema de escrita que vem ganhando espaço entre os surdos; trata-se do sistema *SignWriting*[47]*.* De acordo com Felipe (2014), em 1974, surgiu a proposta para que as línguas de sinais deixassem de ser "ágrafas" e pudessem ter registro escrito formal para comunicação por meio de uma escrita. Com a sua difusão, esse sistema parece ser capaz de contribuir para o desenvolvimento de uma tradição literária entre os surdos, uma vez que já é possível encontrarmos artigos e livros escritos em *SignWriting*. Além disso, em alguns países também é possível o seu uso prático na alfabetização com grande impacto e resultados positivos na educação de crianças surdas. Stumpf (2016) assevera que:

> A característica mais importante do SignWriting é que se trata de um sistema gráfico e esquemático de escrita de sinais, que com um mínimo de convenções gráficas, permite o registro de sinais com bastante naturalidade. É um sistema genérico, isto é, não é específico de nenhuma língua de sinais, motivo pelo qual pode ser usado para escrever a língua de sinais de qualquer país. (STUMPF, 2016, p. 84).

No Brasil, as pesquisas sobre esse sistema de escrita começaram a ser desenvolvidos em 1996 (FELIPE, 2014, STUMPF, 2016), porém, ele passou a ter mais visibilidade e ser mais utilizado a partir da tese de doutorado da professora Marianne Stumpf (2005)[48], que atualmente é responsável pela disciplina de *Signwritng* no Curso de Graduação em Letras-Libras, além de orientações em teses e dissertações sobre essa temática. Muitos dicionários de línguas de sinais incluíram os verbetes escritos em *SignWriting*. No Brasil, temos o *Dicionário da Língua de Sinais do Brasil* (CAPOVILLA et al., 2017) que inseriu, além das imagens, a escrita de mais de 10.000 sinais da Libras por meio do *SignWriting.* Além de contarmos com

[47] SignWriting é um sistema usado para escrever sinais. Foi criado pela Valerie Sutton, em 1974, com o objetivo de escrever danças e despertou a curiosidade dos pesquisadores da língua de sinais dinamarquesa, que, à época, estavam procurando uma forma para escrever os sinais. Na homepage do *SignWriting*, conforme os registros feitos por Valerie Sutton, é possível encontrar a história, os livros para serem baixados gratuitamente, além de várias informações atualizadas sobre o assunto. Disponível em: http://www.signbank.org/signpuddle/ e http://www.signwriting.org/.

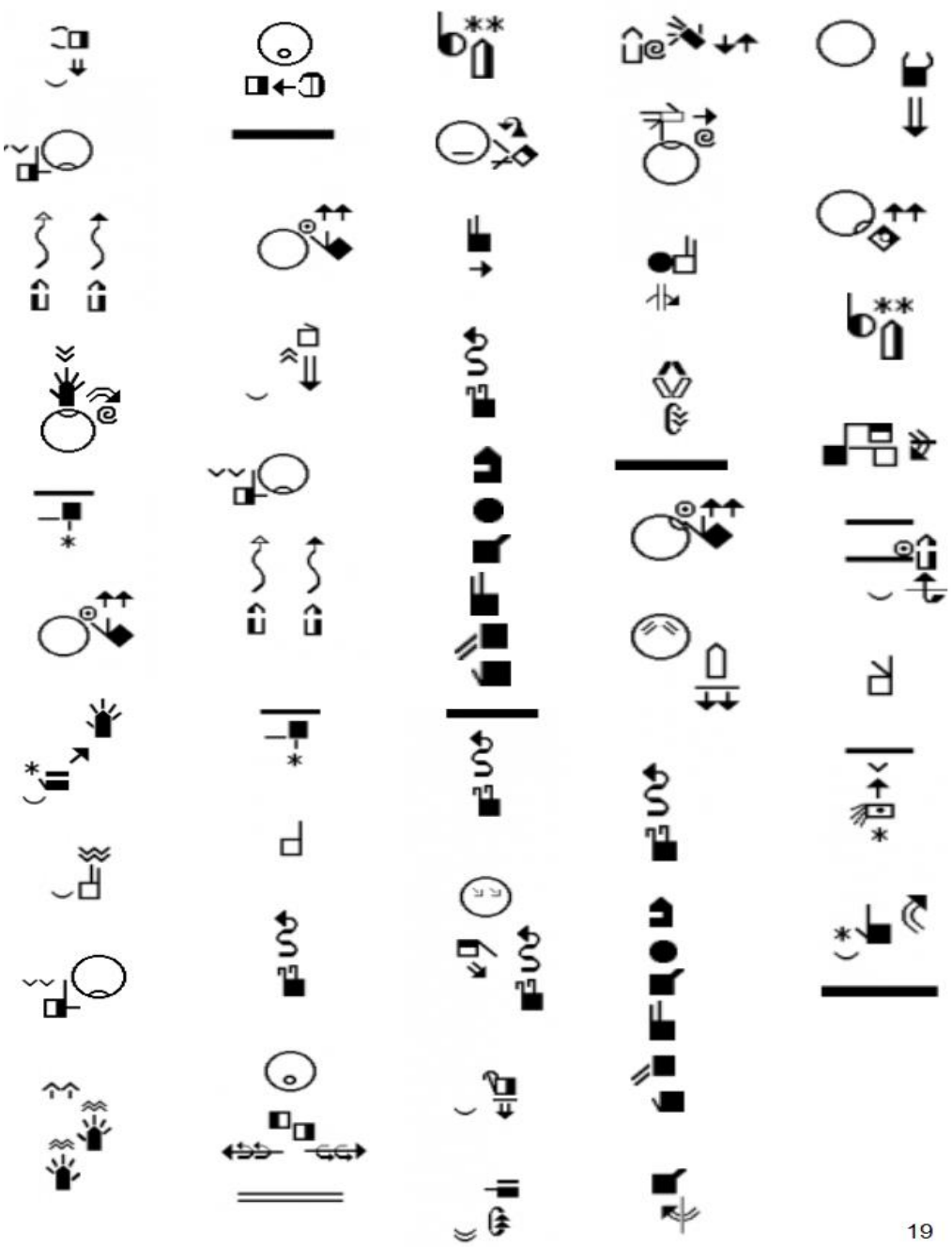
[48] A professora Marianne Rossi Stumpf é surda e a grande responsável pela difusão do Sistema SignWriting no Brasil. Em 2005, sob a orientação do prof. Dr. Antônio Carlos Rocha da Costa, ela defendeu sua tese de doutorado intitulada "Aprendizagem de Escrita de Língua de Sinais pelo sistema SignWriting: Línguas de Sinais no papel e no computador", no Curso de Pós-Graduação em Informática na Educação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em: https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/5429/000515254.pdf?sequence=1. Acesso em: 15 ago. 2019. Outras publicações da pesquisadora podem ser acessadas na página do Google Acadêmico: https://scholar.google.com.br/citations?user=TRuRuUIAAAAJ&hl=pt-BR.

uma importante e esclarecedora obra, intitulada *Escrita de Sinais: sem mistérios* dos autores Madson Barreto e Raquel Barreto (2015), que serve também como manual não apenas para a compreensão, como também para a aprendizagem da escrita da Libras.

Esse sistema representa toda a produção de sinais como uma composição de multiparâmetro como um todo (cada símbolo gráfico inclui, similarmente, os caracteres de vários articuladores, permitindo-nos ver um corpo criando um espaço e um olhar), possibilitando uma detalhada reconstrução de fenômenos espaciais. Para ilustrar o que estamos dizendo, na Figura 22 temos a representação de um recorte do texto intitulado “A cobra grande”, do livro Onze Histórias e um Segredo[49], esse texto está escrito em Libras, a partir dos caracteres do sistema de escrita de sinais. Portanto, para que a leitura seja possível, de acordo com o sistema, as linhas devem ser lidas na vertical e não no modo horizontal, como ocorre em grande parte da escrita de línguas orais.

[49] Livro organizado por Sales (2016), disponível para download em: http://www.signwriting.org/archive/docs13/sw1202_Onze_Historias_e_um_Segredo_Desvendando_as_Lendas_Amazonicas_1.pdf. Acesso em: 06 nov. 2018.

Figura 22: Escrita em sinais da Libras, recorte do texto “A Cobra Grande” (2016)



Fonte: Sales (2016, p. 19)[50].

[50] Segue a versão escrita em Língua Portuguesa: “Assim como correm rápido as águas, correm as histórias dos ribeirinhos à beira do grande rio Amazonas. Conta-se que naquelas águas vive uma cobra grande, que os indígenas chamam de Boiúna. Esta cobra tem o poder de transformar-se em embarcações e outros seres. Contam os mais antigos, que certa vez, uma índia engravidou da Boiúna e deu a luz a duas crianças gêmeas. O menino recebeu o nome de Taiguara e a menina que recebeu o nome de Ubiraci. Com o passar do tempo, todos perceberam que havia uma diferença entre os irmãos: Taiguara era ouvinte e Ubiraci era surda. Naquela etnia indígena, gêmeos eram sinônimos de maldição para a tribo. A mãe não queria as crianças, pois acreditava que eles atraiam a má-sorte e, para ficar livre dos filhos, jogou-os no rio. Entretanto, as crianças não morreram, conseguiram sobreviver e cresceram na região amazônica”. Disponível em:

No geral, esses sistemas ainda são pouco usado entre os usuários de línguas de sinais, pois são muito técnicos, assim como os estudos fonéticos dos alfabetos das línguas orais. Nesse sentido, os sistemas de notação *HamNoSys* e o sistema Stokoe, Casterline e Croneberg (1965) foram bastante criticados; por outro lado, o sistema de escrita *SignWriting* tem sido considerado por muitos como um sistema mais legível, completo e legítimo para escrever em sinais, e aos poucos vem ganhando espaço nos currículos escolares. Aprofundando ainda mais a discussão, na subseção a seguir, destacamos os avanços da lexicografia e o impacto nas línguas de sinais.

2.4.1 Avanços da lexicografia nas línguas de sinais em âmbito internacional

Antes de iniciarmos esta seção, consideramos importante esclarecer que tomamos por referência propostas de organização e de estruturação de léxicos produzidos mais recentemente para diferentes línguas de sinais. Como são inúmeros os dicionários impressos e eletrônicos de diferentes línguas de sinais, mesmo que realizássemos uma pesquisa mais aprofundada e extensa sobre a estrutura e a organização desses diferentes dicionários, ainda assim talvez não déssemos conta de inventariar e analisar com primor todos os seus dados, por isso, limitamo-nos a citar apenas alguns. Por questões de *layout*, de organização macro e microestruturais e de estrutura de modo geral, optamos por dar mais ênfase aos dicionários da Língua de Sinais Americana (ASL), Língua de Sinais Sueco Finlandesa (SUVI), Língua de Sinais da Nova Zelândia (NZSL), Língua de Sinais Dinamarquesa (DTS), Língua de Sinais Britânica (BSL), Língua de Sinais Italiana (LIS), Língua de Sinais Australiana (AUSLAN), dentre outros que citamos no decorrer da pesquisa.

De modo geral, até pouco tempo, os materiais lexicográficos envolvendo línguas de sinais disponíveis dependiam obrigatoriamente de ilustrações; usavam-se desenhos ou fotografias que, geralmente, eram descritos em forma de textos. Entretanto, desde meados do século XX, a tecnologia multimídia tem sido um meio ideal para a apresentação, para a referência e para o aprendizado desse conhecimento linguístico gestual, uma vez que as interfaces computacionais

---

http://www.signwriting.org/archive/docs13/sw1202_Onze_Historias_e_um_Segredo_Desvendando_as_Lendas_Amazonicas_1.pdf . Acesso em: 06 nov. 2018.

permitem a inserção de vídeos. Alonso (1995) apresenta uma visão geral dos sistemas de aprendizagem auxiliados por computador para educação de pessoas com deficiência auditiva.

Atualmente, a versão mais básica de um dicionário eletrônico de uma língua de sinais consiste no acesso de palavras de uma língua oral com saídas acompanhadas de vídeos que mostram os sinais correspondentes. Os dicionários na versão on-line estão disponíveis em línguas de sinais de muitos países da América, da Itália, da Grã-Bretanha, da Índia, da Alemanha, dentre outros locais. Nesses dicionários de línguas de sinais, a partir da seleção de vídeos, o item lexical pode ser apresentado em caráter real, ou seja, o sinal pode ser acessado e visualizado em vídeos realizados por intérpretes humanos ou por personagens animados gerados por computador, denominados avatares.

A maioria usa palavras escritas como critérios de busca, mas alguns também oferecem a possibilidade de pesquisar critérios fonológicos (por exemplo, formato de mão e lugar de articulação do sinal). Esses dicionários eletrônicos geralmente usam clipes de vídeo para ilustrar a produção dos sinais. Nesta subseção, identificamos uma série de características de dicionários on-line que são particularmente úteis para a lexicografia em língua de sinais, indicando os dicionários mais recentes de línguas de sinais.

Iniciamos por apresentar alguns dicionários de língua de sinais que já estão implementados. O primeiro a ser citado é o *Spread The Sign*[51], lançado na Suécia em 2009; trata-se de um dicionário semibilíngue, atualmente acessado por usuários surdos e não surdos de várias partes do mundo. Isso é possível por envolver 36 países, dentre eles o Brasil, com o objetivo de compartilhar várias línguas de sinais de diferentes países por meio da internet.

A página inicial do *Spread The Sign* apresenta uma macroestrutura[52] em forma de aba, em que é possível selecionar: (i) a pesquisa - que corresponde à palavra da língua oral a ser pesquisada; (ii) a frase - permite procurar frases que devem ser escritas na grafia da língua oral de origem; (iii) a categoria - dispõe de uma lista contendo 17 categorias bastante abrangente; (iv) o mapa - apresenta uma tela com o mapa mundi indicando os países que participam do projeto; (v) o alfabeto

[51] Disponível em: https://www.spreadthesign.com/pt.br/search/. Acesso em: 05 nov. 2018.
[52] Para Hartmann & James (2001), a macroestrutura corresponde aos níveis fundamentais de estruturação de um dicionário, ou seja, refere-se ao formato geral.

manual - apresenta vídeos e fotos correspondente a cada letra do alfabeto manual de cada país; e (vi) o idioma - possibilita a seleção do idioma que se pretende pesquisar.

Apesar de ser um ambiente bastante interativo com o consulente, a desvantagem desse dicionário para o usuário surdo é que a pesquisa do sinal desejado deve ser realizada na língua oral do país selecionado; assim, somente a partir da seleção do item lexical é que será apresentado em vídeo o sinal correspondente. Nesse caso, o usuário deve ser bilíngue e, em se tratando de um contexto bilíngue, as necessidades do usuário dependem de sua competência em sua língua natural, bem como de sua compreensão da língua estrangeira. Vale lembrar que as necessidades dos usuários de um dicionário estão geralmente vinculadas às situações particulares em que surge a necessidade de procurar um dicionário para receber respostas a questões linguísticas ou técnicas específicas.

Muitos outros dicionários de várias línguas de sinais também assumem esse tipo de recurso digital para a organização da macroestrutura, isto é, a pesquisa/entrada pela palavra escrita e o resultado o sinal correspondente, o que não é totalmente viável ao público surdo. Citamos como exemplos os seguintes dicionáiros dicionários: *Signing Savvy*[53], que é um dicionário de língua de sinais que contém milhares de palavras e de vídeos com sinais da ASL e da Língua de Sinais Canadense (CSL); o *Baby Sign Language*[54], cujo objetivo é ensinar os sinais da ASL para crianças (a esse dicionário também foram acrescentadas imagens correspondentes aos sinais); o *Dictionary of British Sign Language*[55], o *Signals*[56], dentre outros.

Alguns dicionários levam em conta os parâmetros formadores dos sinais para estabelecer as suas entradas lexicais; no entanto, como já dito anteriormente, o que mais sobressai é a língua oral do país em questão. Outro exemplo é o dicionário *Hands Peak*[57], que foi produzido por Jolanta Lapiak, em 1986, na Gallaudet College, com a participação de sinalizantes bilíngues que têm a ASL como língua natural.

Esse dicionário contém os sinais de ASL, algumas de suas variantes e algumas inflexões verbais. Uma das vantagens dessa obra para o usuário é a

[53] Disponível em: https://www.signingsavvy.com/. Acesso em: 05 nov. 2018.
[54] Disponível em: https://www.babysignlanguage.com. Acesso em: 05 nov. 2018.
[55] Disponível em: https://www.britishsignlanguage.com/. Acesso em: 05 nov. 2018.
[56] Disponível em: https://www.signasl.org/. Acesso em: 06 nov. 2018.
[57] Disponível em: https://www.handspeak.com/word/. Acesso em: 05 nov. 2018.

possibilidade da busca de ASL para o inglês. Essa busca pode ser realizada em uma janela partir da seleção de um dos parâmetros, respectivamente a: (i) configuração de mão; (ii) movimento; (iii) locação e quantidade e forma da(s) mão(s). Apesar de disponibilizar entradas pela língua de sinais, por meios desses três parâmetros, a interface do site dispõe essas possibilidades de busca de forma muito periférica, ou seja, a tela precisa ser rolada várias vezes para que tais opções sejam encontradas pelo usuário. Para o usuário não bilíngue ou semibilíngue, a entrada correspondente à seleção dos parâmetros também apresenta vários problemas, um dos mais relevantes é a descrição do movimento e da locação que está escrito em inglês, sem que haja qualquer outra imagem como referência visual.

No tocante à forma como está estruturado, tal dicionário pode não ser considerado como um material instrutivo para estudantes de ASL ou para os surdos, mas deve servir como um recurso para aqueles familiarizados suficientemente com a ASL e seus termos linguísiticos para preencher as lacunas que existem em sua organização. No entanto, os autores, de algum modo, reconheceram o benefício de também organizar um dicionário de língua de sinais por meio dos parâmetros que constituem um sinal, pois abriram espaços para a configuração da mão, para a locação, para o movimento e para a orientação da mão. Apesar dessa preocupação, tais recursos ficaram dependentes da língua escrita em inglês para que o sinal fosse acionado.

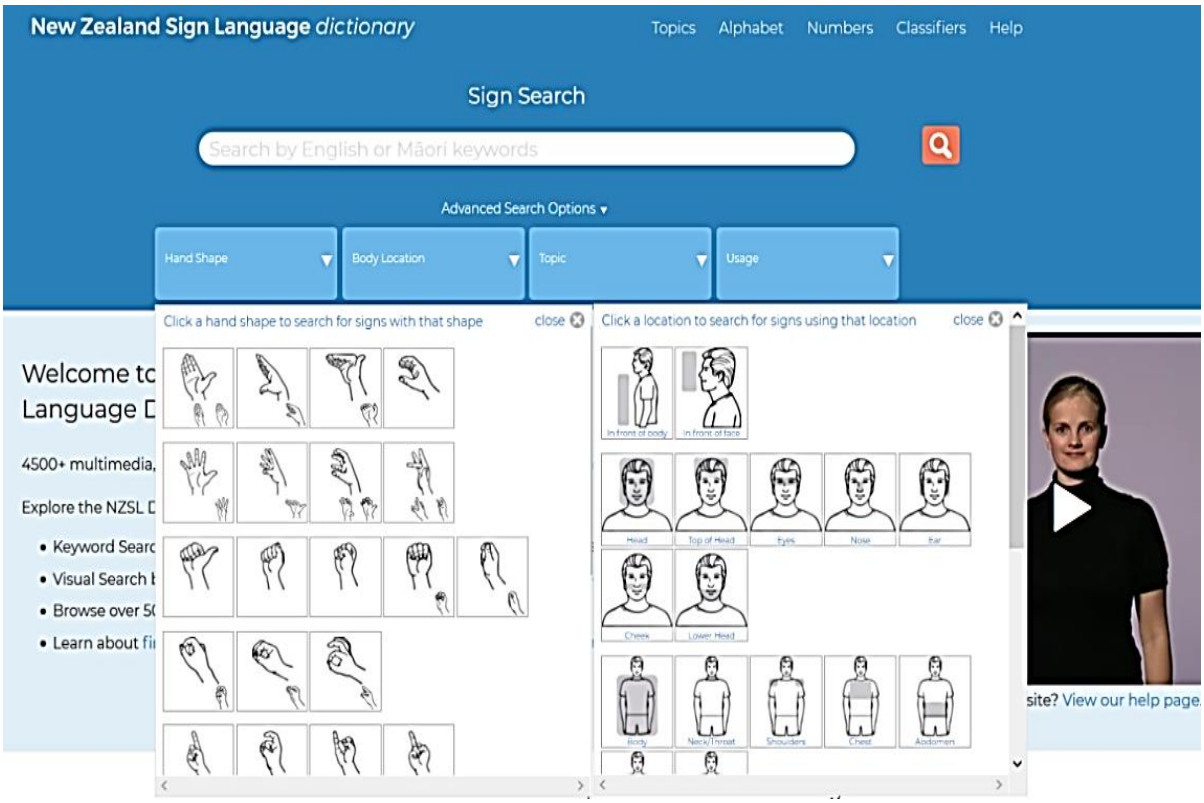
O dicionário on-line da Língua de Sinais da Nova Zelândia (DNZSL), por sua vez, apresenta uma configuração diferenciada. Foi lançado em 2011 e aproveita as vantagens do meio digital do século XXI para desenvolver uma pesquisa descritiva sobre a língua de sinais. Esse dicionário, em relação a outras línguas de sinais, é considerado bilíngue e bi-direcional, devido ao caráter das entradas que são organizadas a partir das configurações de mãos e locação. O DNZSL dispõe de três métodos de pesquisas:

> i) A busca de um sinal pela palavra escrita em inglês ou maori. É uma caixa de pesquisa padrão, que exibe sugestões de palavras-chave que podem constar no dicionário, que surgem quando o usuário começa a digitar;
>
> ii) O recurso pesquisar por sinal solicita que os usuários selecionem dois parâmetros de um sinal a partir de um menu de imagens: com 63

configurações de mão e 26 possibilidades de local onde o sinal é produzido (ver a Figura 23);

iii) Uma pesquisa mais avançada permite uma combinação de critérios dos dois métodos anteriores, bem como a escolha de tópicos para uma pesquisa temática a partir de algumas categorias.

Figura 23: Métodos de pesquisa no dicionário de Língua de Sinais Neozelandesa (DNZSL)

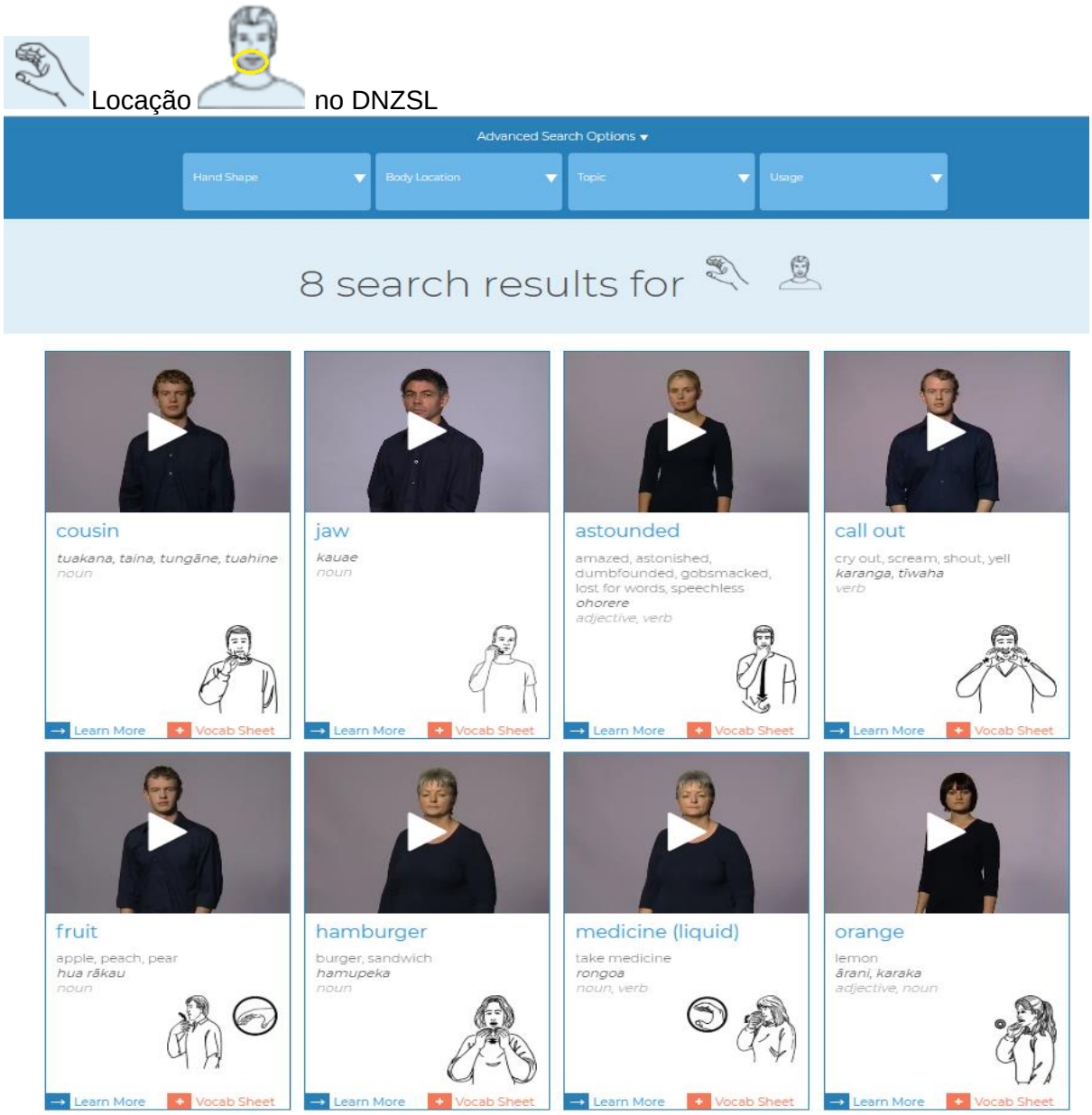


Fonte: https://nzsl.vuw.ac.nz/.

Sobre o dicionário implementado e em funcionamento, os criadores Mckee & Mckee (2012) ressaltam que a forma como está estruturado ainda não resolve todos os desafios teóricos que enfrentam os produtores de dicionário de língua de sinais.

A fim de verificar o funcionamento desse dicionário, realizamos uma busca aleatória pelo sinal combinando a CM e a locação (na região da boca). O resultado segue representado na Figura 24:

Figura 24: Resultado da busca de um sinal aleatório a partir da configuração de mão



Fonte: http://nzsl.vuw.ac.nz/.

Como podemos ver, ao selecionarmos a CM e a locação para a busca de um sinal desejado, o filtro de busca gera um repertório de sinais em vídeo e imagens que iniciam com os respectivos parâmetros, fazendo com que, dentre vários, o usuário selecione o sinal desejado. McKee & McKee (2013) destacam que, no caso das línguas de sinais, algumas das capacidades da criação digital de dicionários ainda não são aplicáveis. Assim, eles justificam essa afirmação pela falta de uma ortografia aceita da língua de sinais, e também pelos poucos corpora de textos escritos para ilustração. Embora haja o reconhecimento de que os corpora de vídeo

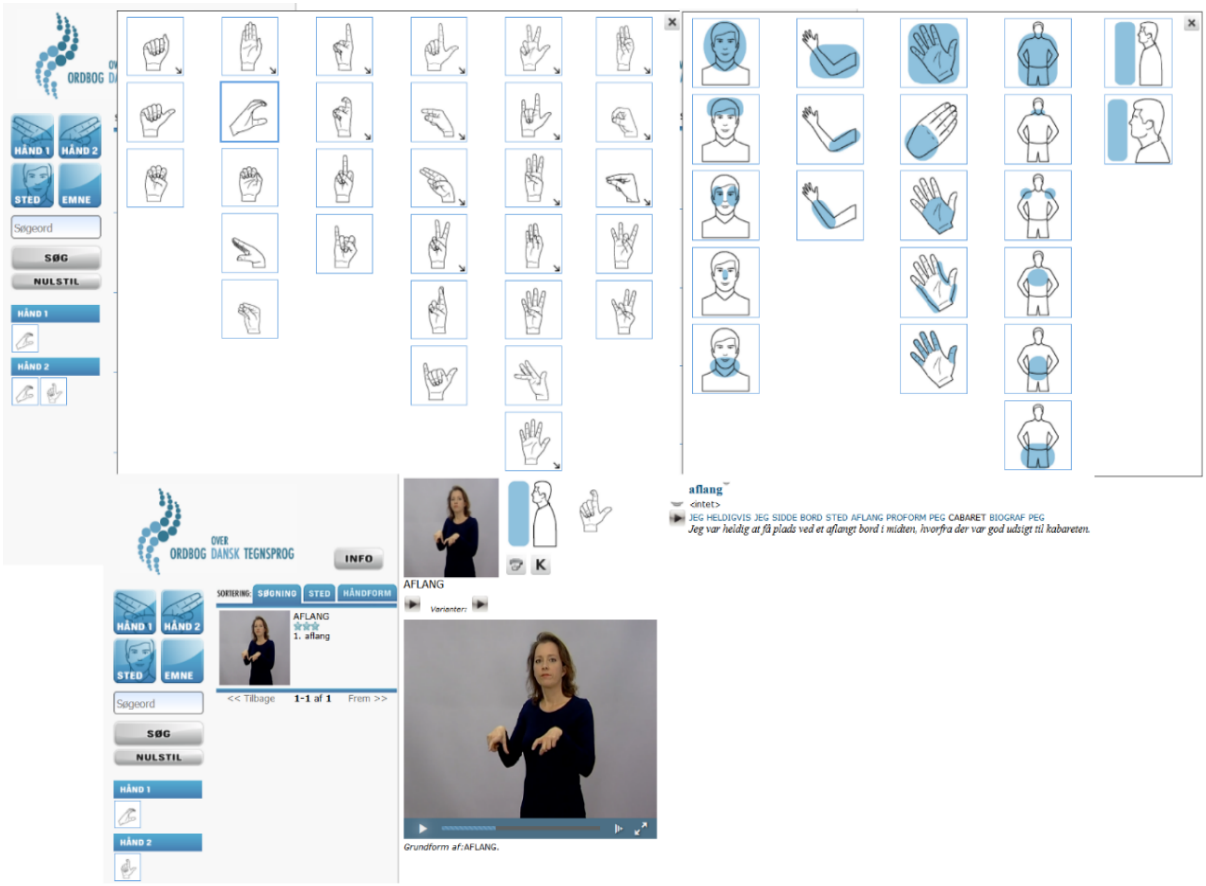
das línguas de sinais estejam se tornando mais difundidos, eles ainda são pequenos se comparados aos corpora das línguas orais.

A partir de uma pesquisa realizada com um grupo de usuários, Vale (2016) identificou alguns problemas na consulta do dicionário DNZSL: (i) questões técnicas, como longos tempos de carregamento e falhas na reprodução de vídeos; (ii) problemas com o uso da interface "pesquisar por sinais", por não estarem familiarizados com esse tipo de dicionário; (iii) problemas com o *layout* da página inicial e a necessidade de recursos de pesquisa mais proeminentes; e (iv) perda de informações porque os resultados exibidos exigiam rolagem da página para baixo. Tais dicas nos ajudam a refletir nos vários aspectos em relação ao dicionário proposto nesta pesquisa, dentre outros, a forma de buca dos verbetes, o *layout*, o tempo de exibição de uma página, pois, geralmente, se não for exibida em segundos, os participantes podem perder a paciência e clicar em outras partes da página; assim, tentarão recarregar ou desistirão da pesquisa.

Os lexicógrafos da Língua de Sinais Dinamarquesa (DTS) também desenvolveram uma ferramenta de busca on-line bastante relevante. As principais estratégias utilizadas no dicionário da DTS[58] são as entradas pela CM e locação. Além da busca pela palavra da língua oral dinamarquesa, o usuário pode acessar um sinal selecionando a locação em uma caixa que contém 15 ícones, e as configurações de mãos (65 formas distintas e pesquisáveis) em duas caixas separadas referentes à CM 1 (mão ativa) e à CM 2 (mão passiva); essa última opção também é um diferencial nesse dicionário. As entradas são estruturadas de acordo com a semântica dos sinais, e quase todas as informações incluem exemplos de uso referentes à própria DTS em glosas. Os respectivos resultados são apresentados em janelas de vídeo. Na Figura 25, há uma representação da tela de busca do Dicionário da DTS.

[58]Danish Sign Language Dictionary. Disponível em: http://tegnsprog.dk/. Acesso em: 11 nov. 2018.

Figura 25: Telas de representação de busca do Dicionário da Língua de Sinais Dinamarquesa



Fonte: http://tegnsprog.dk/.

Outro diferencial desse dicionário está nas pesquisas de texto, que podem ser realizadas tanto em equivalentes da língua dinamarquesa quanto por glosas dos sinais seguidas de exemplos de frases (transcrições e traduções). De acordo com Kristoffersen & Troelsgård (2012), os consulentes podem encontrar sinais que não estão lematizados no dicionário; isso é possível devido ao número de sentenças e de exemplos que o DTS apresenta. Os critérios de busca e a lista de resultados são mostrados lado a lado, o que facilita a pesquisa. Isso permite que o usuário selecione uma única configuração de mão ou grupos personalizados de configurações, independentemente do agrupamento da configuração padrão.

Esse dicionário pode ser considerado como um dicionário bilíngue, uma vez que são usados sinais/palavras tanto do DTS quanto do dinamarquês, sendo uma ferramenta que promove o envolvimento de dois idiomas e apresenta equivalências linguísticas entre uma língua e outra. É uma ferramenta de busca que parece ser multifuncional, ou seja, abrangente e de fácil utilização, com a possibilidade de ser

útil para uma um grande número de usuários aprendizes da DTS ou sinalizantes. Sobre essa questão, Hartmann e James (2001) têm o seguinte posicionamento:

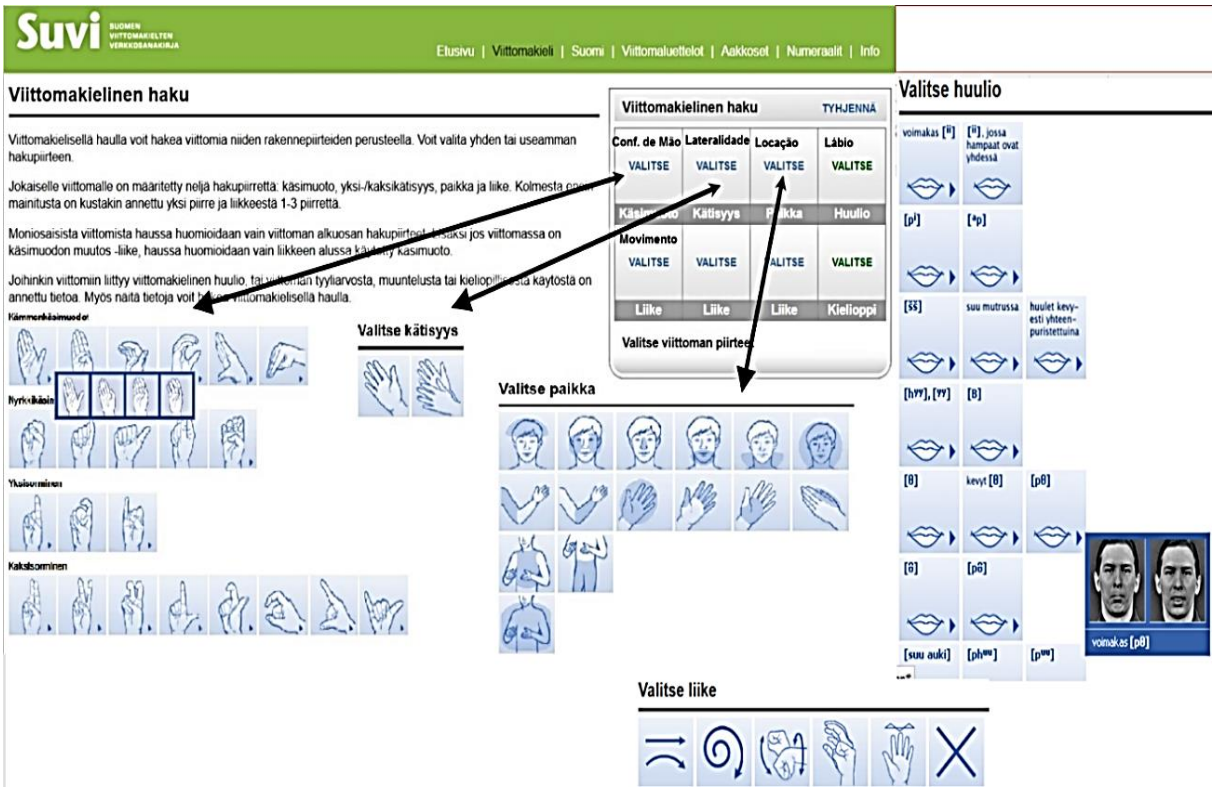
> A type of DICTIONARY which relates the vocabularies of two languages together by means of translation EQUIVALENTS, in contrast to the MONOLINGUAL DICTIONARY, in which explanations are provided in one language. This is at once its greatest advantage and disadvantage. By providing lexical equivalents, the bilingual dictionary helps language learners and translators to read or create texts in a foreign language. However, finding suitable lexical equivalents is a notoriously difficult task, especially in pairs of languages with different cultures.[59] (HARTMANN; JAMES, 2001, p. 14).

Os autores reconhecem os problemas interculturais que advêm de uma lexicografia bilíngue. E se essa técnica configura um desafio em situações que envolvem duas línguas orais, pois, quando entram em voga as unidades lexicais de duas línguas como uma de sinais e uma oral, os desafios certamente serão maiores.

O outro dicionário que destacaremos é o da Língua de Sinais Sueco-Finlandesa (SUVI), que está disponível em sua versão on-line desde 2003. Diferentemente dos demais já citados, esse utiliza em sua macroestrutura os cinco parâmetros para a pesquisa de um sinal. A interface apresenta uma caixa para seleção de cada um dos seguintes parâmetros: 83 configurações de mãos, opção por uma ou duas mãos, 15 locações, 57 formas de boca, e sete tipos de movimentos. A Figura 26 ilustra as entradas pelos parâmetros citados:

[59] Um tipo de DICIONÁRIO que relaciona os vocabulários de duas línguas por meio de tradução de EQUIVALENTES, em contraste com o DICIONÁRIO MONOLÍNGUE, em que as explicações são fornecidas em uma língua. Esta é a sua maior vantagem e desvantagem. Ao fornecer equivalentes lexicais, o dicionário bilíngue ajuda os alunos e tradutores das línguas a ler ou a criar textos numa língua estrangeira. Entretanto, encontrar equivalentes lexicais adequados é uma tarefa notoriamente difícil, especialmente em pares de línguas com diferentes culturas. (HARTMANN; JAMES, 2001, p. 14, tradução nossa).

Figura 26: Tela adaptada para representar as entradas no dicionário SUVI



Fonte: Modificado de http://suvi.viittomat.net/.

A vantagem desse dicionário é que a preferência de pesquisa está mais voltada para a língua de sinais, embora seja possível também a busca por palavras da língua oral. Uma novidade que ele apresenta é o registro das ações da boca como componente não manual. O padrão boca tem sido objeto de pesquisa em línguas de sinais como a italiana (LIS) e a francesa (LSF), por Petitta, Sallandre & e Rossini (2013), a alemã (DSGS), por Boyes-Braem (2001), Boyes-Braem & Sutton-Spence (2001), a britânica (BSL), por Sutton-Spence & Woll (1999), a ASL, por Lucas & Valli (1992), dentre outros. Sutton-Spence & Woll (1999) sustentam que:

> There are many mouth patterns that convey grammatical and phonological information in BSL. Although BSL is independent of English, it has been influenced by English, and has borrowed from English. One of the things it has borrowed is the mouth patterns from English words. BSL has not just borrowed randomly, though, and there are times when English mouth patterns are borrowed, and times when they are not. More importantly, BSL changes the English mouth

> patterns, so that when they are used, they are not always used as they are in English. [60] (SUTTON-SPENCE; WOLL, 1999, p. 81).

As ações da boca parecem ser moldadas conforme a natureza da língua de sinais. Kristoffersen e Boye Niemalä (2008) explicam que, se os padrões da boca são tratados como um elemento formacional de um sinal, isto é, como uma característica fonológica estável e contrastante, o resultado seria múltiplas entradas de dicionário para uma configuração de mão emparelhada com bocas alternadas.

Nesse dicionário, o que também chama a atenção é o registro da sequência dos parâmetros selecionados para formar o sinal desejado. Na Figura 27, destacamos a sequência dos parâmetros usados para chegar a um determinado sinal da Língua de Sinais Sueco-Finlandesa:

Figura 27: Tela do SUVI com destaque para a sequência querológica de um sinal

Fonte: Modificado de http://suvi.viittomat.net/classsearch.php?default=1.

[60] Existem muitos padrões de boca que transmitem informações gramaticais e fonológicas na BSL. Embora a BSL seja independente do inglês, ela foi influenciada pelo inglês e emprestada do inglês. Uma das coisas que tomou emprestado são os padrões da boca das palavras inglesas. A BSL não os pediu emprestados aleatoriamente, entretanto, há momentos em que os padrões da língua inglesa são emprestados e outros não. O mais importante, é que a BSL altera os padrões de boca da língua inglesa, de modo que, quando usados, nem sempre são usados como em inglês. (SUTTON-SPENCE; WOLL, 1999, p. 81, tradução nossa).

Foi com base, também, nesse formato de organização sequencial dos parâmetros querológicos, destacados na figura anteiror, que tivemos algumas ideias iniciais para estruturar as entradas da proposta que desenvolvemos nesta pesquisa.

Em síntese, a investigação bibliográfica realizada até o momento nos fornece pistas sobre os caminhos metodológicos que precisaremos percorrer em nossa pesquisa, mormenente sobre como indexar as entradas do dicionário pretendido, tendo em vista o usuário surdo, a quem o produto se destina, prioritariamente. McKee & McKee (2012) nos chamam a atenção para o fato de que, se há problemas com relação aos dicionários bilíngues ou semiblíngues produzidos com pares linguísticos de línguas de sinais/línguas orais, no meio eletrônico muitas questões também ainda não estão resolvidas, uma vez que os problemas lexicográficos, de longa data, para os pesquisadores de língua de sinais podem ser elencados da seguinte forma: (i) a tomada de decisão do lexicógrafo sobre como deve ser a entrada e o status dos sinais (ou seja, o tratamento de sinais que são marginalmente lexicalizados); (ii) a determinação de formas de sinais morfologicamente marcados (pelas expressões não manuais, boca); (iii) atribuição de classe de palavras; (iv) a obtenção de equivalência lexicopragmática entre as palavras de línguas diferentes; e (v) a representação do apoio da boca na desambiguação dos sinais.

No caso das pesquisas lexicográficas do par linguístico língua de sinais/língua oral, notamos que por muito tempo os dicionários existentes, tanto impressos quanto eletrônicos, têm optado pela indexação apoiada na ordem alfabética das línguas orais. Não obstante, já se nota atualmente um movimento no sentido de construir os dicionários bilíngues/bidirecionais com entradas baseadas em alguns dos aspectos fonéticos/fonológicos e morfológicos inerentes às estruturas das línguas de sinais. Podemos dizer que essas novas lentes da lexicografia das línguas de sinais são reflexos dos avanços que vêm sendo obtidos nos estudos teóricos linguísticos realizados na área.

Na seção a seguir, destacamos os estudos que têm sido desenvolvidos nacionalmetne no campo da Lexicografia.

2.5 OS ESTUDOS DA LEXICOGRAFIA DA LIBRAS NO BRASIL

Nesta seção, a partir do estudo realizado até o momento sobre os fatores que teriam levado a Lexicografia da Libras ao estágio em que se encontra atualmente, tomamos por referência o primeiro dicionário da língua, datado de 1875, elaborado por Flausino José da Gama, ex-aluno do Imperial Instituto dos Surdos-Mudos, hoje, o renomado INES. Primeiramente, apresentamos um breve histórico dos manuais e dos dicionários impressos cujas obras foram desenvolvidas com a finalidade de registrar os sinais usados pelos surdos brasileiros ao longo dos anos. Na segunda parte, apresentamos os principais avanços na Lexicografia digital com a produção de dicionários e glossários da Libras.

2.5.1 Dicionários de Libras: de Flausino da Gama aos dias de hoje

A história do desenvolvimento e a evolução dos dicionários de Libras são muito pouco conhecidas em nosso país. Os raros registros encontrados dão conta de que o primeiro dicionário de que se tem notícia - *Iconographia dos Signaes dos Surdos-Mudos*[61] - foi apresentado publicamente, embora com tiragens bastante reduzidas, no ano de 1875, pelo hoje conhecido Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), ainda durante o Império de Dom Pedro II. Por iniciativa, a princípio isolada, de um de seus alunos, Flausino José da Gama, surdo, detentor de grandes habilidades para o desenho e a técnica de litografia[62], que propôs um dicionário baseado fortemente no modelo proposto para a Língua de Sinais Francesa (PÉLISSIER, 1854 - primeiro dicionário ilustrado dos sinais francês); há os que afirmam que se trata de uma cópia. Com uma representação constituída por

[61] Uma cópia do Dicionário encontra-se disponível em pdf para ser baixado no site: https://editora-arara-azul.com.br/site/tribuna_livre

[62] A litografia é uma arte de desenhar e escrever em pedras (lithos = pedra e graphein = escrever). É resultado de um processo químico sobre uma matriz de pedra porosa e de superfície rigorosamente polida. O artista realiza seu trabalho com materiais gordurosos (lápis, bastão, pasta, etc) que permitem diferentes texturas, graus de luminosidade e demais recursos gráficos. Feito isso, o impressor e o artista, submetem a pedra a uma solução de água, goma arábica e ácido nítrico, breu e talco que limpa a pedra e reforça as áreas gordurosas, permitindo a visualização do desenho e a realização dos testes de cor e registro para a obtenção da primeira prova. A impressão é obtida pela pressão de uma prensa, um tipo de trave que desliza sobre o papel. A edição é iniciada somente quando todos os testes de cor, registro, pressão, qualidade de papel e densidade de tinta forem aprovados. Essa técnica permite a impressão de várias cópias. Mais informações disponíveis em: https://blog.leiloesbr.com.br/litogravura-xilogravura-tecnicas/

imagens pictográficas, esse dicionário é constituído pelo alfabeto manual e 382 sinais, dos quais 54 fazem parte do atual léxico da Libras. Os itens lexicais foram agrupados com base em 13 categorias semânticas (Alimentos/Objetos de mesa; Bebidas/Objetos de mesa; Objetos para escrever; Objetos de aula; Individualidade/Profissões; Pássaros, Peixes e Insetos; Adjetivos; Adjetivos/Qualidades morais; Pronomes e os três Tempos Absolutos do Indicativo; Verbos; Advérbios; Preposições; Preposições/Conjunções; Interjeições/Interrogações) (GAMA, 1875).

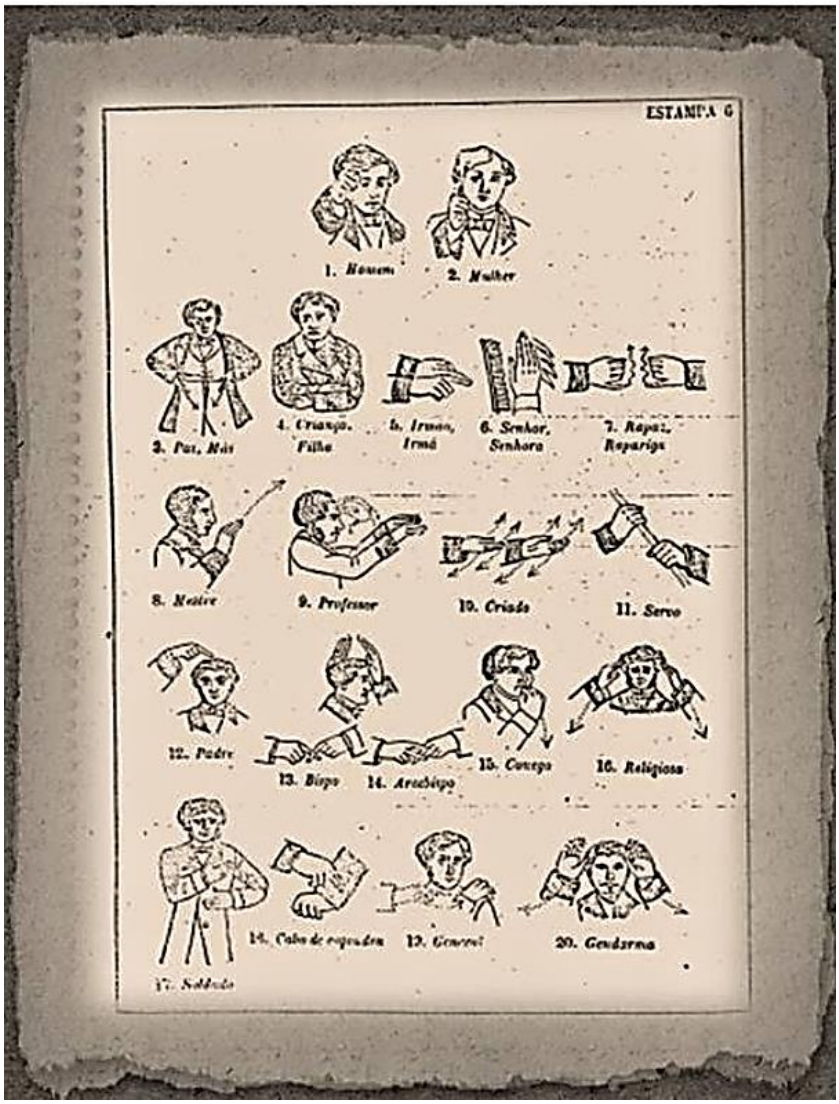
Na ocasião da sua Tese de Doutorado defendida em 1998, Tanya A. Felipe não apenas registra, mas também exalta o resgate da obra de “da Gama”:

> No Brasil, há uma publicação de mais de cento e vinte anos sobre a LIBRAS (Gama, 1875)2, mas somente agora, através das pesquisas bibliográficas desta tese, este livro, feito por um surdo, pôde ser encontrado e divulgado nos meios acadêmicos e mesmo no Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES). (FELIPE, 1998, p. 8).

Esse importante resgate contribuiu e ainda contribui para inúmeras análises linguísticas a partir dos seus registros de um conjunto de sinais. A pedagoga Cássia Sofiato, em sua tese de doutorado defendida em 2011, também foi uma das pouquíssimas pesquisadoras a se debruçar sobre o assunto. Ela desconstrói o mito que se criou no entorno de Flausino da Gama com relação à tentativa de o colocarem como um executor de um trabalho original. Segundo ela, isso não é verdade, na medida em que “da Gama”, na realidade, apropriou-se do trabalho de Pélissier; cabe, portanto, ao brasileiro, se tanto, o mérito da iniciativa, uma vez que em nosso país não existia nenhuma fonte de consulta disponível voltada para a Libras. A autora reconhece ainda que o dicionário instituiu uma tradição iconográfica para a Libras, exercendo influência sobre algumas outras obras que a ele se seguiram. Embora a obra tenha se perpetuado por longo tempo no Brasil e dado uma real contribuição para a consolidação da Libras como língua da comunidade surda brasileira, atualmente só existem quatro exemplares no acervo da Biblioteca Nacional, situada no Rio de Janeiro, sendo que apenas um dos volumes se encontra em melhores condições para consulta, em virtude dos desgastes sofridos pela ação de mais de um século de existência e da falta de manutenção. Nas figuras 28 e 29, apresentamos a estampa 6, referente à categoria *Individualidade e Profissões,* e a estampa VI que corresponde às explicações sobre a realização do sinal. Estampa é

o modo de como eram chamados os registros de imagens realizadas pela técnica de litografia, essa que foi utilizada por Gama para o registro desae primeiro dicionário dos sinais no Brasil:

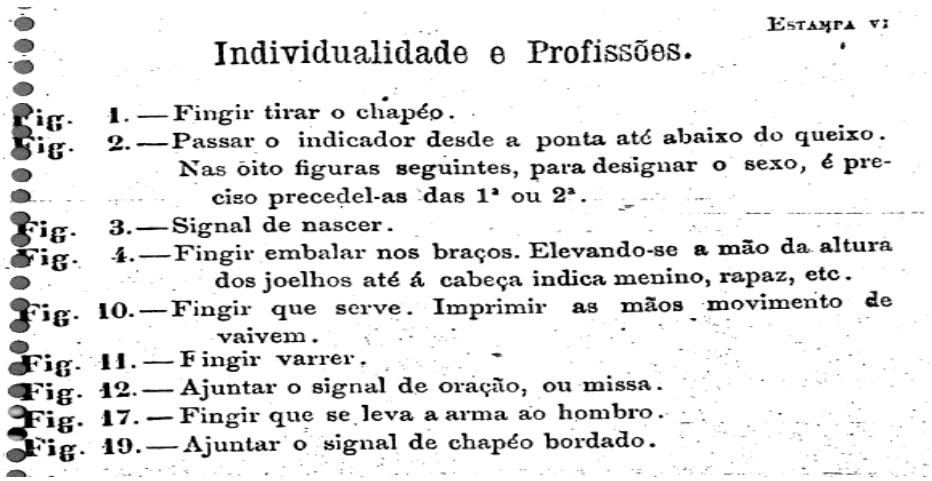
Figura 28: Registros de sinais usados por surdos brasileiros em meados de 1870



1- Homem
2- Mulher
3- Pai / Mãe
4- Criança / Filho
5- Irmão / Irmã
6- Senhor / Senhora
7- Rapaz / Rapariga
8- Mestre
9- Professor
10-Criado
11-Servo
12-Padre
13-Bispo
14-Arcebispo
15-Conego
16-Religiosa
17-Soldado
18-Cabo de esquadra
19-General
20-Gendarma

Fonte: Gama (1875, estampa 6).

Figura 29: Informações sobre a realização dos sinais da estampa VI



ESTAMPA VI

Individualidade e Profissões.

Fig. 1. — Fingir tirar o chapéo.
Fig. 2. — Passar o indicador desde a ponta até abaixo do queixo. Nas oito figuras seguintes, para designar o sexo, é preciso precedel-as das 1ª ou 2ª.
Fig. 3. — Signal de nascer.
Fig. 4. — Fingir embalar nos braços. Elevando-se a mão da altura dos joelhos até á cabeça indica menino, rapaz, etc.
Fig. 10. — Fingir que serve. Imprimir as mãos movimento de vaivem.
Fig. 11. — Fingir varrer.
Fig. 12. — Ajuntar o signal de oração, ou missa.
Fig. 17. — Fingir que se leva a arma ao hombro.
Fig. 19. — Ajuntar o signal de chapéo bordado.

Fonte: Gama (1875, estampa VI).

Ao observar essas figuras, podemos compreender o quão importante é essa obra. Ela pode nos servir como fonte para muitas pesquisas em diferentes interfaces com a linguística (sociolinguística, dentre outras), além de ser fundamental para analisarmos a Libras de hoje sobre os aspectos de uma língua histórica e patrimonial.

No período entre 1880 até a década de 1980, por quase um século, os registros e as pesquisas sobre a comunicação por meio de sinais foram abandonados e ignorados, uma vez que, devido a questões ideológicas voltadas a uma Filosofia Educacional Oralista, não se permitia o uso de qualquer tipo de gestos para se comunicar, seja por da parte dos surdos ou dos professores e/ou tutores, prevalecendo nesse longo período somente as práticas de treinamento de fala oralizada. Nesse período também ocorreu a negação e com ela o apagamento que culminaram no desaparecimento de muitas obras ou o esquecimento delas. Em decorrência disso, a obra de Gama desapareceu e somente foi resgatada por Felipe muitos anos depois, nas dependências da FENEIS, mais precisamente em 1993, assim como os relatos de Felipe (1998).

Em meados do século XX, no período de transição da Filosofia Oralista para a Filosofia da Comunicação Total, o padre Eugênio Oates dedicou seu trabalho aos mais necessitados. Após a sua vinda dos EUA ao Brasil, dedicou-se ao ensino da catequese para surdos em vários lugares do país. Paralelamente à catequização, realizou pesquisas dos sinais utilizados por diferentes pessoas surdas, e, em 1969, publicou o primeiro manual intitulado *Linguagem das Mãos*. Nesse caso, recebeu a

influência da ASL. Nessa obra, encontram-se 1.280 sinais distribuídos em 15 capítulos, cuja sistematização se dá por meio de campos temáticos, e as entradas para busca seguem a ordem alfabética da LP com representação de cada um dos sinais ilustrados com fotos do autor. De acordo com Felipe (2000),

> Esses dois livros foram, durante décadas, o material didático utilizado pelos instrutores surdos para ensinarem sua língua e, talvez por essas obras trazerem uma seleção de fotografias ou desenhos de sinais da LIBRAS com explicações, a metodologia que vem sendo utilizada para ensinar esta língua tem sido somente a apresentação de sinais e tradução dos mesmos. (FELIPE, 2000, p. 87).

No século XX, foram produzidas e publicadas oito obras representando os sinais usados por surdos brasileiros, a saber: (i) *Linguagem das Mãos* (OATES, 1969)*;* (ii) *Comunicação Total, 1.ed. do livro Comunicando com as Mãos* (PETERSON, 1981); (iii) *Linguagem de Sinais do Brasil* (HOEMANN; OATES , 1983) - esses autores realizaram uma importante coleta de dados pelo Brasil que foram registrados em livros e fitas K7 com transcrição de vídeos -; (iv) *Aprendendo a Comunicar* (PETERSON; ENSMINGER, 1984); (v) *Comunicando com as Mãos* (PETERSON; ENSMINGER, 1987); (vi) *Manual de Sinais bíblicos: O Clamor do Silêncio* (MENIS; LINS, 1991); (vii) *Linguagem de Sinais* (TESTEMUNHAS DE JEOVÁ, 1992)*;* (viii) *Manual ilustrado de sinais e sistema de comunicação em rede para surdos* (CAPOVILLA; RAPHAEL; MACEDO, 1998); dessas, os sete primeiros tiveram a finalidade de registrar sinais religiosos e somente o último com objetivo pedagógico.

No século XXI, principalmente a partir da oficialização da Libras pela Lei 10.436, em 2002, foram elaborados alguns manuais e livros com informações linguísticas da Libras, além de ilustrações contendo sinal-palavra trazendo um índice remissivo em ordem alfabética da LP; muitos desses seguiram a organização dos materiais publicados no século anterior. Se antes a finalidade dessas obras era voltada à religiosidade, atualmente estão direcionadas ao ensino da Libras. Também, não podemos deixar de citar os blogs com glossários de sinais terminológicos, dicionários on-line (um que é acessível e um dos dicionários on-line mais divulgados é o de Felipe e do Grupo FENEIS (2002, 2005), publicado pelo INES), além dos aplicativos e dos demais recursos tecnológicos.

Dos impressos, o mais divulgado é o *Deit – Libras Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua Brasileira de Sinais,* de autoria de Capovilla e Raphael (2001), e, como já mencionado, é resultado de uma grandiosa pesquisa com informantes surdos de várias organizações e professores surdos da FENEIS. Esse dicionário teve sua primeira edição impressa publicada em 2001, e está dividido em dois volumes: I (de A-H) e II (de I-Z). De acordo com os autores, o corpo principal contém os sinais que correspondem a mais de 9.500 verbetes em LI e LP, e em cada sinal é ilustrada e apresentada, cuidadosamente, a sequência dos parâmetros que constituem as línguas de sinais, a saber: *Configuração da mão* (forma que a mão assume para realizar o sinal), *Locação* (lugar onde o sinal é realizado, corpo ou espaço), *Movimento* (retilíneo, circular, semicircular, angular, helicoidal e sinuoso), *Orientação da palma da mão* e *Expressões Não manuais* (facial e corporal), para a realização do sinal, além de uma ilustração representando e contextualizando visualmente cada sinal.

O *Novo Deit-Libras Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua Brasileira de Sinais* (CAPOVILLA; RAPHAEL; MAURÍCIO, 2012) teve sua segunda edição revista publicada em 2012, seguindo os mesmos padrões da primeira; porém, com um registro de 10.296 sinais e mudanças em algumas ilustrações e na ordem dos significados. Apesar de ser uma obra renomada, tem sido pouco utilizada por professores surdos e por estudantes de Libras, isso devido a alguns fatores como a indexação, que segue a ordem alfabética da LP e nem sempre atende ao consulente surdo; ao fato de estar relacionado ao valor para aquisição, o que impede ter um número de volumes nas bibliotecas suficientes para empréstimos, sendo somente para consulta local; e ao seu peso de 5.828g, que também pode dificultar o transporte e o manuseio.

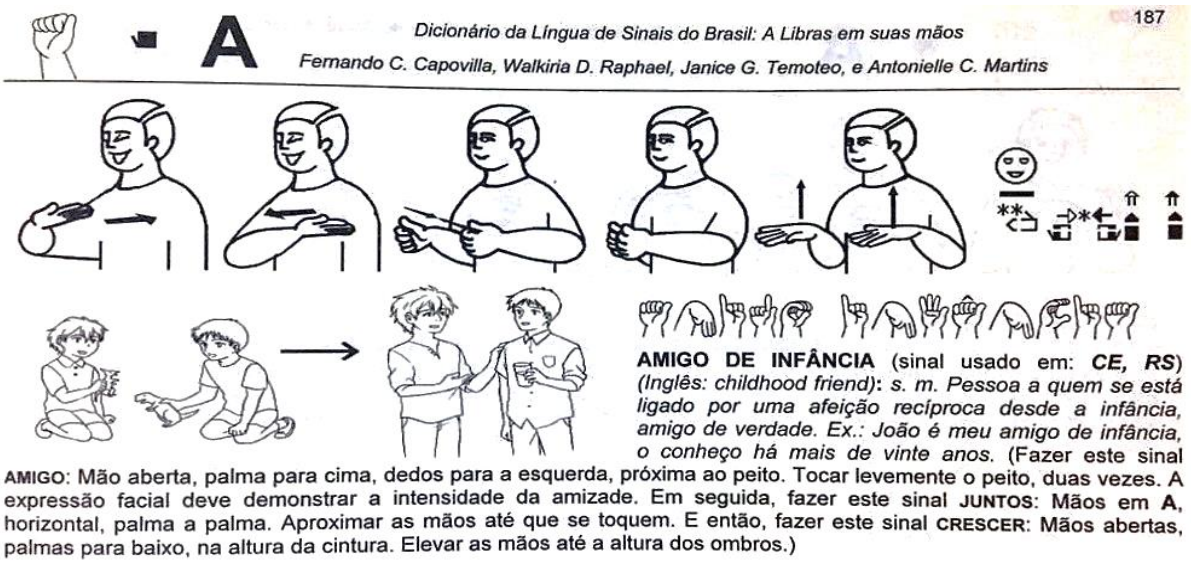
Mais recentemente, os lexicógrafos Capovilla et al. (2017) publicaram o *Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: A Libras em suas mãos* (Dic Brasil), que tem os registros dos sinais distribuídos em três volumes (I, II e III). Esse dicionário impresso é um desdobramento de obras anteriores, como o *Novo Deit-Libras: Dicionário enciclopédico ilustrado trilíngue da Língua de Sinais Brasileira (Libras)* (CAPOVILLA; RAPHAEL; MAURÍCIO, 2012a, 2012b), o *Dicionário enciclopédico ilustrado trilíngue da Língua de Sinais Brasileira* (CAPOVILLA; RAPHAEL, 2006a, 2006b), a *Enciclopédia da Língua de Sinais Brasileira,* volumes 1, 2, 3, 4 e 8 (CAPOVILLA; RAPHAEL, 2004a, 2004b, 2005a, 2005b, 2005c), dentre outros. De

acordo com, Capovilla et al. (2017), o *Dic Brasil* documenta os seus mais de 10 mil sinais em entradas lexicais, as quais fornecem:

> (1) O (s) verbete (s) em Português correspondente (s) ao sinal;
> (2) O (s) verbete (s) em Inglês correspondente (s) ao (s) verbete (s) em Português;
> (3) A soletração digital do (s) verbete (s) em Português correspondentes ao sinal;
> (4) A classificação gramatical do (s) verbete (s) em Português correspondentes ao sinal;
> (5) De um a três exemplos do uso funcional adequado de cada verbete em Português em frases bem formadas;
> (6) A escrita visual direta do sinal por meio do sistema de escrita *SignWriting* (CAPOVILLA, et al., 2000; CAPOVILLA & SUTTON, 2001, 2006, 2009; CAPOVILLA, SUTTON & WÖHRMANN, 2012; CAPOVILLA, VIGGIANO et al., 2006);
> (7) A descrição escrita detalhada da forma do sinal (i.e., a análise de sua composição *SubLexical-InfraVocabular* no nível *SemantosÊmico-Signumlcular);*
> (8) A ilustração gráfica da forma do sinal;
> (9) A descrição escrita detalhada do significado do sinal;
> (10) Uma a três ilustrações gráficas do significado do sinal;
> (11) A análise da composição *SubLexical* do sinal no nível *MorfÊmico;*
> (12) A análise da etmologia e da iconicidade do sinal. (CAPOVILLA et al., 2017, p. 21).

Na sequência, a Figura 30 ilustra a entrada lexical conforme as informações fornecidas em um dos itens da macroestrutura do Dic. Brasil de Capovilla et al. (2017).

Figura 30: Entrada lexical do verbete AMIGO DE INFÂNCIA



Fonte: Capovilla et al. (2017, p. 187).

Para organizar as obras produzidas nacionalmente, no quadro a seguir, indicamos as obras lexicográficas produzidas no Brasil, com base nas pesquisas realizadas por Temoteo (2012), em sua tese de doutorado, e Douettes (2015), em sua dissertação de mestrado. Trata-se de um panorama da Lexicografia da Língua de Sinais Brasileira contendo autores, obras e editoras, dos séculos XIX, XX e XXI.

Quadro 6: Representação da Lexicografia da Língua de Sinais Brasileira

(continua...)

SÉCULO	**ANO**	**AUTOR(ES)**	**OBRA**	EDITORA
XIX	**1875**	Flausino José da Gama	*Iconographia dos Signaes dos Surdos–Mudos.*	*Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES – Rio de Janeiro, RJ.*
	1969	Eugênio Oates	*Linguagem das Mãos.*	*Gráfica Editora Livro S.A. - Rio de Janeiro, RJ.*
	1981	Peterson, John.	*Comunicação Total, 1º ed. do livro Comunicando com as Mãos.*	*Não consta editora. Campinas, SP.*
	1983	Harry Hoemann, Eugênio Oates e Shirley	*Linguagem de Sinais do Brasil*	*Editora Pallotti – Porto Alegre, RS.*

		Hoemann		
XX	**1984**	Peterson J. e Ensminger	*Aprendendo a Comunicar*	*Não consta editora. Fortaleza, CE.*
	1987	Peterson J. e Ensminger	*Comunicando com as Mãos*	*Shekinah Editora e Gráfica Piracicaba, SP.*
	1991	Valdecir Menis e Salomão Dutra Lins	*Manual de Sinais bíblicos: O Clamor do Silêncio.*	*JMN - Junta de Missões Nacionais da Convenção Batista Brasileira. Rio de Janeiro, RJ.*
	1992	Testemunhas de Jeová	*Linguagem de Sinais.*	*Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados – Cesário Lange, SP.*
	1998	Fernando C. Capovilla, Walquíria D. Raphael e Elizeu C. Macedo.	*Manual ilustrado de sinais e sistema de comunicação em rede para surdos.*	*Edipusp – São Paulo, SP.*
	2001	Capovilla e Raphael	*Deit – Libras Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua Brasileira de Sinais. Vol. I e II.*	*Edusp – Editora da Universidade de São Paulo, SP.*
XXI	**2002**	Tanya A. Felipe e GP INES	*Dicionário Digital da Libras Publicação em CD e disponibilizado na internet a partir da página do INES.*	*Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES– Rio de Janeiro, RJ.*
	2005	Tanya A. Felipe e GP FENEIS	*Dicionário Digital da Língua Brasileira de Sinais. Disponível em CD e online.*	*Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES– Rio de Janeiro, RJ.*
	2006 Até atual	Desenvolvido por uma equipe de Tradutores/pesquisadores da UFSC. Departamento de Letras Libras.	*Glossário Libras*	*Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC.*
	2012	Fernando C. Capovilla, Walquíria D. Raphael e Aline	*Novo Deit-Libras Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua Brasileira de Sinais. 2º Ed. Revista e*	*Edusp – Editora da Universidade de São Paulo, SP.*

		C. L. Mauricio.	*Ampliada. Vol. I e II.*	
	2017	Fernando C. Capovilla, Walquíria D. Raphael, Janice G. temoteo e Antonielle C. Martins	*Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: A Libras em suas mãos Vol. I, II e III.*	*Edusp – Editora da Universidade de São Paulo, SP*

Fonte: Adaptação feita pela pesquisadora a patir dos quadros apresentados por Temoteo (2012, p. 19) e Douettes (2015, p. 85).

As análises dessas obras nos mostram que as pesquisas voltadas à lexicologia e à lexicografia das línguas de sinais ainda são muito recentes em nosso país e, no geral, seguem em processo de busca pelos melhores métodos lexicográficos para analisar e sistematizar os sinais, bem como soluções para documentá-los e apresentá-los de forma mais convencional. Devido a vários fatores, destacamos os trabalhos desenvolvidos pela linguística teórica nas línguas orais entre as décadas de 1960 e 1970, quando a lexicografia atraiu a atenção dos linguistas teóricos, o que desencadeou, nesse período, várias pesquisas que revelaram um grande interesse pelo léxico das línguas orais. Dentre esses trabalhos, por exemplo, destacam-se os de Katz e Fodor (1963) a respeito do desenvolvimento da teoria semântica. Com relação às línguas de sinais, somente a partir do século XXI os surdos, consulentes e usuários das línguas de sinais passaram a fazer parte e a trabalhar em projetos lexicográficos, como também foi o caso da Libras.

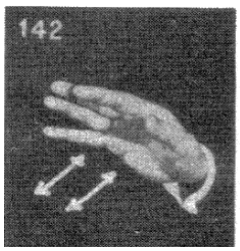
No decorrer do tempo, nota-se que a metodologia utilizada pela maioria das obras baseia-se necessariamente em metodologias estabelecidas para a compilação de dicionários de línguas orais, ou seja, a indexação dos sinais geralmente é baseada na ordem alfabética da LP, e as acepções, quando ocorrem, também são dadas na mesma língua. Nos dicionários impressos em que os sinais são registrados pelo recurso da fotografia ou desenho, é notável a preocupação dos autores em explicar para o consulente como os sinais são realizados. Além disso, grande parte dos autores não registram os sentidos das palavras, isto é, apenas catalogam o sinal → palavra em LP, ou vice versa, conforme ilustrado nas figuras 31 a 34:

Figura 31: Sinal que representava o signo ESPERAR[63] (GAMA, 1875)

Fig. 8.—Mover ligeiramente com os dedos dobrados.

Fonte: Gama (1875), categoria verbos estampa XIV, sinal nº 08.

Figura 32: Sinal que representava o signo ESPERAR[64] (OATES, 1969)



ESPERAR — (142) — Mão direita aberta, palma inclinada para frente. Mover a mão levemente para frente e para dentro duas vêzes. (Esperança, aguardar).

Fonte: Oates (1969, p. 46).

Figura 33: Sinal que representava o signo ESPERAR[65] (TESTEMUNHAS DE JEOVÁ, 1992)

ESPERAR

Mãos em "S", palmas para baixo. Bater o punho da mão direita, no lado do pulso da mão esquerda duas vezes.

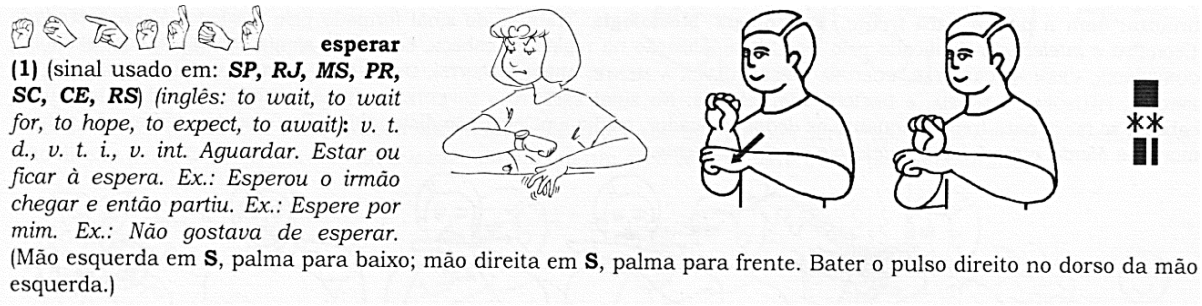
Fonte: Testemunhas de Jeová (1992, p. 50).

[63] Sinal usado por surdos franceses e brasileiros nno século XIX, registrado por Flausino José da Gama em 1875 pela técnica da litografia na obra *Iconographia dos Signaes dos Surdos-Mudos.*

[64] Sinal usado por surdos franceses e brasileiros nno século XIX, registrado por Flausino José da Gama em 1875 pela técnica da litografia na obra *Iconographia dos Signaes dos Surdos-Mudos.*

[65] Sinal usado por surdos brasileiros nos anos de 1990, foi registrado pelas Testemunhas de Jeová em 1992 pela técnica da fotografia no livro/dicionário Linguagem de Sinais.

Figura 34: Sinal que representa o signo ESPERAR[66] (CAPOVILLA; RAPHAEL; MAURÍCIO, 2012)



esperar

(1) (sinal usado em: ***SP, RJ, MS, PR, SC, CE, RS***) *(inglês: to wait, to wait for, to hope, to expect, to await)*: *v. t. d., v. t. i., v. int. Aguardar. Estar ou ficar à espera. Ex.: Esperou o irmão chegar e então partiu. Ex.: Espere por mim. Ex.: Não gostava de esperar.*

(Mão esquerda em **S**, palma para baixo; mão direita em **S**, palma para frente. Bater o pulso direito no dorso da mão esquerda.)

Fonte: Capovilla, Raphael e Maurício (2012, p. 1121).

Na análise das obras, é possivel perceber que a indexação, exceto as de Capovilla e seus colaboradores (1998, 2001, 2012) e de Peterson & Ensminger (1987), é organizada por determinados grupos de categorias semânticas, seguindo uma espécie de protocolo, em que consta o sinal desenhado ou fotografado em um ou mais ângulos, a sequência determinada pela ordem alfabética da LP, acompanhada da palavra corresponde nessa língua mais a explicação da realização do sinal em questão. Já nas obras organizadas Capovilla e seus colaboradores (1998, 2001, 2012), a indexação também segue a ordem alfabética da LP; contudo, apresenta a soletração do vocábulo (alfabeto manual da Libras), o significado em LI, o significado em LP, informações linguísticas do verbete, ilustração do significado do sinal, a ilustração do sinal, a escrita do sinal pelo sistema *SignWriting* e a descrição sobre como o sinal é realizado.

A obra organizada por Peterson & Ensminger (1987) apresenta-se de maneira diferente das demais, ordenando os sinais em três colunas: a primeira ilustra o significado do sinal; a segunda ilustra o sinal; e a terceira apresenta o nome do sinal nas formas de letras cursivas e impressas, revelando a preocupação em servir como recurso pedagógico, tanto para o ensino da Libras quanto da LP.

Ao contrário dos dicionários impressos, os eletrônicos tendem a realizar registros que oportunizem os usuários a possibilidade de ampliarem as informações de determinados itens lexicais. Retomando o sinal referente a ESPERAR, as duas

[66] Sinal usado atualmente pelos surdos brasileiros, desde a década de 1990 tornou-se convencional na Libras. Foi dicionarizado pela equipe do Psicolinguista Fernando César Capovilla em 2001 (p. 611, v. I) e em 2012 (p.1121, v. I) no *Deit-Libras* e no *Novo Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua Brasileira de Sinais. 2º Ed. Revista e Ampliada. Vol. I e II.* A técnica para os registros dos sinais foi ilustração por meio do desenho e escrita do sinal pelo sistema *SignWriting* (no canto direito ao lado do sinal).

versões do dicionário digital da Libras (FELIPE; GP FENEIS, 2002; FELIPE; GP INES, 2005) registram duas entradas: ESPERAR1 e ESPERAR2, e, diferentemente dos anteriores, informam os sentidos dos sinais, como podemos constatar nas Figuras 35 e 36:

Figura 35: Tela de entrada para o sinal ESPERAR1

Fonte: http://www.ines.gov.br/dicionario-de-libras/main_site/libras.htm.

Figura 36: Tela de entrada para o sinal ESPERAR2

Fonte: http://www.ines.gov.br/dicionario-de-libras/main_site/libras.htm.

Como podemos observar a partir das telas anteriores, ambos os sinais são realizados com duas mãos, e cada sinal apresenta uma mão ativa ou dominante (aquela que realiza o movimento) e uma mão passiva ou base (serve de apoio ou locação). Os registros ocorrem a partir de duas entradas, uma para cada acepção: ESPERAR1 - Aguardar; manter expectativa em torno de um acontecimento; e ESPERAR2 - Dar um tempo; aguardar um pouco. Essa forma macro e microestrutural de organizar um dicionário eletrônico foi um trabalho pioneiro no Brasil, é uma fonte de pesquisa bastante importante, principalmente para o público que busca o aprimoramento lexical em Libras.

2.5.2 Lexicografia da Libras

Finalmente, na lexicografia da Libras, algumas tendências mais recentes são orientadas para a construção de dicionários como suporte para a comunicação em situações de segunda língua (L2) e, em alguns, casos para a tradução. Atualmente, temos duas formas mais abrangentes em pesquisas de sinais on-line: uma refere-se as versões do dicionário mencionado anteriormente de Felipe (FELIPE; FENEIS 2002; FELIPE; GP INES, 2005) e a outra é o glossário desenvolvido durante o curso de graduação em Letras-Libras (licenciatura e bacharelado), por uma equipe de tradutores/pesquisadores da UFSC. Ambos têm como usuários potenciais os não surdos (geralmente iniciantes em Libras), e os surdos sinalizantes da Libras. Nas subseções seguintes, tratamos dessas duas produções.

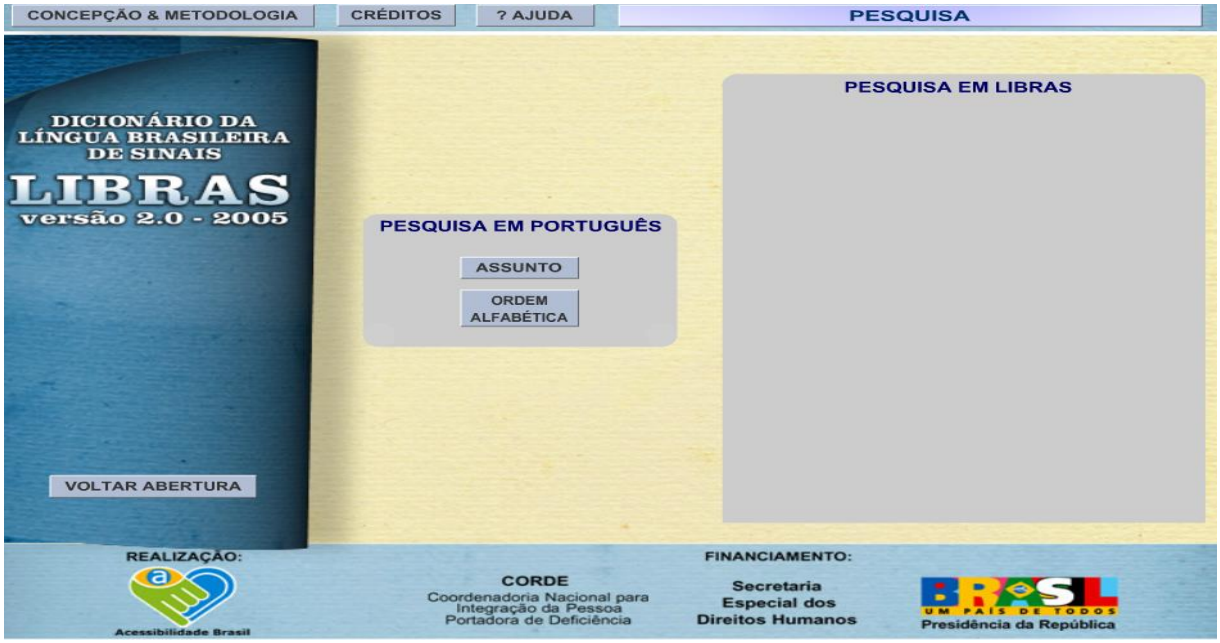
2.5.2.1 O dicionário desenvolvido por Felipe e GP FENEIS – Versão 2.0 (2001)

O desenvolvimento do projeto do *Dicionário Digital da Língua Brasileira de Sinais* teve início em agosto de 1997. A ideia do dicionário surgiu na observação da utilização da internet pelos alunos surdos do INES (projeto - "O Surdo e o Mundo") (FELIPE; GP INES, 2005). Com base nas experiências de registros dos sinais da ASL em um site (o atual https://www.handspeak.com), os autores desenvolveram um sistema integrado com a internet que disponibilizava sinais filmados, utilizando uma tecnologia mais avançada, permitindo que o sinal pudesse ser visto em sua totalidade. Essa experiência pioneira no Brasil foi chamada de *Vocabulário Digital de Libras* (1999).

Desde sua criação, o dicionário passou por várias atualizações e, atualmente, a versão 2.0 de 2005 está disponível para consulta on-line[67], e apresenta um repertório de aproximadamente 5.860 sinais com visualização em vídeos. A interface da página inicial apresenta uma série de guias que fornecem links para a consulta de um sinal da Libras. Nesse dicionário, quatro métodos de pesquisa estão disponíveis:

(i) Pesquisa por palavra (LP): é uma caixa de pesquisa padrão, que, a partir da palavra digitada, exibe um conjunto de verbetes temáticos;
(ii) Pesquisa pela caixa "ordem" com três opções de busca: pela seleção de uma letra correspondente à ordem alfabética da LP; assunto e configuração de mão;
(iii) Por assunto: 21 categorias disponíveis;
(iv) Mão: corresponde a uma janela secundária contendo 73 configurações de mãos pesquisáveis e disponíveis para serem selecionadas pelo usuário (ver Figura 37).

Figura 37: Tela referente ao método de pesquisa no dicionário de Libras



Fonte: http://www.ines.gov.br/dicionario-de-libras/main_site/libras.htm.

[67] Disponível em: http://www.ines.gov.br/dicionario-de-libras/main_site/libras.htm.

Podemos observar que as unidades lexicais são apresentadas em uma macroestrutura na qual a sucessão de entradas é independete. Nessa tela, como se observa na figura, as entradas foram organizadas de tal forma que o usuário possa encontrar um verbete seguindo um algoritmo explícito. Assim como um dicionário semasiológico[68], que segue o princípio "do significante ao significado" organizado por ordem alfabética, em uma de suas entradas, esse dicionário de Libras também segue a ordem típica alfabética. Para um usuário bilíngue ou semibilíngue, há vantagem em termos de velocidade e simplicidade ao procurar uma entrada, mas, por outro lado, não se leva em conta as relações semânticas dentro do vocabulário.

Nesse sentido, para realizar uma busca em um dicionário semasiológico, o usuário já deve conhecer a forma gráfica ou a estrutura da palavra ou do sinal a serem pesquisados. Entetanto, muitas vezes, quando se utiliza a língua (materna/natural ou estrangeira), o usuário não conhece a palavra que quer encontrar, ou conhece uma palavra parecida, ou apenas o contexto como ponto de partida para a busca de uma expressão.

2.5.2.2 Resultados da pesquisa no dicionário digital de Libras

As informações exibidas nos resultados da pesquisa pela palavra, pela ordem alfabética ou pela mão, do dicionário de Libras, consistem em um vídeo com figura humana executando o sinal pesquisado, seguido por: representação da configuração de mão; uma caixa contendo a acepção em LP; uma caixa contendo um exemplo em LP; uma caixa contendo o mesmo exemplo em LP escrito em glosas – Libras; uma imagem referente ao item pesquisado (nem todos os verbetes contêm uma imagem correspondente); em LP também são indicadas a classe gramatical e a origem do sinal.

Quando a palavra pesquisada em LP apresenta mais de um significado em Libras, o dicionário oferece opções de acesso enumerando em sequência os diferentes conceitos. Por exemplo, DECORAR conta com duas entradas distintas, DECORAR1 (sentido de aprender) e DECORAR2 (sentido de enfeitar), tentando assim resolver alguns casos de polissemia.

---

[68] “A estrutura semasiológica (ou campo semasiológico) define-se como um grupo de sememas (=significações) ligado a um só significado que, por sua vez, se liga por consubstancialidade quantitativa a um só monema (mas ligado frequentemente a diferentes sistemas conceptuais).” (BALDINGER, 1966, p. 33).

Figura 38: Tela referente ao resultado da pesquisa a partir da digitação da palavra DECORAR1 no dicionário de Libras

Fonte: http://www.ines.gov.br/dicionario-de-libras/main_site/libras.htm.

Um diferencial desse dicionário é a entrada também pela seleção da configuração de mão. O usuário, ao clicar na opção 'mão', é levado a uma tela secundária contendo 79 diferentes configurações de mãos, cada uma contendo o sinal assumido pela mão dominante/ativa.

Para realizar a pesquisa pela configuração da mão, obrigatoriamente, o usuário precisa saber com qual CM o sinal inicia, ou seja, qual a forma inicial da mão para produzir determinado sinal. No entanto, o usuário será levado à outra tela contendo uma lista de palavras em LP referente à CM selecionada. Nesse caso, o surdo precisa ser bilíngue, para ter êxito em sua pesquisa. Por exemplo, supondo que o consulente surdo selecione esta CM para pesquisar um determinado sinal, na tela seguinte em que será levado, ele deverá escolher, com um clique, uma palavra dentre uma lista ordenada alfabeticamente de 111 verbetes em LP, que em Libras inicia com a CM indicada, disponibilizada pelo sistema. Portanto, não basta o

consulente apenas saber a CM do sinal, mas também é necessário que conheça a ortografia da palavra em LP.

Figura 39: Tela correspondente a busca pela CM seleção da palavra ARARA

Fonte: http://www.ines.gov.br/dicionario-de-libras/main_site/libras.htm.

Ao optar pela entrada CM, pode ser que o usuário já tenha decidido qual item usar, mas ele pode não ter certeza sobre o padrão ou a colocação sintática a ser usada com essa palavra/sinal. Esse é um tipo de pergunta que um dicionário de aprendizes monolíngue pode ajudar a responder em princípio e, com frequência, na prática.

O que também podemos observar é que a natureza relacionada à pesquisa on-line contorna, de certa forma, questões da macroestrutura sobre a ordenação das entradas e facilita a pesquisa em LP, por meio de recursos visuais de sinais, ou por equivalentes de palavras, domínios de tópicos ou outras marcas, mas não apresenta meios facilitadores para a busca pela Libras.

A função de 'busca por mão' (usando a forma de mão dominante do sinal) poderia promover um uso mais receptivo por consulentes surdos que querem identificar vocabulários desconhecidos. Uma desvantagem nesse sentido é que, após selecionar a forma da mão, o consulente é levado a um conjunto de palavras em LP e não diretamente a um conjunto de sinais.

É importante destacar que nem o usuário surdo nem o aprendiz de Libras, os não surdos, têm a busca facilitada pelo dicionário, uma vez que não se pode, a partir de um sinal, encontrar a sua tradução em LP. No geral, os não surdos são muito mais bem servidos com a versão on-line, especialmente pela opção de busca por palavra em LP.

2.5.2.3 Glossário de Libras

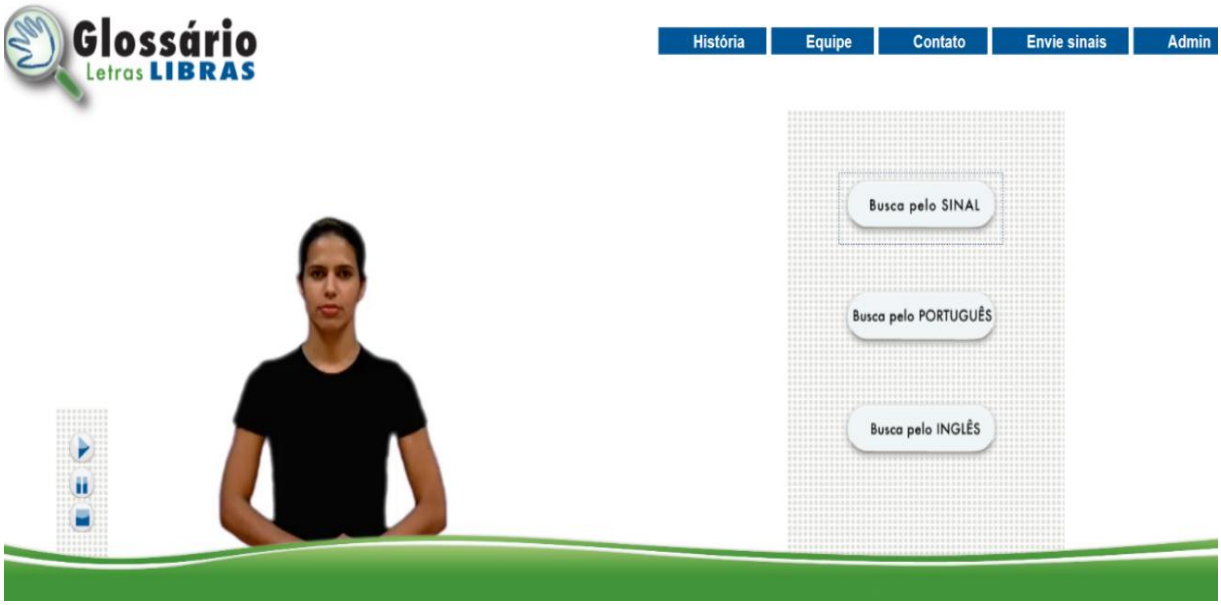
O Glossário de Libras também é um projeto de grande relevância para o campo da lexicografia da Libras. Foi desenvolvido por uma equipe de tradutores/pesquisadores da UFSC, com o objetivo inicial de disponibilizar sinais que seriam utilizados pela equipe pedagógica e/ou correspondentes às disciplinas do curso Letras-Libras (licenciatura e bacharelado) iniciado em 2006. A fim de atender às necessidades visual, gestual e espacial da Libras, esse glossário ordena o banco de dados segundo os parâmetros Configuração de Mão e Localização do Sinal. Ademais, a programação e a interface tiveram como base os dicionários on-line das Línguas de Sinais Sueco-Finlandesa, Dinamarquesa e Italiana, os quais apresentam as entradas para buscas a partir de caixas: uma para CM, outra para locação, outra para movimento.

Embora seja um glossário, seus atributos estão mais associados a um dicionário bilíngue do tipo especializado, uma vez que seus itens lexicais são organizados por áreas específicas: Letras Libras, Arquitetura, Cinema, Psicologia, Literatura, com espaço para inserção de novos campos. A sua estrutura tem características onomasiológica, apresenta imagens conceituais sobre uma categoria semântica (área) a ser acessada.

As entradas nesse Glossário são fornecidas em duas telas de acesso: na primeira, são disponibilizadas as opções de busca por uma das línguas - sinal, LP e Libras (Figura 40); após a seleção da opção linguística, o usuário é levado à tela de acesso para a pesquisa do sinal desejado. Nas telas para a pesquisa em LP e

Libras, o sinal pode ser acessado pela ordem alfabética ou pela digitação de uma palavra.

Figura 40: Tela inicial do glossário de Libras



Fonte: http://www.glossario.libras.ufsc.br/letraslibras.

Essa figura demonstra as informações exibidas para a busca pelo sinal. As entradas são apresentadas individualmente, e cada entrada contém os seguintes elementos:

- Menu com 10 grupos distintos de configurações de mãos, baseados no ISWA[69] (2010);
- Caixa com opções de escolha de uma das CMs do grupo selecionado;
- Caixa para selecionar a localização do sinal que estão distribuídas em um boneco avatar 2d.

Na Figura 41, a seguir, podemos observar como ocorre a entrada a partir das CMs organizadas com base no ISWA. Esse Sistema Internacional de Alfabeto usado principalmente para escrever sinais, à primeira vista, parece dar conta de todas as CMs que iniciaria um sinal em Libras, por exemplo. No entanto, após analisarmos minunciosamente cada uma dessas CMs disponíveis no Glossário de Libras,

[69] Refere-se ao International SignWriting Alphabet – ISWA (2010).

concluímos que esse conjunto composto por 62 CMs, mesmo quando associado às seis possiblidades de orientação da mão, não dá conta de registrar o léxico da Libras. Esse foi um dos principais motivos de não adotarmos esse sistema neste trabalho.

Figura 41: Tela de entrada para a busca de um sinal a partir da Libras

Fonte: http://www.glossario.libras.ufsc.br/pesquisalibras.

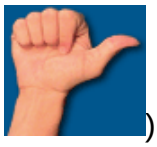
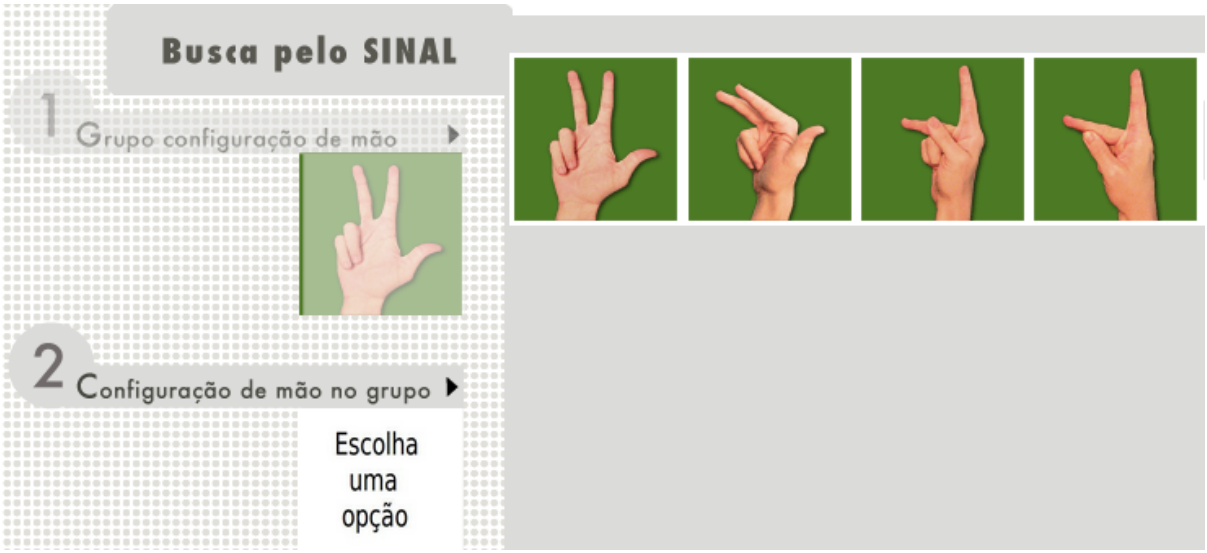
Nesse Glossário de Libras, as CMs foram ordenadas a partir do conjunto de números de 1 a 10, usados na ASL (, , , , , , , , , ), e cada número corresponde a um grupo de CMs que, ao ser clicado pelo usuário, abre uma tela contendo uma sequência com outras CMs. Por exemplo, quando selecionamos a CM do grupo número , conforme mostra a Figura 41, abre-se ao lado uma janela com outras opções de CM:

Figura 42: Busca pelo sinal a partir da seleção de um grupo de CM e CM no grupo selecionado



Fonte: http://www.glossario.libras.ufsc.br/pesquisalibras.

As CMs disponíveis nos grupos de 1 a 10 geram ao todo 62 CMs pesquisáveis que compõem o conjunto de 200 sinais distribuídos nos campos temáticos Letras, Libras, Arquitetura (em andamento), Cinema (em andamento) e Psicologia. Além do filtro CM, há também uma caixa para escolha da localização do sinal. Isso é possível a partir da imagem de um boneco 2d; ao passar o mouse sobre o boneco, o usuário poderá selecionar a locação desejada. São 13 opções correspondentes a: espaço neutro, cabeça, testa, olhos, orelhas, nariz, boca, queixo, pescoço, ombros, braços, mãos e tronco.

2.5.2.3.1 Resultado da pesquisa do Glossário de Libras

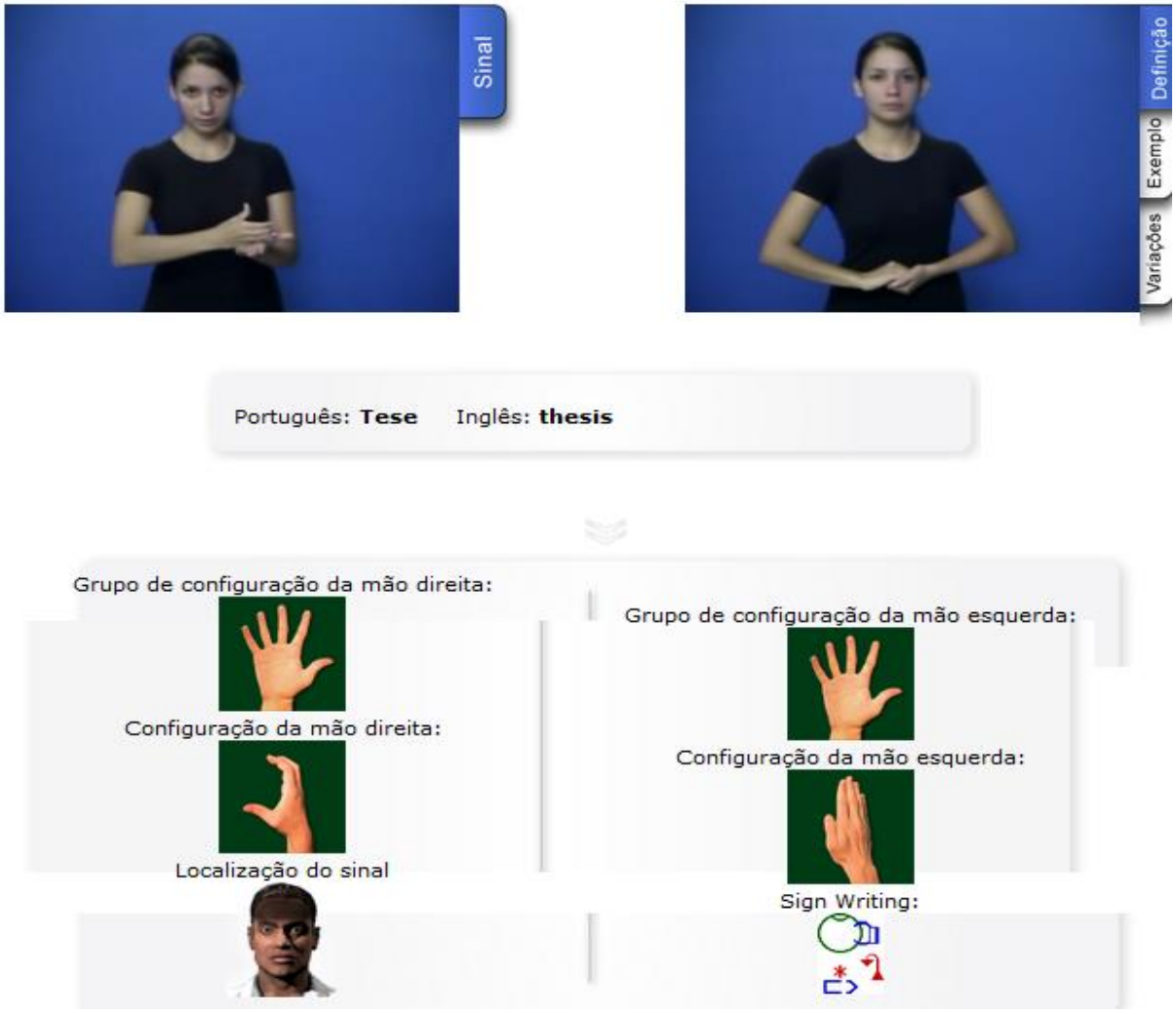
Após a 'construção' do sinal desejado (seguido da 1 - escolha da CM; 2- escolha da CM no grupo; 3 - escolha da locação), abre-se um vídeo ao lado direito da tela e, ao ser clicado com o mouse, outra tela é disponibilizada, conforme a Figura 42, contendo:

- Um vídeo mostrando como o sinal é produzido;
- Uma janela de vídeo com *hiperlinks* para visualizar a definição, o exemplo e as variações em Libras;

- A indicação do verbete em LP e em inglês;
- Uma sequência na vertical do lado esquerdo da tela contendo: a forma da mão que foi selecionada no grupo de configuração da mão direita; a configuração da mão direita; e a localização do sinal;
- Uma sequência na vertical do lado direito da tela contendo: a forma da mão que foi selecionada no grupo de configuração da mão esquerda; a configuração da mão esquerda; e a representação do sinal em *SignWriting*.

No caso dos dicionários pesquisados, uma novidade desse Glossário é a apresentação do verbete em LP e inglês, a sequência de parâmetros utilizados para a formação do sinal e a respectiva escrita do sinal em *SignWriting*.

Figura 43: Tela correspondente ao resultado da busca pelo sinal TESE



Fonte: http://www.glossario.libras.ufsc.br/pesquisalibras.

Tanto o dicionário de Libras quanto o glossário parecem se preocupar em atender aos consulentes surdos e não surdos, visto que nos dois a consulta de sinais pode ser realizada a partir da configuração de mão ou por palavras em LP. O dicionário e o glossário disponibilizam a consulta do sinal em vídeo, o que facilita a percepção visual do consulente quando da reprodução do sinal pesquisado. A disponibilidade dos sinais em vídeos, após os resultados das pesquisas, parece ser a melhor opção, isso devido ao caráter tridimensional das línguas de sinais, diferença evidente que se nota quando os sinais são representados em forma de fotos ou ilustrações, passando de tri para dimensional. Para McKee & McKee (2013), a capacidade de mostrar sinais dinamicamente no vídeo, e não como uma imagem estática, é tida como uma das maiores vantagens dos dicionários de línguas de sinais on-line.

Não obstante, os processos de consulta também revelam que os usuários podem enfrentar problemas durante diferentes partes da pesquisa. Esses problemas podem ser categorizados como tendo a ver com navegação do glossário, acesso pelo sinal, ou pelo conteúdo do glossário. Além disso, a forma fragmentada, em caixas, dos parâmetros de busca pelo sinal faz com que o consulente perca de vista o sinal como um todo, uma vez que ele deve ser acionado após a seleção de suas partes. Contudo, apesar das rotineiras cobranças conduzidas pela comunidade surda, é ainda muito presente no Brasil uma forte tendência de os dicionaristas vincularem a Libras à LP. Uma das justificativas pode estar relacionada ao grau de importância que ainda está às voltas, principalmente, da necessidade de divulgação da Libras pelos ouvintes. Obviamente, isso não é um problema, se não fosse pelo fato de que com tal atitude coloca-se o surdo à margem, e a Libras passa a não ser incorporada e vista também como objeto de estudos e de pesquisas com olhar voltado necessariamente às suas especificidades linguísticas. Diante de tal situação, o desafio tem sido o de encontrar caminhos alternativos para a elaboração de um dicionário que possa ser realmente adequado para o surdo.

Seguindo nessa linha de raciocínio, após elencar essas questões, Sofiato e Reily (2014) argumentam que: “a elaboração de dicionários de línguas de sinais é um problema que vem sendo enfrentado desde as primeiras formas de representação dessa língua e, portanto, trata-se de um desafio histórico” (SOFIATO; REILY, 2014, p. 124). Assim sendo, concordamos que

> transmitir e compreender, com precisão, o significado e o uso linguístico de milhares de sinais são realizações complexas que demandam muitas aproximações e abordagens, tentativas e quase acertos, edições e reedições em busca da correção, precisão e completude. (CAPOVILLA; RAPHAEL, 2001, p. 31).

Após apresentarmos conceitos importantes sobre a Lexicografia e a produção de Dicionários no campo das línguas de sinais, no próximo capítulo, apresentamos alguns aspectos considerados importantes, a partir de observações e das análises realizadas acerca da classificação e da composição dos dicionários de línguas de sinais, bem como da taxonomia envolvendo dicionários das línguas de sinais.

Destacamos, nesse capítulo que se encerra, os desafios que os pesquisadores das línguas de sinais enfrentaram ao longo dos anos em face das diversas tentativas para registrar o léxico dessas línguas. Alguns dos dados que trouxemos sobre as questões querológicas que constituem os parâmetros formacionais das línguas de sinais revelaram a complexidade que os lexicógrafos vêm enfrentando para registrar os itens lexicais em obras lexicográficas de diferentes áreas do conhecimento. Compreendemos que entre as configurações de mãos e a sua orientação há certa tenacidade, essa conexão inerente entre esses dois parâmetros nos conduziram para a organização das chaves de buscas que serão aprofundadas nos próximos capítulos. Do mesmo modo, também compreendemos que a sequencialidade presente na Libras, é um fator fundamental que contribuiu enormemente para a organização dos mecanismos para a estruturação das entradas lexicais no modelo que estamos propondo. Fizemos também um levantamento de publicações científicas, nacionais e internacionais, que se aproximam do tema investigado nesta tese, além de analisarmos os dicionários e glossários de Libras. No capítulo seguinte, apresentamos e discutimos alguns dados prévios necessários para a especificação do dicionário monolíngue de Libras proposto nesta pesquisa de doutoramento.

3 DADOS PRÉVIOS PARA A ESPECIFICAÇÃO DO DICIONÁRIO MONOLÍNGUE DE LIBRAS

Apresentamos neste capítulo a descrição dos dados que serão utilizados para a especificação do dicionário monolíngue de Libras, eventualmente comparando dados de outros repertórios lexicográficos disponíveis nos materiais pesquisados e alguns de livre acesso na internet.

A primeira tarefa da pesquisa de investigação constituiu-se em determinar quais são as unidades querológicas formacionais recorrentes no léxico da Libras. A segunda foi descrever a proposta da macroestrutura e da microestrutura para a organização do dicionário de Libras. Já a terceira centrou-se em estabelecer quais os padrões possíveis de combinação entre elementos que compõem a estrutura do sinal.

3.1 UNIDADES QUEROLÓGICAS FORMACIONAIS DO SINAL

O sinal é um item lexical que constitui o léxico comum das línguas de sinais, e, na literatura das línguas de sinais, tem sido considerado como correspondente à palavra de uma língua oral. Sobre a natureza do sinal em ASL, Stokoe et al. (1965) postulam que:

> Most signs, like the words in any language, are associated with a meaning simply because users of the language use them so. However, American Sign Language uses visible human activity instead of sounds, hence there may often be a relation-ship of some kind between a sign and its referent.[70] (STOKOE; CASTERLINE; CRONEBERG, 1965, p. xxiii).

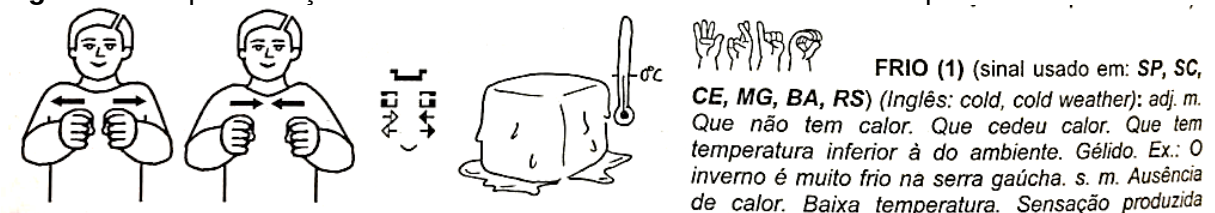
O mesmo ocorre com a Libras e com outras línguas de sinais. Por exemplo, as onomatopeias, ou seja, a imitação dos sons da língua a um referido som (*buzzz, quack quack, humm* etc), têm um paralelo na língua de sinais, mas as maneiras pelas quais os itens lexicais se relacionam com seus referentes podem ser distintos de seis maneiras. De acordo com Stokoe, Casterline e Croneberg (1965), essa

[70] A maioria dos sinais, assim como as palavras em qualquer idioma, está associada a um significado simplesmente porque os usuários da língua os utilizam. No entanto, a Língua de Sinais Americana usa a atividade humana visível em vez de sons, portanto, muitas vezes pode haver uma relação de algum tipo entre um sinal e seu referente. (STOKOE; CASTERLINE; CRONEBERG, 1965, p. xxiii, tradução nossa).

distinção pode ser: *pantonímica, imitativa, metonímica, indicativa, sinais de nome* e *forma inicial da mão (designador)*. Em sua publicação original, os autores não ilustraram esses aspectos com nenhum tipo de imagem. Contudo, pelo fato dessas noções ainda permanecer nas línguas de sinais até os dias de hoje, porém, sob o viés de outras perspectivas linguísticas (classificadores[71], pronomes demonstrativos, onomástica, empréstimos linguísticos), apresentamos, para cada item, imagens com tais referências em Libras. Assim, conforme os autores, os itens lexicais se relacionam com seus referentes de várias maneiras distintas:

(i) **Os *pantonímicos* -** são sinais da ASL que, embora, sejam compostos por CM, L e M, ao serem realizados, representam uma ação que remete a determinado objeto ou à ação propriamente dita. São exemplos os sinais de bater em uma porta ou alguém sinalizando que está sentindo frio. Com isso, os autores afirmam que será inevitável que alguns sinais remetam ou tenham sua origem na pantomima, ou seja, mesmo que sejam imitativos, ainda assim serão sinais. Em Libras, encontramos o item lexical FRIO indexado de duas maneiras. Um sinal com a forma corresponde à pantomima, como sugerido por Stokoe, Casterline e Croneberg (1965) na Figura 44, e o outro sinal sem qualquer referência à sensação de temperatura corporal na Figura 45:

Figura 44: Representação do sinal de FRIO em Libras com referência pantonímica



FRIO (1) (sinal usado em: ***SP, SC, CE, MG, BA, RS***) *(Inglês: cold, cold weather)*: *adj. m. Que não tem calor. Que cedeu calor. Que tem temperatura inferior à do ambiente. Gélido. Ex.: O inverno é muito frio na serra gaúcha. s. m. Ausência de calor. Baixa temperatura. Sensação produzida pela baixa temperatura ou pela falta de calor. Ex.: Em julho faz muito frio na cidade de Campos do Jordão.* (Mãos em **S** horizontal, palma a palma, próxima uma da outra, diante do peito. Encolher os ombros e tremular as mãos para os lados.) **Etimologia**. **Morfologia**: Trata-se de sinal formado por morfema molar semelhante à gestualidade brasileira, como nos sinais ESCUTAR, FRIO, CALOR e OBRIGADO! **Iconicidade**: Neste sinal, o sinalizador faz a pantomima típica de quem está com frio. Ele encolhe os ombros e contrai os braços, e segura as mãos fechadas tremendo sobre o peito.

Fonte: Capovilla et al. (2017, p. 1354).

[71] Os Classificadores (CL) em Libras são definidos por Ferreira-Brito (1995) como morfemas que existem em línguas orais e em línguas de sinais. Nas línguas de sinais, algumas CMs que assumem no contexto a função de classificadores e são usadas para representar a forma e assim atribuir uma qualidade a coisas, por exemplo: arredondado, quadrado, cheio de bolas, de listras e outras. Isso representa um tipo de classificação por ser uma adjetivação descritiva. Do mesmo modo, também podem representar o tamanho e a espessura dos referentes, as características dos movimentos de determinados referentes em um dado evento. Os classificadores podem alternar entre um adjetivo, pronome ou locativo, além de carregarem uma carga semântica na construção de determinados contextos.

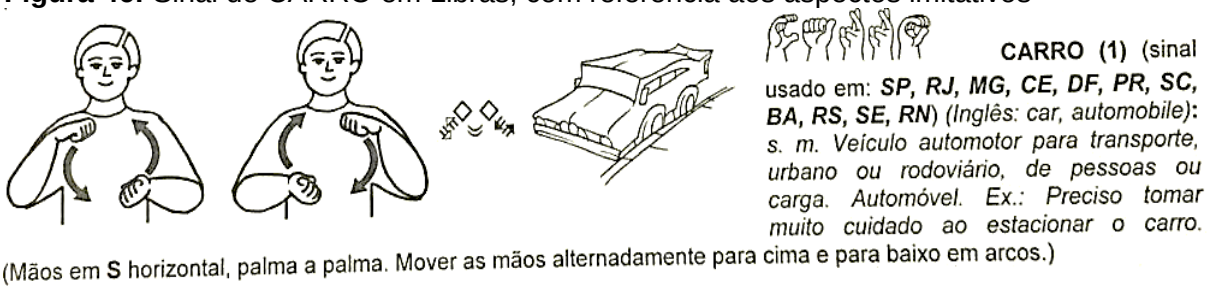
Figura 45: Representação do sinal de FRIO em Libras sem referência pantonímica

FRIO (2) (sinal usado em: ***AL, CE, DF, MS, PB, PR, RJ, RS, SP***): *Idem* FRIO *(1)*. (Mão em **X** vertical, palma para a esquerda. Bater a lateral do indicador na região entre o lábio inferior e o queixo, duas vezes.)

Fonte: Capovilla et al. (2017, p. 1355).

(ii) **Os sinais *imitativos*** são semelhantes aos pantomímicos, diferenciam-se por destacarem alguma característica ou objeto do todo, por exemplo, ‘carro’ e ‘dirigir’; nesse caso, as mãos imitam uma parte do carro (o volante imaginário e a atividade de dirigí-lo), visto que são tratados como elementos linguísticos em diferentes narrativas. Nas figuras 46 a 48, temos os sinais em Libras para CARRO, DIRIGIR e VOLANTE, referentes ao aspecto imitativo:

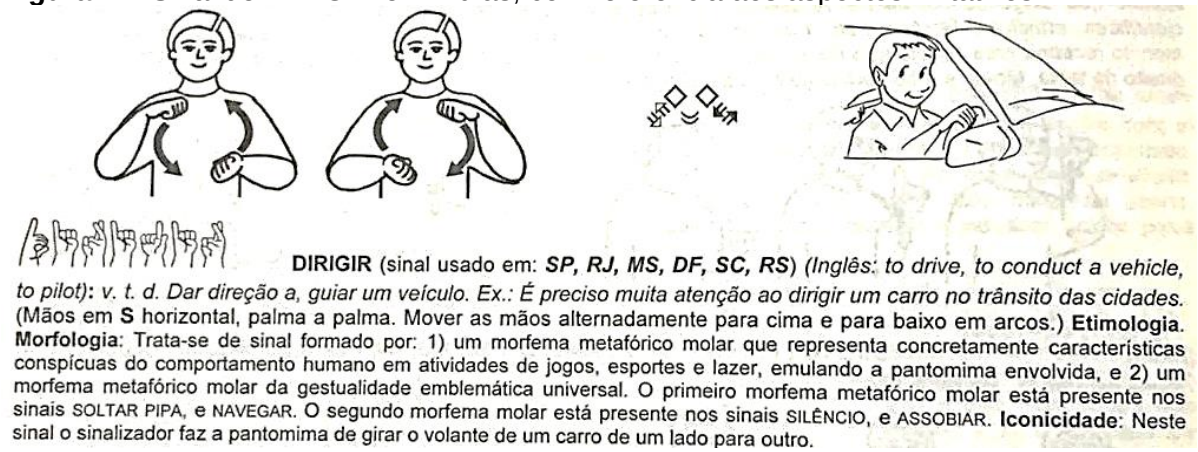
Figura 46: Sinal de CARRO em Libras, com referência aos aspectos imitativos



CARRO (1) (sinal usado em: ***SP, RJ, MG, CE, DF, PR, SC, BA, RS, SE, RN***) *(Inglês: car, automobile)*: *s. m. Veículo automotor para transporte, urbano ou rodoviário, de pessoas ou carga. Automóvel. Ex.: Preciso tomar muito cuidado ao estacionar o carro.* (Mãos em **S** horizontal, palma a palma. Mover as mãos alternadamente para cima e para baixo em arcos.)

Fonte: Capovilla et al. (2017, p. 578).

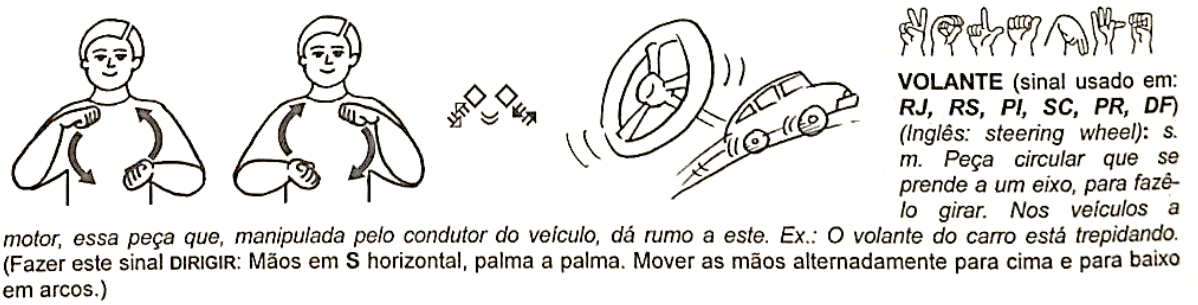
Figura 47: Sinal de DIRIGIR em Libras, com referência aos aspectos imitativos



DIRIGIR (sinal usado em: ***SP, RJ, MS, DF, SC, RS***) *(Inglês: to drive, to conduct a vehicle, to pilot)*: *v. t. d. Dar direção a, guiar um veículo. Ex.: É preciso muita atenção ao dirigir um carro no trânsito das cidades.* (Mãos em **S** horizontal, palma a palma. Mover as mãos alternadamente para cima e para baixo em arcos.) **Etimologia**. **Morfologia**: Trata-se de sinal formado por: 1) um morfema metafórico molar que representa concretamente características conspícuas do comportamento humano em atividades de jogos, esportes e lazer, emulando a pantomima envolvida, e 2) um morfema metafórico molar da gestualidade emblemática universal. O primeiro morfema metafórico molar está presente nos sinais SOLTAR PIPA, e NAVEGAR. O segundo morfema molar está presente nos sinais SILÊNCIO, e ASSOBIAR. **Iconicidade**: Neste sinal o sinalizador faz a pantomima de girar o volante de um carro de um lado para outro.

Fonte: Capovilla et al. (2017, p. 972).

Figura 48: Sinal de VOLANTE em Libras, com referência aos aspectos imitativos



VOLANTE (sinal usado em: ***RJ, RS, PI, SC, PR, DF***) *(Inglês: steering wheel)*: *s. m. Peça circular que se prende a um eixo, para fazê-lo girar. Nos veículos a motor, essa peça que, manipulada pelo condutor do veículo, dá rumo a este. Ex.: O volante do carro está trepidando.* (Fazer este sinal DIRIGIR: Mãos em **S** horizontal, palma a palma. Mover as mãos alternadamente para cima e para baixo em arcos.)

Fonte: Capovilla et al. (2017, p. 2888).

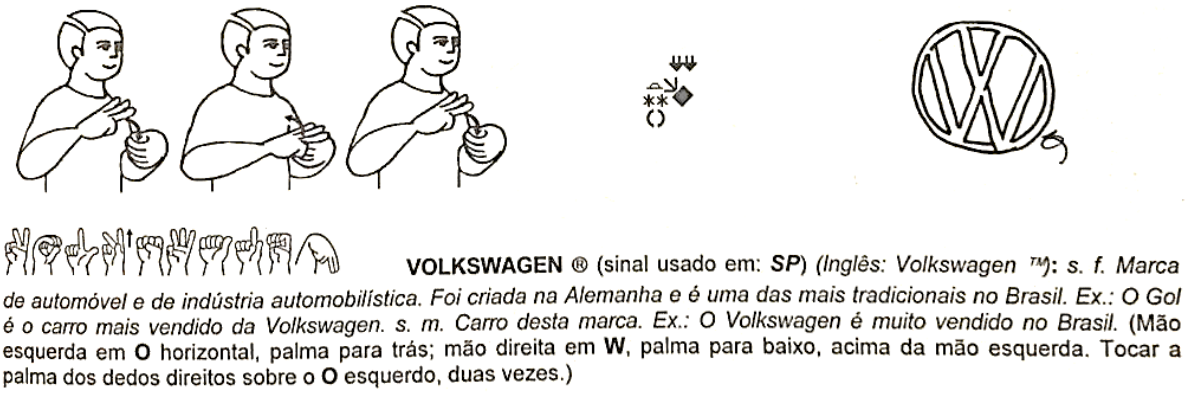
É interessante perceber que alguns sinais imitativos não sofreram alterações morfolóficas ao longo dos anos. Ao compararmos os sinais mencionados daas figuras correspondendes à Libras, com esses mesmos itens lexicais da ASL, constatamos que em ambas as línguas esses sinais continuam muito similares, se não idênticos. No entanto, as investigações de Sandler e Lillo-Martin (2006), Valli et al. (2011) e Quadros e Karnopp (2004), dentre outros, sobre a comparação do movimento em alguns pares de sinais, com o mesmo comportamento querológico na sua realização, identificaram movimentos repetitivos diferenciados que ocorre em um ou em outro sinail. Com relação ao movimento, esses pesquisadores identificaram que em alguns desses sinais ocorre um movimento de repetição, enquanto em outros sinais ocorrem dois movimentos de repetição, sendo essa a única unidade que distinguiria, por exemplo, os pares de sinais CARRO e DIRIGIR. Com isso, concluiram que um sinal poderia derivar do outro a partir da repetição ou reduplicação do movimento. Contudo, a solução foi separar esses pares de sinais em duas classes: (i) a dos substantivos, cujo movimento repete-se apenas uma vez; e a dos substantivos-verbais ou verbos substantivos, em que o movimento repete-se duas vezes. Sendo assim, tanto em ASL, Libras como em outras línguas de sinais, o sinal de CARRO se enquadra na classe dos substantivos e o sinal de DIRIGIR na classe dos verbos-substantivos. Do mesmo modo, há um conjunto significativo de sinais em Libras que se realizam sob essas condições de alteração no movimento e, consequentemente, classificadas em classes gramaticais distintas. Já o sinal de VOLANTE, em relação aos sinais de CARRO e DIRIGIR, pode haver uma relação de ambiguidade lexical[72] manifestada por polissemia, ou seja, quando os

[72] A ambiguidade lexical é ocasionada quando um item lexical sustenta dois ou mais significados/sentidos, quando expostos ao contexto (MARTINS, 2013). Outras informações sobre o assunto estão disponíveis em: http://tede.unioeste.br/handle/tede/2344

significados/sentidos admitidos pelo item lexical encontram pontos de contato semânticos (MARTINS, 2013). Esses fatores devem ser considerados e apresentados na microestrutura do dicionário de Libras.

(iii) **Os sinais *metonímicos*** são ocasionalmente marcados como uma classe especial de sinais imitativos que selecionam um aspecto ou objeto relativamente inesperado de todo o significado para ser representado ou imitado. Em Libras, temos um conjunto lexical significativo de sinais metonímicos que se referem-às marcas de veículos automores, de produtos achocolatados, de agências bancárias, dentre outras. O sinal correspondente à indústria automobilísca Volkswagen em Libras é representado pelo item lexical conforme indica a Figura 49:

Figura 49: Sinal metonímico em Libras referente à VOLKSWAGEN



VOLKSWAGEN ® (sinal usado em: ***SP***) *(Inglês: Volkswagen ™)*: *s. f. Marca de automóvel e de indústria automobilística. Foi criada na Alemanha e é uma das mais tradicionais no Brasil. Ex.: O Gol é o carro mais vendido da Volkswagen. s. m. Carro desta marca. Ex.: O Volkswagen é muito vendido no Brasil.* (Mão esquerda em **O** horizontal, palma para trás; mão direita em **W**, palma para baixo, acima da mão esquerda. Tocar a palma dos dedos direitos sobre o **O** esquerdo, duas vezes.)

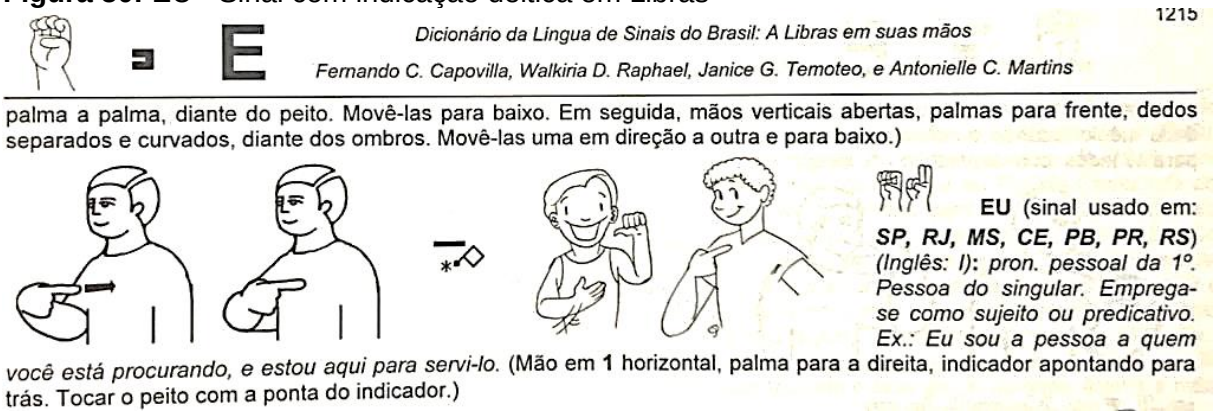
Fonte: Capovilla et al. (2017, p. 2889).

(iv) **Os sinais *indicativos*** nem sempre estão indexados no dicionário, pois a ação de apontar para os referentes torna as indicações redundantes, isso devido à existência de diferentes graus de sinais indicativos. Geralmente, a mão assume a CM para realizar os sinais de natureza *dêitica*[73], relacionados aos pronomes EU, VOCÊ, dentre outros que podem ser mostrados por meio do apontamento.

[73] "DÊIXIS – Capacidade que a linguagem tem a linguagem de designar algo, alguém ou a si mesmo, mostrando em vez de conceituar. A designação dêitica, ou demonstrativa, figura assim ao lado da designação simbólica ou conceitual em qualquer sistema linguístico. Podemos dizer que SIGNO linguístico apresenta-se em dois tipos – o SÍMBOLO, em que um conjunto sônico representa ou simboliza, e o SINAL, em que o conjunto sônico indica ou mostra [...]. O pronome [...] é justamente o vocábulo que se refere aos seres por dêixis em vez de o fazer por simbolização como os nomes (...). Essas dêixis baseiam-se no esquema linguístico das três pessoas gramaticais que norteia o discurso: a que fala, a que ouve e todos os mais seres situados fora de eixo falante-ouvinte" (CÂMARA JR., 1978, p. 90).

Portanto, esses sinais podem estar relacionados aos que indicam ou formam os pronomes. Vejamos um exemplo de indicação dêitica em Libras, na Figura 50:

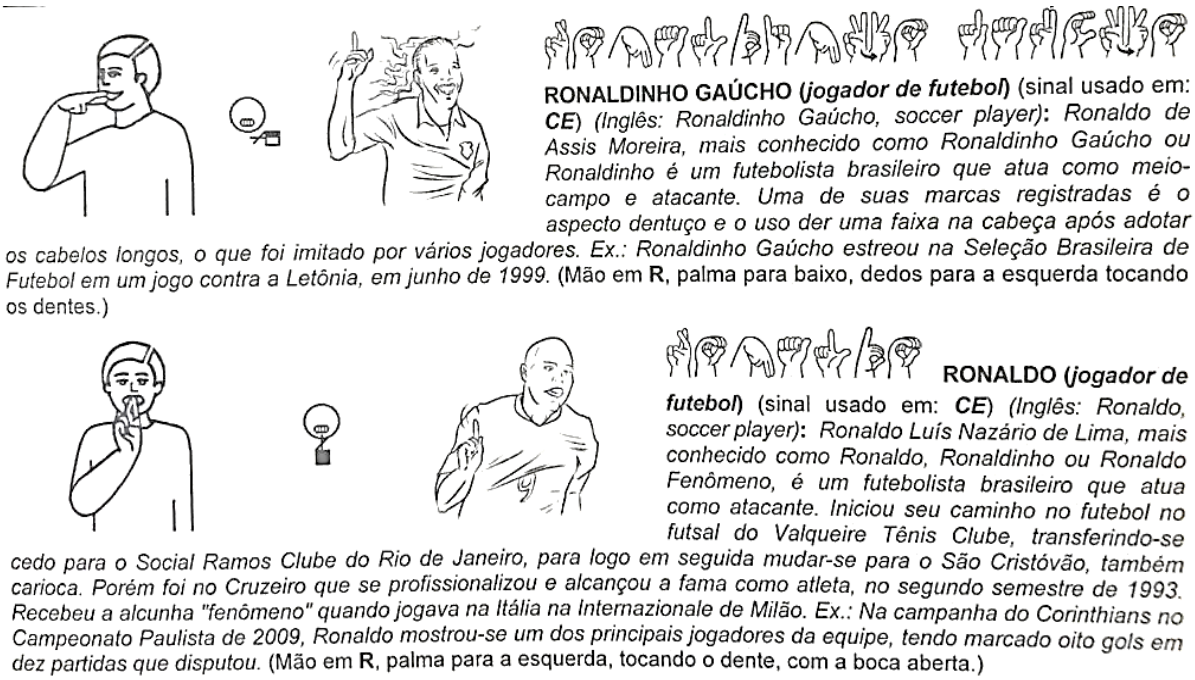
Figura 50: EU - Sinal com indicação dêitica em Libras



Fonte: Capovilla et al. (2017, p. 1215).

(v) **Os *Sinais de nome:*** de acordo com Stokoe, Casterline e Croneberg (1965), os sinais de nome formam uma classe especial, não apenas porque são denominações para pessoas, mas também porque elas usam o conjunto de lugar, mão ativa e ação, aspectos um pouco diferentes dos de outros itens. Correspondem, principalmente, ao processo de nomeação nas línguas de sinais. Atualmente, os estudos linguísticos sobre os nomes próprios de todos os gêneros, cidades, lugares, dentre outros, é realizado no âmbito da Onomástica. Apesar de nas línguas de sinais o ato de nomear ou ‘dar um sinal’, como meio de representar os nomes próprios seja de longa data uma prática relacionada às experiências visuais dos surdos, as pesquisas que envolvem a criação desses sinais ainda são muito recentes. Em Libras, temos um vasto registro lexicográfico de sinais de personalidades das mais variadas áreas. Douettes (2015), em sua pesquisa de mestrado, cita os sinais dos personagens bíblicos MARIA e JOSÉ, que foram um dos primeiros sinais de nome registrados por Oates (1969). Por exemplo, os jogadores da Seleção brasileira Ronaldo e Ronaldinho Gaúcho, dentre outros, são duas personalidades bastante conhecidas no meio futebolístico. Em Libras, cada um deles recebeu um sinal diferente, conforme representados na Figura 51:

Figura 51: Sinal de nome em Libras: RONALDO e RONALDINHO GAÚCHO, ex-jogadores da Seleção brasileira



RONALDINHO GAÚCHO (*jogador de futebol*) (sinal usado em: ***CE***) *(Inglês: Ronaldinho Gaúcho, soccer player)*: *Ronaldo de Assis Moreira, mais conhecido como Ronaldinho Gaúcho ou Ronaldinho é um futebolista brasileiro que atua como meio-campo e atacante. Uma de suas marcas registradas é o aspecto dentuço e o uso der uma faixa na cabeça após adotar os cabelos longos, o que foi imitado por vários jogadores. Ex.: Ronaldinho Gaúcho estreou na Seleção Brasileira de Futebol em um jogo contra a Letônia, em junho de 1999.* (Mão em **R**, palma para baixo, dedos para a esquerda tocando os dentes.)

RONALDO (*jogador de futebol*) (sinal usado em: ***CE***) *(Inglês: Ronaldo, soccer player)*: *Ronaldo Luís Nazário de Lima, mais conhecido como Ronaldo, Ronaldinho ou Ronaldo Fenômeno, é um futebolista brasileiro que atua como atacante. Iniciou seu caminho no futebol no futsal do Valqueire Tênis Clube, transferindo-se cedo para o Social Ramos Clube do Rio de Janeiro, para logo em seguida mudar-se para o São Cristóvão, também carioca. Porém foi no Cruzeiro que se profissionalizou e alcançou a fama como atleta, no segundo semestre de 1993. Recebeu a alcunha "fenômeno" quando jogava na Itália na Internazionale de Milão. Ex.: Na campanha do Corinthians no Campeonato Paulista de 2009, Ronaldo mostrou-se um dos principais jogadores da equipe, tendo marcado oito gols em dez partidas que disputou.* (Mão em **R**, palma para a esquerda, tocando o dente, com a boca aberta.)

Fonte: Capovilla et al. (2017, p. 2475).

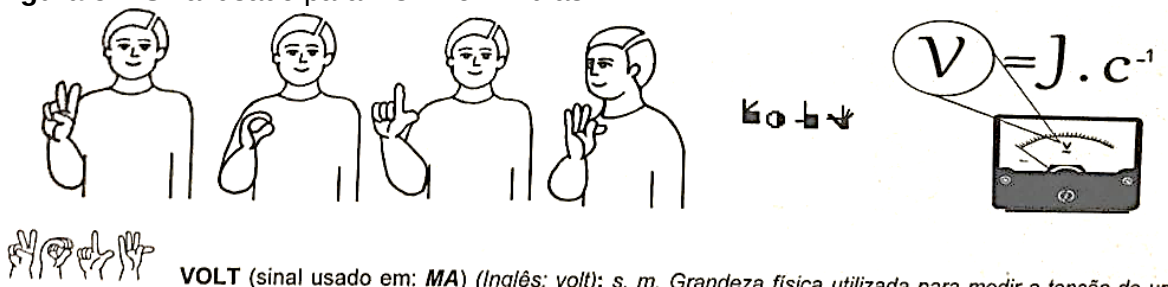
Assim como esses, muitos outros sinais estão indexados em várias entradas do Dicionário de Língua de Sinais do Brasil (CAPOVILLA et al., 2017). Sobre esse assunto, podemos encontrar algumas publicações e pesquisas recentes que vêm sendo desenvolvidas, dentre outras, em nível de doutorado por Gabriele Cristine Rech, na Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE) sob a orientação da Professora Doutora Márcia Sipavicius Seide. Mais especificamente, por meio dos estudos antroponomásticos, Rech vem pesquisando o processo de nomeação de pessoas em Libras. Souza e Gediel (2017) também realizam pesquisas nessa área, na Universidade Federal de Viçosa em Minas Gerais. E recentemente, o INES disponibilizou em sua página on-line uma variedade de sinais de nomes em um Dicionário Onomástico[74].

(vi) ***Forma inicial da mão (designador) -*** diz respeito às formas de mãos do alfabeto manual da ASL, comumente usadas para soletrar ou referir-se a uma determinada palavra em inglês. Conforme indica Stokoe (1960), embora seja uma classe aberta e ainda usada na formação de novos sinais, não é de forma alguma

[74] O dicionário pode ser livremente acessado no link: http://www.manuario.com.br/dicionario-onomastico

uma inovação. Na ASL, os sinais para cores, dias da semana, vinho e outros são traduções diretas de sinais cognatos da língua de sinais francesa, porém, usam diferentes iniciais, e em se tratando da ortografia em inglês são certamente diferentee. Assim como a Libras, a ASL também foi fortemente influênciada pelos sinais francês, isso pode ser atribuído à influência do Abade de L'Epée por meio da sua metodologia de ensino baseada em sinais metódicos. Muitos sinais em Libras são iniciados por uma CM correspondente ao alfabeto manual que corresponde à letra do alfabeto em LP, por exemplo, “professor” começa com ‘P’ em português e em Libras também começa com a letra (P). Outros sinais são soletrados, isto é, não têm um sinal específico que o represente a partir da construção querológica (CM/OR+L+M); logo, são soletrados, como ocorre com o item lexical VOLT (voltagem), representado na figura a seguir:

Figura 52: Sinal usado para VOLT em Libras



Fonte: Capovilla et al. (2017, p. 2889).

Com relação à estrutura interna, os sinais podem ser separados em (CM), (L e/ou PA), (M), (OR) e (ENM), que se combinam, principalmente com base na simultaneidade na constituição dos sinais. Stokoe, Casterline e Croneberg (1965) optaram por chamar o lugar onde o sinal é feito de *tabula* ou *tab*, a mão ativa de *designador* ou *dez*, e a ação ao fazer o sinal de *sig*. Esses termos serviram como rótulo no dicionário para referir-se a esses três aspectos dos itens lexicais que, em resumo, são as configurações de mãos, a locação e o movimento.

Os primeiros estudos sobre o nível querológico de uma língua de sinais, no caso, a ASL, basearam-se na metodologia estruturalista de análise, dentre os quais se destacaram: Stokoe (1960), Stokoe, Casterline e Croneberg (1965) e Klima e Bellugi (1979). Nesse modelo, os queremas são compreendidos como unidades mínimas de um sinal. No entanto, a representação do processo querológico

representada apenas pelos queremas (CM, L, M, OR, ENM) não captura as transformações querológicas envolvidas nesses processos. Por isso, são necessárias unidades que capturem melhor as características querológicas dos segmentos envolvidos nesse processo, isto é, os traços distintivos conforme apresentamos no capítulo anterior.

De acordo com Quadros e Karnopp (2004), “a noção de traços distintivos nas línguas de sinais se dá no sentido de que cada sinal passa a ser visto como um feixe de elementos básicos simultâneos, que formam uma CM, um M e uma L e que, por sua vez, entram na formação de itens lexicais” (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 62). Conforme o modelo de Liddell & Johnson (2000), o feixe articulatório, responsável pela descrição do comportamento da mão, se constitui de quatro subconjuntos de traços: Configuração da Mão (CM), Ponto de Contato (PC), Face (FA) e Orientação (OR). Os traços que descrevem cada subconjunto são reunidos em subfeixes articulatórios, que, no caso da CM, correspondem à disposição dos dedos - a forma das mãos -, isto é, são reunidos em um subfeixe articulatório chamado de *configuração de mão*. O PC é formado por quatro subconjuntos de traços: localização, parte da mão, proximidade e relação espacial. A FA indica a parte da mão que é designada no ponto em que um determinado sinal é produzido e/ou a direção para a qual os dedos apontam. Por fim, a OR tem a função de determinar qual parte da mão está situada paralelamente ao plano do chão.

O modelo de Liddell & Johnson (2000) destaca a sequencialidade de certos aspectos articulatórios que podem ser observados durante a produção dos sinais, e Stokoe (1960) propôs uma organização interna do sinal com base na simultaneidade. Vale destacar que, em nosso modelo de dicionário monolíngue de Libras, tanto a sequencialidade quanto a simultaneidade serão capturadas na produção dos sinais. Liddell & Johnson (2000) analisam que a simultaneidade e a sequencialidade estão presentes e desempenham cada uma seu papel nas línguas de sinais, tal como na estrutura sublexical das palavras das línguas orais. De acordo com Xavier (2006), “a simultaneidade é o princípio organizador da estrutura de cada segmento, e a sequencialidade é o princípio organizador da estrutura interna de cada sinal, uma vez que este pode ser constituído de mais de um segmento” (XAVIER, 2006, p. 25).

Por exemplo, as CMs são as formas que as mãos adquirem na produção dos sinais, que podem ser realizados com uma ou duas mãos. Os sinais realizados com

apenas uma mão independem da lateralidade podem ser realizados tanto com a mão direita quanto com a esquerda. Já com as duas mãos há sinais que necessitam de uma das mãos como apoio (ativa) enquanto a outra mão realizará os movimentos (ativa), sendo a opção de lateralidade também livre. Esse parâmetro tem grande importância na formação do léxico das línguas de sinais. Em comparação com as línguas orais, ele tem a mesma função de um fonema na constituição das palavras. A maioria dos sinais da Libras tem início a partir de uma configuração de mão; por exemplo, o sinal realizado em Libras para ESPERAR inicia com a forma das duas mãos em “S”, sendo um apoio/base com a palma virada para baixo e a outra ativa com a palma para frente, como ilustra a Figura 53:

Figura 53: Representação do sinal ESPERAR em Libras

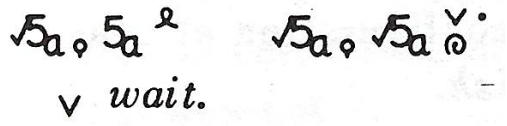
ESPERAR (1) (sinal usado em: ***SP, RJ, MS, PR, SC, CE, RS***) *(Inglês: to wait, to wait for, to hope, to expect, to await)*: *v. t. d., v. t. i., v. int. Aguardar. Estar ou ficar à espera.*

Ex.: Esperou o irmão chegar e então partiu. Ex.: Espere por mim. Ex.: Não gostava de esperar. (Mão esquerda em **S**, palma para baixo; mão direita em **S**, palma para frente. Bater o pulso direito no dorso da mão esquerda.)

Fonte: Capovilla et al. (2017, p. 1147 grifo nosso).

Nesse dicionário impresso, assim como nas versões anteriores, apesar da busca dos sinais se dar a partir da ordem alfabética da LP, Capovilla et al. (2017) descrevem como o sinal deverá ser realizado com base na configuração da mão. Já no dicionário de Stokoe, Casterline e Croneberg (1965), em seu sistema de notação, esse sinal *wait* era representado da maneira como se visualiza na Figura 54:

Figura 54: Notação para a palavra WAIT segundo o sistema de Stokoe



Fonte: Stokoe, Casterline e Croneberg (1965, p. 45).

Mais especificamente, o sinal WAIT (esperar) da ASL, realizado com as duas mãos, é representado por meio dos símbolos [✓] para indicar a posição do cotovelo e antebraço; [5] para indicar a configuração da mão, nesse caso, a mão deve estar

aberta com os dedos e os polegares espalhados como o numeral 5; [ ] indica a posição do punho e braço com a palma para cima; [ ] indica o movimento, a ação de mexer os dedos; [ ] indica o movimento descendente; e [ ] indica a ação circular.

Como se pode ver nessas representações, os símbolos representam todos os parâmetros que constituem o sinal, e os movimentos e a posição da mão são marcados a partir da configuração da mão.

Na obra *Dictionary of American Sign Language* (STOKOE; CASTERLINE; CRONEBERG, 1965), diferentemente dos demais dicionários impressos ou eletrônicos das línguas de sinais, os itens lexicais não foram organizados por campos temáticos, mas de forma sistemática, de acordo com suas partes constituintes, representadas por um Sistema de Notação, conforme apresentamos no capítulo anterior. Vale ressaltar que, apesar dessa obra orientar o desenvolvimento da nossa proposta, não utilizaremos símbolos do sistema de notação ou transcrição para as entradas, mas consideraremos a forma sistemática e sequencial que constitui a formação de um sinal, ou seja, a entrada será pela configuração da mão somada a uma combinação sistemática e linear dos demais parâmetros locação/contato, movimento e expressões não manuais (quando necessário).

3.2 PROPOSTA DE UM DESENHO TAXONÔMICO PARA A CLASSIFICAÇÃO DE DICIONÁRIOS DE LÍNGUAS DE SINAIS

A taxonomia é um dos elementos que guardam os traços elementares dos dicionários, e tal definição é inerente tanto ao perfil do usuário quanto à função da obra. A demarcação taxonômica comumente aplicada aos dicionários é algo profícuo, seja para quem se dedica à sua construção ou mesmo para aqueles que os buscam como fonte de consulta.

Iniciamos esse debate com as bases teórico-metodológicas que nos permitiram determinar uma taxonomia mais adequada para os fins a que nos propomos.

3.2.1 Tipos de dicionários e seus elementos para uma proposta taxonômica

Ainda que os dicionários de palavras/sinais tenham por finalidade básica registrar e descrever os aspectos morfolexicais inerentes aos itens lexicais que compõem o vocabulário da língua que representam, o fato é que o modo como vão se apresentar para o usuário vai depender do tipo de aplicação a que se propõem. De acordo com Zgusta (1971), por exemplo, os dicionários tanto poderão assumir um papel estritamente linguístico ou então adotarem um perfil mais enciclopédico. Para isso, o autor utilizou-se de vários parâmetros, começando pelos dados linguísticos e enciclopédicos (dicionários linguísticos versus enciclopédicos).

Outra diferenciação desenvolvida por Zgusta (1971) é entre dicionários diacrônicos e sincrônicos. Resumidamente, os dicionários diacrônicos estariam mais voltados para a história e o desenvolvimento da forma e do significado das palavras podemos incluir nessa categoria os dicionários históricos e etimológicos. Já os dicionários sincrônicos trabalham com o idioma e seu estoque de palavras em um determinado momento, embora o autor pondere que o idioma muda constantemente, além de ser usado de forma particular por diferentes tipos de pessoas.

Zgusta (1971) também aponta a distinção entre dicionários gerais e restritos, a partir do grau de integridade. Geralmente os dicionários restritos se limitam apenas a certa parte do léxico ou a outros recursos de uma língua. Dentre os dicionários restritos, por exemplo, podemos citar os de dialetos, de jargões, de palavras ou de termos usados por um determinado autor, ou em uma obra especial, como os dicionários de empréstimos linguísticos, de expressões idiomáticas e vários outros tipos de obras lexicográficas com esse mesmo viés. Quanto ao dicionário geral, esse é um tipo de dicionário que se concentra no idioma nacional padrão geral em uso, e podemos dizer que esse seria o contrário do dicionário restritivo.

O número de idiomas representados e o tratamento que um dicionário pode ter são considerados fatores importantes na classificação de dicionários. Existem os dicionários monolíngues, que devem atender, principalmente, aos usuários de qualquer idioma nativo, embora essa demanda não seja totalmente exigida, os dicionários bilíngues, que são mais voltados para pessoas que querem aprender uma outra língua, seja como idioma estrangeiro ou como segunda língua, os dicionários semibilíngues/híbridos e, embora com pouca frequência, os dicionários que incluem mais de dois idiomas. Os dicionários monolíngues são mais comuns

entre as línguas orais, por exemplo, o *Oxford Advanced Learner`s Dictionary*, o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa,* dentre tantos outros. De acordo com Zwitserlood (2014), o fato de as línguas de sinais serem visuais-gestuais, além das imagens ocuparem muito espaço, já dificulta a existência de dicionários bilíngues impressos, principalmente quando se trata de uma língua oral para uma língua de sinais. Além disso, também podem impedir os registros de informações sobre os lemas dos signos, o que dificulta ainda mais a existência de um dicionário monolíngue da língua de sinais.

Como resultado de suas análises, Zwitserlood (2010) nos chama a atenção com relação à maioria dos dicionários de línguas de sinais, que, no geral, contém poucas entradas em comparação aos dicionários de línguas orais, e informações adicionais sobre os sinais são fornecidas na escrita da língua oral em questão. Apenas alguns dicionários bilíngues contêm imagens de sinais e têm uma ordem dos sinais baseada na estrutura das configurações de mãos, como o Dicionário Preliminar da Língua de Sinais Australiana (JOHNSTON, 1987). No entanto, no geral, tais esforços não foram tomados para a maioria dos dicionários impressos, uma vez que eles ainda tendem a ser multilíngues, unidirecionais e ordenados alfabeticamente com base nas palavras da língua oral.

Dito isso, vamos agora voltar nossos olhares para as diversas propostas que, na Lexicografia, podem ser usadas para a classificação de obras lexicográficas. No entanto, vale ressaltar que nessa área não há uma taxonomia que possa ser considerada universal.

Farias (2009) e Bugueño & Farias (2009) indicam três tipos de taxonomias que se elaboram a partir da consideração de critérios de classificação das obras lexicográficas: (i) impressionista ou fenomenológica; (ii) funcional; e (iii) linguística.

A impressionista ou fenomenológica diz respeito aos critérios externos à obra ou a uma constituição puramente física, geralmente empregradas pelas editoras, isto é, se é um minidicionário, um grande dicionário, um dicionário de bolso, um dicionário eletrônico etc. Nesse quesito, para os dicionários de línguas de sinais, ainda não temos um extenso catálogo editorial, assim como ocorre com as obras lexicográficas das línguas orais. Essa classificação também considera a sua densidade macroestrutural, ou seja, o número de entradas como elemento classificador das obras.

O critério de classificação funcional refere-se à função designada ao dicionário e leva em conta a finalidade da consulta e as necessidades que o consulente tem relativas a um tipo específico de dicionário. Nesse sentido, esse tipo de critério busca meios para suprir essas necessidades do usuário de modo quantitativo e qualitativamente. Bergenholtz & Tarp (2003) e Tarp (2008) propõem uma taxonomia desse gênero cujo foco é a função específica do dicionário, e consideram o usuário da obra e suas necessidades como pontos de partida para qualquer apreciação a respeito de obras lexicográficas.

Quanto ao critério de classificação linguística, essa taxonomia está vinculada aos especificamente linguísticos. Além disso, leva em consideração alguns aspectos que podem auxiliar o lexicógrafo na concepção e na confecção da obra, tais como o número de línguas reunidas no dicionário, se é monolíngue, bilingue ou multilíngue, e o intervalo de tempo (sincrônica ou diacrônica) como perspectiva histórica que a obra representa.

A partir das considerações apresentadas a respeito dos elementos dicionarísticos básicos para uma classificação de obras lexicográficas, desenvolvemos uma classificação de algumas obras bilíngues, multilíngues e monolíngues (impressas e eletrônicas) de línguas de sinais para falantes surdos[75] (FS, deste ponto em diante) e para os falantes não surdos[76] (FNS, de ora em diante) utilizando os critérios funcionais e linguísticos.

3.2.2 Organização de uma taxonomia para a classificação de obras dicionarísticas e lexicográficas bilíngues e monolíngues de línguas de sinais

A organização de uma taxonomia para a classificação de obras dicionarísticas e lexicográficas está ancorada em critérios funcionais e critérios linguísticos. Apesar de termos essas duas abordagens como modelos mais apropriados para a classificação dos dicionários de línguas de sinais, temos clareza de que faltam critérios linguísticos junto à abordagem funcional e à abordagem linguística faltam critérios funcionais.

---

[75] Consideramos os falantes surdos (FS) como aqueles que têm a Libras como meio de comunicação e expressão, adquirindo-na desde cedo (na primeira infância) ou já na adolescência.

[76] Cosideramos s falantes não surdos (FNS) aqueles que são ouvintes e não têm a Libras como língua natural, isto é, tiveram como sua primeira língua a aquisição de uma língua oral.

Adaptamos algumas taxes a partir da proposta de uma taxonomia para a classificação de obras lexicográficas, das línguas orais, desenvolvidas por Bugueño Miranda (2014). Dos critérios funcionais, consideramos as distinções entre obras lexicográficas para falantes/sinalizantes surdos de uma língua de sinais e obras lexicográficas para falantes/sinalizantes não surdos de línguas de sinais. Dos critérios linguísticos, observamos e empregamos as seguintes taxes:

1. Número de línguas consideradas na obra: se o dicionário (impresso ou eletrônico) é mono-, bi- ou multilíngue;
2. Ênfase informativa, sob a perspectiva do signo linguístico considerando a diferenciação da entrada com destaque no plano do significante e destaque no plano do significado;
3. A distinção entre perspectiva semasiológica (ponto de partida é o significante de um termo ou palavra) e perspectiva onomasiológica (o ponto de partida é o significado);
4. A distinção entre uma representação do léxico concentrado na língua de sinais de uso padrão (geral) e uma representação em apenas uma parte do léxico (restritivo);
5. Distinção entre uma representação do léxico inclusivo e do léxico restritivo a partir de uma concepção diassistêmica da linguagem (sincrônico, diacrônico, geral e limitado).

A taxonomia envolvendo os dicionários de línguas de sinais, desenvolvida nessa ocasião, empresta os critérios funcionais e linguísticos supracitados, uma vez que podem ser adaptados considerando as próprias características e especificidades, seja do léxico, do usuário ou do compilador de dicionários de línguas de sinais. Nesse sentido, no que diz respeito ao número de línguas consideradas nos dicionários de línguas de sinais, tanto impressos quanto eletrônicos, salientamos que, em sua maioria, são bilíngues ou multilíngues, mais indicados para usuários não surdos (NS, doravante). Contudo, reiteramos que em nossas pesquisas não encontramos registros de dicionários monolíngues em nenhuma língua de sinais. Isso não impossibilita ou inviabiliza obviamente o desenvolvimento de uma taxonomia para um dicionário monolíngue de língua de sinais.

No tocante ao critério cujo foco se dá na perspectiva do signo linguístico (com base na concepção dicotômica do signo linguístico saussureano) (SAUSSURE, 1995), que considera a distinção da entrada com destaque no plano do significante e destaque no plano do significado, quando se trata de registros dicionarísticos de línguas de sinais, ocorre da mesma forma que os registros lexicográficos das línguas orais. Dito de outro modo, ambos os dicionários podem ser concebidos para oferecerem informações dos itens lexicais como significante ou como significado, com o diferencial visual, isto é, mais comumente com registros por imagens.

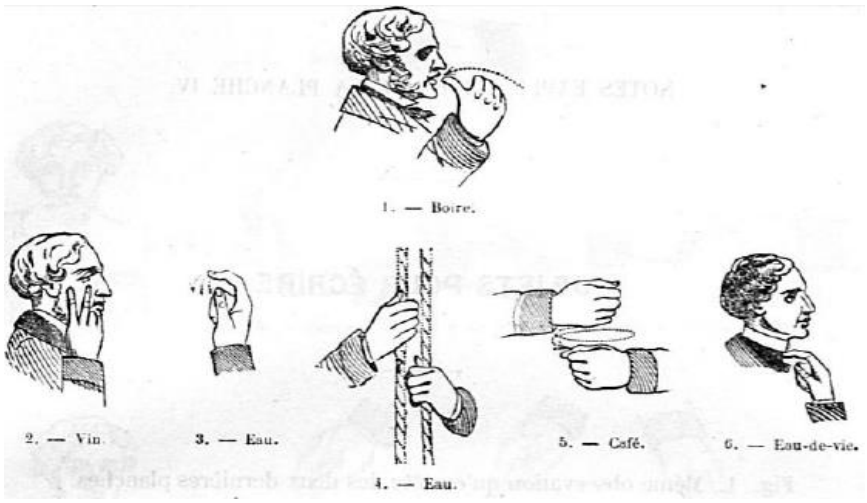
Para ilustrar o que estamos dizendo, a Figura 55 corresponde ao item lexical AULA dito em Libras (correspondente ao plano do significante), seguido de uma imagem e de uma explicação em LP para representar o significado.

Figura 55: Registro do item lexical AULA em Libras e seu respectivo significado

Fonte: Brandão (2011, p. 83).

Já na Figura 56, tem-se o sinal que corresponde a BOIRE/BEBER/BEBIDAS dito em Língua de Sinais Francesa (LSF), seguido da palavra correspondente em francês. Esse último sinal – BOIRE - é responsável para indicar a categoria semântica (com destaque no plano do significado) relativa à “boire / beber”, e a partir dele são registrados outros 16 itens lexicais: Vin - vinho; Eau - água; Café - café; Eau - de - Vine; Bière - cerveja; Eau de Seltz - água com gás; Champagne; Huile - óleo; Vinaigre - vinagre; Carafe - jarro; Verre - vidro; Tasse – copo; Bouteille – frasco.

Figura 56: Registro de itens lexicais relativos à categoria semântica “bebidas” em LSF e seu respectivo significado



Fonte: Pélissier (1856).

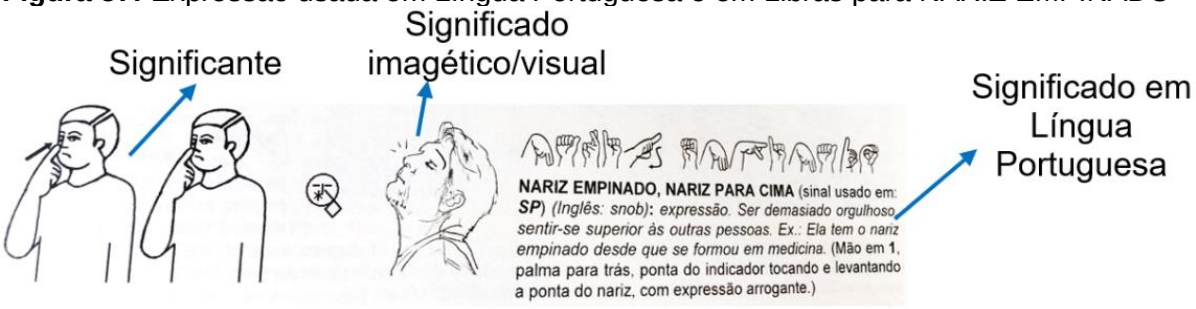
Esses tipos de obras que dão ênfase ao significado restringem-se a dicionários de pronúncia/articulação dos sinais, portanto, são mais destinadas a um público de aprendizes de línguas de sinais, mais especificamente aos FNS.

A semasiologia, por sua vez, diz respeito ao sentido que vai do significante para o significado. Com base em Bugueño e Farias (2007), classificamos os dicionários de línguas de sinais com esse viés como dicionários semasiológicos, dado que a principal característica é a elucidação do significado das palavras que também se aplica aos sinais. Tais esclarecimentos normalmente ocorrem por meio de paráfrases definidoras.

No caso de dicionários de línguas de sinais com viés bilíngue, tanto em obras impressas quanto eletrônicas, geralmente as entradas partem do plano do significante, ou seja, ordem alfabética da língua oral ilustrada com sinais que obedecem respectivamente a essa ordem, ordem alfabética partindo do alfabeto manual/datilológico das línguas de sinais que obedecem a ordem recorrente ao alfabeto de determinada(s) língua(s) oral(is). Nesse plano, encontram-se obras que são gerais e obras especiais, que se dividem em sintagmáticas e com tendência técnica. No dicionário impresso da *Língua de Sinais do Brasil* (CAPOVILLA et al., 2017), por exemplo, identificamos algumas expressões sintagmáticas, dentre elas, a expressão vulgar “merda” (CAPOVILLA et al., 2017, p.1832), gírias como “marajá” (CAPOVILLA et al., 2017, p. 1770), “levar o cano” (CAPOVILLA et al., 2017, p. 1691). A título de exemplificação, na Figura 57, apresentamos a expressão “nariz

empinado”, que nesse dicionário é registrado logo após as entradas de “narina” e “nariz”.

Figura 57: Expressão usada em Língua Portuguesa e em Libras para NARIZ EMPINADO

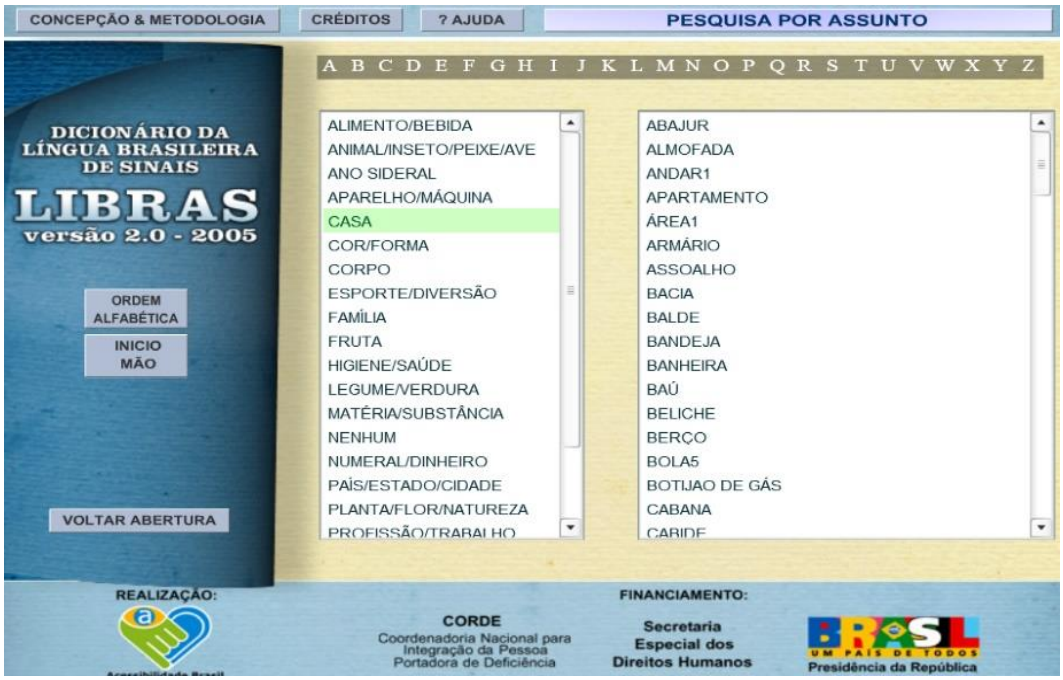


Fonte: Adaptado pela autora a partir de Capovilla et al. (2017, p. 1931).

A onomasiologia, por sua vez, considera a direção do significado para o significante. Nesse caso, o termo dicionário com direção onomasiológica abrange todos os dicionários usados para encontrar uma palavra e/ou sinal a partir de uma ideia. Suas características especiais são que os itens lexicais não são isolados, mas geralmente são organizados por categorias semânticas ou agrupados a partir de itens lexicais chaves. Dito de outro modo, um dicionário onomasiológico é um dicionário organizado por critérios semânticos e, portanto, leva o usuário dos conceitos às expressões.

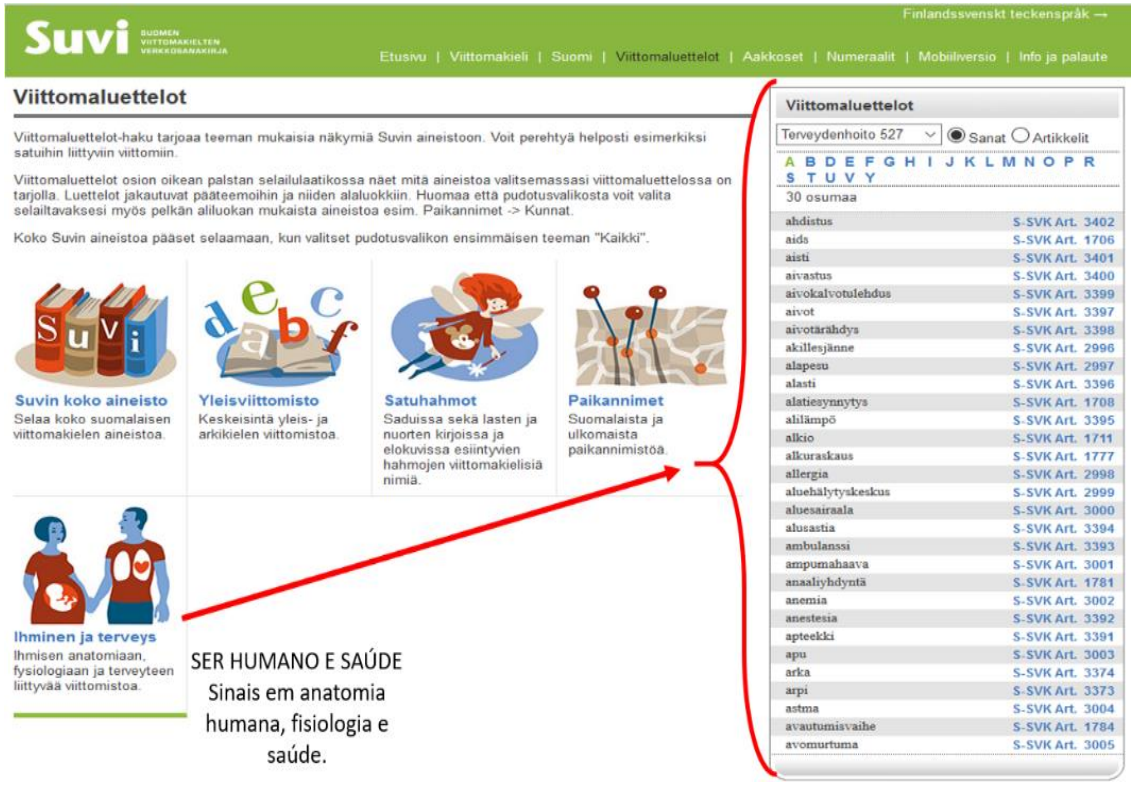
Encontramos também um conjunto de obras lexicográficas eletrônicas de línguas de sinais cujas entradas são múltiplas, ou seja, o usuário pode optar pela busca tanto pelo significante (palavra ou sinal) quanto por uma ideia ou uma palavra da língua oral (por ordem alfabética) correspondente a uma categoria semântica ou a um assunto. Entendemos que, desse modo, nesses casos, tais obras podem ser classificadas como semasiológicas ou onomasiológicas. Para ilustrar, destacamos dois exemplos de dicionários eletrônicos, um de Libras e um da Língua de Sinais Sueco-Finlandesa – SUVI, que também podem ser acessados a partir de categorias semânticas, como representado nas Figuras 58 e 59:

Figura 58: Pesquisa possível a partir da seleção de um assunto



Fonte: http://www.ines.gov.br/dicionario-de-libras/main_site/libras.htm.

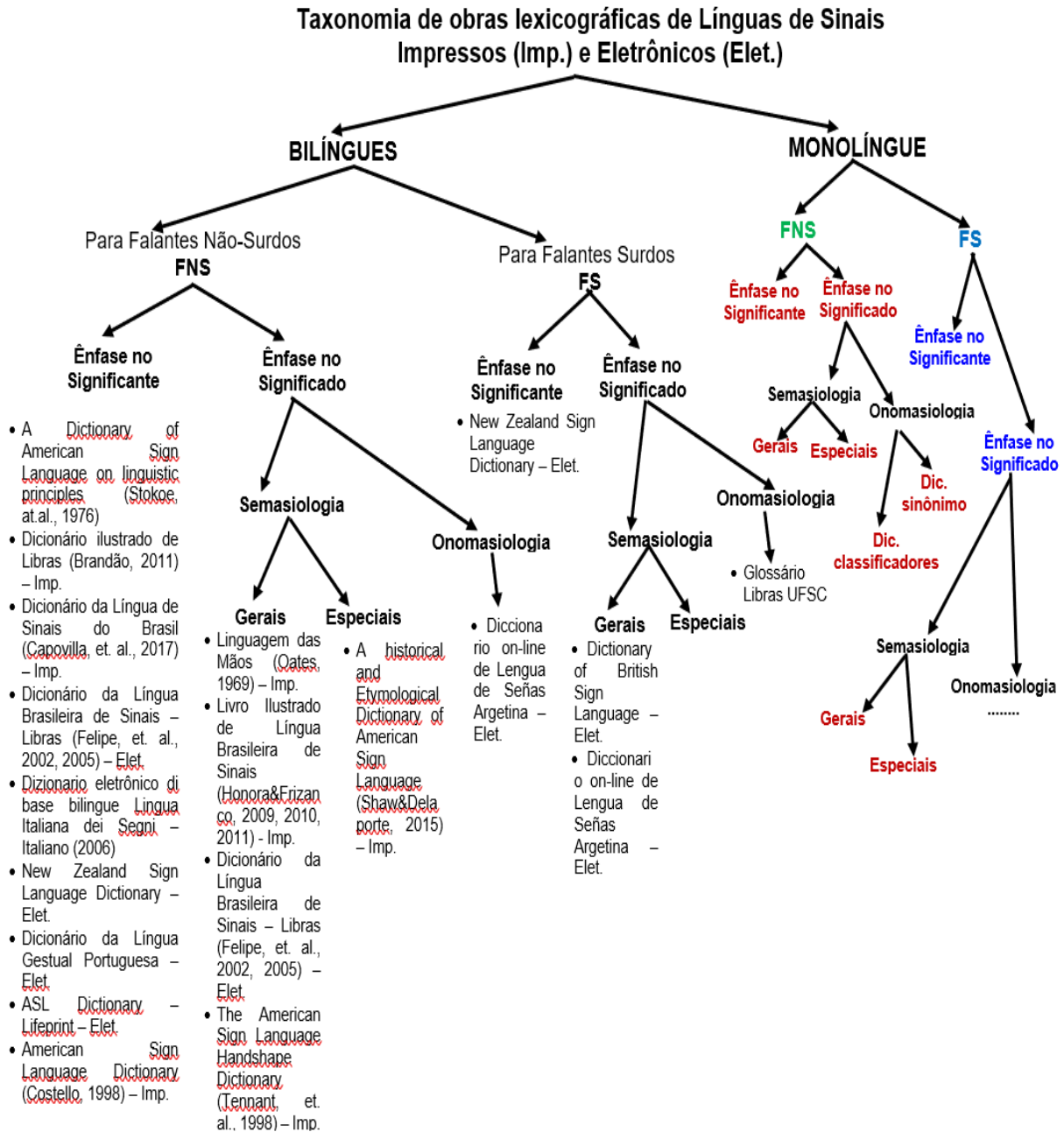
Figura 59: Pesquisa temática a partir da escolha de uma imagem ilustrativa alusiva a determinadas categorias semânticas no dicionário eletrônico da SUVI



Fonte: http://suvi.viittomat.net/index.php.

A partir dessas informações, desenhamos o seguinte quadro taxonômico com exemplos de algumas obras que contribuem para a sua concretização:

Figura 60: Taxonomia de obras lexicográficas em línguas de sinais



Fonte: Elaborada pela pesquisadora com base em Bugueño Miranda (2009).

Para esse quadro taxonômico, é importante destacar que não consideramos os níveis de competência linguística (básico, intermediário, avançado, com fluência ou não etc.) de nenhum dos usuários FNS ou FS. Para esse tipo de considerações e

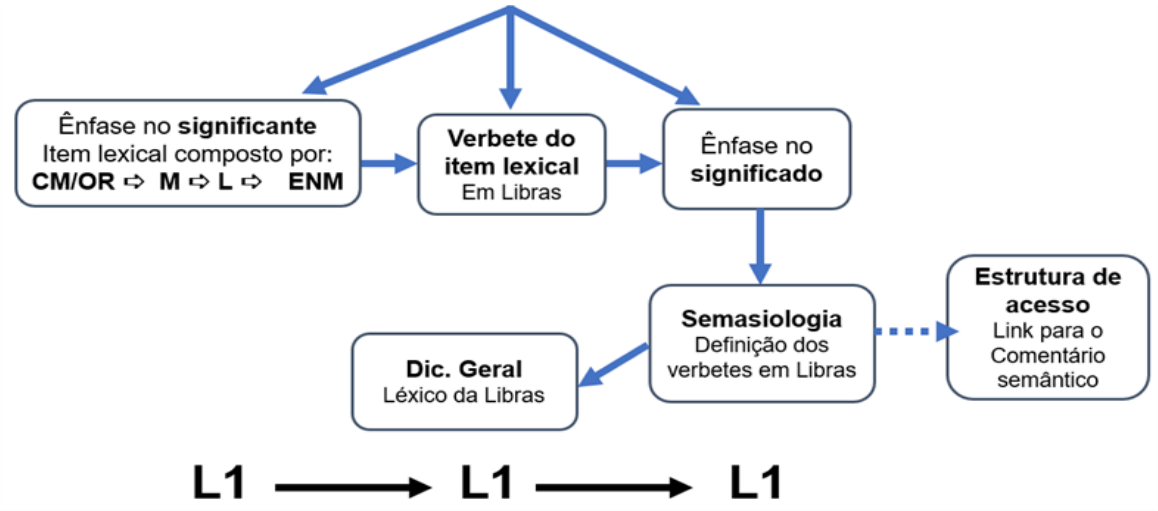
condições linguísticas do usuário, talvez seria necessário o desenvolvimento de uma pesquisa ainda mais aprofundada, além da elaboração de uma outra taxonomia. Por outro lado, nesse quadro, é possível observar o surpreendente número de obras lexicográficas voltadas aos NFS e com ênfase no significante.

3.2.3 Taxonomia para um dicionário monolíngue de Libras voltado ao falante surdo

Como podemos observar nas seções anteriores, apesar do número considerável de dicionários já existentes em diferentes línguas de sinais, ainda são escassos trabalhos que descrevam ou apresentem algo mais aprofundado sobre a taxonomia dessas obras lexicográficas, sobre as suas composições metodológicas e até mesmo sobre a influência das tecnologias na produção lexicográfica. Zgusta (1971) observa que, quando um lexicógrafo se propõe a organizar um dicionário,deve tomar duas decisões básicas: 1) qual parte do vocabulário total de uma língua o dicionário proposto cobrirá; e 2) a que tipo o dicionário proposto pertencerá. Com relação às línguas orais, de acordo com Hartmann (1993), o problema de como classificar a enorme diversidade de dicionários existentes em tipos ou gêneros só pode ser satisfatoriamente resolvido se levarmos em conta todos os vários fatores, como idioma(s), categorias de informação e funções pretendidas. Embora nas línguas de sinais não se tenha toda essa diversidade de dicionários, essas mesmas preocupações também se aplicam à lexicografia dessas línguas.

No primeiro capítulo, no qual apresentamos algumas definições de dicionário, destacamos que eles são limitados em sua finalidade e escopo. Por exemplo, o dicionário geral aproxima-se de um dicionário ideal, isto é, aquele que poderia representar todo o léxico. Suas funções mais gerais visam a fornecer informações sobre partes e aspectos do léxico de uma língua. Com base nisso, organizamos o seguinte esquema para a taxonomia de dicionários monolíngue de Libras.

Figura 61: Proposta taxonômica para um dicionário monolíngue de Libras



Fonte: Elaborada pela pesquisadora.

A partir dessa taxonomia, esse dicionário pode ser classificado como geral, uma vez que cumpre os seguintes traços: (i) ser monolíngue; (ii) estar voltado para falantes nativos - nesse caso, consideramos os falantes surdos que têm a língua de sinais como língua natural; (iii) contemplar unidades lexicais simples - Pottier (1974) denomina como lexia simples a que é monolexemática, ou seja, no caso das línguas de sinais coincide com os sinais simples e sinais derivados, por exemplo, em Libras corresponderia aos sinais do tipo: PENTE/PENTEAR; TELEFONE/TELEFONAR; CADEIRA/SENTAR; dentre muitos outros. Seria algo correspondente à gramática tradicional das línguas orais com relação às noções de palavra simples e derivada -; (iv) ter ênfase no significado com definições das unidades léxicas; (v) ter ênfase semasiológica; (vi) incluir, na estrutura de acesso, variáveis do sistema linguístico (diassistema) relativas às línguas de sinais, por exemplo, o contexto de comunicação e a modalidade gestual, visual e espacial.

Nessa seção, desenvolvemos e apresentamos uma organização taxonômica na qual situamos alguns dicionários de línguas de sinais, classificando-os conforme a sua função e usuário, além de descrever uma proposta de taxe para a elaboração de um dicionário monolíngue de língua de sinais. Com base no que discutimos até agora, no próximo capítulo, apresentamos a metodologia delineadora deste trabalho.

4 METODOLOGIAS ADOTADAS PARA A ANÁLISE LINGUÍSTICA

Esta pesquisa é de natureza básica, de cunho qualitativo, baseada em uma perspectiva metodológica de revisão bibliográfica, documental a partir da Linguística Teórica (LT, doravante). Apesar da LT não apresentar um consenso a respeito da natureza do léxico, nessa concepção, tal natureza tem sido investigada em diferentes modelos teóricos ou gramaticais no sentido que compreende o estudo da língua como um todo, e esses aspectos macro da língua, respectivamente voltados ao léxico, são os que buscamos contemplar neste estudo. Ademais, esta pesquisa também leva em conta as teorias vinculadas ao Processamento da Linguagem Natural (PLN, de ora em diante), preocupando-se com as peculiaridades do léxico que envolvem a modalidade visual, gestual e espacial características da Libras.

Uma grande parte das pesquisas produzidas sobre os estudos do léxico das línguas naturais (oral ou de sinais), envolvendo a Lexicologia e a Lexicografia, vem sendo desenvolvida à luz dos estudos com base na LT e no PLN. No entanto, nem sempre foi assim. Até pouco tempo, nas principais pesquisas desenvolvidas sobre a linguagem, o léxico tinha um papel muito secundário, sendo os estudos mais concentrados na sintaxe ou na área da semântica. Como indica Praxedes Filho (2014), a LT desenvolve teorias descritivas sobre as línguas naturais humanas sob os pontos de vista dos estratos semântico, morfossintático, fonético e fonológico, e, ao longo do tempo, também passou a ser chamada de Linguística Descritiva. Na mesma direção, Dias-Da-Silva (2006) destaca que não há um consenso na LT a respeito da natureza do léxico, mas afirma que existem algumas hipóteses consensuais, ou seja, que nos modelos gramaticais modernos, o léxico é concebido como uma rede de correspondência em vários níveis, sendo o item lexical composto por propriedades fonológicas, morfológicas, sintáticas e semânticas, isso devido ao elevado número de elementos do léxico mental e de sua complexidade combinatória. Nesse contexto, vale ressaltar que o nosso foco está voltado apenas às propriedades “fonológicas” que constituem a estrutura base da Libras, isto é, os parâmetros querológicos já mencionados no capítulo anterior.

No PLN, a nossa investigação se concentra sobre a organização de uma estrutura global e interna do léxico, bem como sobre a representação do seu componente lexical por meio de combinações querológicas, o que poderá auxiliar na

organização do léxico em forma de dicionário eletrônico, tratando especificamente de um modelo monolíngue para o léxico da Libras.

Portanto, em nossa análise, sob a perspectiva da LT, buscamos seguir os princípios e os padrões de pesquisa em linguagem natural, baseados na coleta sistemática de dados, respectivamente, a organização das chaves de buscas e de entradas de sinais registrados em dicionários (impressos e eletrônicos) de Libras, tanto para o léxico (STOKOE; CASTERLINE; CRONEBERG, 1965; CAPOVILLA; RAPHAEL; MAURÍCIO. CAPOVILLA et al. 2017; FELIPE; GP FENEIS, 2002; FELIPE; GP INES 2005; BRANDÃO, 2011; SOFIATO; REILY, 2014) quanto para a análise fonética e fonológica dos sinais (STOKOE, 1960; SANDLER & LILLO-MARTIN, 2006; QUADROS & KARNOPP, 2004; XAVIER, 2006, 2014, dentre outros). A partir desse arcabouço teórico-metodológico, pretendemos combinar as unidades fonéticas correspondentes aos parâmetros querológicos correlatos a: CM, L ou PA, M, OR e ENM. A primeira tentativa de Stokoe (1960) e Stokoe, Casterling e Croneberg (1965) de analisar itens lexicais em fonemas rejeitou a suposição trazida da fonologia das línguas orais, em que a organização sequencial deve ser a forma mais importante de construção de signos. Stokoe (1960) propôs que devemos olhar para os principais componentes dos sinais uma vez que apresentam contraste lexical. Ele concluiu que essas unidades, diferentemente das línguas orais, foram simultaneamente, em vez de sequencialmente, organizadas.

A nossa abordagem também se baseia na experiência do PLN com relação à análise lexical nos níveis fonético e fonológico aplicados às línguas orais. Na Libras (como em qualquer língua de sinais), há um conjunto fechado de componentes fonológicos (STOKOE, 1960) e várias combinações que geram todos os sinais possíveis. No que diz respeito às línguas orais, as tecnologias voltadas à oralização têm explorado as propriedades da composição fonológica das palavras para desenvolver ferramentas de síntese de voz para a entrada de textos livres. No caso de línguas de sinais, no Brasil, uma abordagem semelhante já está sendo experimentada para gerar sinais (nível palavra unidades linguísticas das línguas de sinais); no entanto, isso ocorre somente pela gravação de vídeos e não pela composição de seus componentes fonológicos, o que coloca nossa proposta como bastante diferenciada das demais pesquisas desenvolvidas até o momento.

O nosso corpus foi constituído a partir de um inventário dos queremas que compõem um sinal, a saber: Configuração de Mão (CM), Locação (L) e/ou Ponto de

Articulação (PA), Movimento (M), Orientação da palma da mão (OR) e Expressões Não Manuais (ENM), elementos/parâmetros necessários para a formação de um sinal nas línguas de sinais. O material foi elaborado, analisado e estruturado considerando as técnicas e os procedimentos de coleta de dados visando à construção de uma base lexicográfica para a organização do dicionário monolíngue de Libras.

Para tanto, pensar em uma modelagem e em uma organização de um dicionário monolíngue de Libras, inicialmente, nos remete a como poderia ser a indexação de uma obra que possa ser acessível, principalmente aos consulentes surdos. No entanto, entendemos que é necessário nos desvencilharmos e irmos além do olhar habitual, assegurando primeiro o sentido dado ao fenômeno querológico na constituição linear de um sinal, ou seja, buscar, na subjetividade lexical do falante de Libras, a experiência e o uso da comunicação visual.

Para o desenvolvimento do trabalho proposto, do ponto de vista de sua natureza, recorremos à pesquisa básica, que nos deu suporte para lidarmos com a descrição e a análise dos elementos fonéticos e fonológicos da Libras, tendo em vista que essa língua carece de investigações, inclusive em se tratando do fenômeno que envolve a combinação da simultaneidade fonética que compõe um signo em Libras. Nessa direção, podemos dizer que o foco investigativo não está, por exemplo, na implementação imediata do dicionário monolíngue de Libras, mas no processo que envolve a sua estrutura base que tem como ‘objeto’ o léxico da Libras. Nesse contexto, Silveira e Córdova (2009) afirmam que esse tipo de pesquisa “objetiva gerar conhecimentos novos, úteis para o avanço da Ciência, sem aplicação prática prevista. Envolve verdades e interesses universais” (SILVEIRA; CÓRDOVA, 2009, p. 34). Logo, a natureza de caráter básico justifica-se por pretendermos agregar conhecimento para o avanço dos estudos na área da Lexicografia da Libras e também por versar um tema ainda não investigado em sua essência.

Conforme já dito, apresentamos nesta pesquisa as descrições e análises das combinações das unidades mínimas, ou seja, os queremas - CM, L, M, OR e ENM - que compõem o léxico da Libras. Para tanto, realizamos um inventário querológico dos segmentos manuais da Libras. Por conseguinte, necessitamos de apoio dos registros fonéticos contidos no *SW-Edit*, que é um software de editor de textos da língua de sinais, baseado no sistema de escrita de sinais *SignWriting*. A partir da

coleta, da organização, da reparametrização das CMs e da combinação com os demais itens fonéticos, foi realizada a análise/interpretação dos resultados, sendo essa etapa desenvolvida exclusivamente pela pesquisadora, o que caracteriza, dessa forma, a pesquisa como qualitativa. De acordo com Fonseca (2002), a pesquisa qualitativa “se preocupa com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais” (FONSECA, 2002, p. 20).

Na direção de atender aos objetivos desta pesquisa, adotamos como perspectiva metodológica a pesquisa de revisão bibliográfica, uma vez que realizamos o levantamento bibliográfico, que consiste em uma relação das bibliografias existentes nos acervos das bibliotecas, sejam livros, diferentes tipos de dicionários de língua de sinais, artigos de periódicos, teses e outros textos, referentes ao tema proposto. Nesse conjunto de obras, buscamos saber o que a literatura especializada diz sobre a estrutura dos dicionários bilíngues, semibilíngues e monolíngues envolvendo línguas de sinais e línguas orais. Nesse contexto, segundo Gil (2002), a revisão bibliográfica é “desenvolvida com base em material já elaborado, que traz como principal vantagem o fato de permitir uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que se obteria ao se pesquisar diretamente” (GIL, 2002, p. 38).

Recorremos também à pesquisa documental, considerando a elaboração do corpus, que foi constituído a partir do inventário dos cinco parâmetros querológicos que compõem os sinais da Libras. “A pesquisa documental”, como destaca Gil (2002), “vale-se de materiais que não receberam ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetos da pesquisa” (GIL, 2002, p. 36).

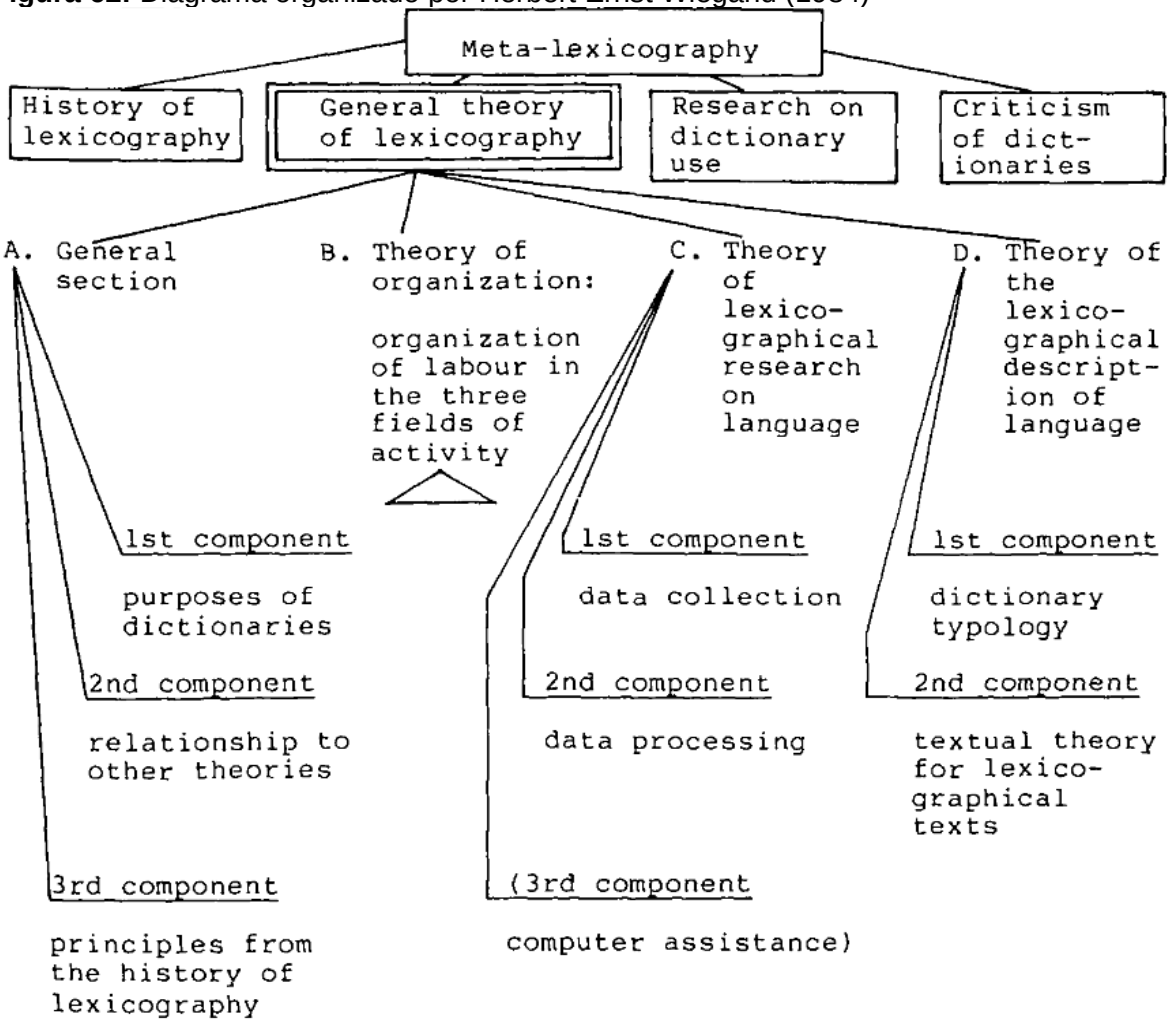
No processo de constituição do corpus, consideramos essa etapa bastante desafiadora, principalmente a que envolveu a definição de critérios norteadores para a organização dos queremas. Tendo em vista que na literatura das línguas de sinais - nacional e internacional - encontramos pouquíssima teoria que pudesse fundamentar os critérios metalexicográficos para o desenvolvimento de dicionário monolíngue de língua de sinais, optamos pela Teoria Geral da Lexicografia (TGL, doravante), de Wiegand (1984). Essa teoria utilizada na lexicografia de línguas orais, apresentada a seguir, deu-nos suporte para desenvolvermos a próxima etapa da pesquisa.

4.1 TEORIA GERAL DA LEXICOGRAFIA DE WIEGAND (1984) COMO PERSPECTIVA METODOLÓGICA

Para Wiegand (1984), uma TGL deve, sistematicamente, processar e explicar as razões para o conhecimento necessário para permitir que os lexicógrafos realizem seu trabalho apropriadamente e da melhor forma possível.

Nesse sentido, o autor defende o caráter científico da lexicografia e propõe uma estruturação do campo da metalexicografia. De acordo com a proposta de estruturação da área temática da lexicografia, para Wiegand (1984), uma teoria geral dessa área pode consistir em outras quatro teorias constituintes inter-relacionadas - A, B, C e D - como indicado no diagrama da Figura 62:

Figura 62: Diagrama organizado por Herbert Ernst Wiegand (1984)



Fonte: Wiegand (1984, p. 15).

Conforme representado no diagrama, a seção geral (*general section*) em A se ocuparia em estabelecer relações entre a TGL e os seguintes aspectos: (1) área

social: o dicionário visa a atender às necessidades comunicativas e cognitivas do usuário em potencial; (2) outras teorias: conexões com outras teorias ou teorias de campos afins, em particular as que estudam o léxico; e (3) a história da lexicografia: as conexões estabelecem os princípios que foram seguidos no percurso histórico da lexicografia, cujo objetivo é conhecer os métodos e princípios válidos para quais tipos de dicionários no passado e por que e quais princípios poderiam ser aplicados no futuro.

A Teoria da organização do trabalho lexicográfico (*Theory of organization of labour in the three fields of activity*) em B envolve três campos de atividades: (1) estabelecimento de um plano de dicionário ou um esboço do projeto do dicionário; (2) definição da base de dados do dicionário e seu registro em arquivo lexicográfico; e (3) redação de textos lexicográficos. Wiegand (1984) afirma que essa é uma parte especial da metalexicografia, isso porque se trata de uma teoria sobre como compilar uma base de dicionário; isto é, diz respeito à coleta, à composição, à representatividade, à função e à tipologia dos corpora lexicográficos em relação aos tipos de dicionários, assim como ao trabalho do campo lexicográfico (principalmente a coleta de dados lexicais).

A Teoria da pesquisa lexicográfica sobre a linguagem em C (*Theory of lexicographical research on language*) é uma teoria cujo objetivo é classificar os métodos científicos que podem ser aplicados no campo da lexicografia. Há três componentes: (1) apresentar as formas de processar os dados linguísticos coletados e compilar a base de dados de um dicionário (coleta, composição, representatividade, função e tipologia dos corpora lexicográficos); (2) teoria sobre os métodos de processamento dos dados linguísticos, de modo que um arquivo de dicionário adequado para um tipo de dicionário específico seja estabelecido; e (3) o papel do computador deve ser considerado como um auxílio na Lexicografia.

Por último, a Teoria da descrição lexicográfica da linguagem em D (*Theory of the lexicographical description of language*) tem por finalidade apresentar os resultados das compilações lexicográficas que incluem, primeiramente, os dicionários de línguas, além dos índices de palavras e glossários. Essa teoria tem dois componentes: (1) consiste na elaboração de uma tipologia de dicionário e na explicação de seus fundamentos. Esse é um componente importante de uma teoria geral da lexicografia, uma vez que muitas de suas afirmações devem ser formuladas com relação à tipologia; e (2) diz respeito à estrutura dos textos lexicográficos.

Sobre a definição lexicográfica, Wiegand (1984) a difere da teoria da descrição lexicográfica da linguagem a partir de quatro aspectos: (1) baseia-se em uma visão da linguagem que não traça qualquer linha divisória nítida entre a linguagem e o mundo extralinguístico; (2) baseada na teoria do *meaning-as-use*[77]*,* a qual as pessoas não fazem separação entre a linguagem e o mundo; (3) a chamada definição lexicográfica não é vista isoladamente, mas como um componente textual que faz parte integrante do dicionário; e (4) respectivamente, cada forma da definição lexicográfica é considerada determinada pelo respectivo tipo de lema, e esses tipos são determinados pela forma semântica do lema.

Todavia, a proposta da descrição lexicográfica de Wiegand (1984) parte do princípio que a elaboração de uma definição lexicográfica deve lançar mão da linguagem natural como referência para o usuário, de modo que ele possa identificar expressões familiares nas quais um enunciado esteja com linguagem tecnicamente rebuscada e distante do diálogo e da comunicação natural do seu cotidiano. Para o autor,

> When lexicographers explain the meaning of a lemma-sign in a monolingual dictionary to a potential user of the dictionary, they must on principle proceed exactly the same way as speakers of the same language do in everyday dialogues about the meanings of parts of utterances that have been questioned. At all events, the activities of the lexicographer when explaining the meaning of a lemma-sign, and in particular the results, of these activities, show a greater similarity to the explanations of meaning given by speakers in everyday dialogues than to the procedures and definitions of natural and social scientists defining expressions belonging to academic and scientific usage and thereby creating technical terms.[78] (WIEGAND, 1984, p. 17).

Além da estruturação do âmbito da metalexicografia e do caráter científico que o autor dá à Lexicografia, o fator que reconhece a língua natural como referência para o consulente no processo de construção de um dicionário

[77] Conceito criado por Wiegand (1983, p. 22).

[78] Quando os lexicógrafos explicam o significado de um lema em um dicionário monolíngue para um usuário em potencial, eles devem pensar exatamente da mesma maneira que os falantes da língua. O enunciado deve ser como nos diálogos cotidianos com os significados de cada parte em resposta as interrogações. As atividades do lexicógrafo deve ser capaz de explicar o significado de um lema. Os resultados deste trabalho devem ter semelhança com as explicações do significado possivelmente oferecidas por um falante em diálogo cotidiano. Muito mais do que definições cientificas concentrada em fatores naturais e sociais comuns as definições e expressões acadêmicas para termos técnicos. (WIEGAND, 1984, p. 17, tradução nossa).

monolíngue foi o principal motivo da nossa escolha pela teoria geral da Lexicografia de Wiegand (1984).

4.2 PROCESSO DE CONSTITUIÇÃO DO CORPUS: CRITÉRIOS NORTEADORES PARA A ORGANIZAÇÃO DOS QUEREMAS

O corpus desta pesquisa foi constituído a partir de um inventário dos queremas e/ou classes de características fonológicas que compõem os parâmetros fonológicos primários desenvolvidos por Stokoe (1960): CM, L e M, além de um dos dois outros parâmetros considerados secundários, a Orientação (OR) e as Expressões Não manuais (ENM) referentes às descobertas de Battison (1970). Tais parâmetros, como dito anteriormente, são aplicados em todas as línguas de sinais; no entanto, cada língua de sinais apresenta um número específico referente a cada querema, isso porque cada língua de sinais tem o seu nível querológico igualmente específico.

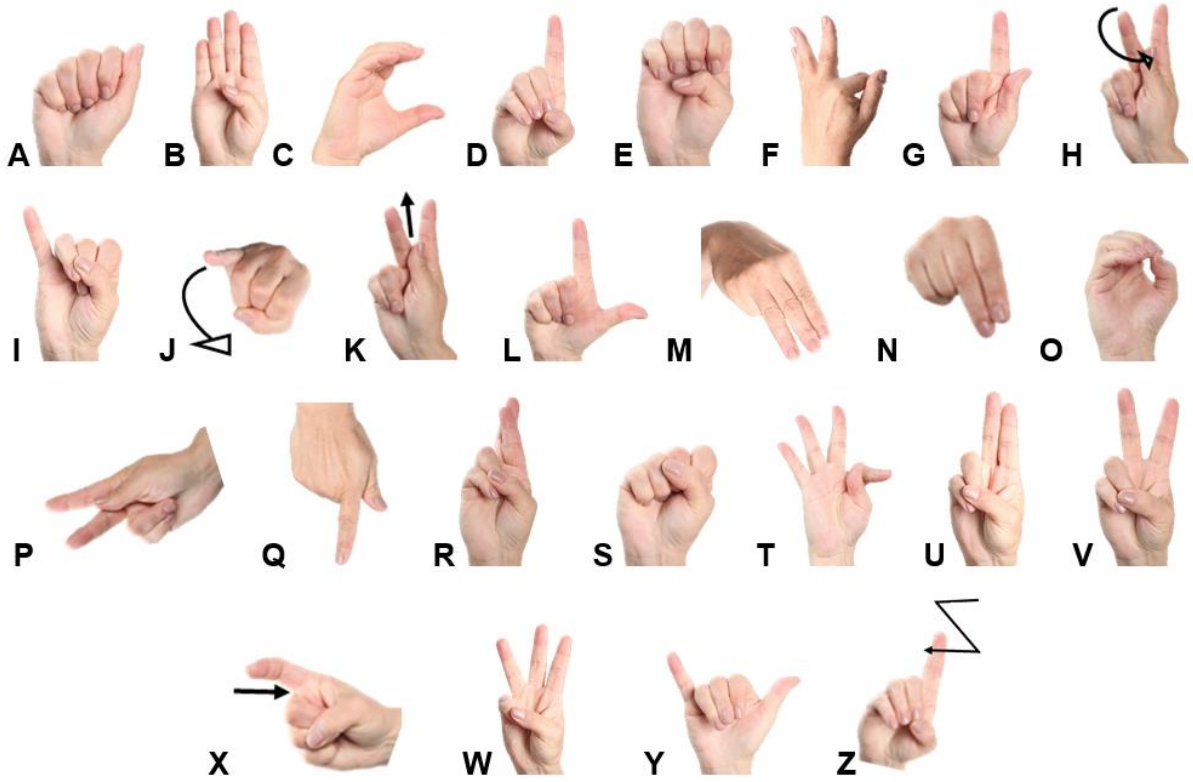
Para que os objetivos indicados neste trabalho fossem atendidos, fizemos um vasto levantamento bibliográfico a partir de trabalhos desenvolvidos na área da Lexicografia tanto das línguas orais quanto na Libras, assim como de outras línguas de sinais. Com base no aporte teórico, iniciamos as análises das abordagens metodológicas utilizadas pelos autores, dentre os quais destacamos Zgusta (1973), Wiegand (1984, 1989), Hartmann & James (2002).

Neste trabalho, o *corpus* foi constituído somente após o inventário e a definição dos parâmetros querológicos da Libras com base no modelo de queremas desenvolvido por Stokoe (1960) e Battison (1978). E após uma vasta pesquisa, nos itens lexicais que compõem o léxico da Libras, o *corpus* foi inventariado e registrado com base em cada unidade formacional do sinal. Assim, nosso corpus é formado por: (i) 66 configurações de mãos; (ii) 74 lugares possíveis onde os sinais podem ser realizados; (iii) oito tipos de movimentos e suas variantes de orientação; (iv) seis possibilidades de orientação da palma da mão; (v) pontos de contatos; e (v) expressões não-manuais. Na sequência, apresentaremos o processo de seleção e organização de cada um desses itens que serão descritos separadamente.

4.2.1 Critérios definidores para a Configuração de Mão e Orientação da palma da mão

É muito comum as pessoas associarem as línguas de sinais ao alfabeto manual que é composto por 26 formas de mãos, correspondentes à representação gráfica do sistema ortográfico da língua portuguesa. O alfabeto manual da Libras é formado respectivamente pelas seguintes formas de mãos, ilustradas na figura 63:

Figura 63: Representação do Alfabeto Manual da Libras



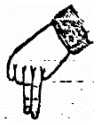
Fonte: Elaborada pela autora.

Do mesmo modo, com relação ao sistema numérico da Libras, também é muito frequente, do número 6 em diante, as pessoas leigas não usuárias da Libras usarem as duas mãos para referir-se aos números 6, 7, 8 etc., ou seja, realizam um tipo de somatória (6, 7, ...). No entanto, essa é uma ideia muito equivocada sobre os numerais da Libras. Assim com, nas línguas orais, o sistema pode ter formas diferenciadas para apresentar os números cardinais e ordinais, as quantidades, as medidas etc., na Libras isso também acontece, (FELIPE, 2001). A base do sistema numérico na Libras são os números cardinais:

0 **1** **2** **3** **4** **5** **6** **7** **8** **9**

Já os números usados para representar quantidade de 1 a 4 sofre variação na orientação e posição da mão: **1** **2** **3** **4** **,** e a partir do número 5 retornam as mesmas formas dos cardinais. Os números ordinais, por sua vez, têm a mesma forma dos cardinais, mas carrega um diferença quanto a inserção de movimento. Os ordinais de 1º ao 4º têm o movimento retilíneo para cima e para baixo: 1 2 3 4 ; e com os demais números, do 5º ao 9º, o movimento é retilíneo para os lados (direito e esquerdo): **5** **6** **7** **8** **9** . A partir do 10º, não há diferença entre os cardinais e numerais (FELIPE, 2001).

O motivo de mencionarmos o alfabeto manual e o sistema numérico, mesmo que muito superficialmente, deve-se ao fato de que esses elementos manuais compõem o conjunto de configurações de mãos da Libras. Como podemos observar, tanto no alfabeto manual de A a Z, quanto nos números de 0 a 9, muitas formas de configurar mãos se repetem, o que se altermão são somente a orientação da palma da mão e a direção. Por exemplo, entre as letras “G” e “Q” , a alteração está justamente na orientação e na direção da mão, enquanto em “G” a palma é voltada para fora e os dedos para cima, em “Q” a palma é voltada para dentro e os dedos são posicionados para baixo. Isso ocorre com muitas outras letras e números do alfabeto manual. Por isso, as 26 letras do alfabeto manual e os números de 0 a 9 números correspondem a apenas 25 configurações de mãos. Tais configurações fazem parte de um conjunto fixo, isto é, sofreram pouquíssimas alterações desde os registros de Gama em 1875. Ao longo dos anos, ao compararmos o alfabeto manual do dicionário de Gama (1875) com o alfabeto manual atual da Libras, parece-nos ter

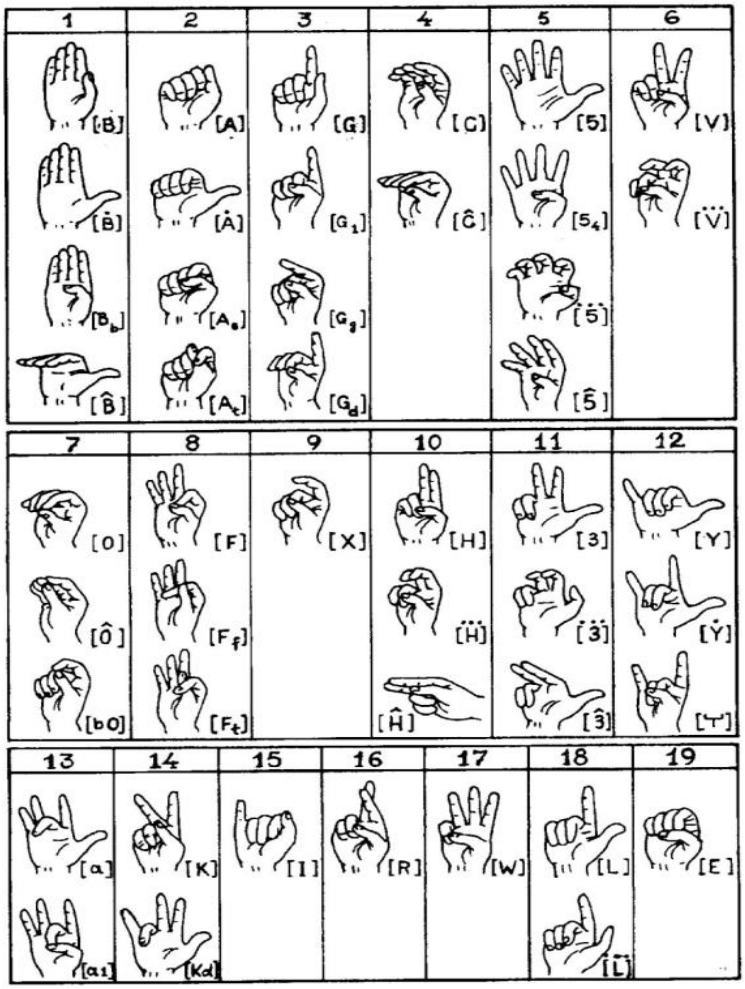
havido alterações apenas em “Q” de para (o “G” continuou o mesmo) e em “N” de  para .

Contudo, analisar, definir e decidir pelo conjunto de CMs foi um dos processos mais difíceis e complexos desta pesquisa. Essa dificuldade, da nossa parte, deveu-se ao fato de ser pela CM afixada a uma OR que definimos as chaves de buscas, o que deu origem às entradas para o nosso modelo de dicionário de Libras. E um dos problemas que enfrentamos é que, embora haja consenso entre alguns pesquisadores que as 25 CMs são inerentes ao conjunto de CMs que compõem o léxico da Libras, atualmente, não há esse mesmo consenso quanto ao número de CMs utilizadas para produzir todos os itens lexicais dessa língua.

O primeiro conjunto de CM da Libras foi registrado por Ferreira-Brito (1995) e é composto por 46 CMs distintas; a partir disso, muitas outras CMs foram agregadas ao conjunto de Ferreira-Brito. Dentre outros, Felipe e GP INES (2005) registram em torno de 79 formas distintas de CMs; já Pimenta e Quadros (2010) organizaram um registro contendo 61 CMs; em sua tese de doutorado, Faria-Nascimento (2009) agrupou 75 CMs; em suas pesquisas sobre a escrita de sinais, Barreto e Barreto (2015) identificaram 111 CMs da Libras com base no sistema alfabético internacional da escrita de sinais – ISWA – *International SignWriting Alphabet*.

Ferreira-Brito (1995) relata que definir a posição da mão do sinalizante em relação ao seu corpo não foi uma tarefa fácil, visto que o problema principal estava em precisar a forma de mão também em relação ao movimento de um objeto totalmente assimétrico, por exemplo, “uma chaleira de bico com alça”. Em seu inventário, a autora, com base na ASL, optou por convenção considerar a mão direita como mão principal, de todo modo, isso não impede que as CMs sejam realizadas também pela mão esquerda. Quanto ao número e tipos de CMs, como podemos perceber no quadro com as 46 CMs propostas por Ferreira-Brito na Figura 64, as CMs correspondentes ao “M” , aos números 6 e 9 e ao 7 não constam nesse conjunto, porém, foram acrescidas outras 24 CMs.

Figura 64: 46 Configurações de Mãos – Ferreira-Brito (1995)



Fonte: Ferreira Brito (1995, p. 220).

À medida que os surdos vêm conquistando seus espaços linguístico e de acessibilidade em vários âmbitos acadêmico, social, profissional, dentre outros, o léxico, em particular na Libras, também é ampliado com o surgimento de novos sinais. Embora alguns sinais obedeçam à restrição quanto à sua formação, o número de variações de CMs vem sendo consideravelmente expandido. É o que pode ser constatado no quadro de CMs registrado por Felipe e o GP INES (2005), queque, além das 25 CMs (do alfabeto manual e números) já existentes, contempla outras 54 CMs distintas que foram adicionadas, formando um novo conjunto composto por 79 CMs, conforme ilustrado na figura 65 a seguir:

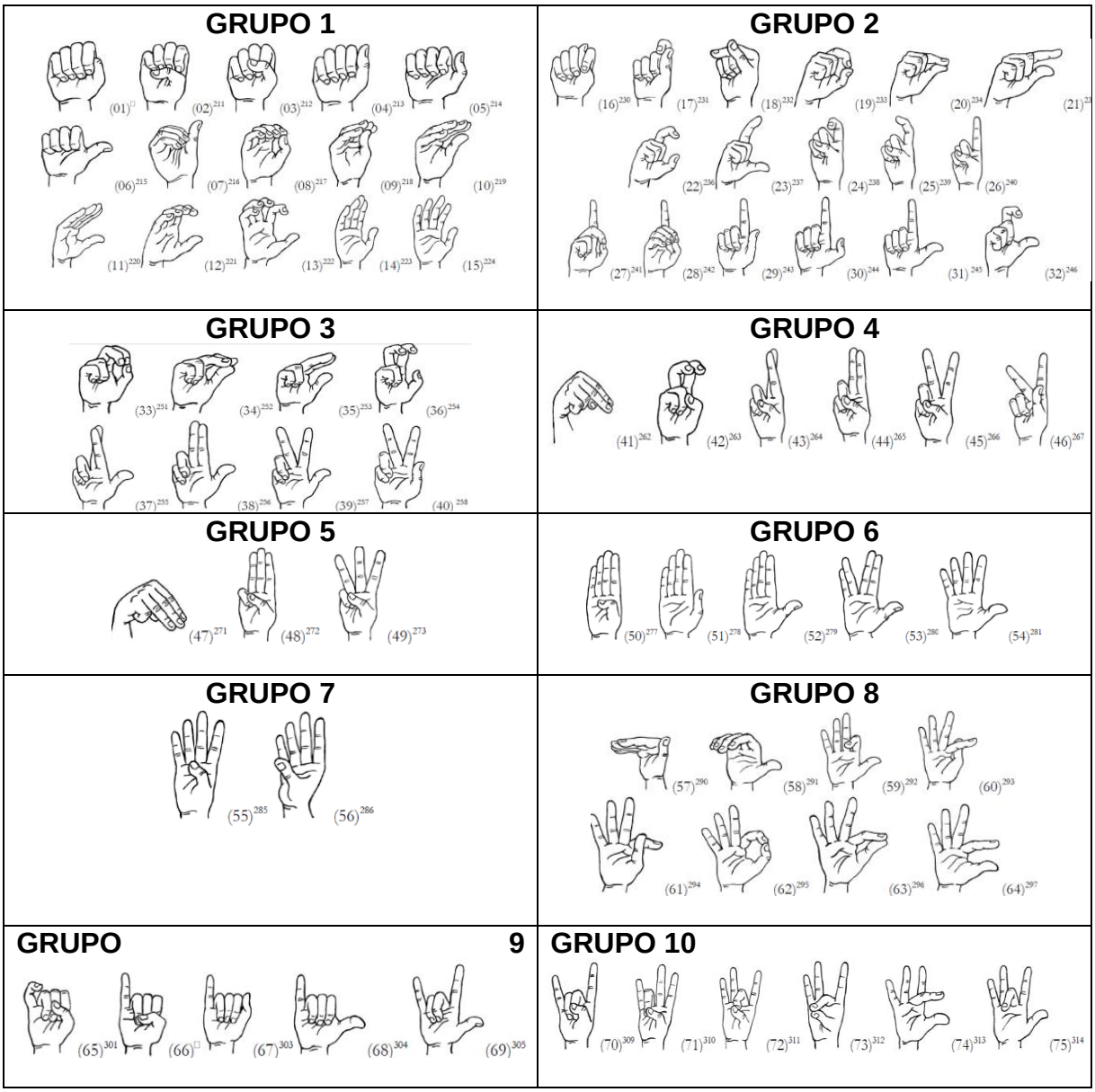
Figura 65: 79 Configurações de Mãos – Felipe e GP INES (2005)

Fonte: Felipe e GP INES (2005).

Faria-Nascimento (2009) sugere, em sua tese de doutorado, uma nova proposta que reduz o número de CMs para 75. Em seu inventário, a autora propôs que as CMs fossem reorganizadas em grupos de 0 a 10, contemplando uma sequência de formas de mãos a partir da mão fechada para a aberta. Para a autora, tal forma de agrupar esse repertório pode facilitar a fixação das CMs, pois, segundo ela, “basta decorar o início dos agrupamentos e algumas mudanças internas a eles, e como todos partem de uma sequência concatenada de configuração da mão, rapidamente, ela será identificada” (FARIA-NASCIMENTO, 2009, p. 175). Do mesmo modo, podemos verificar que houve a manutenção das 25 CMs, o acréscimo de outras 50 CMs e a supressão de duas CMs em relação ao quadro de Felipe e GP

INES (2005). A seguir, apresentamos, no Quadro 07, a organização das 75 CM sugeridas por Faria-Nascimento (2009):

Quadro 7: 75 Configurações de Mãos – Faria-Nascimento (2009)



Fonte: Elaborada pela autora com adaptações extraídas de Faria-Nascimento (2009, p. 177-183).

Em suas pesquisas linguísticas voltadas à produção de matérias didáticos para o ensino da Libras, Pimenta e Quadros (2010) reduziram ainda mais a quantidade de CMs para 61. Os autores mantiveram as 25 CMs (do alfabeto manual e números) e acrescentaram outras 36 CMs distintas e suprimiram algumas CMs das propostas anteriores. Os autores organizaram-nas por semelhança a partir da posição dos dedos iniciando pela CM “A”, conforme ilustrado na figura 66:

Figura 66: 61 Configurações de Mãos – Pimenta e Quadros (2010)

Fonte: Pimenta e Quadros (2010).

Baseado no Sistema Alfabético Internacional da Escrita de Sinais - ISWA, Barreto e Barreto (2015) inventariaram 111 CMs na Libras. Ou seja, as 25 CMs, conforme os quadros anteriores, e mais 86 CMs distintas que incorporaram a esse novo conjunto, conforme segue representado no Quadro 08 abaixo:

Quadro 8: 111 Configurações de Mãos – Barreto e Barreto (2015)

(continua...)

CMs DO GRUPO 1
01 02 03 04 05 06 07 08 09
CMs DO GRUPO 2
10 11 12 13 14 15

CMs DO GRUPO 3

16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29

CMs DO GRUPO 4

30 31 32 33 34a 34b

CMs DO GRUPO 5

35 36 37 38 39 40 41 42 43 44 45 46

47 48 49 50 51 52 53 54 55 56 57 58

CMs DO GRUPO 6

59a 59b 60 61 62 63 64 65 66 67

68 69 70 71 72 73

CMs DO GRUPO 7

74 75 76 77

CMs DO GRUPO 8

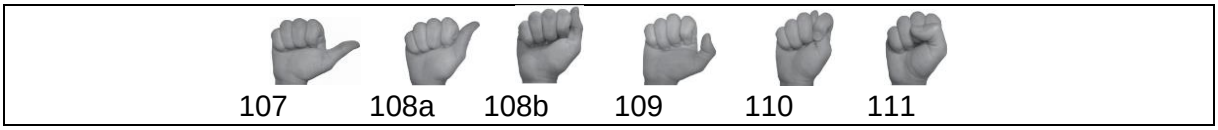
78 79 80 81 82 83

CMs DO GRUPO 9

84 85 86 87 88 89 90 91 92 93a 93b 94 95

96 97 98 99 100 101 102 103 104 105 106

CMs DO GRUPO 10



Fonte: Elaborado pela autora, adaptado de Barreto e Barreto (2015, p. 323-330).

Para esta pesquisa, no entanto, optamos por realizar um *merge* entre o quadro com as 79 CMs utilizadas por Felipe e GP FENEIS (2002) e Felipe GP INES (2005) e o quadro com as 75 CMs apresentado por Faria-Nascimento (2009). A escolha por esses dois conjuntos de CMs foi motivada pela possibilidade da produção de sinais potenciais, isto é, se haveria pelo menos um sinal que teria o início a partir de cada CM. É verdade que outros conjuntos, como os de Ferreira-Brito (1995), Pimenta e Quadros (2010), também apresentam essa mesma possibilidade de constituir os sinais. O contrário também ocorre, ou seja, os conjuntos de CMs compostos por um número muito superior de CMs geralmente não apresentam sinais iniciais correspondentes para cada CM específica.

Dessa mescla de CMs, entre os dois conjuntos, extraímos 66 CMs que utilizamos para a organização e composição do modelo de dicionário que estamos propondo. Para tanto, realizamos uma checagem junto a um grupo de 10 surdos[79] para a verificação se, de fato, haveria sinais correspondentes com todas as CMs analisadas. E assim, lançamos mão de duas categorias, uma de inclusão e outra de exclusão com base nos seguintes critérios representados no Quadro 9:

Quadro 9: Critérios de inclusão e exclusão para a seleção das CMs

(continua...)

FORAM INCLUÍDAS:	**FORAM EXCLUÍDAS:**
1- Todas as CMs que dão início a um item lexical (o sinal deve necessariamente iniciar com determinada CM);	1- CMs repetidas – mesma forma de mão, porém apresentavam alteração apenas na orientação e direção da mão. Por exemplo, e ; e .

[79] Todos os surdos consultados para a verificação de sinais iniciados com as respectivas CMs, a partir dos dois conjuntos (FELIPE; GP FENEIS, 2002; FELIPE; GP INES, 2005; FARIA-NASCIMENTO, 2009), são professores universitários, com surdez bilateral acima de 80 decibéis, todos usuários e fluentes em Libras (pelo menos sete deles dizem ter adquirido a Libras já na adolescência, no entanto, essa condição não os impediram de ter o domínio linguístico). Desse grupo, seis são mestres e três são doutores em Linguística, além de seis serem especialistas.

2- Todas as CMs correspondentes ao alfabeto manual e aos números;	2- CMs de caráter estritamente morfológico, ou seja, utilizadas apenas em situações para a construção de classificadores, tais como: , , .
3- As CMs que apresentam um ou mais sinais convencionais.	3- CMs com suspeitas de alofone , , , , , , , , .
4- Sinais com regionalismos convencionalmente conhecidos e usados e regiões brasileiras. Por exemplo, PAI, MÃE, PEDRA, TARDE, dentre outros que são mais usados no sul do Brasil, porém conhecidos e respeitados como regionalismos por outras regiões do país.	4- CMs que formam sinais não convencionais, ou seja, aqueles sinais que são usados e restritos entre os surdos de determinadas cidades, ou regiões específicas.

Fonte: Elaborada pela autora.

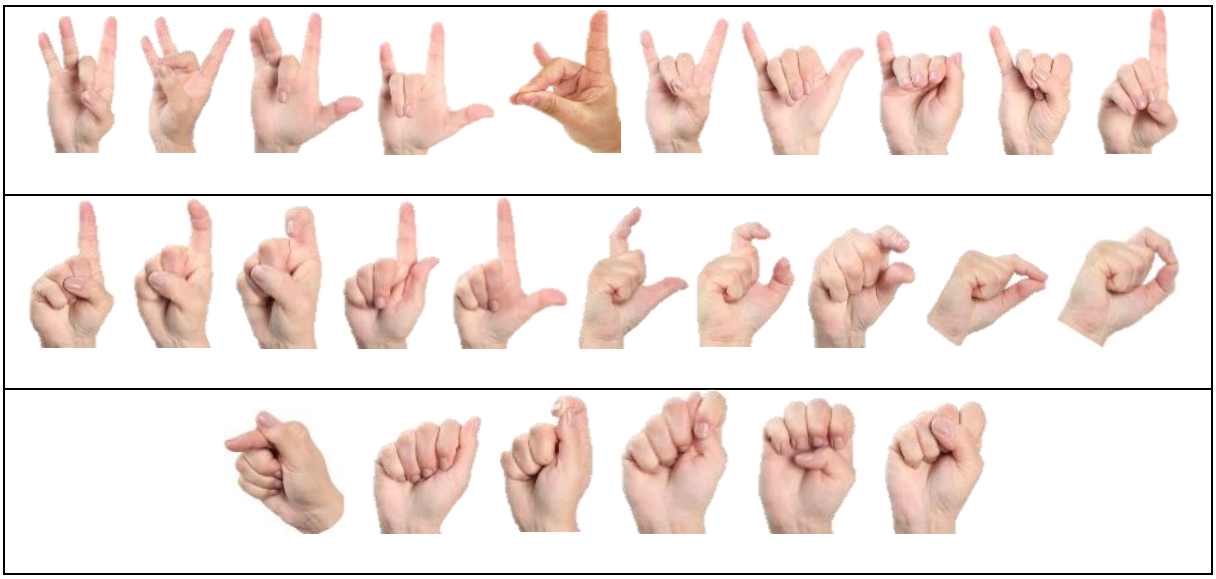
Feito isso, o próximo passo foi reparametrizar e reorganizar as 66 CMs selecionadas a partir de uma sequência. Nesse caso, decidimos que o critério seria pela abertura da mão. Ao contrário de Faria-Nascimento (2009), que parte da primeira CM fechada ( ) para a mão aberta, e de Felipe e GP FENEIS (2002) e Felipe e GP INES (2005), que partem da CM , optamos, portanto, por

iniciar pela forma da mão aberta ( ) para a forma da mão fechada. Essa decisão foi para evitar qualquer menção de referência da forma da mão com o alfabeto manual, tendo em vista que a forma de mão que, em Libras, representa a letra “A” da LP é realizada com a mão fechada. Procuramos, com isso, evitar a relação significado da CM com a inspiração no alfabeto manual. Sobre a soletração manual, Quadros e Karnopp (2004) afirmam que “não é uma representação direta do português, é uma representação manual da ortografia do português, envolvendo uma sequência de configurações de mãos que tem correspondência com a sequência de letras escritas do português” (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 88). No Quadro 10, a seguir, apresentamos as 66 CMs e a nossa proposta de reparametrização, que comporá a macroestura de entrada na organização de nosso dicionário.

Quadro 10: Reparametrização com base em Felipe et al. (2002, 2005) e Faria-Nascimento (2009)

(continua...)

SEQUÊNCIA REPARAMETRIZADA DAS CONFIGURAÇÕES DE MÃOS



Fonte: Elaborada pela autora, extraído do acervo da pesquisa. Fotos por João B. Theodoro (Estúdio Foto Clivati).

Nos quadros de CMs que apresentamos anteriormente, podemos observar que cada CM está associada a um número cardinal. No caso do quadro de Felipe e GP INES (2005), a numeração corresponde a cada CM de 1 a 79, e o quadro de Faria-Nascimento de 1 a 75. Para o conjunto que organizamos, optamos por não enumerar as CMs, pois pensamos que a atenção deve estar voltada para a CM em si, e não associada a uma legenda numérica.

Após a reparametrização das CMs, partimos para a elaboração de um arquivo com fotos (mãos da autora) contendo as 66 CMs e as respectivas orientações da palma da mão, baseadas em Quadros e Karnopp (2004): (1) palma da mão para frente, na perspectiva de quem está realizando os sinais em Libras ; palma da mão para dentro/trás ; palma da mão para baixo ; palma da mão para cima ; palma da mão voltada para o lado direito/dentro

(contralateral) ; e palma da mão voltada para o lado esquerdo/fora (ipsilateral) .

Assim, esse conjunto passou a corresponder um total de 396 formas de orientar, posicionar e direcionar as 66 configurações. Esse conjunto foi organizado de modo linear e horizontalmente (ver Apêndice I). Por isso, quando as CMs foram reproduzidas, cada uma foi submetida às seis diferentes ORs, embora, nem todas, ou boa parte delas, poderão não gerar sinais. Na sequência, exemplificamos com um pequeno recorte as variações de todas as CMs que se encontram no Apêndice I:

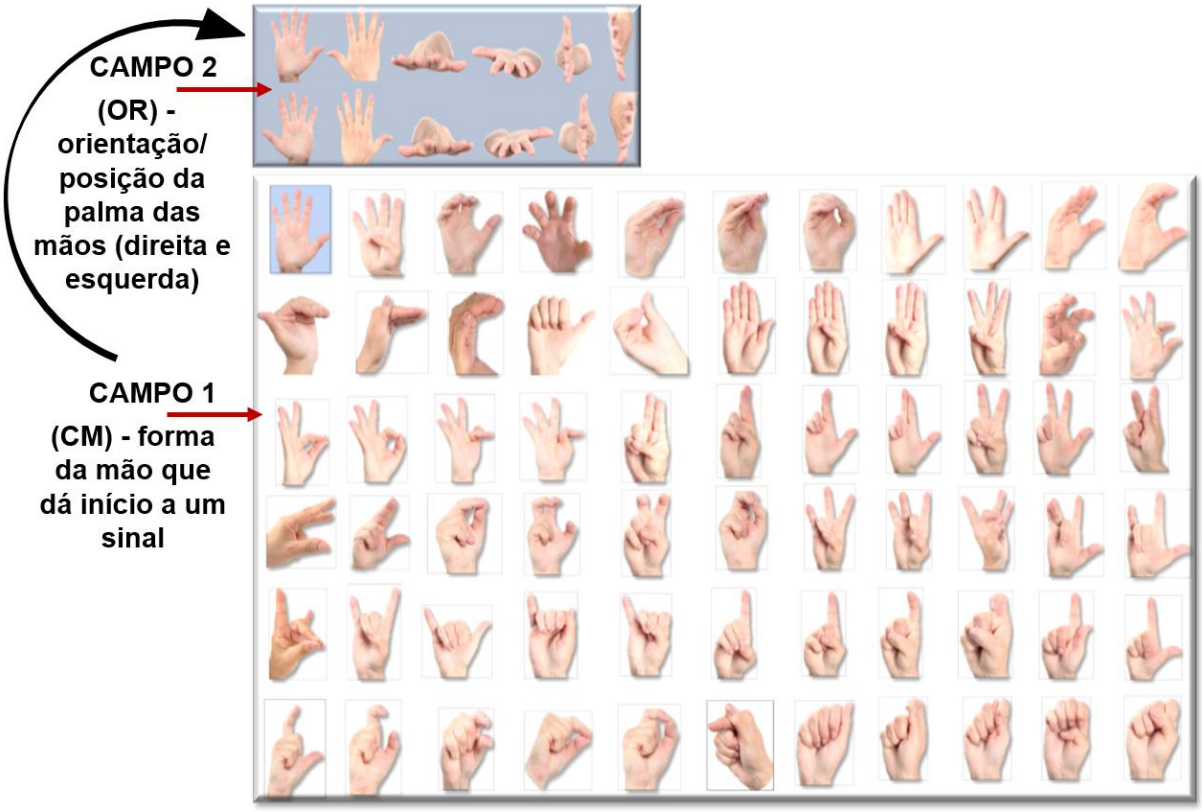
1

2

4 [...]

O conjunto de CMs, organizado da forma que estamos propondo, nos possibilitou dar o primeiro passo para a definição da composição das chaves de buscas que dará acesso às entradas lexicais. As chaves de buscas são compostas por dois campos: o primeiro é constituído pelo conjunto com as 66 CMs, apesentadas anteriormente no Quadro 10, e o segundo é composto pelas configurações orientadas respectivamente a cada uma das seis formas de ORs apresentadas no recorte que fizemos do apêndice. A montagem dessa chave se dá primeiro a partir da seleção de uma CM (campo 1), e na sequência da seleção de uma OR (campo 2). A Figura 67 representa a ideia de como organizamos e como deverá ser a chave de buscas a partir dos filtros configuração de mão e orientação da palma da mão:

Figura 67: Representação das chaves de buscas pela CM/OR



Fonte: Elaborada pela autora.

Como dito antes, cada uma das CMs indicadas no quadro de buscas (Figura 67), necessariamente, deve iniciar um determinado item lexical. Para ilustrar, no Quadro 11 apresentamos (escrita em português) pelo menos duas possibilidades de item lexical da Libras que iniciam com as CMs indicadas abaixo:

Quadro 11: Configurações de Mãos que iniciam itens lexicais da Libras

(continua...)

Libras Prazer	Conhecer Acusar	Irritado Máscara	Cachorro Jeito	Levar Dar	Como Faltar	Prejuízo Outubro	Acabar Parar	Intervalo Bissexual	Almofada Tucano
Postar Rápido	Fama Votar/eleição	E-mail Concordar	Colher Abacate	Mulher Mudar	Número 6 Semestre	Livro Caixa	Brasil Agora	Pastel Marrom	Terça – feira Wísque
Garfo Bicho Preguiça	Algema Seguro	Café Vagina	Certo Assistir	Aguentar Dor	Tarado Texto	Universidade Usar	Razão Tomara/ Esperança	Diferente Siri	Desenhar Cavalo

Aprisionar Ambos	Anteontem Vídeo	Errar Dele(a)	Motorista Pato	Cinzeiro Clips	Prefeitura Esperto	Câncer Injetar	Oralização Cultura	Vaga Virus Veneno	Drogas Bicha/via do
Só Medo	Cola Teatro Detestar	Amanhã Jesus Fácil	Instagran Cheque	Bolívia Lhama	Adultério Acampa r	Boi Avisar Azar	À toa Besteira/ Bobagem	Aproveitar Emagrece r	Amarelo Deus
Eu Você	Mentir Arrogância	Frio Duro	Genro Gêmeos	Água Feio	Palavra Onde	Urso Aparelho auditivo	Algo muito pequeno Sobrancel has	Assinatura O quê?	Comédia Piada Sol
Sete Setenta	Arroz Associação	Sinal Precisar	Economizar Avareza	Europa Homoss exual	Número Impossível				

Fonte: Elaborado pela autora.

Portanto, a partir desse conjunto de CMs/ORs, o usuário poderá acessar qualquer item lexical da Libras.

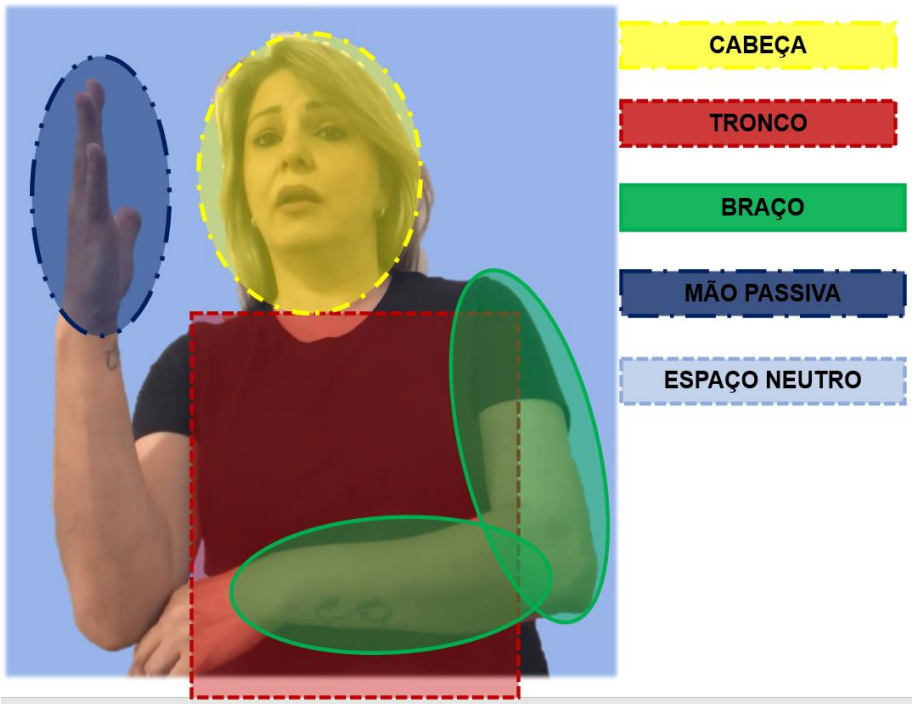
4.2.2 Critérios definidores da Locação / Ponto de articulação

Da mesma forma que acontece com as configurações de mãos, a locação também é representada dentro de uma estrutura com características inerentes. Em Libras, existem duas regiões principais onde as configurações de mãos podem tocar durante a realização de um sinal (monomanual ou bimanual): (i) no corpo - corpo, cabeça, tronco, braço, mão passiva e dedos passivos; e (ii) no espaço neutro – frente ao corpo, frente da cabeça e acima da cabeça. Cada uma dessas regiões locativas possui distinções de lugar onde a configuração da mão pode articular, por exemplo, na região da cabeça os sinais podem ser realizados: no topo da cabeça, no cabelo, na(s) orelha(s), na testa, na(s) têmpora(s), no(s) olho(s), na(s) sobrancelha(s), na(s) bochecha(s), no nariz, na boca, no queixo, no pescoço, na nuca.

A locação é comumente definida como uma área no corpo ou no espaço em que o sinal é realizado (STOKOE, 1960, BATTISON, 1978, FERREIRA-BRITO, 1995, FELIPE, 1997, 1998, QUADROS, 2004). Tanto no espaço quanto no corpo,

em Libras, há sinais que são articulados somente em um lugar, e há situações em que um mesmo sinal é articulado em duas locações distintas. A seleção do parâmetro referente à locação, também, foi algo inicialmente bastante divergente, uma vez que não há registros detalhados de quantas possibilidades de locação há para a realização dos sinais. Em virtude disso, realizamos um levantamento em Stokoe, Casterline e Croneberg (1965), Ferreira-Brito (1995), em Quadros e Karnopp (2004), no Avatar do Glossário on-line[80] de Libras da UFSC) e no *New Zealand Sign Language Dictionary*[81], além de uma análise minuciosa na realização dos sinais para então definirmos e elencarmos todos os possíveis lugares que um item lexical pode estabelecer como locação em Libras. Contudo, chegamos a um total de 74 possíveis locações que podem ser realizadas nas regiões do corpo do sinalizante ou no chamado espaço neutro, conforme representadas na Figura 68:

Figura 68: Representação das regiões de Locação

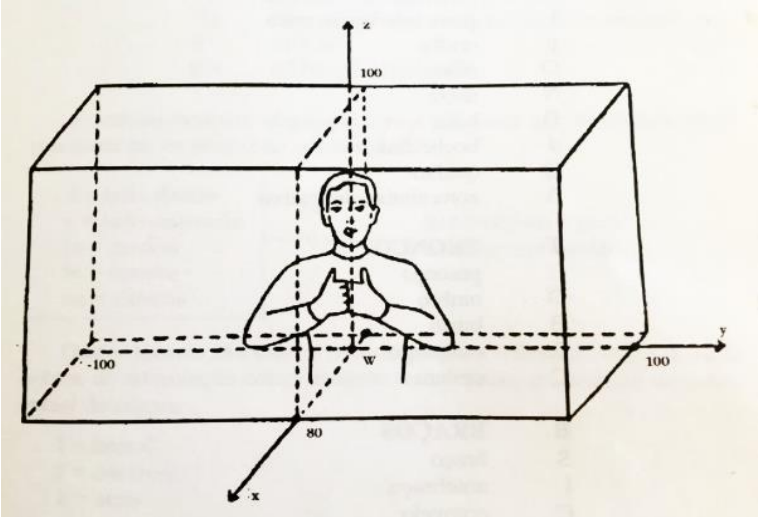


Fonte: Elaborada pela autora.

Com relação à locação, Ferreira-Brito e Langevin (1995) elaboraram um esquema para representar o espaço de realização dos sinais, conforme a Figura 69:

[80] Disponível em: http://www.glossario.libras.ufsc.br/pesquisalibras
[81] Disponível em: https://nzsl.vuw.ac.nz/topics/

Figura 69: Representação do espaço de sinalização por Ferreira-Brito e Langevin (1995)



Fonte: Ferreira Brito e Langevin (1995, p. 215).

Ferreria Brito e Langevin (1995) afirmam que dentro desse espaço é possível realizar “um número finito e razoavelmente limitado de pontos” (FERREIRA BRITO; LANGEVIN, 1995, p. 215), os denominados pontos de articulação. De acordo com eles, alguns pontos são mais precisos que outros, por exemplo, “a ponta do nariz” e “à frente do tórax”; nesse último caso temos o espaço neutro. Todavia, esse espaço de sinalização exclui alguns sinais da Libras, como o sinal de MINI SAIA, e outros que podem ser realizados abaixo dessas coordenadas. Considerando essa última questão, Felipe e GP FENEIS (2002) e Felipe e GP INES (2005) ampliaram essas coordenadas no COREL-SL incluindo quadris e perna. No entanto, nesta tese, assumimos como regiões para locação no corpo aquelas que vão até a altura dos quadris.

Em cada uma das regiões assinaladas na Figura 69, pode haver uma ou mais sub-regiões que atuam como LOCAÇÃO, assim explicitadas:

(1) CORPO: *Cabeça, Pescoço, Ombros, Tronco, Braço e Antebraço, Mão Passiva e Dedo(s) Passivo(s).* Essas duas últimas locações – Mão Passiva e Dedo(s) Passivos - correspondem ao local onde a Mão Ativa realizará os seus Movimentos. A seguir, ilustramos com imagens[82] as possibilidades de locação que ocorrem no corpo do sinalizante.

[82] Todas as imagens utilizadas nessa seção foram elaboras pela autora e constam em seu arquivo pessoal.

1.1 - Partes da CABEÇA que servem como LOCAÇÃO:

TOPO DA CABEÇA

CABELO

FACE

TESTA

TÊMPORAS

Têmpora (dir.)

Têmpora (esq.)

ORELHAS

Orelha (dir.)

Orelha (esq.)

SOBRANCELHAS

sobrancelha (dir.)

sobrancelha (esq.)

meio sobrancelha

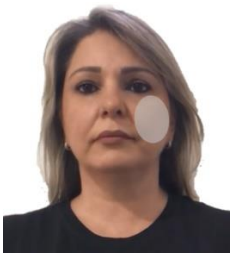
OLHOS

Olhos (dir.)

Olhos (esq.)

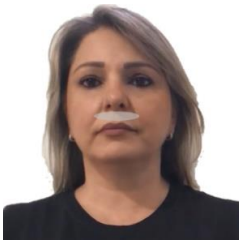
BOCHECHAS

Bochecha (dir.)


Bochecha (esq.)

NARIZ

BOCA


BUÇO

LÁBIO SUP.

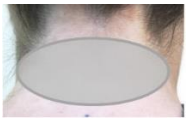
LÁBIO INF.

QUEIXO

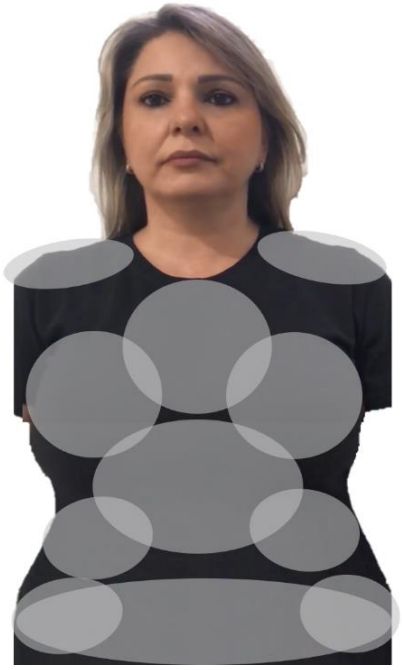
PESCOÇO

Pescoço lado dir.

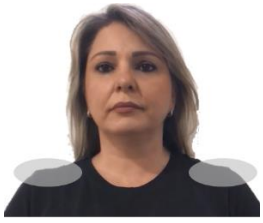
Pescoço lado esq.

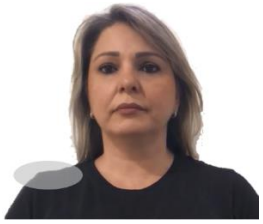

NUCA.

1.2 – Partes do TRONCO que servem como LOCAÇÃO:



1.2.1 - Ombros


OMBROS


Ombro (dir.)

Ombro (esq.)

1.2.2 - Peito

PEITO

Peito lado dir.

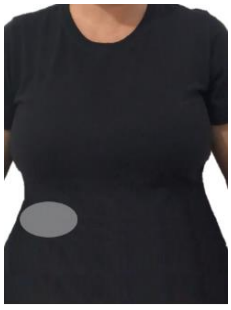
Peito meio

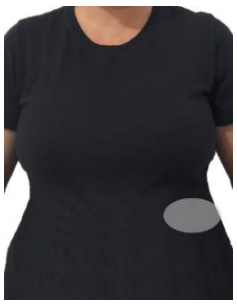
Peito lado esq.

1.2.3 Abdome

ABDOME

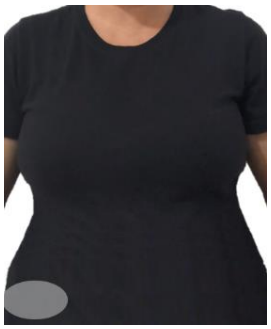
Abaixo do abdome

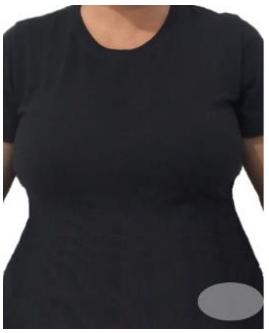

Abaixo do abdome lado direito


Abaixo do abdome lado esquerdo

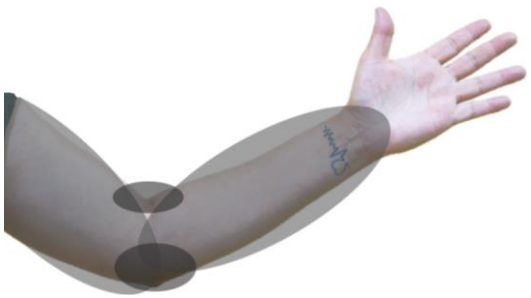
1.2.4 Quadris

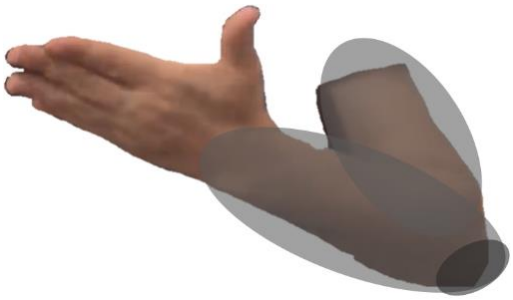
QUADRIL


Quadril lado dir.


Quadril lado esq.

1.3 – Partes dos BRAÇOS que servem como LOCAÇÃO:





1.3.1 Braço:

BRAÇO INTERNO lados dir. e esq.

BRAÇO EXTERNO lados dir. e esq.

1.3.2 Antebraço:

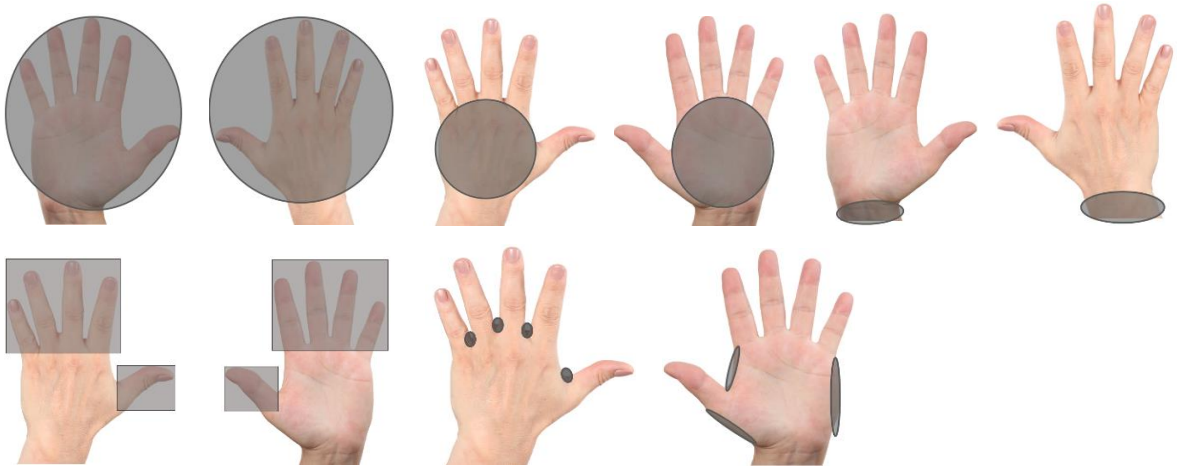
ANTEBRAÇO INTERNO
lados dir. e esq.

ANTEBRAÇO EXTERNO
lados dir. e esq.

1.3.3 Cotovelos:

1.3.4 Parte interior do braço, na região da dobra do braço:

1.4 Partes das MÃOS que servem como LOCAÇÃO:

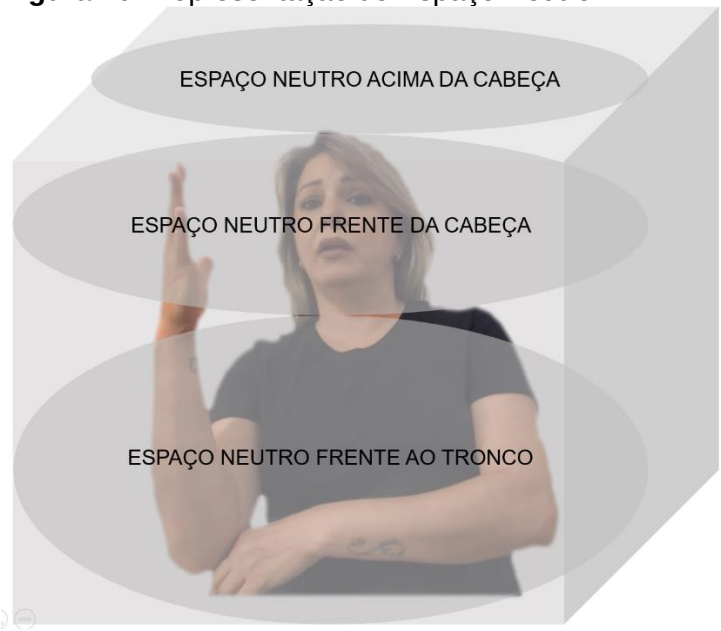


2. ESPAÇO NEUTRO

O espaço neutro corresponde às regiões que ficam: (i) à frente do corpo do sinalizante; ou (ii) à frente da cabeça; ou (iii) acima da cabeça. É importante ressaltar que, em nenhuma das três situações há o contato das Mãos ou partes

delas com qualquer uma das regiões do corpo. Na Figura 70, há uma representação das regiões que compõem o local onde os itens lexicais podem ser realizados:

Figura 70: Representação do Espaço Neutro



Fonte: Elaborada pela autora.

Tanto no espaço quanto no corpo, em Libras, há sinais que são articulados somente em um lugar, e há situações em que um mesmo sinal é articulado em duas locações distintas. Essas duas situações são representadas nos exemplos do Quadro 12:

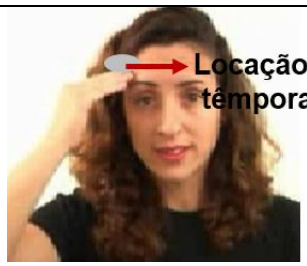
Quadro 12: Representação de itens lexicais que são articulados em uma locação e itens lexicais que são articulados em duas locações

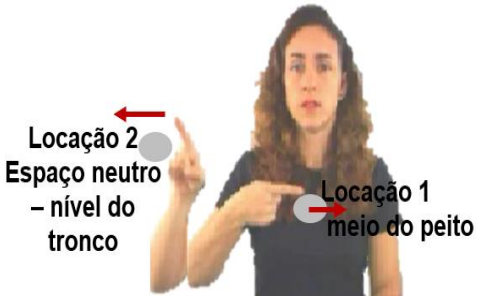
(continua...)

SINAIS QUE SÃO ARTICULADOS EM APENAS UMA LOCAÇÃO	SINAIS QUE SÃO ARTICULADOS CONSIDERANDO DUAS LOCAÇÕES
AMIGO http://www.ines.gov.br/dicionario-de-libras/main_site/libras.htm	Locação 2 Palma da mão base **ACREDITAR** http://www.ines.gov.br/dicionario-de-libras/main_site/libras.htm

<table>
<tr>
<td>

HOMEM
http://www.ines.gov.br/dicionario-de-libras/main_site/libras.htm</td>
<td>

SANGUE
http://www.ines.gov.br/dicionario-de-libras/main_site/libras.htm</td>
</tr>
<tr>
<td> 

ENTENDER
http://www.ines.gov.br/dicionario-de-libras/main_site/libras.htm</td>
<td> 

IR
http://www.ines.gov.br/dicionario-de-libras/main_site/libras.htm</td>
</tr>
</table>

Fonte: Elaborada pela autora.

Em Libras, algumas locações têm especial relevância principalmente porque se associam a campos semânticos concretos, como podemos observar nos itens lexicais do quadro: no peito do lado esquerdo, o sinal de AMIGO; no queixo, o sinal de HOMEM relacionado à barba; na têmpora, o sinal de ENTENDER, local que representa o conhecimento o entendimento; no lábio inferior, o sinal de vermelho; e na veia indicada no antebraço interno, temos o sinal de SANGUE.

Entretanto, por mais que saibamos o local onde o item lexical deve ser realizado, tais informações raramente descrevem em detalhes o local exato onde o item lexical deve ser posicionado. Por isso, acreditamos que o ponto de contato seja um elemento essencial para marcar o local exato onde o sinal deve ser articulado. É importante identificar em um campo específico qual parte da mão ou dedos ativos toca, e em qual parte do corpo ou da mão base (passiva) será tocada. Caso o contato da mão ou dedos ativos seja posicionado além da área específica de locação, pode, em alguns casos, não ocorrer a mudança de sentido do item lexical. Quando isso ocorre, todavia, estamos diante de um alofone, como discutido no capítulo anterior. O alofone refere-se basicamente à pronúncia das palavras, nesse caso, do sinal, sem que ocorra a mudança de sentido. Nas línguas de sinais, os

alofones são identificados principalmente quando a configuração de mão ou dedos ativos toca uma área maior na locação, não articulando a CM e o movimento em um determinado ponto específico. Nesse sentido, fizemos um levantamento dos possíveis pontos de contatos e faremos uso desse elemento no decorrer desta pesquisa.

4.2.3 Critérios definidores do Ponto de Contato - PC

As referências que encontramos sobre o uso de pontos de contato são as relacionadas à escrita de sinais ou o *SignWriting.* A escrita de sinais conta com um conjunto de seis grafemas que representam os tipos de contato produzidos na execução dos sinais. Para Barreto e Barreto (2015), são estes:

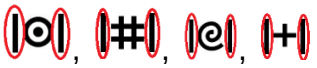
(1) - Grafema usado em sinais que realizam um *contato suave* de uma mão com a outra ou com outra parte do corpo;

(2) - Este grafema é utilizado em sinais cujo contato ocorre quando a mão se *arrasta* (escova) brevemente em uma superfície (locação) e depois se separa;

(3) - Refere-se ao contato de *esfregar*, ou seja, quando uma das mãos ou dedos toca em uma locação e na execução do sinal mantém-se o contato esfregando-a;

(4) - Grafema referente ao contato de *bater*. É utilizado quando o sinal exige uma intensidade no contato, isto é, quando uma das mãos ou dedos realiza bate com mais intensidade na locação;

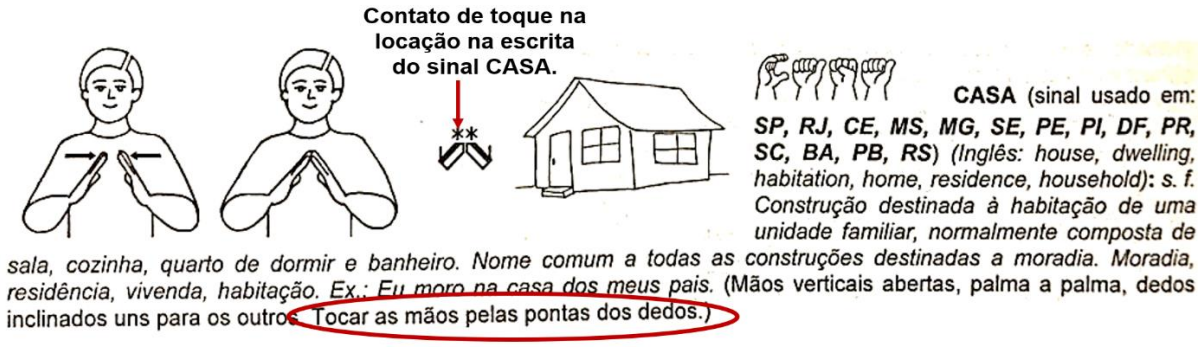
(5) - Grafema *pegar*. É usado quando a mão ou dedos *pega* em alguma parte do corpo ou da roupa (locação);

(6)  - Grafema *entre.* As barras localizadas nas laterais dos demais grafemas de contato significem que o contato ocorre entre dois contatos.

Na Figura 71, a seguir, registra-se o item lexical CASA em Libras, e nela podemos observar duas situações em que o contato é indicado. Uma está na escrita do sinal CASA, e nessa informação o grafema asterisco (*) indica o contato de toque

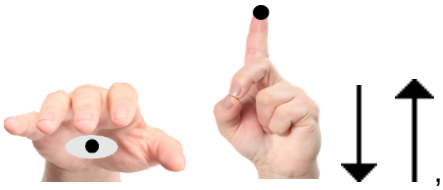
que ocorre nas pontas dos dedos durante a execução do sinal; a outra situação está na descrição sobre como o sinal deve ser realizado. Vejamos:

Figura 71: Indicação do contato *tocar* no sinal CASA em Libras



Fonte: Capovilla et al. (2017, p. 590).

Todavia, nesta tese, entendemos e assumimos os PCs como um elemento auxiliar que indicará locais bastante específicos que se encontram em uma das áreas de LOCAÇÃO no corpo do sinalizante. A sua função é indicar para o usuário, exatamente, qual área das mãos, pontas dos dedos, e demais partes do corpo tocarão ou serão tocadas. Diferente dos grafemas usados para os tipos de contatos na escrita dos sinais, os PCs possíveis estão indicados por uma “pinta preta” (●).

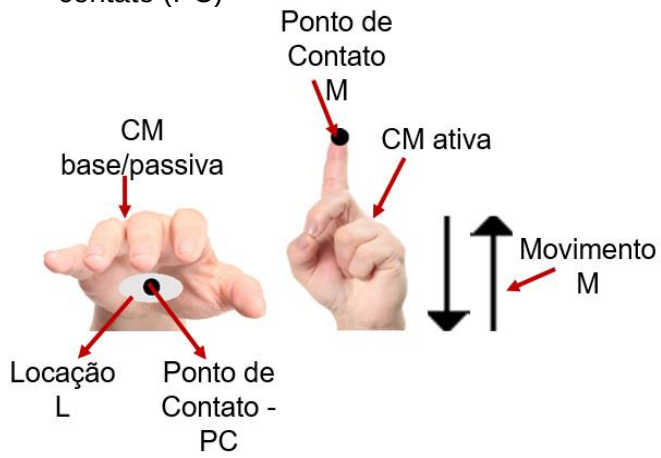
Essa necessidade surgiu após a testagem da entrada de alguns sinais no modelo que estamos propondo. Durante a verificação das entradas lexicais, observamos que, durante a leitura para a execução de alguns sinais, o PC foi algo muito esclarecedor para o usuário. Contudo, notamos ser de suma importância que o PC fosse indicado juntamente com a Locação. Por conta disso, optamos por marcar as partes que se tocam no momento em que o sinal é articulado. Por exemplo, para a realização do sinal FEIRA, é preciso uma composição de CM/OR – L/PC e M,  , e, para, além disso, é imprescindível especificar na locação o local ou ponto exato, nesse caso, qual parte do indicador e onde ele deverá ser exatamente tocado na área de locação. Na testagem do nosso modelo de dicionário, após a inserção do PC na CM/OR e na área de locação, foi notável a diferença com relação à percepção por parte do usuário durante a tentativa para reproduzir o sinal, visto que algumas vezes marcamos apenas a locação e não

o PC. Quando isso ocorreu, o usuário não conseguia identificar a função de uma segunda mão. A fim de contribuir para a visualização das diferenças do mesmo sinal FEIRA, representados com e sem a marcação do ponto de locação, ilustramos o que estamos dizendo nas Figuras 72 e 73:

Figura 72: Composição do sinal de FEIRA representado sem a marcação do ponto de contato (PC)

Fonte: Elaborada pela autora.

Figura 73: Composição do sinal de FEIRA representado com a marcação do ponto de contato (PC)

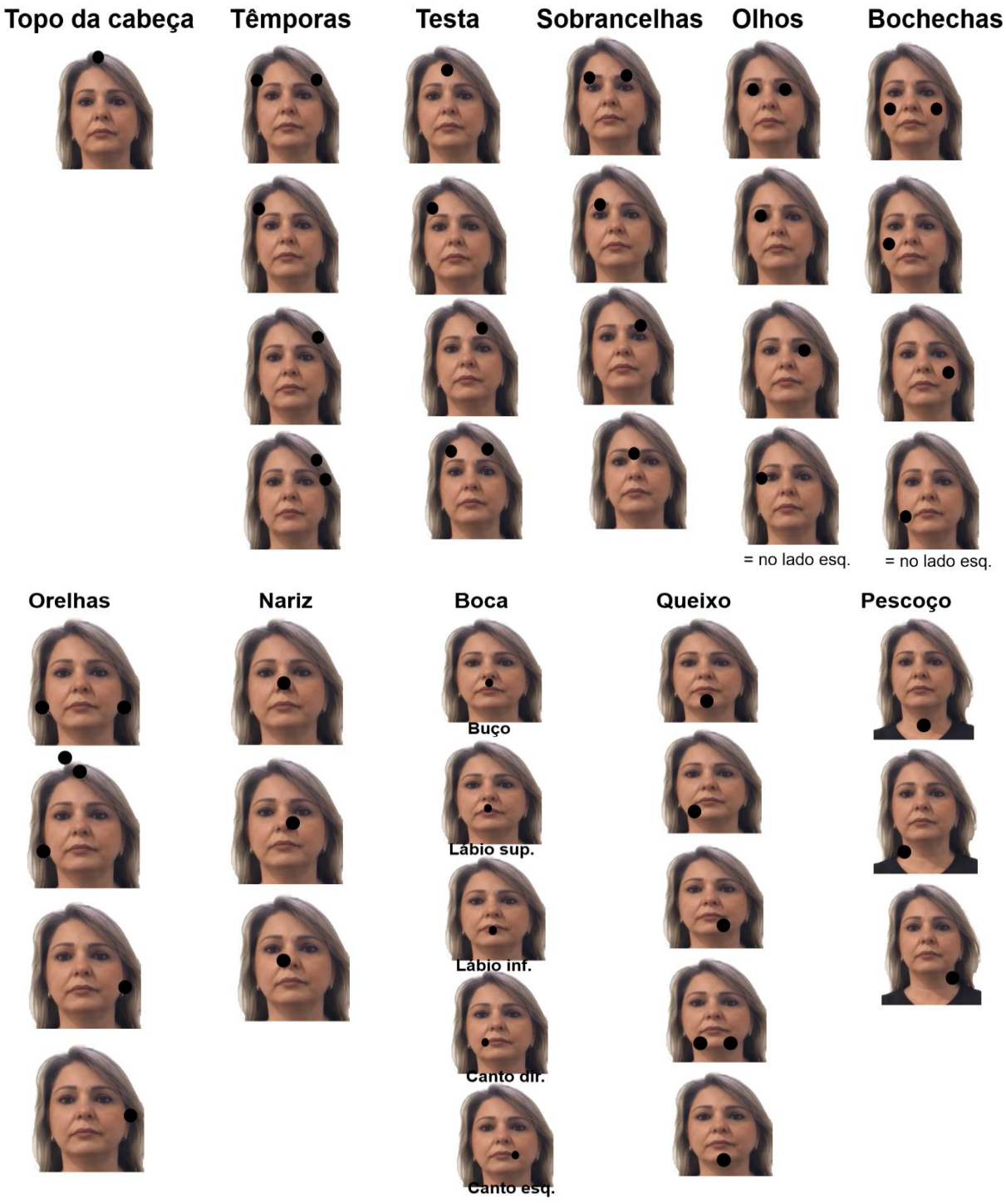


Fonte: Elaborada pela autora.

Consideramos que o PC poderá evitar a alofonia durante a realização de alguns sinais. Para tanto, é fundamental que ele seja indicado juntamente com a Locação. Também, pensamos que essa indicação na locação pode vir a contribuir para uma padronização lexicográfica, tanto no registro formal quanto na reprodução dos itens lexicais em Libras. Não queremos, de modo algum, dizer que o ponto de contato seja algo prescritivo para as línguas de sinais, e em particular para a Libras, uma vez que consideramos a forma de fala nas línguas de sinais bem como a individualidade do sinalizante, seja nos aspectos regionais ou culturais.

A partir dessas constatações e da necessidade de compreender o funcionamento e a importância dos PCs, elaboramos uma relação em que as CMs ativas, dedos ativos e as locações devem ser identificados também pelo ponto de contato (PC) ●.

1- **CABEÇA:** o contato é realizado com a(s) mão(s) ou a(s) ponta(s) do(s) dedo(s) em um ponto específico em uma das áreas de locação na cabeça.



Fonte: Elaborada pela autora.

2- TRONCO -

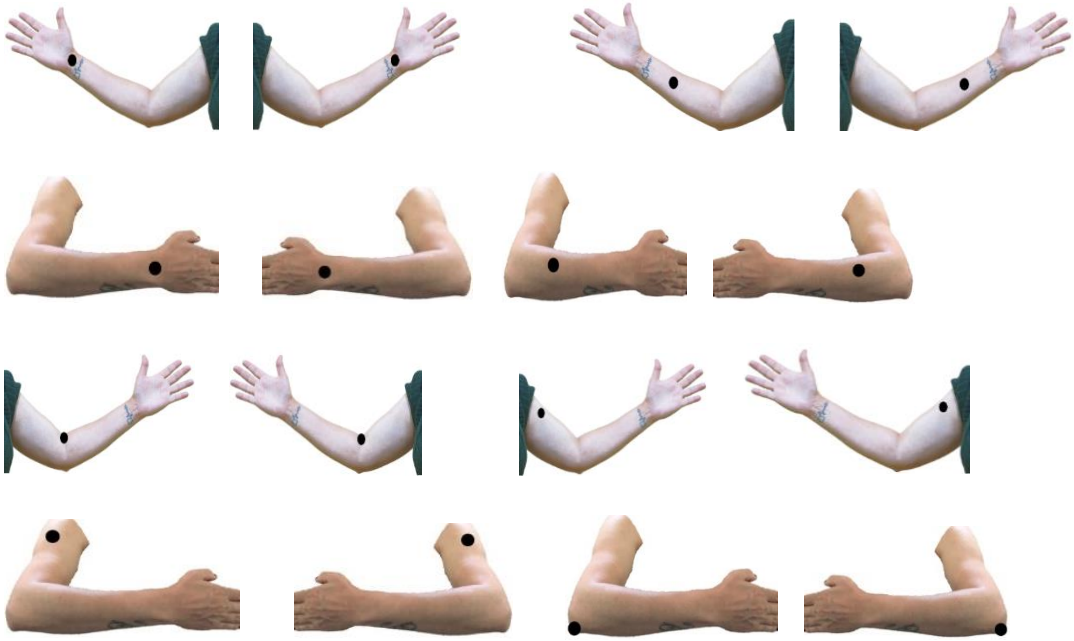
2.1 Contato nos Ombros:

2.1.2 Contato no Peito:

2.1.3 Contato no Abdome

2.1.3 Contato no Quadril

2.1.4 Contato nos Braços



3- Pontos de Contato nas Mãos e Dedos – apresentamos apenas alguns poucos exemplos, uma vez que há uma quantidade bastante considerável de possíveis PCs para cada configuração de mão e suas respectivas orientações:

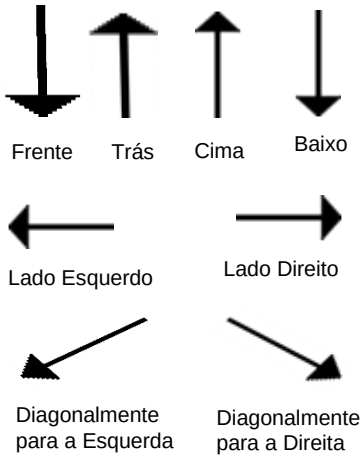
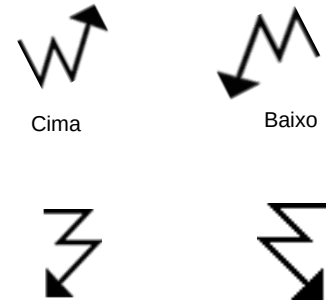
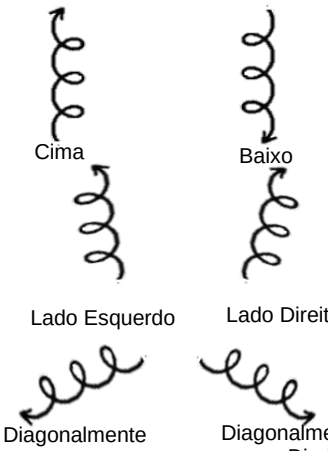
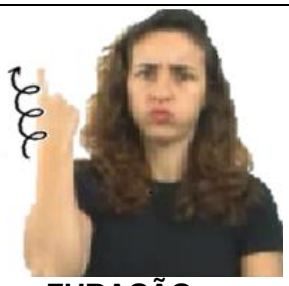
4.2.4 Critérios definidores do movimento

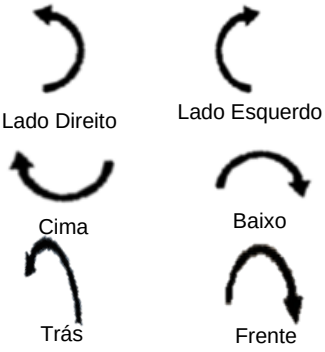
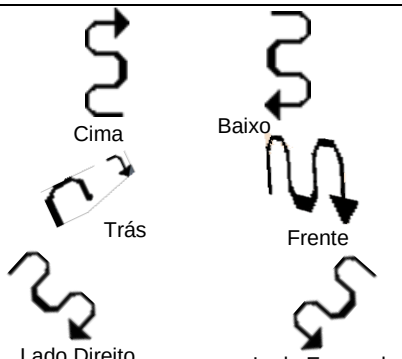
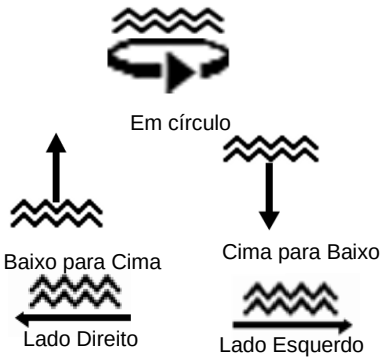
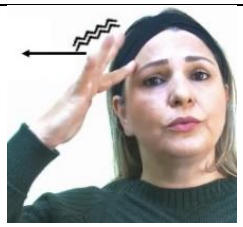
Tem havido uma série de abordagens para representar o movimento na língua de sinais. De acordo com Klima e Bellugi (1979), entre os linguistas, o parâmetro movimento é considerado como o mais complexo de ser descrito, uma vez que pode abranger uma vasta rede de formas e de direções. Alguns pesquisadores, como Liddell e Johnson (1986) e Sandler (1989), tratam o movimento como um segmento; alguns, como Hulst (1993), o consideram como uma propriedade específica de um sinal que determina um estado inicial ou final; e outros, como Stack (1998), argumentam que os segmentos de movimento são redundantes, assim o movimento pode ser visto como uma transição. Crasborn, Hulst e Kooij (2000) afirmam que não há segmentos de movimento; contudo, todo movimento pode ser analisado como uma mudança de valores de recursos. Nesse sentido, podemos perceber que os estudos envolvendo o querema movimento nas línguas de sinais são vastos, principalmente quando se trata de pesquisas relacionadas à fonologia/querologia das línguas de sinais de modo geral.

Nesta pesquisa, nos interessa, por ora, apenas identificar os tipos de movimentos existentes que contribuem na constituição dos sinais da Libras. Essa identificação é necessária tendo em vista o seu lugar na macroestrutura para a organização do dicionário em questão. Assim sendo, o querema movimento também foi definido com base em estudos de referência realizados em Libras. Ao todo, identificamos oito tipos de movimentos realizados durante a realização dos sinais; os sete primeiros tipos foram organizados com base em Ferreira-Brito (1995), Quadros e Karnopp (2004) e no sistema de escrita de sinais *SignWriting*, conforme o Quadro 13:

Quadro 13: Relação dos movimentos básicos para a execução dos sinais

(continua...)

Movimento	**Representação visual** Na perspectiva do sinalizante	**Exemplos em Libras**
1- Retilíneo: a mão pode mover-se em **8** direções. PARA: 1.1 Frente 1.2 Trás 1.3 Cima 1.4 Baixo 1.5 Lado Direito 1.6 Lado Esquerdo 1.7 Diagonalmente para a Direita 1.8 Diagonalmente para a Esquerda		 **CÉLULA**
2- Angular: a mão pode mover-se em **4** direções. PARA**:** 2.1 Cima 2.2 Baixo 2.3 Diagonalmente para a Esquerda 2.4 Diagonalmente para a Direita		 **RELÂMPAGO**
3- Helicoidal: a mão pode mover-se em **6** direções. PARA: 3.1 Cima 3.2 Baixo 3.3 Lado direito 3.4 Lado Esquerdo 3.5 Diagonalmente para a Esquerda 3.6 Diagonalmente para a Direita		 **FURACÃO**
4- Circular: a mão pode mover-se em **6** direções horizontalmente no espaço neutro e **1** direção quando o movimento circular é realizado no corpo. MÃO(S) NA HORIZONTAL		 **ARRUMAR**

NO ESPAÇO NEUTRO, PARA: 4.1 Cima 4.2 Baixo 4.3 Frente 4.4Trás 4.5 Lado Direito 4.6 Lado Esquerdo MÃO(S) NA VERTICAL NO CORPO, SENTIDO HORÁRIO E SENTIDO ANTI-HORÁRIO:	 Circular sentido horário. Circular sentido anti-horário.	 **DOCE/AÇÚCAR/ SOBREMESA**
5- Semicircular: a mão pode mover-se em **6** direções. PARA: 5.1 Cima 5.2 Baixo 5.3 Frente 5.4 Trás 5.5 Lado direita 5.6 Lado esquerdo	 Lado Direito Lado Esquerdo Cima Baixo Trás Frente	 **SAPO**
6- Sinuoso: a mão pode mover-se em **6** direções. PARA: 6.1 Cima 6.2 Baixo 6.3 Frente 6.4 Trás 6.5 Lado direita 6.6 Lado esquerdo	 Cima Baixo Trás Frente Lado Direito Lado Esquerdo	 **ZIGUEZAGUE**
7- Tremular: a mão pode mover-se tremulando da seguinte maneira. 7.1 Em círculo 7.2 De Cima para Baixo 7.3 De Baixo para Cima, 7.4 Para o Lado Direito 7.5 Para o Lado Esquerdo	 Em círculo Baixo para Cima Cima para Baixo Lado Direito Lado Esquerdo	 **IMAGINAR/SONHAR**
8- Sem Movimentos: a mão não se movimenta durante a realização do sinal		 **SILÊNCIO**

Fonte: Elaborado pela autora.

Além desses, a partir da observação de movimentos realizados em alguns sinais como NEVE, DESVALORIZAR e HELICÓPTERO, incorporamos mais um tipo de movimento, o **Tremular,** que representaremos com este símbolo: ( ). Nesse caso, três situações podem acontecer: (1) a palma da mão voltada para baixo fica tremulando; porém, ela não se movimenta nem para os lados, nem para cima e nem para baixo; o único movimento que ela faz é tremular de toda a mão ou apenas da ponta dos dedos; (2) a palma da mão voltada para baixo, além de tremular, como no caso anterior, também faz um movimento retilíneo de descida, partindo da altura do queixo até chegar à altura da cintura. Esse movimento de descida é vertical e retilíneo; e (3) a palma da mão voltada para baixo, além de tremular, também como no caso anterior, simultaneamente faz um movimento circular, ou seja, a palma da mão voltada para baixo fica tremulando ao mesmo tempo em que descreve um movimento circular.

4.2.5 Critérios definidores das Expressões Não Manuais - ENMs

O papel das ENMs nas línguas de sinais é de extrema importância considerando a vasta função que elas desempenham. Por exemplo, Quadros e Karnopp (2004) ressaltam que as ENMs podem desempenhar na Libras funções sintáticas e fonológicas. Para as autoras, “as expressões não-manuais (movimentos da face, dos olhos, da cabeça ou do tronco) prestam-se a dois papeis nas línguas de sinais: marcação de construções sintáticas e diferenciação de itens lexicais” (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 60). Em Libras, Ferreira-Brito e Langevin (1995) identificaram e anotaram 23 tipos de ENMs. Desse modo, ainda não temos estudos com precisão científica que apresentem um número exato de tipos de ENMs que compõem a Libras. Contudo, para desenvolver a proposta de nosso trabalho, selecionamos um conjunto contendo aproximadamente 50 ENMs distintas, mas optamos por não delimitar quantativamente esse querema. Essas ENMs foram selecionadas baseadas em duas fontes: uma a partir da pesquisa desenvolvida por Aleix Martínez, pesquisador da área cognitiva e professor de engenharia elétrica e informática da Ohio State University, e outra com base no conjunto de ENMs com função gramatical utilizada nas línguas de sinais, mais especificamente em Libras; essa última com o auxílio das ENMs contidas no *SignWriting.* Na Figura 74 são

representadas 22 expressões faciais relacionadas a sentimentos, capturadas por sistemas computacionais desenvolvidos por pesquisadores na Universidade Estadual de Ohio:

Figura 74: Expressões relacionadas a sentimentos

Fonte: https://www.bemparana.com.br/noticia/computadores-reconhecem-21-expressoes-faciais-diferentes.

Quanto às expressões faciais e corporais de cunho gramatical nas línguas de sinais, decidimos capturá-las durante a realização dos sinais, pois, dessa maneira, parece haver maior conexão da ENM com o item lexical em si, em vez de agrupá-las separadamente no banco de dados. Além disso, utilizamos algumas sugeridas pelo *SignWriting*[83]: sorriso fechado, metade sorriso, metade reta, triste aberta, beijo, boca tensa, lábios sugados, dentes, dentes superiores tocando a língua, dentes superiores tocando lábio inferior, mordida do lado esquerdo do lábio, metade da língua para cima (boca fechada), língua para fora, no centro, língua para cima (boca aberta), língua na bochecha direita, olhos fechados, olhos arregalados, olhos meio abertos, bochechas estufadas, bochechas sugadas, soprando ar, ar dentro da boca, inspirando, expirando, nariz franzido, nariz torcendo para o lado e mostrando a língua.

A ideia é a proposição de combinações querológicas de um conjunto de sinais da Libras, de modo que os sinais sejam sistemática e simultaneamente ordenados. A partir desse conjunto de queremas, pretendemos explorá-los de forma que o item lexical chegue ao usuário em sua completude querológica, ou seja, que ele possa ver as ENMs como um querema importante na composição de um sinal. Nesse contexto, a operacionalização e a organização dos dados com vistas a uma base

[83] Ver no *Sign Pudle*: https://www.signbank.org/signpuddle/index3.html#sgn-BR.

lexical que comporá as entradas dos itens lexicais para a busca em Libras serão apresentadas no capítulo 5.

5 MODELO DE ORGANIZAÇÃO E ESTRUTURAÇÃO DE UM DICIONÁRIO MONOLÍNGUE DE LIBRAS: PROPOSTA

Registrar os sinais de uma língua de sinais em dicionários, como já mencionamos anteriormente, requer de seus projetistas decisões macro e microestruturais importantes e até certo ponto muito específicas, uma vez que envolvem não apenas a questão da busca de sinais e da ordenação de entradas entradas lexicais, mas também outros tipos de informação, tanto em nível semântico-lexical quanto morfossintático.

Tendo em vista o modo como os sinais se realizam, bem como a complexidade das estruturas internas necessárias para dar conta das nuances linguísticas que neles se manifestam, implementar dicionários de línguas de sinais, de fato, não tem sido uma tarefa nada fácil. Embora não seja o único problema, um dos maiores desafios enfrentados pelos dicionaristas ao terem de lidar com a morfologia lexical dos sinais tem sido justamente encontrar um meio adequado para registrá-los em seus dicionários, de modo a não haver perdas de informações lexicais cruciais e absolutamente necessárias para a identificação e para o uso dos sinais pelos “falantes” dessas línguas. Dentre os muitos fatores que implicam um grau maior de dificuldade, um deles, sem dúvida alguma, diz respeito ao uso de estruturas bidimensionais para registrar dados cuja morfologia é tipicamente tridimensional.

Em busca de soluções que possam, se não resolver por completo os impactos negativos provocados pela complexidade envolvida com as restrições morfolexicais estabelecidas pelos sinais, mas ao menos minimizá-los ao máximo, os avanços obtidos na área têm sido notáveis, em grande parte motivados pela aplicação dos variados recursos computacionais disponíveis atualmente. As plataformas digitais on-line, por exemplo, têm proporcionado não só um melhor ajuste entre a natureza dinâmica tão característica das línguas de sinais e os possíveis formatos de dicionários, mas também têm facilitado as consultas feitas pelos seus usuários.

Destarte, consideradas essas e outras questões relacionadas, e tomando-se por referência os aspectos teórico-metodológicos de que lançamos mão para fundamentar esta tese, o que discutiremos e apresentaremos a seguir é a nossa proposta de estrutura e de organização lexical, cuja matriz nos tem servido de base

para a especificação e para a implementação de um dicionário eletrônico monolíngue de Libras que, no momento, encontra-se em fase de discussões e de tomadas de decisão de projeto.

5.1 DESCRIÇÃO E APRESENTAÇÃO DE INFORMAÇÕES NORMATIVAS PARA A ORGANIZAÇÃO DE UM DICIONÁRIO MONOLÍNGUE DE LIBRAS

Em conformidade com Bugueño e Farias (2011), alguns componentes considerados canônicos que darão ao dicionário a sua real utilidade, desde que formulados corretamente. Esses componentes canônicos referem-se à macroestrutura, à microestrutura, à medioestrutura e ao *front* e *back matter*. Seguindo essa proposição, desenvolvemos um planejamento composicional para esses quatro elementos. Primeiro, apresentamos o *front matter,* seguido da macroestrutura, da microestrutura e por fim da medioestrutura.

5.1.1 Composição do *Front Matter*

O *Front Matter* funciona como um manual de instruções, ou como um guia para o usuário; geralmente, quando o dicionário é impresso, localiza-se nas páginas introdutórias; quando o dicionário é on-line, normalmente, aparece na tela inicial das chaves de busca, antes da macroestrutura. Bugueño (2012) refere-se a quatro aspectos do *Front Matter* que devem orientar o usuário: i) o público alvo e/ou usuário almejado; ii) a função e informações gerais; iii) objetivos da obra; e iv) tipos de informações que a obra contém, como são apresentadas e como deve ser usada.

O dicionário da NZSL contém em seu *Front Matter* uma janela de vídeo com informações traduzidas para a NZSL. McKee& McKee (2013) reforçam que, dessa forma, o dicionário se torna bilíngue no nível da megaestrutura (que representa o todo do dicionário) e, portanto, mais acessível aos usuários surdos do NZSL. Nesse sentido, entendemos que esse item tem grande importância e relevância para o seu consulente. Portanto, para compor o *Front Matter* do dicionário que compõe a proposta desta tese, sugerimos que a tela inicial das chaves de busca contemple a seguinte estrutura:

(i) Seleção do design da capa: cabeçalho de identificação do dicionário, soletração do nome do dicionário com seu respectivo sinal e uma logo (caso tiver);

(ii) Um link de acesso com indicação em língua de sinais e informações sobre seus desenvolvedores e colaboradores. Em consideração ao usuário surdo, é importante que seja inserido uma foto com o nome além das informações em LS. Outras informações complementares, como informações históricas, poderão ser apresentadas nesse item;

(iii) Informações gerais sobre o dicionário: a partir de explicações em LS quando acessado um vídeo. Vale atentar para o fato de que tais informações (tanto desse quanto dos demais itens) não deverão ser traduzidas de uma língua oral para uma língua de sinais, mas sim produzida diretamente na LS, tendo em vista que esse é um dicionário monolíngue;

(iv) Orientações sobre o público alvo e/ou usuário almejado (vídeo de acesso com informações em LS);

(v) Informações e instruções sobre a função da obra lexicográfica: Para que serve? Quais são os objetivos do dicionário? Que tipos de informações o usuário encontrará nele? (Vídeo de acesso com informações em LS);

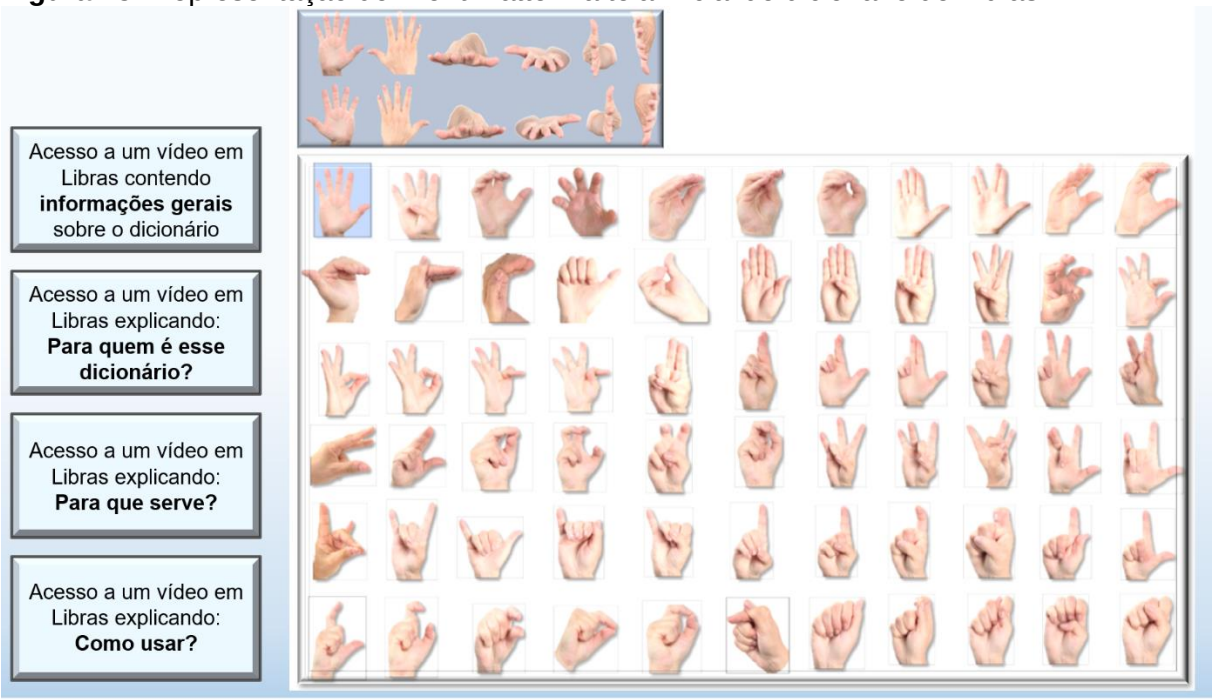
(vi) Orientações sobre como usar o dicionário monolíngue de LS (vídeo de acesso explicando em LS, quais os procedimentos de acesso e uso do dicionário).

No caso desta proposta dicionarística, é importante explicitar ao consulente como deverá proceder a leitura do verbete selecionado, bem como a sua localização na tela de entrada correspondente ao item lexical. Tendo em vista que ser estranhamento deparar-se com o *layout* e a organização do item lexical, é fundamental ensiná-lo a ler o verbete antes que suas particularidades sejam especificadas. A organização e as instruções sobre os itens lexicais na tela de entrada serão apresentadas nas próximas seções.

O *layout* do dicionário é outro fator consideravelmente relevante para a operacionalização e para implentação (trabalhos futuros) do *Front Matter.* A organização e a disposição do *Front Matter* em um layout agradável (sem poluição

visual), principalmente aos olhos dos surdos, poderão guiar o usuário durante a sua consulta e contribuir como facilitador para que o consulente seja capaz de localizar a informação acerca de um sinal. Na Figura 75, desenhamos uma proposta para operacionalização do *Front Matter* na tela inicial do dicionário monolíngue de Libras:

Figura 75: Representação do Front Matter na tela inicial do dicionário de Libras



Fonte: Elaborada pela pesquisadora.

Esperamos que essa tela inicial atue como um meio facilitador entre o dicionário e o seu usuário, não apenas influenciando diretamente no resultado da consulta, mas também levando ao conhecimento do consulente as funções, as possibilidades oferecidas, o enfoque da obra lexicográfica e o que ela pretende alcançar.

5.1.2 Proposta composicional para operacionalização da macroestrutura

No nível da macroestrutura, que diz respeito à forma de busca, considerando o consulente surdo, em um dicionário monolíngue de Libras, colocamos três questões básicas: (i) Como organizar as chaves de buscas de uma língua em que os elementos querológicos/fonológicos são gestual, visual, espacial e de ordem linear e simultânea? (ii) O que pode constituir uma entrada lexical em um dicionário cuja língua de sinais não admite a ordem típica alfabética comum às línguas orais? (iii)

Como a lista de entradas deveria ser organizada? A primeira questão diz respeito à organização das propriedades de um formato de busca que seja compatível com uma língua visual, como a língua de sinais, e que usa o espaço e o corpo como meio de comunicação e expressão. A segunda questão se refere a quais unidades querológicas que compõem os sinais da Libras seriam candidatas à inclusão ou à exclusão em uma lista de entrada. Por fim, a terceira questão se refere à organização dos verbetes em termos gerais.

Com relação à primeira questão, entendemos que a organização dos elementos da macroestrutura é uma tarefa fundamental para garantir que o conteúdo de um dicionário direcionado ao público surdo seja o mais preciso possível e que retrate realisticamente a língua de sinais. Para tanto, com o intuito de organizar a montagem das chaves de buscas, identificamos e decidimos quais seriam as opções para chegar relativamente à forma mais legítima, considerando os elementos que constituem os sinais da Libras. Propomos, nesse sentido, algumas coordenadas para a composição das chaves de buscas e das entradas dos itens lexicais, as quais descrevemos nas subseções a seguir.

5.1.2.1 Das Chaves de Buscas

Com base na organização lexical das línguas orais, suas palavras são descritas a partir da padronização de um alfabeto X ou Y e pelas letras das quais são compostas. E obviamente alicerçados na ordem alfabética dessas línguas, inúmeros dicionários são produzidos em todo mundo. Diante disso, precisávamos de alguma maneira de descrever um sinal para podermos organizar um dicionário monolíngue de Libras. Optamos pela forma e orientação inicial da mão – CM/OR, ou seja, pela forma que a mão assume antes de iniciar o sinal e os seus movimentos correspondentes. Em decorreção disso, um conjunto de 66 CMs foi escolhido como base para a organização das chaves de buscas. Para tanto, foi importante e necessário estabelecer os seguintes fatores característicos e inerentes a Libras ao descrever um sinal:

(i) Forma ativa da mão ativa, isto é, a mão que mais contribui articulando e realizando os movimentos nos pontos de locação (corpo ou espaço

neutro) para formar o sinal. Nesse ponto, consideramos os seguintes aspectos:

- sinais realizados com apenas uma mão;
- sinais realizados com duas mãos e com a mesma configuração;
- sinais realizados com as duas mãos e com configurações diferentes, em que uma é a mão ativa e a outra é a mão base ou passiva;

(ii) A primeira forma assumida pela mão ativa para dar início à realização do sinal;

(iii) A orientação (para cima, para baixo, para frente, para trás, para o lado de fora, para o lado de dentro – ver capítulo 3 desta tese) da palma da mão ativa no momento exato em que o sinal será realizado.

Vale destacar que a relação entre a forma, a orientação e o movimento realizados pela mão desempenha um papel fundamental nos sinais realizados com as duas mãos, pois apresentam as seguintes restrições (KLIMA & BELLUGI, 1979; QUADROS & KARNOPP, 2004): os sinais com duas mãos e com formas/configurações iguais devem realizar movimentos simultâneos; e nos sinais com duas mãos e com formas diferentes, uma será a mão base ou passiva e a outra será a mão ativa responsável para a realização do movimento.

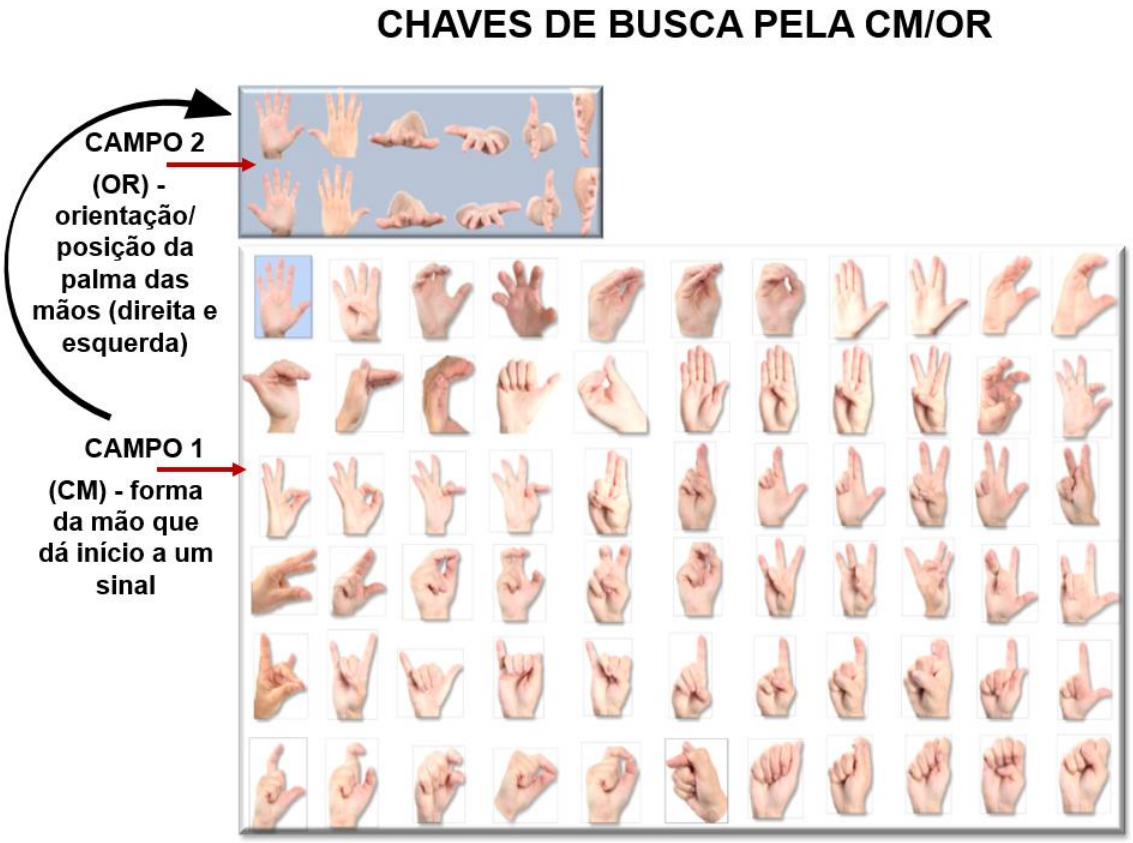
Os diferentes sinais da Libras foram analisados de acordo com esses fatores característicos, e a organização das chaves de buscas baseada em sinais da Libras foi definida. Adotamos, desse modo, a CM e a OR fixadas uma a outra como um item que encabeça as entradas. No entanto, guardada as devidas especificidades da lexicografia da Libras, resguardamos-nos em referirmos a esse processo como lematização, pois entendemos que, em se tratando de um dicionário de língua de sinais (monolíngue), muitos fatores são complexos, por isso, a necessidade de investigações mais específicas.

Assumimos o formato inicial ativo da mão como o primeiro critério para o consulente iniciar uma pesquisa, porque esse é o recurso principal para representar um sinal. E como segundo critério, adotamos a orientação da palma da mão, que é sempre ancorada à configuração da mão. Esse critério também pode ser considerado como um filtro de busca.

As chaves de buscas são, portanto, compostas por dois campos: o primeiro é dado por um conjunto de 66 CMs (conforme organização apresentada no capítulo 3)

e o segundo composto por seis ORs respectivamente a cada CM. A montagem dessa chave se dá primeiro a partir da seleção de uma CM (campo 1) e, na sequência, da seleção de uma OR (campo 2). A Figura 67 representa a ideia de como organizamos e como deverá ser a chave de buscas a partir dos filtros configuração de mão e orientação da palma da mão:

Figura 76: Representação da tela de busca para o dicionário monolíngue de Libras



Fonte: Elaborada pela autora.

Para localizar o sinal desejado, primeiro o usuário deverá selecionar, no campo 1, a configuração de mão respectivamente ao início do sinal desejado, e depois, no campo 2, precisará selecionar a orientação da palma da mão relativa ao sinal pretendido. Para acessar as chaves de busca, basta o consulente saber qual é a CM do sinal desejado, sem a necessidade de conhecimento linguístico anterior, de modo a permitir que essas entradas no dicionário sejam acessadas de forma mais eficiente e intuitiva possíveis. A partir disso, o usuário será levado a um terceiro campo (campo 3) que compõe a entrada do item lexical/sinal.

5.1.2.2 Da entrada do item lexical

Todas as entradas são organizadas a partir da combinação, feita pelo usuário, nas chaves de busca. Ao chegar ao item lexical/sinal, o usuário encontrará, já formatada pelo compilador e/ou lexicógrafo, uma combinação possível dos elementos formacionais dos sinais em uma sequência horizontal, dada sempre pela ordem CM/OR → L/PC → M → ENM, seguida de um vídeo /avatar (nesse caso damos preferência ao intérprete humano[84]) correspondente ao sinal em Libras. Ainda no campo 3, cabe ao usuário selecionar a entrada que motivou a sua consulta.

Para fins ilustrativos, vamos fazer uma comparação com um usuário de dicionário de LP. Nesse dicionário, é comum o consulente procurar a palavra a partir da ordem alfabética. Supondo que a palavra a ser pesquisada seja *abacaxi,* o consulente irá à letra 'a', seguida pela segunda letra 'b', e assim sucessivamente até, devido à organização fonológica da palavra, encontrar o verbete desejado. Com isso, podemos nos ater às perguntas dois e três feitas ao início da subseção 5.1.2: (ii) O que pode constituir uma entrada lexical em um dicionário cuja língua de sinais não admite a ordem típica alfabética comum às línguas orais? e (iii) Como a lista de entradas deveria ser organizada? Seguimos esse mesmo raciocínio, combinando sequencialmente os cinco parâmetros que constituem um sinal (CM/OR, L, M, ENM).

Como vimos, após a seleção da CM e OR nos campos 1 e 2, o usuário será levado para uma segunda tela, que corresponde às entradas dos itens lexicais/ sinais da Libras. Cada entrada é composta por uma sequência horizontal obedecendo à seguinte ordem de formação do sinal: CM/OR → L/PC → M → ENM = ITEM LEXICAL/SINAL (vídeo).

Para esclarecimentos e melhor compreensão desse aspecto, vamos dividir essa explicação em duas partes: a primeira é direcionada a alimentação da base de dados, cujo trabalho é destinado ao compilador e/ou lexicógrafo; e a segunda parte

[84] Essa nossa preferência é em decorrência de estarmos trabalhando com um dicionário de língua (monolíngue), portanto, as informações deverão ser pensadas, organizadas e ditas em Libras, sem que haja interferência de processos tradutórios. Apesar de entendermos que um Avatar pode oferecer mais neutralidade e objetividade nas informações, talvez, o seu uso pode implicar tradução de informações linguísticas da Libras, disponibilizadas em um banco de dados, e esse processo poderia fragilizar a naturalidade dos elementos inerentes de uma língua de sinais, em particular da Libras. Por mais que a área de Tecnologias de Informação (TI) esteja cada dia mais avançada, em se tratando de uso de avatares nas línguas de sinais, ainda há muito para ser feito.

é direcionada ao usuário final. Iniciamos com as orientações para o lexicógrafo e sobre como ele deverá proceder para alimentar a base de dados com relação ao modo de estruturação de cada entrada lexical.

5.2 ALIMENTAÇÃO DA BASE DE DADOS: ORIENTAÇÕES PARA O LEXICÓGRAFO

À medida que definimos a estrutura para o acesso aos itens lexicais e às definições no dicionário de Libras, a necessidade de recorrer a um modelo computacional para lidar com os queremas que constituem um sinal se intensifica. Essa necessidade nos leva a desenvolver um modelo que oriente a entrada e a saída dos itens lexicais da Libras. Conforme analisam Caselli & Cohen-Goldberg (2014),

> Computational modeling is a useful tool in the development of cognitive theories. In such an investigation, the modeler instantiates a particular cognitive theory in the code of a computer program. This encoding process is beneficial in and of itself because it requires the modeler to state the theory in computationally explicit terms, defining its properties precisely. Once the theory has been translated thusly, the modeler may then use the program to test the theory. By running the program, the modeler runs a simulation of the theory, obtaining specific outputs for specific inputs. This allows the modeler to determine the predictions of the theory (e.g., in lexical access, if a sign's basic components are activated in this sequence, what are the consequences for the sign's activation?). This can be especially important in complex systems where it may be otherwise difficult to determine how the system will function (e.g., how are signs activated in a system with many connections and feedback loops?).[85] (CASELLI; COHEN-GOLDBERG, 2014, p. 1-2).

Assim como Caselli & Cohen-Goldberg (2014), também ansiamos desenvolver um modelo que nos permita verificar se a busca pelo sinal, a partir da

[85] A modelagem computacional é uma ferramenta útil no desenvolvimento de teorias cognitivas. Em tal investigação, o modelador instancia uma teoria cognitiva particular no código de um programa de computador. Esse processo de codificação é benéfico em si, porque requer que o modelador defina a teoria em termos computacionais explícitos, definindo suas propriedades com precisão. Uma vez que a teoria tenha sido traduzida dessa forma, o modelador pode então usar o programa para testar a teoria. Ao executar o programa, o modelador executa uma simulação da teoria, obtendo saídas específicas para entradas específicas. Isso permite que o modelador determine as previsões da teoria (por exemplo, no acesso lexical, se os componentes básicos de um sinal são ativados nessa sequência, quais são as consequências para a ativação do sinal?). Isso pode ser especialmente importante em sistemas complexos, onde pode ser difícil determinar como o sistema funcionará (por exemplo, como os sinais são ativados em um sistema com muitas conexões e loops de feedback?). (CASELLI; COHEN-GOLDBERG, 2014, p. 1-2, tradução nossa).

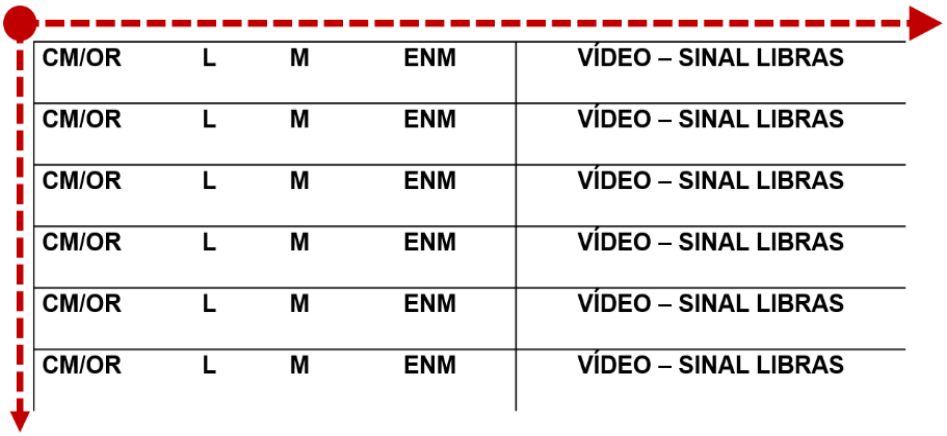
sua organização em um modelo simultâneo e sequencial, pode ativar o sinal desejado pelo usuário.

Toda essa etapa, inevitavelmente, envolve primeiramente a construção de um banco de dados para posterior implementação do dicionário. Compreendemos que esta etapa deve ser desenvolvida juntamente com surdos que tenham a Libras como meio de comunicação e expressão e que tenham bom conhecimento metalinguístico da Libras, além de experiência no trabalho com ela (por exemplo, professores). Cumprida essa etapa manual, que envolve a análise, a combinação entre as CMs, a organização, a definição dos elementos querológicos e a identificação dos sinais para cada combinação de mãos, o lexicógrafo do dicionário deverá ir para a próxima tarefa, que será a montagem das entradas.

No entanto, para dar conta de realizar tal montagem, o compilador/lexicógrafo precisará da ajuda de um programador da área de Tecnologia da Informação (TI) para o desenvolvimento de um programa que alimente a base de dados e que, a partir desses dados (correspondentes aos parâmetros composicionais), lhe permita fazer a montagem dos sinais, pois são esses dados que gerarão um demonstrativo do dicionário para o usuário.

Para tanto, o programa precisa ser uma ferramenta que: (i) em um primeiro momento permita a inserção e o armazenamento dos dados do corpus (todos os parâmetros); (ii) permita que o usuário lexicógrafo manuseie esses dados, de modo que possa realizar a seleção de cada parâmetro separadamente; e (iii) que gere saídas nas quais cada um dos parâmetros selecionados seja copiado gerando uma tabela, de modo que a sequência paramétrica que constitui o sinal seja organizada em duas colunas. A coluna 1 deve gerar uma linha de modo que fique registrada a sequência que foi produzida pelo lexicógrafo, e a coluna 2 deve permitir a inserção de um vídeo correspondente ao sinal gerado. Essa tabela deve ser aberta para que possa permitir a inserção de várias entradas. Tal organização seria próxima ao que apresentamos na Figura 77:

Figura 77: Proposta de tabela para geração de dados para as entradas dos itens lexicais



CM/OR	L	M	ENM	VÍDEO – SINAL LIBRAS
CM/OR	L	M	ENM	VÍDEO – SINAL LIBRAS
CM/OR	L	M	ENM	VÍDEO – SINAL LIBRAS
CM/OR	L	M	ENM	VÍDEO – SINAL LIBRAS
CM/OR	L	M	ENM	VÍDEO – SINAL LIBRAS
CM/OR	L	M	ENM	VÍDEO – SINAL LIBRAS

Fonte: Elaborada pela autora.

Apesar do compromisso desta tese ser o desenvolvimento de procedimentos que possam gerar um modelo de representação com vistas à organização de um dicionário monolíngue de Libras, é importante destacar que o Grupo de Estudos e Pesquisas PORLIBRAS[86], sob a coordenação do Prof. Dr. Jorge Bidarra, em parceria com a Profa. Dra. Valéria Menezes Bastos do curso de Ciências da Computação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), por meio do acadêmico Leonardo Gonçalves, vem trabalhando com a aplicação do modelo que estamos propondo. Tal aplicação envolve essa primeira etapa que é o desenvolvimento de um programa computacional com interface voltada ao lexicógrafo, que permite a inserção dos dados na direção dos primeiros passos para a montagem dos sinais que comporão as entradas dos itens lexicais.

Para além de ser uma interface que antecede ao dicionário e subsidia o compilador/lexicógrafo para a construção do dicionário, esse programa tende a hospedar um valioso banco de dados que poderá ser composto por um conjunto de vídeos em Libras relacionados, não apenas a uma lista de sinas, mas principalmente

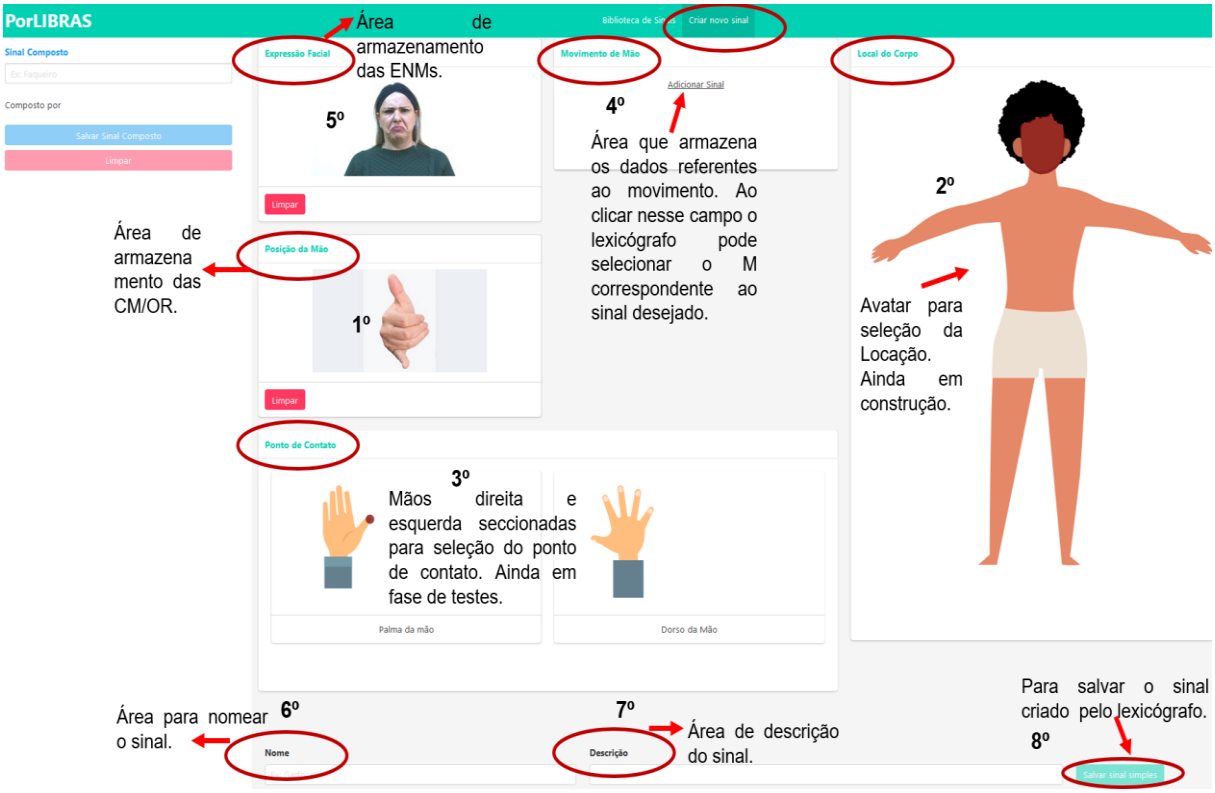
[86] **PORLIBRAS** é um Grupo de Estudos e Pesquisas voltado para a investigação da Língua Brasileira de Sinais (Libras) em Interface com Língua Portuguesa Brasileira. Dentre as principais atividades em execução no âmbito do Porlibras encontram-se: Construção de Corpora paralelos, Análises e Descrições Linguísticas de Fenômenos Observados na Língua, Especificação e Implementação de Ferramentas e Recursos Computacionais voltados para PLN, Realizações de Cursos de Curta duração, bem como Investigações relacionadas às Metodologias e Práticas Educacionais voltadas para o Ensino e a Aprendizagem da Libras por indivíduos Surdos e Ouvintes, e também do Português por Pessoas com Surdez. Composto por Linguistas, Cientistas da Computação, Alunos de Mestrado e Doutorado, o PORLIBRAS se caracteriza como grupo interdisciplinar, cujos estudos se concentram em aspectos fundamentais relacionados ao processamento da língua em suas diferentes manifestações. Disponível em: https://www5.unioeste.br/portalunioeste/prppg-grupos/grupo-de-pesquisa-porlibras/sobre-o-grupo.

a registros de significados, de definições e de informações gramaticais (morfológicas, semântica lexical, semântico morfossintática) que deverão partir de um olhar da própria Libras.

Ainda como um protótipo e em fase de implementação, a ferramenta atual vem sendo alimentada com os dados do corpus, portanto, já temos inseridos os parâmetros relativos a todas as CMs, cada uma com sua respectiva orientação, aproximadamente 396 imagens (ver apêndice I), as áreas de locação, os movimentos e as ENMs, contudo, os PCs seguem em fase de análise para serem inseridos. Desse modo, já temos uma ferramenta que nos permite realizar alguns testes iniciais, tais como: (i) criar um sinal selecionando a CM/OR, a área de locação, o movimento, diferentes expressões faciais, e também, ainda em fase de testes a seleção do PC; (ii) armazenamento do sinal em uma área de base ou *Back-end*[87], que denominamos de "biblioteca de sinais"; (iii) acesso a um campo que apresenta sequencialmente a decomposição do sinal gerado. Apresentamos na Figura 78 a interface que utilizamos para a alimentação dessa base de dados e que futuramente poderá auxiliar na configuração e no desenvolvimento do dicionário em questão:

[87] *Back-end* é o que poderá servir e manipular os dados. Ele é a parte que não é vista pelo usuário final, como por exemplo uma base de dados.

Figura 78: Tela do Back-end, protótipo do Programa auxiliar para o lexicógrafo na montagem dos dados para a construção das entradas dos itens lexicais em Libras



Fonte: Adaptado pela autora. Desenvolvida por Leonardo Gonçalves (2019/2020), Grupo Porlibras.

Nessa interface, como podemos observar, ao selecionar a área “criar novo sinal”, o lexicógrafo deverá seguir pelo menos oito passos para que o sinal seja finalizado e adicionado ao banco de dados “biblioteca de sinais”. Todavia, o lexicógrafo deve considerar a seguinte sequência:

1º – Selecionar a CM/OR corresponde ao item lexical desejado;

2º - Selecionar a Locação;

3º - Selecionar os respectivos PCs;

4º - Selecionar o movimento conforme a execução do sinal;

5º - Selecionar uma expressão facial conforme a exigência do sinal (alguns sinais podem não exigir uma expressão facial mais enfática);

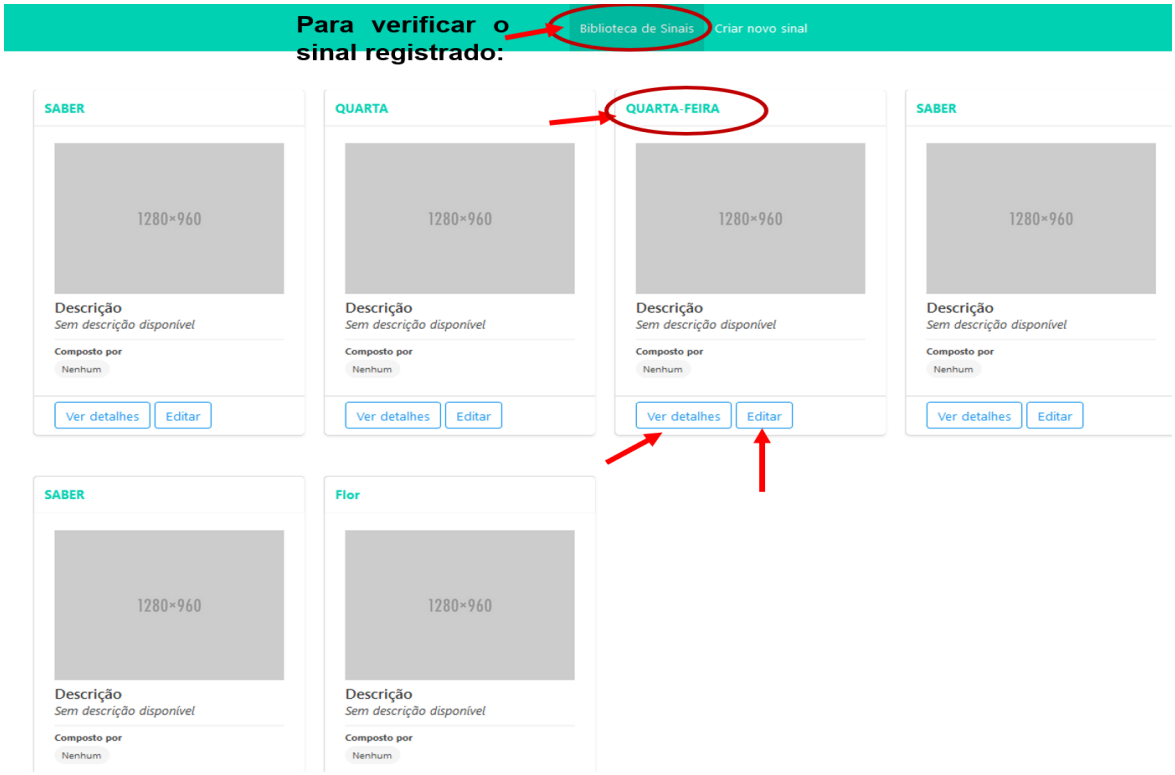
6º - Nomear o sinal. Essa é uma área obrigatória, o sinal somente será salvo após a sua nomeação;

7º - Descrever o sinal. Essa é uma área opcional na qual o lexicógrafo poderá anotar informações sobre o sinal correspondente;

8º - Salvar o sinal. O sinal somente será adicionado à “biblioteca de sinais” após ser salvo nessa área.

Concluída essa etapa, o lexicógrafo pode verificar se o sinal foi corretamente adicionado à “biblioteca de sinais”. Nessa área, é possível ver detalhadamente como o sinal foi inserido e, caso seja identificado algum erro, é possível o lexicógrafo fazer edições para corrigir eventuais equívocos. A seguir, apresentamos na Figura 79 um recorte da tela referente a essas possibilidades de armazenamento, de revisão e de edição do sinal gerado pelo lexicógrafo:

Figura 79: Tela correspondente aos registros de armazenamento, revisão e edição de um sinal

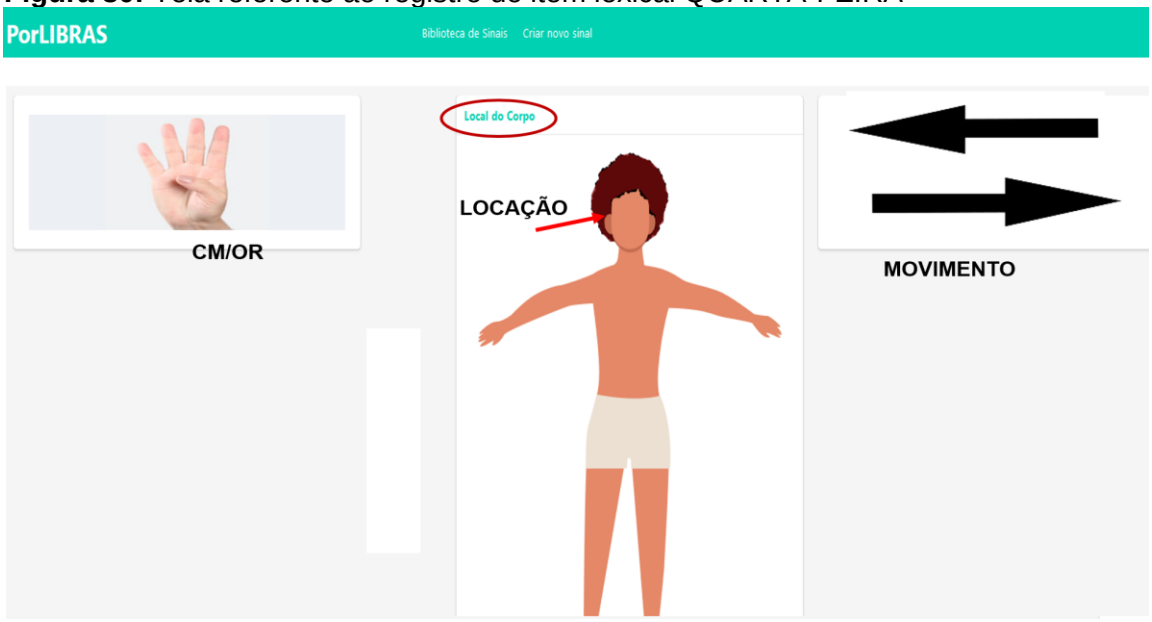


Fonte: Adaptado pela autora. Desenvolvida por Leonardo Gonçalves (2019/2020), Grupo Porlibras.

Realizadas as devidas verificações e correções, o lexicógrafo poderá conferir a sequência paramétrica do sinal. Para isso, novamente ele deverá acessar o campo “ver detalhes”, conforme mostra a Figura 79. Estando de acordo, o sinal é mantido na base de dados e assim todo o processo é reproduzido para a geração e

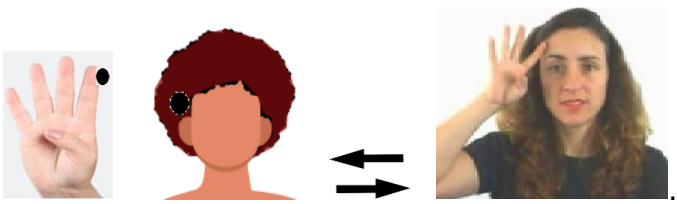
armazenamento de cada item lexical. Na Figura 80, visualiza-se a tela referente à geração do sinal QUARTA-FEIRA em Libras:

Figura 80: Tela referente ao registro do item lexical QUARTA-FEIRA



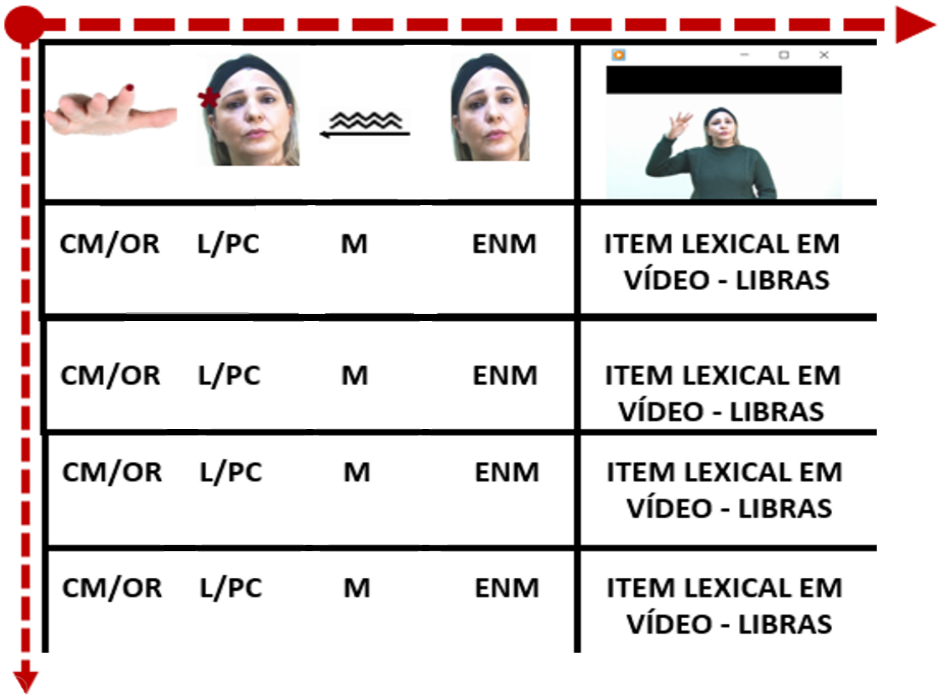
Fonte: Adaptado pela autora. Desenvolvida por Leonardo Gonçalves (2019/2020), Grupo Porlibras.

Notamos que o sinal inicia com a CM já com a orientação da palma para frente, isto é, na posição em que o sinal é realizado, seguido da orientação e do movimento. Nesse caso, devido à neutralidade presente nesse sinal de quarta-feira, optamos por não inserir a expressão facial (ENM), entretanto, esse parâmetro deve aparecer após o movimento. Porém, como também se pode perceber, apesar da necessidade, nesse protótipo não foi ainda inserida a opção de PC. Contudo, essa é uma sequência obrigatória que deve prevalecer para o registro de todos os demais sinais, ou seja, CM/OR + L/PC + M + ENM = Item lexical, como segue:



Após a inserção dos dados paramétricos para a formação dos sinais, conforme dito anteriormente, espera-se que cada entrada de um item lexical/sinal possa ser gerada conforme a representação da Figura 81:

Figura 81: Representação do resultado da montagem da entrada de um item lexical / sinal IMAGINAR

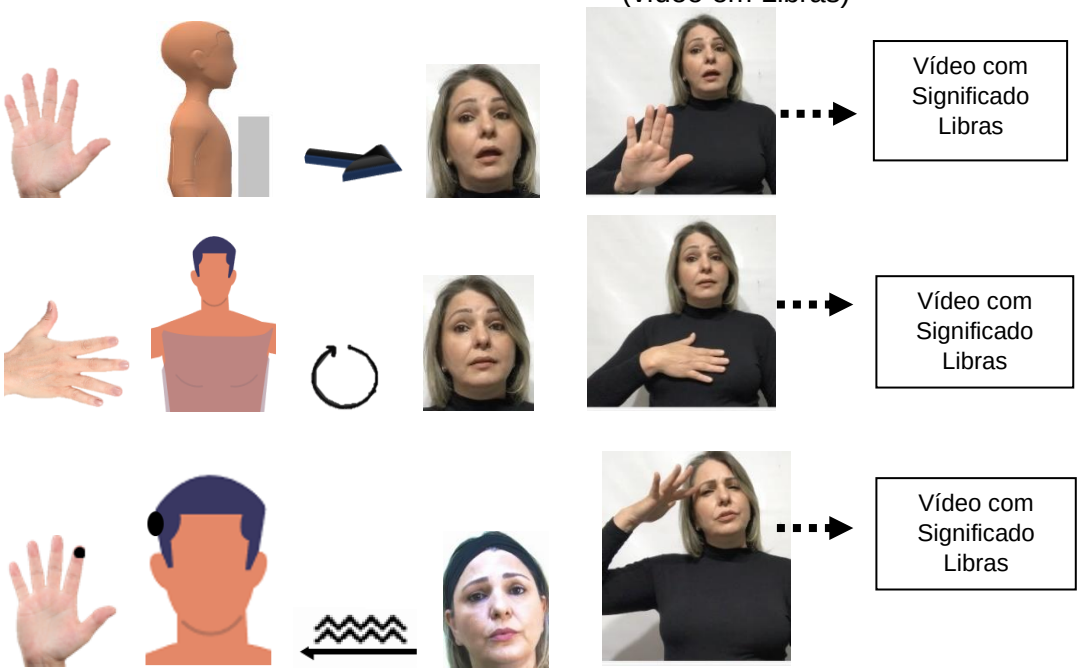


Fonte: Elaborada pela autora.

Como notamos na imagem, cada linha (horizontal) de entrada forma o item lexical com base em uma sequência paramétrica que termina com a apresentação do respectivo sinal em vídeo. Assim, a sequência paramétrica, na seguinte ordem, deverá conter: uma CM (que tenha sido selecionada na tela anterior), uma locação (de preferência contendo a parte do corpo exata do local onde o sinal é realizado), um movimento (esses movimentos são aqueles identificados por retilíneo, circular, dentre outros como já descritos anteriormente, de preferência apresentado em forma de *gifs*), uma ENM e um sinal correspondente aos parâmetros indicados. Integrado a essa tela também deverão constar janelas ou *links* para que o consulente acesse à definição do sinal e ao conteúdo semântico referentes ao verbete selecionado. A ideia é que cada conjunto de resultado de busca seja mostrado linha após linha, como se fosse uma linha vertical. Nas próximas figuras, são representados alguns exemplos considerando três possíveis situações: (i) na Figura 82, a entrada de sinais é realizada com apenas uma mão - sinais simples; (ii) na Figura 83, têm-se as entradas em que as duas mãos participam da sinalização – sinais simples; e (iii) na Figura 84, há a entrada com sinais compostos.

Figura 82: Exemplos de entrada com sinais realizados com apenas uma mão

CM/OR → L/PC → M (gif) → ENM = ITEM LEXICAL/SINAL → SIGNIFICADO
(vídeo em Libras)

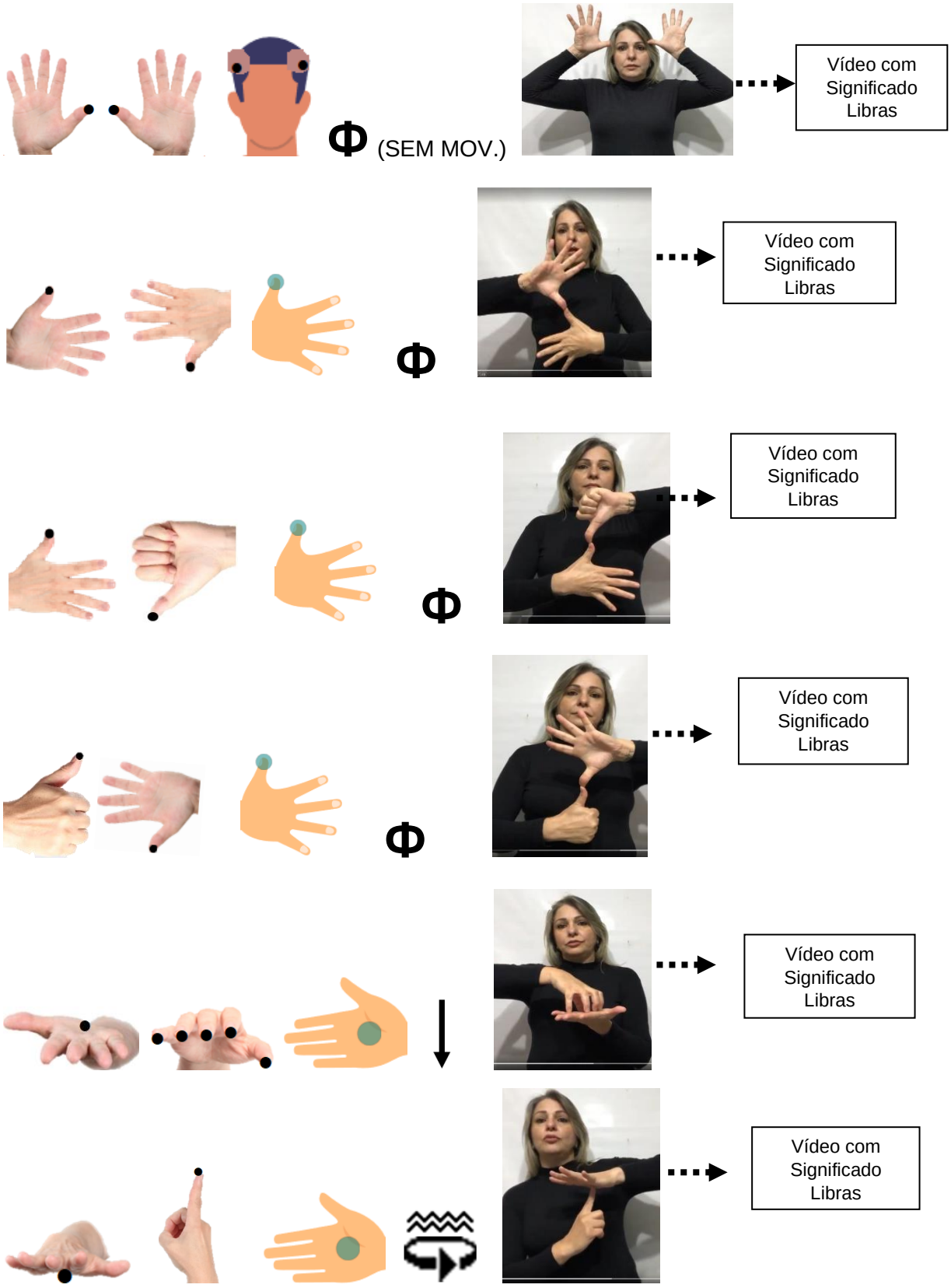


Fonte: Elaborada pela pesquisadora.

Nessa sequência de itens lexicais, na Figura 82 ilustram-se três entradas distintas que correspondem, respectivamente, aos sinais PARE, PRAZER e IMAGINAR/SONHAR, para as quais apenas uma das mãos configurada é requisitada, além do espaço de realização (na figura, representado por regiões marcadas do corpo ou da cabeça do *sinalizante*) e o tipo de movimento executado.

Figura 83: Exemplos de entradas com sinais em que ambas as mãos participam na realização do sinal

CM/OR → L/PC → M (gif) → ENM = ITEM LEXICAL/SINAL → SIGNIFICADO
(vídeo em Libras)

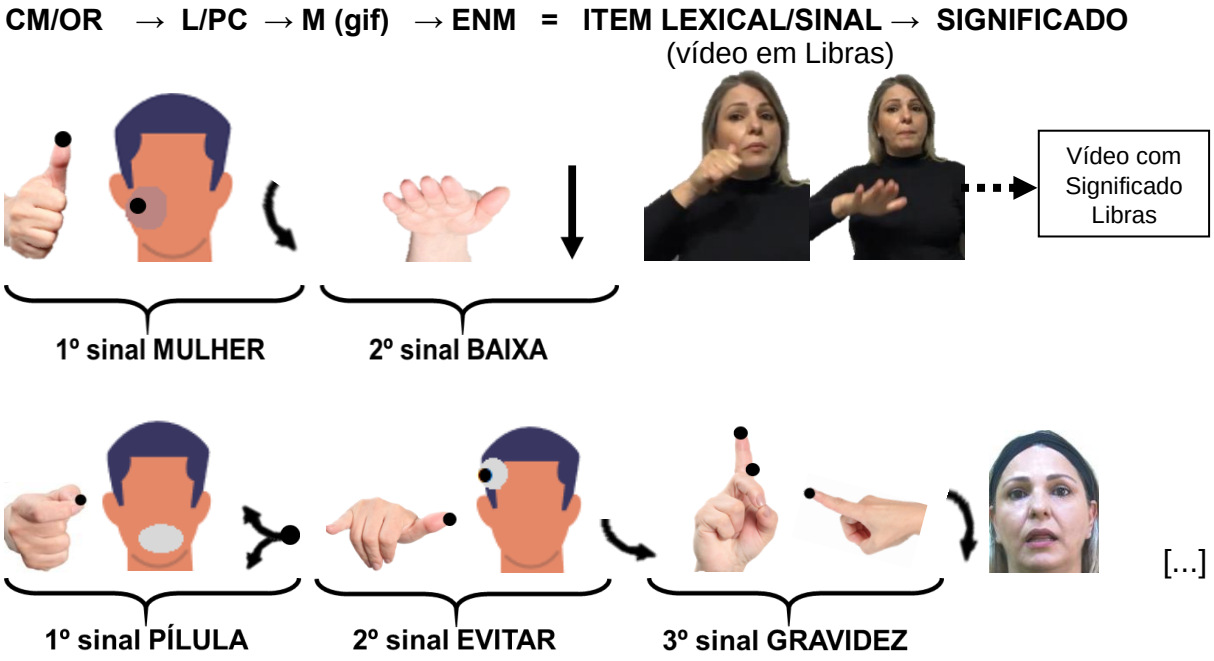


Fonte: Elaborada pela pesquisadora.

Já na Figura 83, os exemplos são referentes a um conjunto de sinais dos quais participam as duas mãos do sinalizante. Podemos verificar que, nesses sinais,

as mãos são configuradas com formas iguais e formas diferentes, obedecendo às restrições de boa formação[88], além das diferentes posições/orientações que cada uma pode assumir, lembrando que a mão passiva pode ser diferente em forma e posição em relação à mão ativa. E assim como no caso anterior, são combinadas com os espaços de realização e os movimentos, quando assim exigirem (note-se que, quando não existem movimentos associados, essa indicação é feita pelo símbolo Φ). Tanto o conjunto se sinais realizados com uma mão, quanto os realizados com duas mãos, nesses dois exemplos das figuras 82 e 83, são chamados de sinais simples. Em resumo, os sinais simples em Libras correspondem àqueles constituídos por elementos querológicos relativos aos queremas, incluindo de um a cinco parâmetros (CM, PA, M, OP, ENM)[89], como pode ser observado nos exemplos mencionados.

Figura 84: Exemplos de entradas com sinais compostos



Fonte: Elaborada pela pesquisadora.

Na Figura 84, há uma representação com exemplos para a formação de índices com sinais compostos e, do mesmo modo, obedecem às combinações com os parâmetros necessários para a sua realização. Esses dois últimos exemplos

[88] Conforme apresentamos no capítulo 3 desta tese.
[89] Carvalho (2019) aprofunda seus estudos sobre essa temática em sua tese de doutorado "Sinais Simples e Compostos na Libras: Conceitos, Critérios de Formação e Classificação". Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/37425/1/2019_AndreadosGuimar%c3%a3esdeCarvalho.pdf

ilustram duas entradas distintas, uma para MENINA, que em Libras é composto por dois sinais diferentes, a MULHER e BAIXA (indicando a estatura), respectivamente, e a outra entrada para ANTICONCEPCIONAL, formada por três sinais, também distintos, na seguinte sequência: PÍLULA, EVITAR e GRAVIDEZ.

Nas figuras 82 a 84, apresentamos exemplos de combinações possíveis a partir da aplicação desse processo de segmentação dos sinais com vistas à formação de índices para o acesso à entrada do dicionário proposto.

A organização dos dados dentro do campo correspondente ao *Back-end* "biblioteca de sinais" ou campo de alimentação da base de dados, ou ainda dessa que também podemos chamar de lista central, constituirá a maior parte do trabalho a ser feito. Uma vez decididas à composição e à organização das entradas que comporão o dicionário, o compilador/lexicógrafo (com sua equipe de trabalho) deverá registrar o(s) conteúdo(s) linguísticos de cada item lexical do dicionário, preparando, dessa forma, os dados para serem usados também no nível da microestrutura. Ao fazê-lo, ele/ela estará no processo de estabelecer tanto a macroestrutura quanto a microestrutura do dicionário.

Acreditamos que um dos aspectos essenciais para o desenvolvimento dessa interface é fornecer ao compilador/lexicógrafo autonomia para a inserção dos dados que comporão o dicionário monolíngue de Libras, com todas as nuances idiossincráticas presentes, especialmente na Libras, nos níveis: *Front End*[90], chaves de buscas, macro e microestruturas. É de suma importância que sejam realizadas adaptações às características dos usuários, proporcionando um conteúdo altamente visual das informações a serem inseridas no dicionário. Outro ponto vital é que seja desenvolvido um sistema flexível que admita inclusões conforme a necessidade e a funcionalidade dos conteúdos do dicionário. Destacamos, mais uma vez, que esta estapa está se referindo ao *Front End* e não ao modo como o usuário acessará a entrada.

5.2.1 Montagem das Chaves de Buscas: Nível *Front-end*

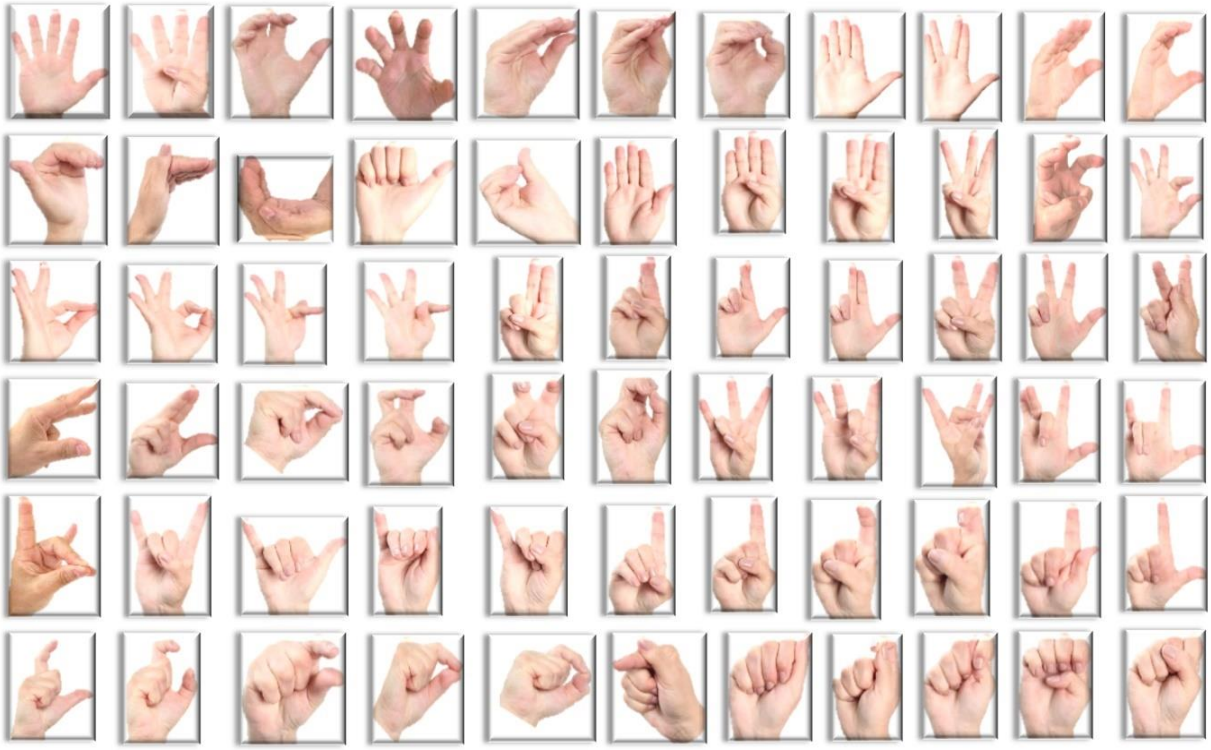
Com a base de dados definidas, com os registros já em andamento e o apoio do *Back-end*, o lexicógrafo irá interagir com o sistema por meio do *Front-end*. Para

[90] *Front-end* pode ser entendido como toda a parte da aplicação com a qual o usuário consegue interagir (desde uma interface de linha de comando a um programa como o Excel ou um site).

tanto, nesse processo inicial, a organização das chaves de buscas é uma importante etapa, e será a partir da sua estruturação que o arranjo das entradas lexicais será possível.

A partir das CMs e suas respectivas ORs, que nesta fase já estão inseridas na base de dados, o programador juntamente com o lexicógrafo deverão compor um primeiro campo com o conjunto das 66 CMs, destacadas no capítulo anterior. Nesse primeiro campo, deve haver mecanismos que permitam a inserção das seis distintas orientações da palma da mão para cada uma das CMs, nesse caso considerar as ORs para a mão direita e para a mão esquerda separadamente. Na Figura 85 apresentamos uma primeira ideia de como pode ser organizado esse primeiro campo.

Figura 85: Representação do Campo 1 - organização das CMs

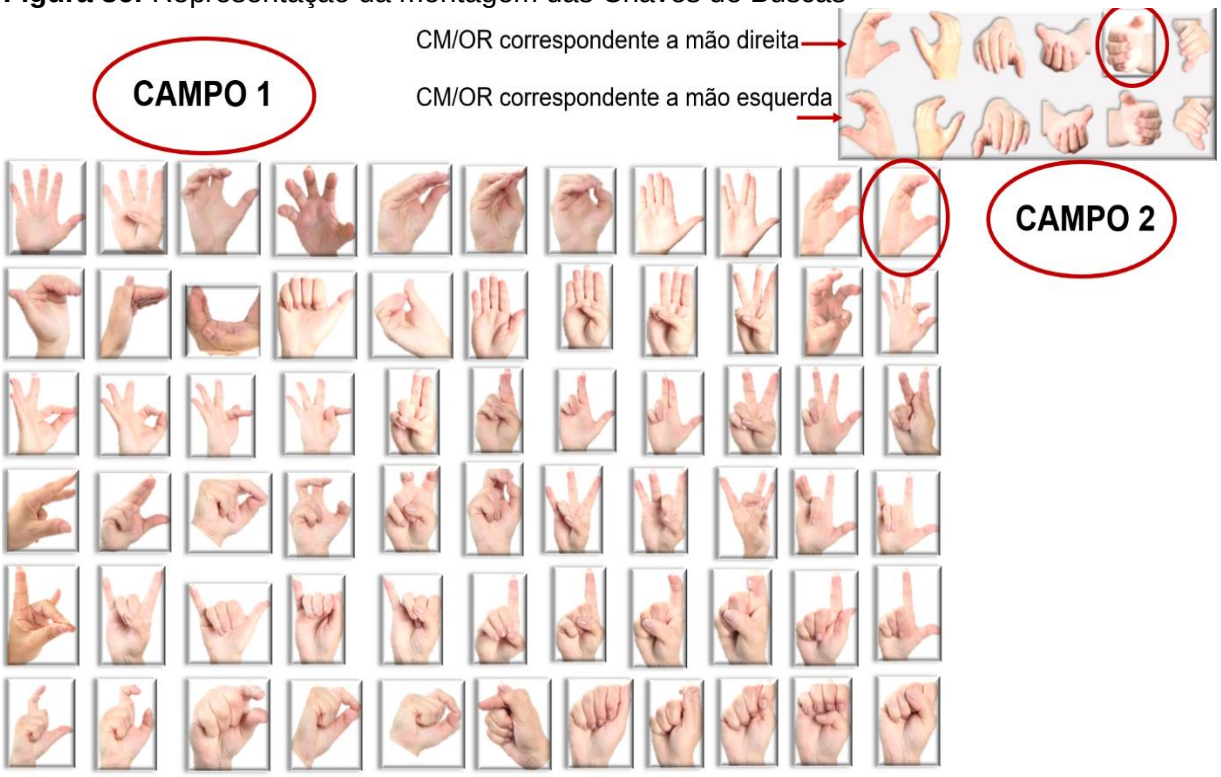


Fonte: Elaborada pela autora.

Feito isso, o próximo passo é criar mecanismos para afixar as seis possibilidades de orientação das mãos, direita e esquerda, a cada uma das CMs representadas na Figura 85. Assim, teremos o campo 2 formado pelo conjunto de ORs. A organização desses dados deverá possibilitar ao lexicógrafo que, ao selecionar uma CM, imediatamente, sejam dadas as possibilidades para selecionar

a CM/OR. Supondo que se queira acessar a CM/OR correspondente a , observe que essa forma de mão do modo como se apresenta não consta no campo 1, mas podemos encontrar a forma . Portanto, essa CM com suas respectivas orientações foram o conjunto: , relativo ao campo 2. Essa mesma regra se aplica a todas as 66 CMs. Assim, a ferramenta deve permitir ao usuário lexicógrafo, ao acessar o campo 1, obrigatoriamente, acesso a outras CMs correspondentes no campo 2. A Figura 86 ilustra a montagem da chave de busca:

Figura 86: Representação da montagem das Chaves de Buscas



Fonte: Elaborada pela autora.

Essa interação do lexicógrafo com o sistema para a organização das chaves de buscas permitirá a estruturação da próxima etapa, que diz respeito à organização das entradas lexicais.

5.2.2 Estruturação e critérios de registros da entrada lexical: orientações para o lexicógrafo

Nesse contexto, propomos que cada entrada obedeça a uma ordem querológica e fonotática[91] partindo da combinação de itens lexicais potenciais em Libras, isto é, itens lexicais possíveis entre as CMs/ORs e a locação. A combinação das CMs deve seguir a ordem estabelecida nas chaves de buscas.

Assim, nesta tese, consideramos a CM como sendo a primeira na ordem querológica da Libras, e a partir dela deve-se verificar se há itens lexicais potenciais quando: (i) o sinal for realizado por uma única CM; (ii) a CM for combinada com ela mesma; e (iii) a CM for combinada com cada uma das outras 66 CMs. Além disso, devem ser observados os seguintes critérios que desenvolvemos para a ordenação dos sinais a partir do seu local de realização, ou seja, do espaço neutro e ancorados ao corpo. Cada combinação organizada para a entrada, quando realizada com uma ou duas mãos, deverá seguir sempre a seguinte ordem:

1 – No Espaço Neutro: sinais realizados em um espaço delimitado frente ao corpo:

(a) Sinais realizados no espaço neutro na orientação vertical (de cima para baixo e vice-versa);

(b) Sinais realizados no espaço neutro na orientação horizontal;

2 – No Corpo: sinais realizados em diferentes regiões do corpo que servem como locação:

(a) quadril; (b) entre o quadril e o abdomem - barriga; (c) abdomem; (d) peito; (e) ombros; (f) antebraço (interno); (g) cotovelo; (h) braço (interno); (i)

[91] Kooij (2002) mostra as generalizações fonotáticas em três domínios: (i) a 'forma da mão', relativa aos sinais realizados com duas mãos; (ii) a locação; e (iii) a Condição Selecionada do Dedo, que envolve a observação de que, em um movimento interno da mão mono-morfêmico, o conjunto dos dedos selecionados não muda.

palma da mão; (j) entre e/ou nos dedos; (k) antebraço (externo); (l) braço (externo); (m) dorso da mão; (n) pescoço; (o) queixo; (p) boca; (q) nariz; (r) bochechas; (s) orelhas; (t) olhos; (u) sobrancelhas; (v) testa; (x) têmporas; (w) topo da cabeça; (y) parte detrás da cabeça; e (z) nuca;

3 - No espaço neutro acima da cabeça.

Tais critérios referentes à locação no corpo não se aplicam a sinais com CMs diferentes, tendo em vista as regras concernentes à boa formação dos sinais na condição de dominância (BATTISON, 1978), em que uma das mãos apresenta dominância sobre a outra. A mão passiva, além de outras funções linguísticas, exerce o papel de apoio ou de locação para a mão dominante (ativa). Com base nesses critérios, para ilustrar o exposto, organizamos uma breve combinação querêmica da primeira CM com ela mesmo e com as demais 66 CMs. Nessa pequena amostra, tais combinações geram um número significativo de entradas com sinais potenciais. Em termos fonotáticos, seguimos a ordem: 1 mão; 2 mãos iguais; 2 mãos diferentes, conforme segue:

(mão ativa) - DESVALORIZAR; MÃO; PARE; ADEUS; MORRO; BOIAR; MAIS-OU-MENOS; TALVEZ; MARAVILHOSO; DOR-NA-BARRIGA; ARQUEJAR; PRAZER; ENDIVIDADO; RUIM; BABA; PENSAMENTO; SONHAR; dentre outros.

(duas mãos ativas) - COMEMORAR; APLAUDIR; DECAIR; DESABAR; NEVE; CAMUFLAR; NEBLINA; ENCHENTE; ERGUER; ESTRELA-DO-MAR; DEVAGAR; ABSTER-SE; AFLITO; ARRUMAR; ACABAR; CADÊ; DESESPERAR; BAGUNÇA; CUIDADO; SEPARAR; ESTREMECER; ONDA; BOSQUE; LÍNGUA-DE-SINAIS; LIBRAS; MAS; ATRAPALHAR; PASSEATA; CENTRO-CIDADE; PAGODE; BARRIGUDO; MALANDRO; TÓRAX; SATISFAÇÃO; ALEGRIA; FERIADO; BRAILE; DESTRUIR; AMÉRICA; PARCELA; CONFUNDIR; CONFUSÃO; CAMINHÃO; ESFOLAR; ÁRVORE; ALCE; NUBLADO;

- Não encontramos sinais com tal combinação, portanto, quando isso ocorrer, não deverá aparecer na entrada.

mão ativa → mão passiva
Sempre nesta sequência.

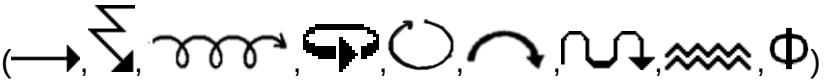
- HELICÓPTERO; FEIRA; FONOLOGIA; DOMINAR.

- MITO.

A combinação das CMs obedecerá à ordem horizontal das CMs ilustrada no Quadro 10, em que a primeira CM será combinada com ela mesma até que se esgotem as possibilidades dos sinais; na sequência, a primeira CM será combinada com a segunda ( ) e assim sucessivamente até a 66ª. O número de sinais para cada combinação corresponderá aos sinais potenciais correspondentes à combinação sequencial de todos os queremas. Após a conclusão desse primeiro conjunto de sinais, dá-se início ao próximo grupo na qual será combinada a segunda CM com as demais 66 CMs.

Com relação à locação (L), após a combinação da CM, a primeira locação relacionará os sinais que são realizados sempre obedecendo à seguinte sequência: no (1) espaço neutro: primeiro os realizados frente ao corpo, na sequência os que são realizados frente à cabeça, e por último os realizados acima da cabeça. Esgotadas as possibilidades de sinais no espaço neutro, a próxima locação será nas regiões que atuam como locação no corpo: iniciando no (2) quadril, depois no (3)

abdome, no (4) peito, no (5) tronco, nos (6) ombros, no (7) pescoço, na (8) nuca, no (9) queixo, na (10) boca, no (11) nariz, nos (12) olhos, nas (13) sobrancelhas, na (14) testa, no (15) fronte, no (16) cabelo, nas (17) bochechas, nas (18) orelhas, no (19) topo da cabeça, no (20) antebraço, no (21) cotovelo, no (22) braço, no (23) pulso, na (24) mão aberta, na (25) palma da mão, no (26) dorso da mão, nas (27) laterais da mão, nos (28) dedos e (29) entre os dedos. Com relação às regiões de locação, devem-se ser consideradas todas as possibilidades que apresentamos no capítulo 4, por exemplo, na região do quadril, devem-se esgotar todos os sinais realizados nos dois lados do quadril, depois somente os realizados no lado esquerdo do quadril, em seguida, os realizados apenas no lado esquerdo, e assim sucessivamente até que todas as possibilidades sejam utilizadas. Essa sequência será repetida em todas as combinações de cada CM/OR para cada entrada.

Os movimentos () correspondem ao terceiro querema que compõe um determinado item lexical. Pensamos que uma boa solução seria inserir o movimento adequado ao sinal em forma de *gifs,* apontando a direção que o movimento deverá ser realizado. Acreditamos que esse recurso poderá facilitar a percepção do usuário no tocante à sua pesquisa.

Quanto às ENMs, essas, assim como os demais elementos, serão selecionadas e inseridas pelo lexicógrafo, no repertório de busca, conforme a necessidade linguística do item lexical, pois, como vimos no sinal anterior FEIRA, não é necessária a presença de uma ENM específica. Já no sinal referente à palavra BRAVO, é imprescindível a inserção da expressão para compor o referido item lexical. Nesse caso, sua composição ficaria assim:

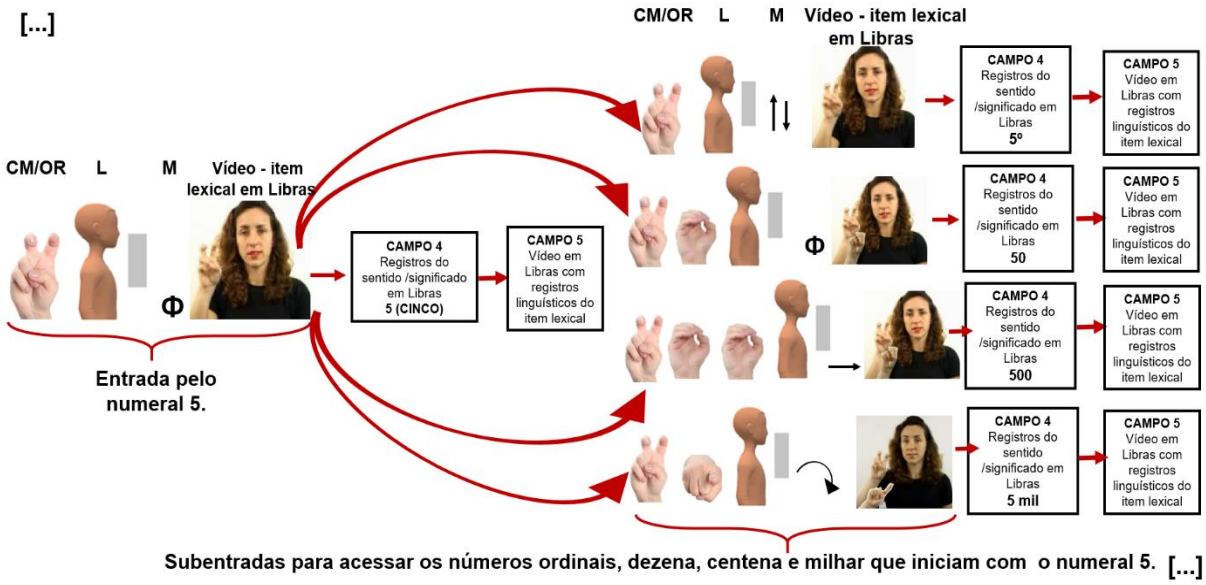
CM/OR L/PC M ENM vídeo correspondente ao item lexical

Todo o processo apresentado até o momento, desde a organização do *Front-end, Back-end*, do procedimento interativo do lexicógrafo com o sistema e, sobretudo, da proposta de estruturação lexicográfica dos itens lexicais da Libras, assinala que muitos registros podem ser contemplados nessa estrutura de dicionário que estamos propondo. Nessa estapa em que os itens lexicais serão organizados, com base na ordenação que descrevemos anteriormente, caberá ao lexicógrafo lançar mão de algumas decisões lexicais, dentre outras: (1) como os números da Libras serão registados? (2) os itens lexicais ambíguos serão registrados em apenas uma entrada, ou os registros ocorrerão separadamente? (3) Como os itens lexicais de ordem semântica serão indexados? Além dessas outras questões poderão surgir ao longo do processo de organização dos dados para que, posteriormente, serem aplicados na implementação do dicionário de Libras.

5.2.2.1 Organização das entradas dos números em Libras

Como podemos observar, a partir da base de dados que compõe as chaves de buscas, é possível a localização de qualquer item lexical da Libras. Com relação à questão 1, sobre como os números cardinais em Libras serão registados, e conforme apresentado no capítulo 4, cada número (1 a 9) em Libras corresponde a uma CM fixa no quadro de configurações, e a forma inicial da mão que um detertimado número assume também pode ser a forma inicial da mão de muitos outros sinais. Por exemplo, em Libras o número 5 tem esta forma inicial: “ ”, e com essa mesma CM/OR dá-se o início a outros itens lexicais correspondentes a diferentes categorias. Na Figura 87, segue uma representação sobre a organização de indexação de alguns itens lexicais da Libras que também devem constar na base de dados.

Figura 87: Representação de entradas referente ao sistema numérico em Libras

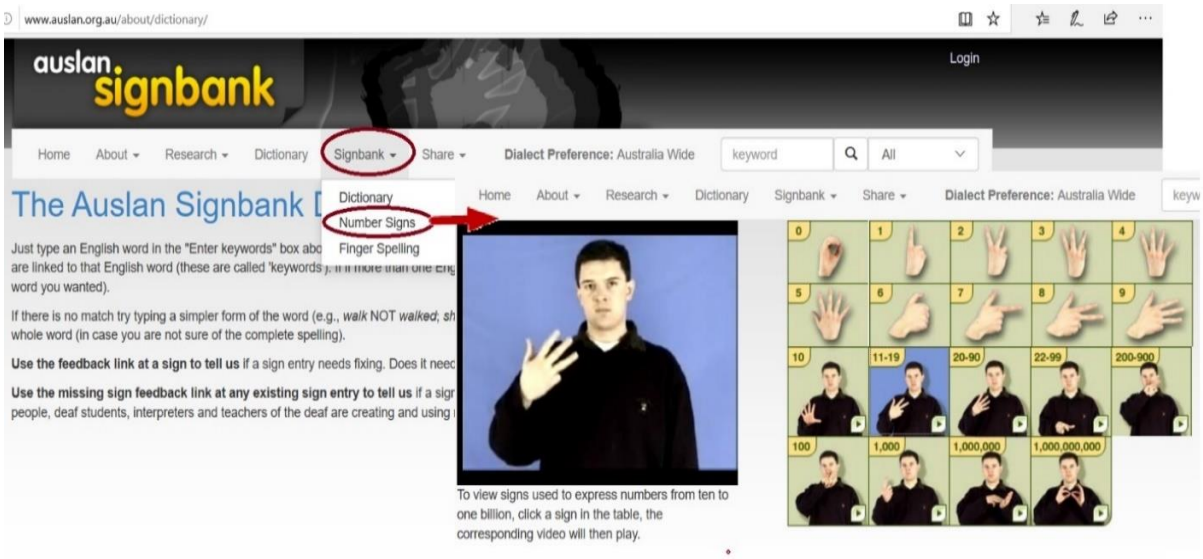


Fonte: Elaborada pela autora.

Conforme apresentado nessa figura, o sistema numérico da Libras deve ser organizado por entradas correspondentes aos numerais de 1 a 9 ( ). A exemplo da entrada referente ao numeral 5, que está estruturado em um conjunto de itens lexicais, cujo início do sinal é a mesma CM/OR, a indexação dos números será em uma única entrada que deverá possibilitar *links* de acesso com subentradas de itens lexicais do sistema numérico. Portanto, cada subentrada deve registrar: (i) o sinal correspondente ao número ordinal; (ii) o sinal do numeral em situação de dezenas; (iii) o sinal do numeral em situação de centena; (iv) o sinal do numeral em situação de milhar. No tocante aos itens lexicais que também remetem à categoria numérica, tais como NÚMERO, ZERO, MILHÕES, BILHÕES, entre outras formas linguísticas da Libras, por exemplo, UM-DIA (...), UMA-SEMANA (...), UMA-HORA (...), UM-MÊS (...), deverão ser registrados em entradas separadas, conforme os critérios de registros que propomos anteriormente para as entradas. Todavia, como regra geral para a indexação dos números da Libras, no trabalho de registro dos dados cujo plano estamos traçando , o mesmo procedimento deve ser replicado a todas as entradas para os numerais de 1 a 9, seguido da determinação das entradas e subentradas.

Alguns bancos de dados - como o BSL SignBank[92] e o Auslan SignBank[93] - organizam e apresentam os números de suas línguas de sinais em campo de acesso separado ao do campo do dicionário. Talvez isso ocorra porque tanto a busca, quanto as entradas no dicionário são feitas por uma palavra-chave em inglês, pela ordem alfabética de A – Z, ou pelas palavras-chaves digitadas em inglês correspondentes ao sinal desejado. Além disso, muitas, senão todas as línguas de sinais, não têm um dicionário (monolíngue) que represente o léxico principal desse idioma. Para exemplificar, segue a captura de tela referente aos números no *Auslan SignBank*:

Figura 88: Tela de representação da busca e entrada dos números da Auslan



Fonte: Adaptada e elabora pela autora.

Nesse sentido, ao considerarmos as CMs responsáveis pelo sistema numérico da Libras, como elementos fixos no conjunto das 66 CMs, ampliamos as possibilidades de inserção do sistema numérico na macroestruta e microestrutura do dicionário, desde às chaves de buscas.

5.2.2.2 Organização das entradas de itens lexicais ambíguos da Libras

[92] Banco de Dados da Língua de Sinais Britânica – BSL. Acesso disponível em: https://bslsignbank.ucl.ac.uk/

[93] Banco de Dados da Língua de Sinais Australiana – AUSLAN. Acesso disponível em: http://www.auslan.org.au/

Um dos principais critérios ao criar uma representação do léxico, de qualquer idioma, dentro de um dicionário ou banco de dados lexical, é que se devem decidir quais categorias com comportamentos linguísticos específicos formam um léxico. Por isso, conforme apresentamos até o momento, foi importante delinearmos alguns princípios que são aplicados à lexicografia das línguas de sinais, e em particular da Libras. Os elementos descritos nessa ocasião devem ser considerados, principalmente, nos registros que alimentam a base de dados lexical que, porteriormente, servirão para a implementação do dicionário monolíngue de Libras. A ambiguidade lexical da Libras é um desses elementos.

Se, por um lado, a ambiguidade lexical das línguas muitas vezes é medida pelo número de sentidos ou definições dicionarísticas que uma palavra tem, por outro, ainda há falta de consenso entre os linguistas sobre o assunto, o que pode gerar alguns problemas para o lexicógrafo, que precisa tomar decisões lexicais. Portanto, as questões referentes à ambiguidade lexical também constituem um obstáculo enfrentado pelos lexicógrafos de modo geral.

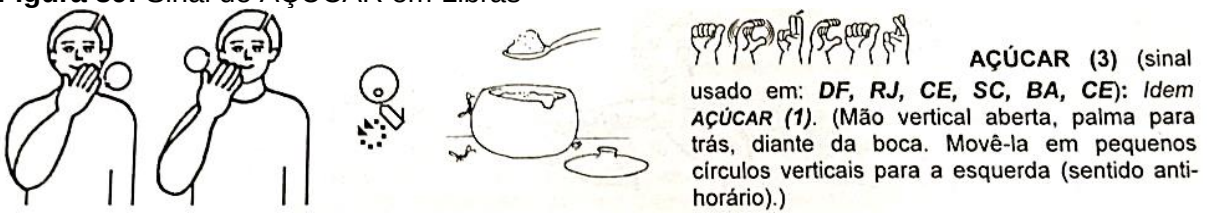
Conforme mencionamos no capítulo 3, em nossa pesquisa de mestrado, identificamos e descrevemos o fenômeno da ambiguidade lexical na Libras (MARTINS, 2013), registrando-se um conjunto bastante significativo de itens lexicais ambíguos por homonímia[94], polissemia[95] e por conhecimento de mundo e determinantes evocativos. Todavia, é muito comum ocorrer a necessidade de indexação de itens lexicais/sinais ambíguos. Portanto, o compilador/lexicógrafo de um dicionário para usuários de uma língua de sinais deve pensar nos registros de itens lexicais e de sentidos da forma mais explícita e ampla possível, até mesmo aquelas que podem ser consideradas raras e incomuns, pois as pessoas podem querer procurá-las. Nesse sentido, os itens lexicais ambíguos, nesta etapa que envolve a organização dos dados, devem apresentar suas definições possíveis registrados por meio de vídeos em Libras. É importante que as definições sejam organizadas obedecendo, especificamente, à estrutura gramatical e aos conceitos da Libras, ou seja, que não se apoie em uma mera tradução de conceitos descritos em LP, assim como acontece com a maioria dos dicionários bilíngues. Além disso,

[94] Homonímia - situação em que os significados de uma mesma palavra não mantêm entre si qualquer tipo de relacionamento semântico.
[95] Polissemia - quando os significados/sentidos admitidos pela palavra/signo encontram pontos de contato semânticos. (MARTINS; BIDARRA, 2012; MARTINS, 2013).

deve-se considerar que em Libras há sinais e conceitos que apresentam uma estrutura muito particular.

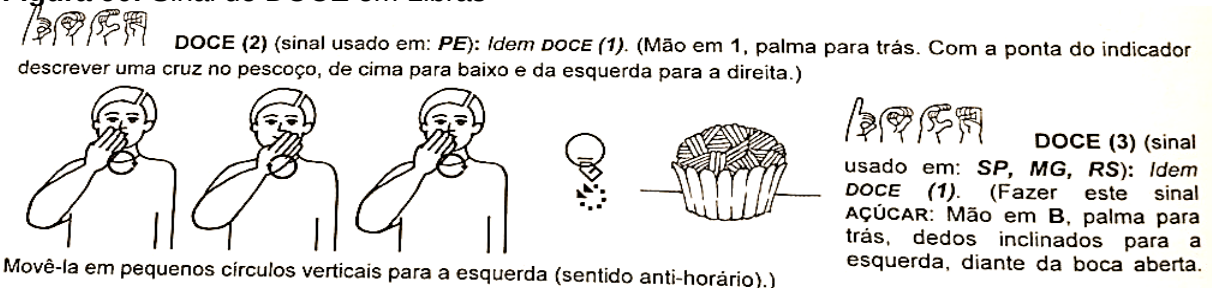
Ao analisarmos a indexação desse tipo de fenômeno, a maioria dos dicionários de línguas de sinais indexa os sinais ambíguos em entradas distintas. Um dos motivos para que isso ocorra pode ser o fato desses dicionários priorizarem as buscas pela ordem alfabética das línguas orais. Por exemplo, em Libras, temos dois casos de dicionários bilíngues, um impresso (CAPOVILLA et al., 2017) e outro eletrônico (FELIPE; GP INES, 2005). Para ilustrar, realizamos nesses dicionários a busca dos sinais AÇÚCAR, DOCE e SOBREMESA, classificados como polissêmicos pelo fato do mesmo sinal admitir pelo menos três sentidos/significados distintos (MARTINS, 2013). Nas figuras 89 a 91, há uma sequência representativa desses sinais conforme a indexação no Dicionário da Língua de Sinais do Brasil (CAPOVILLA et al., 2017):

Figura 89: Sinal de AÇÚCAR em Libras



Fonte: Capovilla et al. (2017, p. 96, vol. 1).

Figura 90: Sinal de DOCE em Libras



Fonte: Fonte: Capovilla et al. (2017, p. 992, vol. 1).

Figura 91: Sinal de SOBREMESA em Libras

Fonte: Capovilla et al. (2017, p. 2.606, vol. 3).

Nessas imagens, podemos observar o fenômeno de ambiguidade por polissemia em várias situações, tais como: (a) a mesma descrição para a realização do sinal; (b) as referências de um retomando o outro - DOCE retoma AÇÚCAR, e SOBREMESA retoma AÇÚCAR e DOCE; (c) os registros mostram que esses sinais são idênticos em termos querológicos, exceto em DOCE, que o autor acrescentou uma prolongação no movimento, porém, a descrição e a realização do sinal são as mesmas que as demais. Com relação à indexação, cada um dos sinais conta com uma entrada diferente: o primeiro, na página 96 do vol. 1, obedecendo à ordem alfabética da letra A; o segundo, na página 992 também do vol. 1, na ordem da letra D; e o terceiro, na página 2.606 do vol. 3. Desse modo, esse fenômeno linguístico da Libras pode passar totalmente despercebido pelo usuário.

No dicionário eletrônico de Libras, os sinais para representar esses três itens lexicais também são os mesmos, e o usuário tem a opção de busca pela ordem alfabética ou pela configuração de mão. Pela ordem alfabética, o usuário poderá acessar cada um dos sinais clicando na letra correspondente (A, D, e S) e, buscando em uma lista de palavras em LP, o item lexical desejado, conforme representado na Figura 92:

Figura 92: Itens lexicais AÇÚCAR, DOCE e SOBREMESA no dicionário eletrônico de Libras

(continua...)

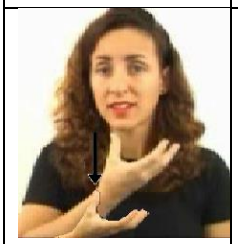
Fonte: Felipe e GP INES (2005).

Do mesmo modo, na opção de busca pela CM , o usuário também terá de localizar cada um dos três sinais em uma lista de palavras em ordem alfabética da LP. Portanto, nenhum dos dois dicionários parece se preocupar com a questão que envolve a ambiguidade lexical.

Nesse sentido, nossa proposta, se não totalmente, mas pelo menos em parte, parece ter uma solução para essa questão que tem sido um grande impasse, tanto para os lexicógrafos de línguas orais quanto os de línguas de sinais. Supondo que o registro agora seja referente a este sinal , lembrando que esse item lexical em Libras pode ser tanto DOCE, quanto SOBREMESA ou AÇÚCAR. Diante desse sinal e do que apresentamos até agora sobre os itens lexicais ambíguos na Libras e sua forma de abordagem nos dois dicionários supracitados, surgiram-nos

duas questões em que a decisão lexical já entraria em ação: (i) Qual seria a estratégia mais adequada para registrarmos os itens lexicais ambíguos? (ii) Deveríamos registrar cada item em entradas separadas, ou um único registro para cada item ambíguo? A partir de alguns testes e análises, concluímos que a melhor forma de registros seria uma única entrada, e a partir dela ampliar as possibilidades de acesso às demais definições. Contudo, em nossa proposta de dicionário (monolíngue) de Libras, os itens lexicais com esse comportamento, nessa etapa de registros e organização dos dados, o procedimento deverá ser semelhante aos registros dos números cardinais (seção anterior). Desse modo, entendemos que, além das diferentes possibilidades das definições estarem em uma mesma entrada, de certo modo, essa é uma solução que pode "economizar" não apenas na organização do número de entradas lexicais, mas também no modo de busca. Por exemplo, no Quadro 14,apresentamos um conjunto composto por dez itens lexicais ambíguos em Libras, cada item lexical pode assumir de duas a quatro definições. Desse modo, nesse caso, esses 10 sinais podem gerar aproximadamente 25 entradas, em que um mesmo item lexical poderia ser repetido de duas a quatros vezes em uma mesma sequência.

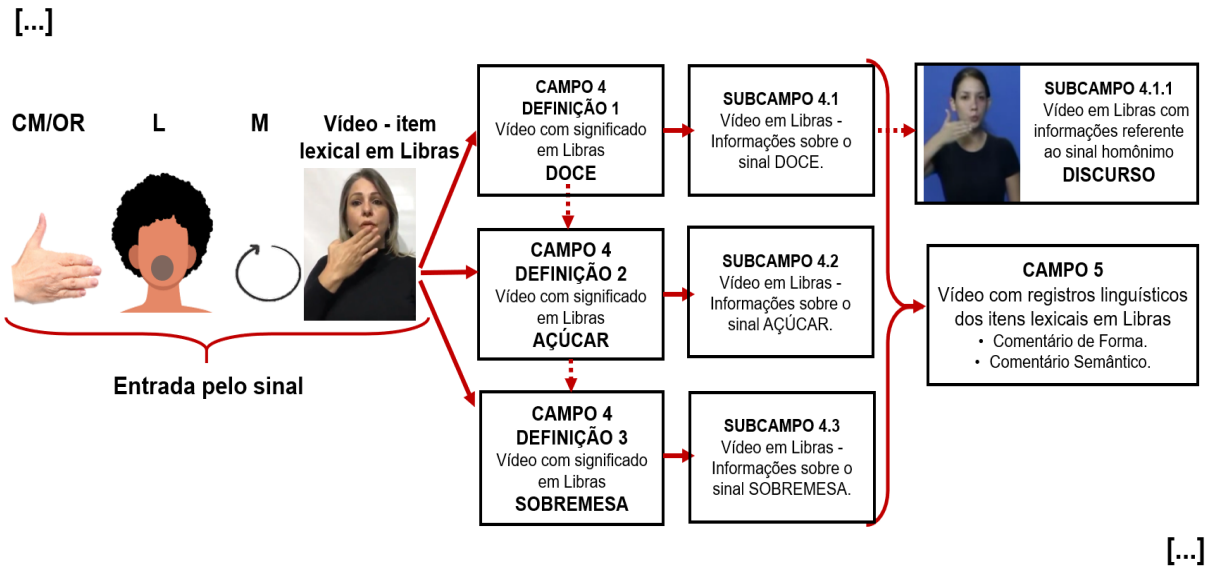
Quadro 14: Itens lexicais AÇÚCAR, DOCE e SOBREMESA no dicionário eletrônico de Libras

CINEMA FILME	SEXTA-FEIRA PEIXE	AÇUCAR DOCE SOBREMESA	BORRACHA TÊNIS	SÁBADO LARANJA
 DEZEMBRO PAPAI NOEL NATAL	SÃO PAULO SÃO PAULO (time) PAULISTA	UNIVERSIDADE USADO	BRASIL BRASILEIRO NACIONAL	JEITO BAHIA (Estado) BAHIA (Time) SENTIMENTO SALVADOR (Capital)

Fonte: Imagens extraídas de Felipe e GP INES (2005).

No entanto, em nossa proposta, os registros são organizados a partir do item lexical ambígo que compõe uma entrada, seguido da sequência paramêtrica sempre na ordem CM/OR, Locação, Movimento, ENM (quando for o caso) e um Vídeo com o item lexical. Atrelada a essa entrada, abre-se um novo campo para registro das possíveis definições, ou quantas definições forem necessárias para cada item. Para ilustrar, tomamos como base o item lexical “ ”, que pode admitir até três sentidos / definições diferentes. Para tanto, organizamos o seguinte registro conforme a Figura 93:

Figura 93: Registro de itens lexicais ambíguos para a entrada correspondente a DOCE, AÇÚCAR e SOBREMESA



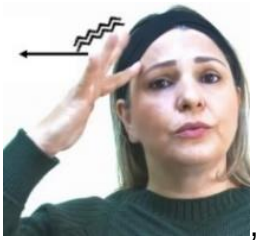
Fonte: Elaborada pela autora.

Vale notar que, com base nessa estrutura de entrada, é possível realizarmos os registros de todos os itens lexicais ambíguos da Libras, independente da sua tipologia. Portanto, será com base nessa organização que os dados serão armazenados pelo lexicógrafo. Ademais, compreendemos que esse formato pode ser uma possível solução lexicográfica para a indexação dos itens lexicais ambíguos nas línguas de sinais.

Em face dessas considerações, que apresentamos sobre a organização, a estruturação da base de dados e as orientações para o lexicógrafo de um dicionário monolíngue de Libras, passamos, na sequência, para uma etapa posterior que envolve a estrutura da entrada lexical e o que chega ao usuário final. Nesta etapa, para que o usuário final tenha êxito em suas buscas, o lexicógrafo também deve compreender o procedimento que envolve a leitura dos sinais acessados. Na próxima seção, apresentamos as orientações gerais para o usuário final.

5.3 ESTRUTURA DA ENTRADA LEXICAL: O QUE CHEGA AO USUÁRIO DO DICIONÁRIO MONOLÍNGUE DE LIBRAS / ORIENTAÇÕES GERAIS PARA A LEITURA DOS ITENS LEXICAIS

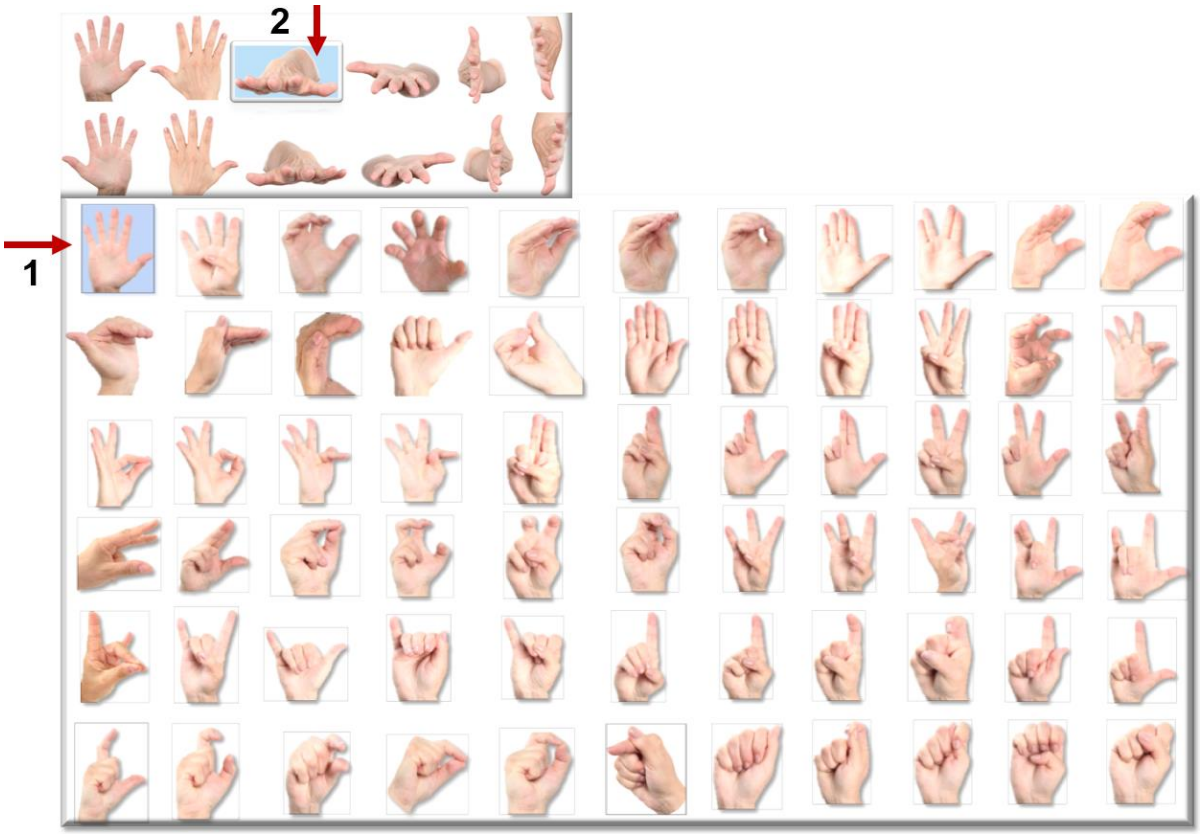
As informações que apresentamos no decorrer desta seção dizem respeito à composição de cada estrutura e ao modo como o usuário acessará as entradas. Por isso, vale ressaltar que na seção 5.2 apresentamos orientações para o lexicógrafo/compilador; a parir da seção 5.3, as informações são voltadas para aquilo que chegará ao usuário final, e como esse usuário acessará esses dados de forma mais clara possível.

Como vimos nos campos 1 e 2, correspondentes às chaves de buscas, ao selecionar a CM e a OR, automaticamente o usuário deverá ser direcionado para o campo 3, em que uma segunda tela deverá mostrar as entradas contendo itens lexicais em Libras que iniciam com a CM e OR selecionadas**.** Supondo que o dicionário já esteja implementado e o usuário queira saber, em Libras, o significado deste sinal  , que é formado pelos parâmetros: CM e OR respectivamente a , Locação e ponto de contato (PC) na têmpora , Movimento e ENM . O que ele precisará fazer

para ter êxito no resultado? Para chegar à resposta, vamos seguir os seguintes passos:

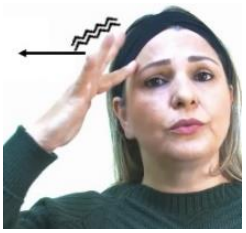
Passo 1: Acessar o quadro referente às chaves de buscas e selecionar a CM e a OR respectivas à forma da mão ativa que realizará o sinal, conforme representado na Figura 94:

Figura 94: Acesso às chaves de buscas: CM e OR, respectivamente



Fonte: Elaborada pela autora.

Passo 2: Ao chegar à tela das entradas, o usuário se deparará com uma sequência linear de imagens correspondentes à decomposição do sinal a partir de seus parâmetros CM/OR → L/PC → M → ENM = Item lexical formado em Libras. Para chegar ao item lexical desejado, ele precisará realizar (da esquerda para a direita) a leitura das partes que compõem o sinal, ou seja, observar e, se for o caso, reproduzir cada um dos parâmetros. Portanto, para localizar o sinal

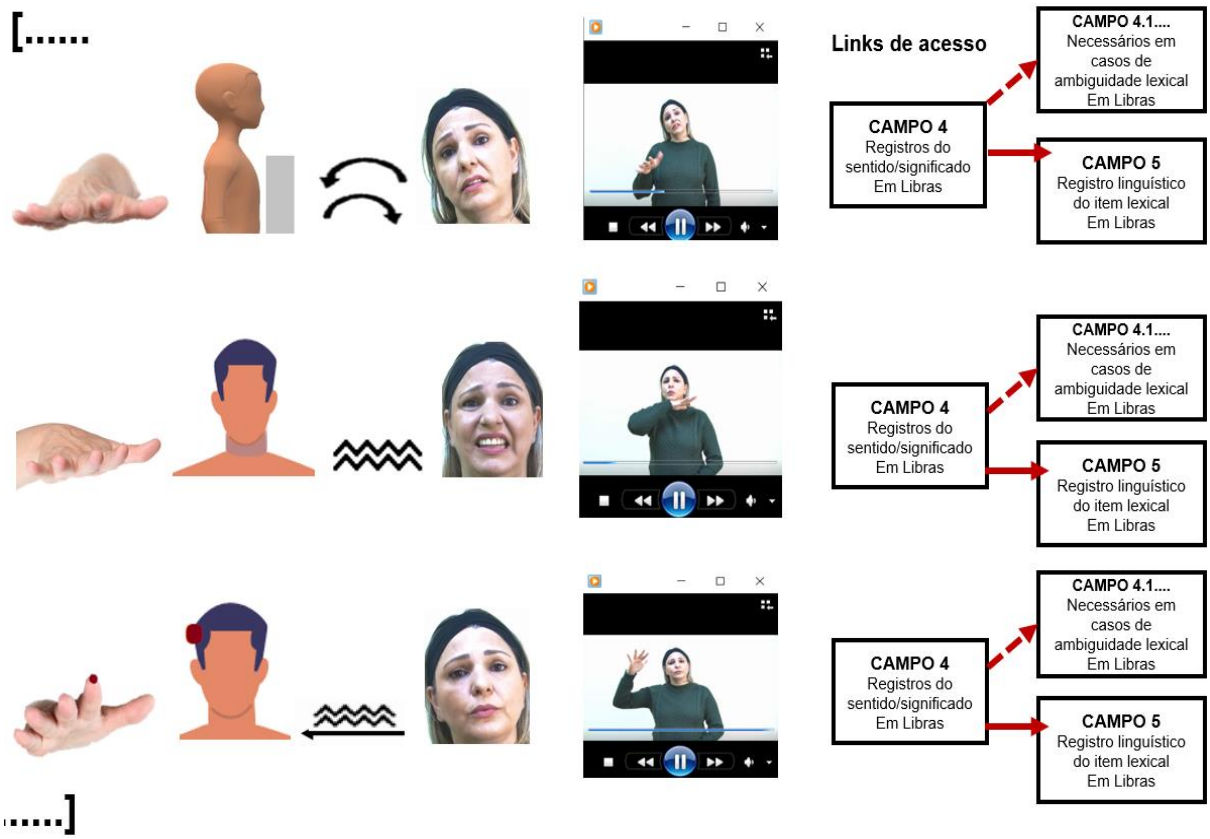


, o usuário precisará realizar a leitura paramétrica linear até chegar ao item lexical pretendido. Por exemplo, vamos supor que pretendemos encontrar a palavra IMAGINAR em algum dicionário da LP; para isso, precisamos folhear ou abrir a obra na letra “I” e imediatamente (às vezes com o apoio do indicador) vamos passando pelas palavras ou folheamos para encontrar a página corespondente à “IMA...”, até chegarmos ao item lexical IMAGINAR e as suas respectivas informações. Do mesmo modo, mas ao invés da leitura da palavra escrita, propomos nesta tese a leitura dos queremas que são inerentes à composição dos itens lexicais da Libras.

Por outro lado, pode ser que nos deparemos com questionamentos do tipo: “Se a Libras já tem uma escrita própria, por que não utilizá-la para essa finalidade?”. Pois bem, o sistema de escrita de sinais de fato é um grande avanço, não apenas para os registros linguísticos das línguas de sinais, mas também para toda a comunidade surda e área acadêmica. No entanto, por ainda ser algo relativamente novo no Brasil, a comunidade surda não aderiu totalmente ao uso desse sistema de escrita (STUMPF, 2016). Apesar de neste momento não trazermos os registros dos sinais escritos, no modelo de dicionário proposto nesta tese, é absolutamente possível a inserção do sinal escrito como forma de legenda nos vídeos correspondentes aos itens lexicais.

Portanto, sob essa orientação, o usuário poderá chegar de forma mais efetiva e positiva à sua pesquisa. A seguir, a Figura 95 representa o campo 3, correspondente à estrutura de entrada com uma sequência de entradas dos sinais MAIS OU MENOS (na primeira linha), RUIM (na segunda linha) e IMAGINAR (na terceira linha), e assim sucessivamente até que sejam esgotadas as possibilidades de sinais iniciados com a CM e OR ( ).

Figura 95: Estrutura de entrada para chegar ao item lexical pretendido



Fonte: Elaborada pela autora.

Para desenvolver a macroestrura da forma como está aqui descrita, uma das dificuldades encontradas para a definição da ordenação do item lexical, nos moldes do dicionário proposto, foi a capacidade polissintética que as línguas de sinais apresentam. Essa característica refere-se à combinação simultânea de elementos significativos nas dimensões manual (mãos), não manual (face e corpo) e espacial para produzir significados, ou seja, todos os queremas ocorrem sequencial e simultaneamente na constituição de um sinal. Dessa forma, acreditamos que, ao desmembrarmos esses sinais de modo sequencial e horizontalmente, conforme os exemplos ilustrados, o usuário poderá fazer a leitura da parte para o todo chegando à formação do sinal correspondente.

Esperamos, com isso, que o usuário encontre o sinal desejado e seu respectivo significado, isso a partir de uma leitura linear e simultânea dos queremas que compõem o item lexical/sinal. Contudo, é a combinação final de todos ou apenas alguns parâmetros (nem sempre o sinal requer a presença de todos os cinco parâmetros para serem realizados, como já mostrado, em muitos casos, apenas

alguns deles são realmente necessários) que deve direcionar o usuário ao verbete esperado.

Nessa seção, apresentamos alguns elementos básicos e essenciais para a organização e para o desenvolvimento da macroestrutura voltada para a criação de um dicionário monolíngue de Libras. O princípio organizador que desenvolvemos para as chaves de buscas, para as entradas dos itens lexicais, principalmente a sua forma ‘gráfica’, bem como as orientações tanto para o compilador/lexicógrafo quanto para o usuário, se mostra bastante diferente do restante das obras lexicográficas envolvendo diferentes línguas de sinais. Temos a ciência de que não esgotamos todas as possibilidades para a definição dos critérios para a composição e para o arranjo das entradas dos itens lexicais, além dessa não ser a nossa intenção. Contudo, a disposição dos itens lexicais, considerando suas particularidades linguísticas da Libras, por ser uma proposta diferenciada, pode vir a apresentar falhas no que diz respeito à seleção macroestrutural. Apesar disso, as análises e as orientações foram realizadas originalmente com a intenção de investigar e apresentar aquilo que consideramos as principais características macroestruturais para esse tipo de dicionário em questão, na esperança de fornecer um conjunto de diretrizes para futuros lexicógrafos da Libras ou até mesmo de outras línguas de sinais. Assim, do mesmo modo, a próxima seção, com ênfase na microestrutura, apresenta algumas reflexões e propostas para a sua composição e operacionalização.

5.4 PROPOSTA COMPOSICIONAL PARA A OPERACIONALIZAÇÃO DA MICROESTRUTURA

Uma das questões comum a todos os dicionários na microestrutura é como organizar as informações para que o usuário as encontre. Atender às necessidades dos usuários também deve ser uma questão a ser resolvida no nível da microestrutura. Ela normalmente fornece informações sobre: (i) a forma; (ii) o significado e (ii) o uso do item lexical. A partir das pesquisas realizadas em dicionários de LP (bilíngues e monolíngues) e em dicionários de Libras (multilíngues, não foram encontrados monolíngues), compomos um quadro correspondente a essas três informações:

Quadro 15: Informações sobre a composição da forma, do significado e do uso do item lexical em dicionários semibilíngues de Libras

1- FORMA	2- SIGNIFICADO	3- USO DO ITEM LEXICAL
➢ Sinal/item lexical da Libras apresentado em vídeo (por sinalizante), por sequência fotográfica ou ilustrações; ➢ Soletração (alfabeto manual) dos itens lexicais correspondentes ao sinal; ➢ Escrita do sinal a partir do sistema *SignWriting* (SW); ➢ Composição escrita detalhando como o sinal é realizado; ➢ Etimologia do sinal; ➢ Flexão de gênero ➢ Flexão dos verbos característicos das línguas de sinais (simples e de concordância); ➢ Flexão de número, aspecto; Em Libras não há dicionários que forneçam informações referentes à que categoria sintática o item lexical pertence.	➢ Definição do significado, geralmente informações básicas; ➢ Significado da palavra, suas possíveis variações e sinônimos (em Português); ➢ Ilustração com o intuito de representar o significado do sinal e da respectiva palavra em Português.	➢ Exemplos de uso linguístico de alguns sinais em contexto; ➢ Algumas informações semânticas incluem definições ou explicações de significados literais e figurativos, denotativos e conotativos.

Fonte: Elaborado pela autora.

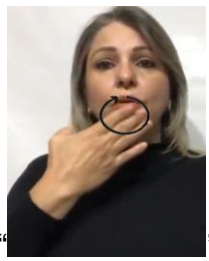
Como podemos observar, os elementos da microestrutura abrangem uma ampla gama de características linguísticas, alguns deles são específicos de uma determinada língua e é inevitável que alguns difiram entre outras línguas. Nesse quadro, em alguns pontos relacionados aos aspectos linguísticos, principalmente sobre informações do significado e do uso do item lexical em Libras, há uma discrepância significativa com relação aos registros lexicográficos. Os poucos registros acerca de informações do significado e do uso do item lexical em Libras geralmente são apresentados em LP.

Apesar disso, a Lexicografia das línguas de sinais em todo o mundo vem mudando radicalmente de glossários para dicionários descritivos (monolíngue) ou explicativos (bilíngue). Os dicionários de caráter explicativo estão voltados para o que constitui o significado de cada sinal e não mais sendo dado, não como um equivalente/uma tradução da língua oral, mas como uma definição dos seus próprios

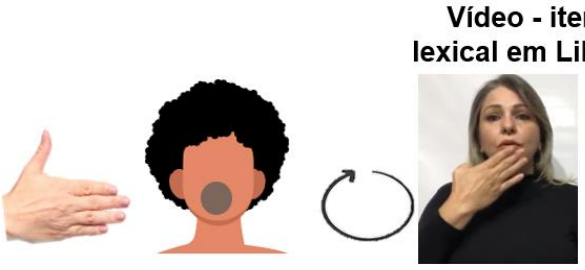
sentidos. Portanto, para um dicionário de língua de sinais ser explicativo e monolíngue, a descrição deve ser fornecida em língua de sinais e não com definições totalmente importadas das línguas orais.

Atualmente, a maioria dos dicionários de línguas de sinais é eletrônica, e alguns desses dicionários, a exemplo do *Danish Sign Language Dictionary and Finnish Sign Language Dictionary*, conta com vídeos representando exemplos em língua de sinais. Além disso, os sinais podem ser acessados não apenas por recursos formais, mas também por tópicos, e alguns deles também podem ser usados como sinônimos. No entanto, esses são dicionários híbridos/bilíngues e não monolíngues, e as interfaces para o acesso dos elementos macro e microestruturais às vezes não são apenas complexas, mas também confusas para o usuário. Vale ainda destacar que, na tradição lexicográfica das línguas de sinais, são os dicionários explicativos, ou seja, os híbridos/bilíngues que foram mais considerados e desenvolvidos. Por outro lado, foram esses dicionários explicativos compilados pelos lexicógrafos de várias línguas de sinais que conferiram a essas línguas o *status* e o reconhecimento de língua.

Portanto, uma das questões que nos guiou para a organização dessa proposta microestrutural foi: Como as informações deverão ser organizadas de modo que, de fato, sejam úteis para o usuário? Ao acessar as informações em um dicionário, é importante que o usuário encontre o que está procurando. Para tanto, propomos uma organização da microestrutura, considerando que este é um dicionário geral, semasiológico, em que a tarefa básica é fornecer significados em Libras. Conforme os propósitos de Wiegand (1989) e Hartmann & James (2001) sobre os elementos essenciais da microestrutura, que são: (i) significação dos itens lexicais e (ii) estrutura de acesso para comentário semântico, desenvolvemos um arranjo concentrado nos significados dos itens lexicais e em suas características linguísticas.

Vamos retomar brevemente o item lexical ambíguo “  ”. Para chegar a esse sinal, conforme apresentado nas seções anteriores deste capítulo, o usuário primeiro deve acessar o **campo 1** e escolher uma CM, e, na sequência, no

campo 2, deve selecionar a CM com a respectiva OR desejada. Nesse exemplo, a CM/OR corresponde a . Feito isso, o sistema deverá levar o usuário ao **campo 3,** onde encontrará o respectivo sinal na ordem CM/OR, locação e movimento, seguido do vídeo com o sinal em Libras:

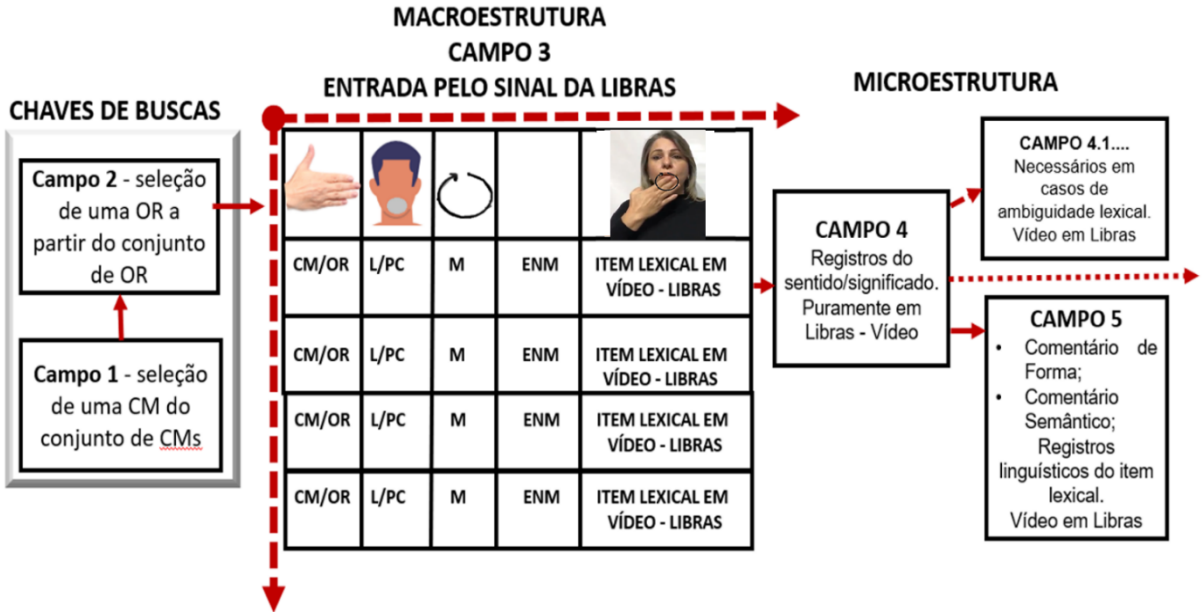


. Nesse ponto é que o usuário chegará ao **campo 4** (a microestrura) e se deparará com três definições diferentes para esse mesmo sinal. Tais definições/sentidos/significados apresentados em Libras (vídeos) corresponderão a: definição 1 AÇÚCAR; definição 2 DOCE e definição 3 SOBREMESA. Vinculados/linkados ao campo 4 (definição), sugerimos também os subcampos 4.1, 4.2 e 4.3 (no caso desse sinal com três sentidos distintos), em que o consulente também poderá ter acesso às explicações de cada item lexical ambíguo. Isso pode ser muito útil para o usuário identificar e selecionar dentre os diferentes sentidos que um sinal pode assumir. Também, não como item polissêmico, mas agora como homônimo, pois não compartilha dos mesmos traços semânticos, o sinal de DISCURSO, igualmente, é realizado com os mesmos parâmetros dos sinais DOCE/AÇÚCAR/SOBREMESA.

Obviamente, o item lexical DISCURSO não compartilha da mesma categoria semântica de DOCE, AÇÚCAR e SOBREMESA, portanto, é um tipo de sinal homônimo. Por isso, independente do tipo de ambiguidade, todos os itens ambíguos terão a mesma entrada, e será no campo da microesturura que os registros linguísticos dos sinais poderão ser apresentados.

Consideramos que uma boa interface de dicionário para o usuário é muito importante, pois essa não é usada apenas como referência, mas também para aprender e compreender outros elementos linguísticos do sinal consultado. Em suma, o usuário seria contemplado de algo conforme representado na Figura 96:

Figura 96: Representação visual da macroestrutura e microestrutura da significação dos itens lexicais ambíguos



Fonte: Elaborada pela autora.

Com base no que observamos e apresentamos até o momento, podemos dizer que a microestrutura é formada por um conjunto de informações que estão incorporadas ao item lexical e se divide em duas partes: o comentário de forma e o comentário semântico. Esses dois segmentos, em nosso modelo, estão incorporados no campo 5, conforme pode-se observar a Figura 96. Todavia, considerar o comentário de forma parece não ser uma prática dos lexicógrafos das línguas de sinais, e em particular da Libras, uma vez que corresponde às informações pertinentes ao item lexical (signo linguístico) na condição de significante, e, nesse aspecto, encontramos pouquíssimos registos nos dicionários e nas obras lexicográficas da Libras. No comentário de forma são incluídos os registros linguísticos acerca do sinal em si, tal como a classe gramatical a que pertence, as informações sobre a produção do sinal, dentre outros dados intríscecos ao significante.

O comentário semântico é o segundo segmento da microestrutura, e, no que concerne a ele, é preciso levar em conta que uma parte das informações é apresentada, por exemplo, com sinônimos, antônimos, flexão verbal, flexão de número, classificadores como marcas de uso (gírias), além de outros elementos que respondem à função de produção linguística da Libras. O comentário semântico tem um papel muito importante na microestrutura de um dicionário de orientação

onomasiológica, como este em questão, pois a definição e seu viés informativo são de alta relevância (FARIAS, 2011).

O Dicionário (bilíngue) eletrônico da Língua de Sinais Neozelandesa (NZSL) apresenta uma microestrutura das entradas adaptadas para exibir os dois campos: comentário de forma e comentário semântico. Tanto um campo quanto o outro contam com informações básicas acerca do item lexical, mas isso nos mostra que já há uma preocupação pelos lexicógrafos das línguas de sinais em desenvolver um dicionário com suas estruturas e componentes possíveis. Essa mesma interface para o usuário acessar os componentes microestruturais é utilizada nos dicionários eletrônicos bilíngues SUVI (Língua de Sinais Sueco Finlandesa), DTS (Língua de Sinais Dinamarquesa), ASL (Língua Americana de Sinais), dentre outros. Na Figura 97, indicamos a organização e a apresentação da microestrutura no dicionário eletrônico da NZSL:

Figura 97: Representação dos componentes microestruturais relativos aos comentários de forma e comentários semânticos no dicionário da NZSL

Fonte: Adaptada pela autora.

Para a nossa proposta de dicionário, o usuário final deverá ter acesso aos comentários de forma e aos comentários semânticos a partir do contato com o **campo 5**, que fornecerá informações do item lexical em Libras, e como critério deverá contar com pelo menos uma paráfrase definidora, ou seja, explicações que definirão novos termos e/ou termos abstratos. Na figura anterior, mostramos que, integrado à definição, o **campo 5** localiza-se interligado a um *link* com o **campo 4**. Essa estreita relação entre os aspectos formativos, seus significados e suas informações semânticas e extralinguísticas dos itens lexicais formam uma rede de referências cruzadas que conectam todos os campos do dicionário. A seção a seguir trata mais desse aspecto, da medioestrutura.

5.5 ASPECTOS DA MEDIOESTRUTURA E SUA FUNCIONALIDADE PARA O DICIONÁRIO MONOLÍNGUE DE LIBRAS

Em concordância com Hartmann & James (1998), que definem a medioestrutura como uma rede de referências cruzadas que permite aos compiladores e usuários de um trabalho de referência localizar o material espalhado por diferentes componentes, também consideramos que tais referências cruzadas podem ser usadas para estabelecer relações entre diferentes componentes em um dicionário e assim criar um tipo de coesão entre os campos. Essa interação entre os componentes estruturais só é possível pelo uso de um sistema dessas referências cruzadas, como um sistema de remissões. Dito de outro modo, seria uma forma de levar o usuário de um campo a outro. Em suma, essa forma de “rede” deve, de algum modo, além de transmitir informações úteis, ajudar o usuário a obter da melhor forma as informações que compõem o dicionário.

As formas de remissão podem variar entre os diversos tipos de dicionários. Wiegand (1986) classifica as remissões como obrigatórias ou facultativas. As obrigatórias são aquelas que o usuário deverá acessar, pois somente chegará ao resultado desejado se seguir a ordem dada pelo dicionário; e as facultativas referem-se às remissões que podem ser realizadas dentro dos próprios itens lexicais; contudo, nesse caso, é o usuário que decide se quer ou não acessar outras informações sobre determinado item lexical.

Com base nisso, voltamos os olhares para a organização e para a estrutura do modelo para o dicionário monolíngue de Libras proposto nesta tese. A partir de

algumas premissas teóricas da medioestrutura e de suas funções, agora, já com o modelo desenhado, procuramos analisar e responder às segunites questões: (i) Dentre os aspectos da medioestrutura, quais foram utilizados para a organização deste dicionário em questão?; (ii) Levando em conta que a medioestrutua, assim como os demais elementos dos dicionários, também é um elemento pensado a partir de dicionários de línguas orais, com que eficácia tais aspectos corresponderiam ao dicionário proposto para que o usuário obtenha a compreensão e a coesão dos campos estruturados a partir das chaves de buscas, macro e microestruturais?; e (iii) Que melhorias poderiam ser feitas para obter maior facilidade de uso? Com essa análise esperamos, além de encontrar algumas deficiências, possibilitar possíveis melhorias na medioestrutura deste dicionário em proposição e que possam ser úteis para a compilação de futuros dicionários de línguas de sinais.

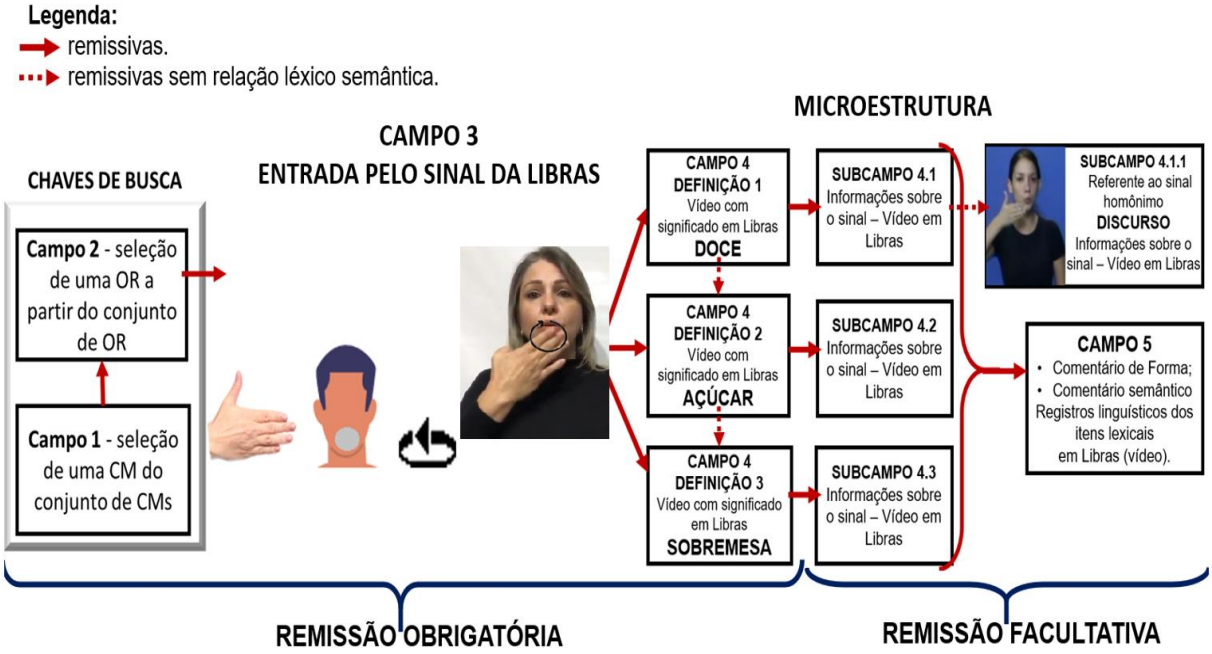
Com relação à primeira pergunta, os aspectos medioestruturais desse sistema de organização interna, que têm por função interligar as diferentes partes do dicionário (chaves de buscas, macroestrutura e microestrutura), permitirão ao usuário realizar uma consulta eficiente do sinal desejado. Para acessar a entrada, obrigatoriamente, o usuário precisará seguir as informações contidas no *Front Matter*. Portanto, para chegar ao resultado pretendido, o consulente deverá seguir uma ordem de remissões obrigatórias; nesse caso: *campo 1 (chaves de busca CM) → campo 2 (chaves de busca OR) → campo 3 (entrada) → campo 4 (significado).* Desse modo, esperamos, além de evitar a repetição de um mesmo item lexical ou indexar a mesma informação em sinais sinônimos, contribuir para que o consulente acesse de modo rápido e fácil o que pesquisa.

Nos dicionários, de um modo geral, os aspectos visuais (cores, tamanhos e formatos de letras, símbolos etc.) são compreendidos como recursos de suma importância para os usuários, uma vez que podem facilitar a localização de certas informações do item lexical desejado. Sob essa perspectiva, retomamos a segunda pergunta, que indagou se tais aspectos que foram pensados e delineados a partir de dicionários de línguas orais corresponderiam com eficácia à forma de organização e de estrutura do dicionário que estamos propondo, de forma a contribuir com o usuário no sentido de obter compreensão e coesão dos campos estruturados a partir das chaves de buscas, macro e microestruturas. Com base na organização e na estruturação dos campos que compõem este dicionário, diríamos que a resposta

é afirmativa. Isso se dá principalmente em razão dos elementos verbais (vídeos com orientação, significação e informação em Libras), dos elementos não verbais, como imagens, *links* visuais entre um campo e outro, e o alto grau visual de significação que muitas vezes são inerentes aos próprios itens lexicais. Assim, consideramos os itens lexicias e os vídeos em Libras textos lexicográficos configurados a partir da capacidade produtiva gestual e espacial, e pela capacidade receptiva visual, que são, não apenas as principais características da língua de sinais, mas também dos seus usuários. E do mesmo modo, sendo a Libras e as demais línguas de sinais línguas verbais, esses elementos visuais estruturam a medioestrutua do dicionário de modo a possibilitar a pesquisa/'navegação' do usuário por diferentes campos e subcampos em busca das informações que necessita.

Tomando como base as taxonomias propostas anteriormente, analisamos qual(is) poderá(ão) ser o desempenho da rede medioestrutural para este dicionário. Para tanto, retomamos a entrada para o item lexical ambíguo que pode admitir o significado de DOCE, AÇÚCAR, SOBREMESA e DISCURSO.

Figura 98: Item lexical ambíguo para a entrada DOCE, AÇÚCAR e SOBREMESA, respectivamente



Fonte: Elaborada pela autora.

Nessa representação, pode-se perceber a remissão obrigatória do verbete (campo 3) às definições 1, 2 e 3, pois o usuário só poderá compreender o sentido deste sinal “ ”se consultar o campo 4 das definições/sentidos. Portanto, essas três possibilidades de significados que o item lexical da entrada admite estabelecem uma relação de dependência para que ocorra a compreensão dos significados; por isso, consideramos que sinais desse tipo são remissivos. A relação estabelecida pelas remissões ocorre de um item lexical para outro, no sentido horizontal e diagonal (dependendo da interface do dicionário), e também de forma interna, uma vez que ocorre no interior do sinal.

Nos exemplos da figura anterior, as referências devem ser claras, por meio de *links* que devem acompanhar o item lexical (da entrada) e que podem estabelecer relações léxico-semânticas com os possíveis significados. Nesse exemplo, a relação é de natureza polissêmica, e no caso do sinal DISCURSO, representado no subcampo 4.1.1, a relação é de natureza homônima. No entanto, esse tipo de remissão é de caráter facultativo, dado que cada uma das definições (1, 2, 3) já fornece as informações essenciais para o consulente, assim, ele seguirá os demais *links* remissivos somente se quiser obter mais informações; por isso, teremos uma referência de remissão facultativa e interna.

Vale ressaltar que, no ato da consulta em um dicionário, é comum que os usuários busquem mais informações além do que inicialmente estavam buscando. E, ao fazerem isso, poderão deparar-se com outros dados que podem complementar e esclarecer o significado que pretendiam encontrar. Nessa direção, para respondermos à terceira questão levantada, com relação a que melhorias poderiam ser feitas para que o usuário obtenha maior facilidade de uso, ao partirmos do pressuposto de que os usuários já têm conhecimentos da Libras sobre o domínio básico para o uso de ferramentas digitais, será essencial que, a partir da implementação deste modelo, seja feita uma investigação e profunda análise junto

aos consulentes da obra. Entendemos que somente após pesquisas e o retorno (positivo ou negativo) dos usuários é que as devidas melhorias poderão ser realizadas.

Ao concluirmos essa seção, é importante considerar que o dicionário que propomos pode ser classificado como um dispositivo lexicográfico que poderá ser usado para estabelecer relações entre diferentes componentes do léxico. Além disso, o sistema de referência cruzada (remissões na medioestrutura) pode criar uma rede de coesão entre os campos por meio da Libras, auxiliando tanto o lexicógrafo/compilador da base de dados e do dicionário, quanto o usuário em potencial.

5.6 CRITÉRIOS E NORMATIZAÇÃO PARA A PRODUÇÃO DOS VÍDEOS EM LIBRAS

Em se tratando da viabilidade e das vantagens dos atuais suportes eletrônicos para a produção dos mais diferentes tipos de dicionários, nas últimas décadas, temos acompanhado um *boom* na publicação de dicionários envolvendo línguas de sinais. E, nesse sentido, muitos lexicógrafos têm se apoiado nos vídeos em línguas de sinais como meio para facilitar a visualização e a reprodução dos sinais pelo usuário. Sob esse viés, também compreendemos que os dicionários de línguas de sinais, em particular os monolíngues, precisam do vídeo sinalizado como requisito para fins de pesquisa e de acesso às informações desejadas.

Assim sendo, se, para os dicionários de línguas de sinais, os vídeos têm sido um fator importante para que o consulente tenha êxito em suas pesquisas, é preciso considerar alguns critérios. Para que esses textos visuais tenham qualidade e originalidade em sua estrutura, e para a organização e inserção de vídeos em Libras no dicionário monolíngue, recorremos a algumas normas definidas na Revista Brasileira de Vídeo Registro em Libras[96]. Dos 25 critérios estabelecidos pelo editor para as normas de publicação, selecionamos as que consideramos necessárias para um vídeo mais formal e estruturado em Libras: (i) fundo e iluminação; (ii) imagem do

[96] A VRLibras é uma revista eletrônica do Grupo de Pesquisa Vídeo Registro em Libras do Departamento de Artes e Libras (DALi)/Centro de Comunicação e Expressão (CCE) da UFSC, coordenada pelo Prof. Dr. Rodrigo Rosso Marques - vrlibras@gmail.com. No ano de 2013, a revista publicou sua primeira edição (ISSN 2358-7911) e, obrigatoriamente, os artigos devem ser produzidos pelos autores e enviados em Libras. Outras informações constam no site da revista que estão disponíveis em: https://revistabrasileiravrlibras.paginas.ufsc.br/. Acesso em: 10 dez. 2019.

sinalizante; (iii) vestuário; (iv) posição e filmagem; e (v) duração dos vídeos. Esses aspectos são definidos a seguir:

(i) Quanto ao fundo e à iluminação, as orientações são de que o fundo seja branco e liso sem qualquer tipo de poluição visual (objetos, desenhos, paredes com imperfeições) a fim de evitar que o usuário desvie a sua atenção ou que a compreensão sofra interferência devido à presença de outros objetos no vídeo. A iluminação precisa ser ponderada, para tanto, deve-se evitar o excesso ou carência de brilho e sombras;

(ii) A imagem do sinalizante é outro fator importante, por isso, excessos na apresentação devem ser evitados, por exemplo, para os sinalizantes femininos, evitam-se excessos de maquiagem, cabelos soltos que encobrem partes do rosto, acessórios como anéis, pulseiras, colares, brincos, tiaras ou algo que chame a atenção para além do texto em sinais. Já os sinalizantes masculinos, quando adeptos à barba e bigodes, devem deixá-los sempre aparados. Reiteramos que o sinalizante é o "rosto" do texto/vídeo, por isso, ele é muito mais que um apresentador. Nesse sentido, é importante que tais critérios sejam levados à risca e que os textos sejam planejados a partir da Libras e não de um processo de tradução da LP;

(iii) O vestuário também deve ser algo sem decote aberto, com mangas curtas ou longas, devem ser lisas e totalmente sem estampas, listras, botões ou bolsos. Sugere-se que se use camiseta básica tipo *T-shirt.* Quanto às cores, devem contrastar com o tom de pele, por exemplo, pessoas morenas ou negras devem ter tons mais claros; pessoas mais claras devem usar tons mais escuros;

(iv) Com relação à posição da câmera durante a filmagem, deve-se considerar um enquadramento cuja parte superior fique entre seis a oito centímetros acima da cabeça, as laterais esquerda e direita, de cada lado, devem seguir a máxima posição dos cotovelos com os dedos médios se tocando na altura do peito, e a parte inferior deve ficar entre seis a oito centímetros abaixo da posição das mãos do sinalizante. O texto sinalizado não pode sair do quadro de filmagem;

(v) A duração dos vídeos deve considerar o tempo de no máximo 10 segundos para a sinalização do significado e 40 segundos para cada vídeo sobre as informações linguísticas acerca do item lexical, respectivamente.

Para além desses critérios indicados, a produção dos vídeos/textos também precisa de atenção especial quanto a alguns aspectos referentes ao sinalizante, quais sejam:

1- Que os sinalizantes sejam pessoas que tenham a Libras com língua natural, ou seja, aqueles que aprenderam a língua de sinais desde muito cedo, preferencialmente que sejam surdos, com fluência em Libras e capacidade de sinalização fluentemente diante de uma câmera, pois nem todos os sinalizantes fluentes são capazes de fazer isso;
2- Ter conhecimento do assunto a ser produzido, isto é, das definições, das informações linguísticas e exemplos/paráfrases acerca dos itens lexicais, utilizando a produção dos textos/vídeos de forma clara e concisa;
3- Ter experiência e conhecimento do público alvo do dicionário. Um sinalizante que tenha experiência com o público alvo terá mais insumos linguísticos e propriedades para que os usuários o entendam melhor.

A opção por uso de vídeos tem sido bem-sucedida em vários dicionários eletrônicos de línguas de sinais, mais recentemente pelos dicionários da Língua de Sinais Flamenga (VAN HER-REWEGHE; VERMEERBERGEN, 2004), Língua De Sinais Sueca (Institutionen för Lingvistik, 2009), Língua de Sinais Dinamarquesa (Center for Tegnsprog, 2008), dentre outros. Os vídeos permitem que a articulação dos sinais seja observada com mais precisão, pois a sua visualização bidimensional é captura nos ângulos da câmera durante a filmagem, sendo mais perceptíveis a CM, a OR ou o movimento da(s) mão(s) e das ENMs. O acesso às informações em vídeo oportuniza a independência do consulente e a ampliação do seu conhecimento lexical de sua própria língua.

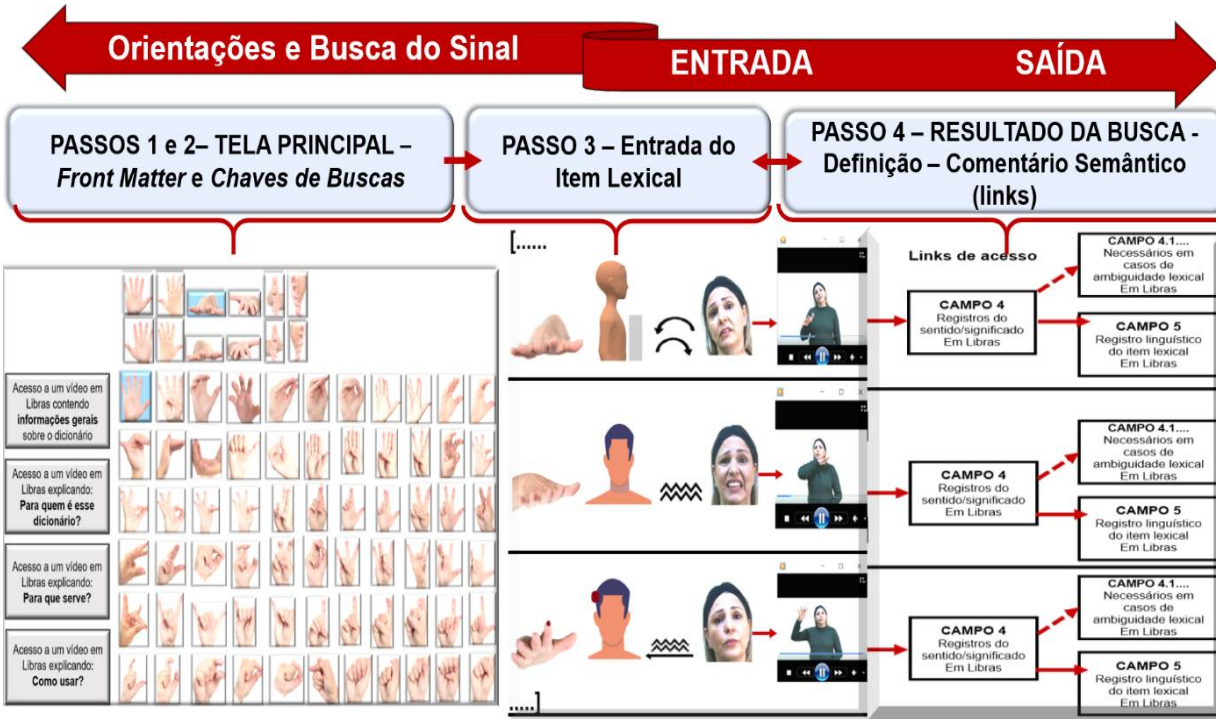
Com esses critérios, esperamos que este diconário possa promover aos usuários a sua competência de leitura e de compreensão dos itens lexicais indexados e com todas as informações correspondentes em textos/vídeos produzidos em Libras. Esperamos também, assim como vem sendo demonstrado em outros dicionários, que o uso dos vídeos possa ser um grande aliado, uma vez que proporcionam uma aparência mais uniforme na organização visual dos significados e nas informações linguísticas dos sinais para os usuários, além de oferecerem um repositório de dados para futuras pesquisas.

5.7 PROPOSTA DE LAYOUT PARA O DICIONÁRIO MONOLÍNGUE DE LIBRAS

Os campos que propomos para o dicionário monolíngue de Libras correspondem aos recursos possíveis de um dicionário de modo geral e procuram abordar todas as partes componentes dos itens lexicais. Para a sua organização, nesse momento, a estrutura, a modelagem e o *layout* das entradas ainda não estão implementados, pois estão em fase de construção, mas permitirão que os usuários visualizem e discutam os tipos de informações e o conteúdo das primeiras entradas e estruturas de modo geral. Uma decisão importante sobre a função de *layout* foi a de não representar os itens lexicais por glosas, mas puramente em Libras, embora possam ser convenientes para dicionários bilíngues.

Todos, ou grande parte dos elementos da Libras que compõem as entradas do dicionário, deverão estar representados com um vídeo (ou um botão de reprodução indicando que um vídeo está disponível) ou com ícone em movimento, conforme a sequência de composição paramétrica do sinal. Todas as decisões sobre como os sinais poderiam ser organizados em um dicionário monolíngue, seja de Libras ou de outras línguas de sinais, certamente são teoricamente discutíveis. Nesta tese, nossas decisões foram influenciadas pela intuição do falante surdo, principalmente, sobre a forma (configuração e orientação da(s) mão(s)) e as correspondências de significado. Assim, pensamos que o *layout*, tanto para as informações, para as chaves de buscas quanto para a macro, micro e medioestruturas, não deveria ser algo tão denso e sobrecarregado. Contudo, buscamos privilegiar os recursos de formação dos itens lexicais no *layout* deste dicionário, uma vez que entendemos também que podem aprimorar a percepção receptiva dos usuários sobre a forma dos sinais, tendo que compreender e atender a detalhes estruturais que distinguem formas semelhantes entre um sinal e outro. Nessa organização, *a priori*, pode haver surpresa ou confusão para os usuários, justamente por não ser uma estrutura familiar para aqueles que utilizam dicionários de Libras. Pode ser ainda mais desafiador o seu uso com precisão. A Figura 99 mostra os elementos e o *layout* que propomos para o dicionário monolíngue de Libras.

Figura 99: Elementos e *layout* para o dicionário monolíngue de Libras



Fonte: Elaborada pela autora.

Esse é um dos primeiros modelos para dicionário monolíngue de Libras, cujo conteúdo pode ser acessado a partir da composição e da descrição do sinal de modo linear em um mesmo campo (campo 3, das entradas). Propõe-se para esse fim uma interface que permita aos usuários selecionarem as propriedades CM e OR do sinal. Outro ponto que vale a pena considerar, além do progresso tecnológico que é responsável para a sua implementação, é a importância de se criar um dicionário eletrônico que seja atualizado e adaptado às características e às necessidades tanto da Libras quanto da comunidade de usuários, em especial os surdos.

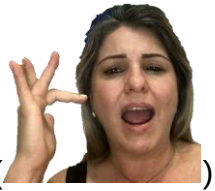
Sabemos, é claro, que esta não é, e está muito longe de ser, uma proposta finalizada; além do que apresentamos até o momento, certamente muitas outras questões surgirão. O modelo, como todo protótipo, tem muitos problemas, alguns foram expostos no decorrer do trabalho e outros ainda serão descobertos, provavelmente, quando da sua execução.

5.8 QUESTÕES SOBRE ALOFONE EM LIBRAS: CONTRIBUIÇÕES DA TESE

No capítulo 2 desta tese, mencionamos algumas situações em que, na articulação de alguns itens lexicais na Libras, o sinalizante pode produzir alofones. Nas línguas de sinais de modo geral, e de modo específico na Libras, podem existir

várias propriedades dos sinais que os linguistas usam para classificar os sinais que produzem "alofones" dos mesmos queremas. Por exemplo, talvez uma língua de sinais não se importe com a posição dos dedos, outras, talvez não se importem com a posição dos sinais no espaço neutro, outras podem não se importar com o contato das mãos ou dedos em determinado ponto de locação no corpo. Então, em linhas gerais, na linguística, podemos dizer que alofones em Libras podem ser qualquer uma das várias formas visualmente diferentes de um mesmo querema. Já nas línguas orais, os alofones são qualquer uma das várias maneiras acusticamente diferentes de um mesmo fonema. Desse modo, a existência de alofones nas línguas de sinais é um fator linguístico inerente à sua produção.

Por outro lado, as pesquisas das línguas de sinais raramente descrevem em que situações exatas e com que frequência os alofones podem ocorrer. Em Libras, parece ser bastante recorrente a alteração da locação na realização de alguns sinais, no entanto, não há estudos que apresentem detalhes do local exato onde o item lexical é realizado. No decorrer das nossas pesquisas, ainda que seja necessário aprofundamento sobre o assunto, por meio das possíveis áreas de locações nas diferentes partes do corpo, podemos observar que citar essas áreas não é suficiente para mostrar o lugar específico onde a mão ou dedos tocam. Tomamos como exemplo a área de locação na região das têmporas ( ). Nesse local, em um dos lados da têmpora são realizados sinais como: AMANHÃ, IMAGINAR, NÃO-SEI, ENTENDER, dentre outros. Observamos que a área de locação é ampla e o local exato onde ocorre o contato de alguma parte da mão ou dedos (ativos) não é definido. Por isso, acreditamos que o PC seja um dos itens essenciais na articulação dos sinais, isso devido à necessidade de identificar em um campo específico qual parte da mão ou dedos ativos toca e em qual parte do corpo ou da mão base (passiva) será tocada. Caso o contato da mão ou dedos ativos sejam posicionados além da área específica de locação, pode ser que em alguns casos não ocorra a mudança de sentido do item lexical. Quando isso acontece, teremos um caso típico de alofone em Libras, ou seja, nessa situação, basicamente houve alguma alteração na pronúncia de um sinal, mas sem ocorrências na

mudança de sentido. Vejamos o sinal “ ” AMANHÃ. Esse sinal convencional e formalmente é realizado com a ponta do dedo médio tocando no meio da têmpora, porém, é muito comum os sinalizantes realizarem esse sinal com ou sem toque um pouco abaixo do local indicado (). Assim sendo, entendemos que o PC pode contribuir para uma padronização lexicográfica no registro dos itens lexicais, podendo auxiliar o usuário na reprodução desses itens lexicais em Libras.

Não queremos dizer que o PC seja algo prescritivo para as línguas de sinais, e em particular para a Libras, uma vez que devemos considerar a forma de pronúncia dos sinais, bem como a individualidade do sinalizante, seja nos aspectos regionais ou culturais. Entretanto, para os nossos registros lexicográficos, consideraremos a junção do PC com a locação.

A fim de evitar a alofonia, durante a realização de alguns sinais, julgamos ser fundamental que o PC seja indicado juntamente com a Locação. Por conta disso, optamos por marcar as partes que se tocam no momento em que o sinal é articulado. Por exemplo, para a realização do sinal AMANHÃ, é preciso uma composição de CM/OR L/PC e M, respectivamente a . Por isso, com o intuito de facilitar a leitura e visualização da realização do sinal, o PC será utilizado, conforme a necessidade, ao longo de todos os registros dos itens lexicais da Libras, mais especificamente àqueles que são locados em áreas do corpo. Segue uma ilustração na Figura 100:

Figura 100: Composição do sinal de AMANHÃ representado com a marcação do ponto de contato (PC)

Fonte: Elaborada pela autora.

A partir desdas constatações e da necessidade de compreender o funcionamento e a importância dos PCs, e ainda da necessidade de aprofundar sobre as possibilidades desse fenômeno linguístico, seguiremos com o trabalho de registros na base de dados no diz respeito à organização de um conjunto em que as CMs ativas, dedos ativos e as locações devem ser identificados também por esse elemento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Lexicografia das línguas de sinais, no geral, ainda está em processo de busca de melhores métodos lexicográficos para analisar e sistematizar os sinais, bem como de soluções para documentá-los e apresentá-los de forma mais convencional.

O objetivo dessa tese de doutorado foi identificar e descrever a especificação e a modelagem de uma estrutura de representação lexical da Libras com vistas ao desenvolvimento de um dicionário monolíngue de Libras, cuja solução ainda não existe no Brasil. O desafio para realizar tal pesquisa já se deu na parte inicial, considerando justamente o fato de não haver registros de dicionários monolíngues, seja em Libras ou em outras línguas de sinais, nem mesmo daquelas que são consideradas precursoras dos estudos linguísticos em diferentes áreas. Considerando as necessidades linguísticas das pessoas surdas usuárias da Libras e a falta de dicionários em Libras que pudessem garantir o acesso das entradas lexicais pela Libras e que, de alguma forma, atendessem ao escopo proposto nessa pesquisa, dedicamo-nos, durante um longo período, à construção de um corpus que pudesse servir de suporte para a estruturação e para a organização de uma base de dados para servir a macro e microestrutura a partir da Libras. Para que isso fosse possível, não perdemos de vista três principais perguntas que nos conduziram durante todo o percurso de elaboração dessa tese. Nesse processo que envolveu a definição e a construção do corpus, destacamos que, entre tantos desafios, a etapa de sistematização e de organização das entradas lexicais foi bastante complexa, isso porque essa era a primeira questão, sobre como os dicionários de Libras deveriam ser estruturados de modo a permitir ao usuário que o acesso das entradas lexicais fosse por meio da sua própria língua, a Libras.

As bases teóricas que sustentam a Lexicografia de modo geral, e em particular, a Teoria Geral da Lexicografia, bem como os estudos do léxico sobre o campo do PLN, assim como trabalhos voltados aos dicionários de línguas de sinais, em especial os de Libras, culminaram em um norte que atribuiu à macroestrutura querológica ordenada como melhor adaptada aos propósitos de um dicionário monolíngue de Libras.

Para esse fim, primeiramente selecionamos as CMs iniciais ativas das mãos associadas às ORs. Começamos examinando dois conjuntos de CMs e as suas possibilidades reais de sinais, e como as formas iniciais ativas das mãos foram organizadas em dicionários de outras línguas de sinais, as quais, embora baseadas em línguas de sinais diferentes, foram uma fonte potencial de critérios subjacentes. Ao final desse processo, concluímos que utilizaríamos 66 formas ativas das mãos para a organização das entradas lexicais, que foram agrupadas de acordo com os critérios linguísticos.

No contexto da pesquisa, compreendemos que cada maneira de organizar a macroestrutura tem seus pontos fortes e fracos quando usada em um projeto de dicionário específico. Assim, não é nossa intenção apontar um único tipo "ideal" e rejeitar os outros como inapropriados. No entanto, chamamos a atenção para a adequação das entradas em dicionários de línguas de sinais, principalmente, quando o público alvo for o usuário surdo, a fim de que o objetivo e o acesso aos itens lexicais do dicionário possam ser, de fato, atendidos.

A definição da macroestrutura, a partir das chaves de buscas e das entradas dos itens lexicais pela decomposição dos queremas, de modo sequencial e linear, deu-nos a resposta à nossa segunda questão, que focalizou, com relação à indexação das entradas em dicionários monolíngues de uma língua de sinais, qual seria a estratégia mais adequada.

Conforme nossas análises, entendemos que os dicionários monolíngues de línguas de sinais, no nível da microestrutura, devem dar preferência às definições, aos significados e às informações linguísticas (níveis morfológicos, semântico lexical e semântico morfossintáticos) pelo arranjo item lexical → e produção genuinamente da língua. Com isso, queremos dizer que o olhar do compilador/lexicógrafo de um dicionário monolíngue deve estar totalmente voltado para a língua em questão, principalmente em casos como os das línguas de sinais, tendo em vista que elas compartilham de um mesmo espaço geográfico e estão em constante contato com a língua majoritária do país. Esse olhar refinado do lexicógrafo para a língua de sinais poderá evitar as possíveis influências no processo de definição e de conceituação dos itens lexicais (sinais). Essas influências dizem respeito ao apoio da tradução de conceitos, de definições e até mesmo de elementos gramaticais de uma língua oral (majoritária) para realizar a elaboração de conceitos e de definições de itens lexicais que deveriam ser pensados e produzidos a partir da sua própria estrutura linguística.

Assim, chegamos à resposta para nossa terceira questão, sobre como deveriam ser organizados os elementos macro e microestruturais em um dicionário monolíngue de Libras.

Com as análises e as testagens de alguns queremas, traçamos alguns parâmetros metalexicográficos gerais com a finalidade de nortear e especificar um modelo de dicionário monolíngue de Libras, inicialmente, a partir da geração de uma base de dados. A princípio, o mecanismo de busca que adotamos para a indexação guarda alguma semelhança com outras propostas de dicionários da Libras que também se encontram em desenvolvimento. Contudo, nossa base de dados evidenciou que é possível registrar todos os itens lexicais da Libras, contribuindo consubstancialmente, não só para indexação, mas também para a organização das entradas no dicionário que propusemos. Com os resultados, podemos afirmar que o modelo proposto difere dos demais pelos seguintes motivos:

(i) Desenvolvemos e descrevemos uma proposta para a organização e estruturação do *Front-end* e do *Back-end*, voltada ao lexicógrafo para a montagem da base dados;

(ii) Desenvolvemos e descrevemos, em duas partes, orientações e atribuições para os dois tipos de usuários: uma para o usuário na posição de lexicógrafo do dicionário monolíngue de Libras, e a outra para o usuário na posição de consulente;

(iii) A proposta de uma sequência de CMs associadas à ORs para compor as chaves de busca (organizadas com base na abertura da mão - da aberta para fechada) corrobora para que o usuário chegue ao item lexical da Libras de modo mais direto e eficaz;

(iv) Os registros da base de dados permitem a organização da entrada, ordenada horizontalmente por uma sequência composicional dos queremas, seguida do vídeo relativo ao sinal com todos os parâmetros acionados permite ao usuário visualizar o item lexical em sua completude (fonológica e morfológica). Ou seja, além de obter as informações desejadas, ele poderá compreender naturalmente o processo de formação de um sinal;

(v) A organização dos registros para as entradas de itens lexicais ambíguos demostra ser uma solução inovadora, uma vez que em uma mesma entrada é possível registrar e acessar as diferentes definições que um item lexical ambíguo tem. Além disso, essa é uma solução que pode “economizar” não apenas na

organização do número de entradas lexicais, mas também no modo de busca do usuário final;

(vi) Apresentamos um solução para o registro dos números cardinais e ordinais da Libras, a partir de um arranjo em que o sistema numérico faça parte dos itens lexicais do dicionário, diferenciando-se da maioria dos dicionários de línguas de sinais;

(vii) A partir da inserção do PC na área de locação e em partes da mão ou dedos ativos, a fim de evidenciar o que toca e em qual parte do corpo ou da mão base (passiva) será tocada, refletimos sobre a contribuição da lexicografia com relação à alofonia na produção de sinais. Do mesmo modo, chamamos a atenção sobre algumas questões da alofonia que ainda precisam de investigações na Libras;

(viii) A partir de *links* relativos aos comentários de forma e aos comentários semântico-lexicais e morfossintáticos (microestrutura), o usuário final poderá ampliar o seu conhecimento acerca do item lexical em sua própria língua, a Libras;

(ix) A organização macro e microestrutural, para o usuário final, também permite o acesso por um viés mais visual e simples.

As análises realizadas ao longo da pesquisa demonstram claramente que a falta de parâmetros compromete significativamente a qualidade da indexação e das informações nos dicionários de línguas de sinais. Isso ocorre tanto pela ausência de parâmetros quanto pela ineficácia no fornecimento de informações que sejam reconhecidas como importantes para o usuário. Desse modo, no decorrer do trabalho organizamos nosso banco de dados a partir de análises dos parâmetros já existentes.

Nesse viés, destacamos que a Teoria Geral da Lexicografia de Wiegand (1984) serviu de apoio para sustentar nossas decisões, baseada na língua como meio natural de comunicação, e também para a organização de uma taxonomia para a Lexicografia das línguas de sinais. Sobre a taxonomia de dicionários da Libras que desenvolvemos, destacamos sua importância, tendo em vista que em Libras não encontramos nenhum modelo taxonômico, portanto, foi necessário desenvolvermos uma taxonomia dos dicionários de Libras que pudesse sustentar e otimizar a nossa proposta. Tendo em vista que os estudos lexicográficos em línguas de sinais ainda estão em estado embrionário, temos clareza de que o que apresentamos nessa tese necessita de mais estudos e reavaliação, apesar de todo empenho, esforço e respeito aos usuários surdos, à Libras e aos trabalhos já desenvolvidos nesta área.

Enfatizamos, assim, que o caráter descritivo e prospectivo dessa tese, que visa a dar origem a um modelo de representação para a organização de um dicionário monolíngue de Libras, como todo protótipo, tem muitos problemas, alguns apontamos ao longo do trabalho, outros ainda seguem intuídos e outros certamente serão descobertos na ocasião de sua implementação e aplicação. Estamos conscientes que um trabalho lexicográfico exige, não apenas anos de pesquisa, mas também de uma equipe com todo aparato de conhecimentos específicos da área da computação, da Linguística e domínio da Libras, portanto, o que apresentamos pode ser somente uma pequena parte do problema que envolve a lexicografia das línguas de sinais. Por ora, também podemos afirmar que, ao desenvolver um dicionário monolíngue, uma descrição detalhada das propriedades linguísticas que o compõe fornece uma base sólida, não apenas para os demais dicionários de línguas de sinais, mas também para a construção de um corpus de referência em Libras.

Desenvolver a proposta para a organização e para a modelagem de um dicionário monolíngue de Libras, durante o Doutorado, foi um processo desafiador, mas, sobretudo, foi momento de muito aprendizado. Diante de todo o processo investigativo realizado nesses quatro anos, podemos afirmar que esse trabalho agregou muitos conhecimentos, que contribuíram significativamente para a nossa formação como pesquisadora, especialmente, na área da lexicografia.

Como trabalhos futuros, demais pesquisas podem ser norteadas a partir de algumas questões que ainda nos inquietam: (a) Os queremas são uma classe aberta ou fechada? (b) O conjunto de configurações de mãos pode aumentar? Como os alofones atuam nas configurações mãos? Ou ainda, o que são configurações por alofones e o que são configurações mãos de sinais potenciais? (c) E os pontos de locação dos sinais, podem ser expandidos? Também pretendemos, sob o ponto de vista e estudos desenvolvidos por Fenlon & Schembri (2015), refletir sobre a problemática que cerca a lematização em dicionários que envolvem línguas de sinais, principalmente, devido às suas especificidades linguísticas. Esse processo, que envolve a lematização nas línguas de sinais, leva o lexicógrafo a enfrentar a difícil tarefa de agrupar as variantes fonéticas e fonológicas de uma maneira baseada em princípios. Contudo, é importante, se não imprescindível, dar continuidade e discutir mais criteriosamente essa temática que implica uma lematização, além dos assuntos investigados e desenvolvidos nessa pesquisa, e,

conforme houver necessidade, seja teórica ou prática, promover ajustes que aprimorem o dicionário monolíngue de Libras, que é o objeto desse estudo.

Acreditamos que os resultados dessa tese podem cooperar para fortalecer as investigações desenvolvidas na área da Lexicografia da Libras, ou até mesmo de outras línguas de sinais, suscitando novas indagações e reflexões em torno das melhores formas para a organização e a modelagem de um dicionário monolíngue de língua de sinais, de maneira a se pensar em novas investigações. Também, vale destacar que essa pesquisa pode ser relevante tanto para a comunidade de surdos tanto quanto para diferentes áreas do conhecimento ligadas à sua educação, à escrita de língua de sinais, aos dicionários de Libras, à LP como segunda língua e à Informática.

Ademais, esperamos que o trabalho desenvolvido contribua para que o produto final que abordamos na Lexicografia, isto é, que o dicionário em questão possa ser implementado e assim contribuir mais diretamente com os usuários de Libras. Para finalizar, esperamos que esse trabalho colabore significativamente tanto para as pesquisas lexicográficas quanto para as pesquisas linguísticas envolvendo a Libras.

REFERÊNCIAS

ALBERTS, M. **Vocabulary, Lexicon, Lexicology, Lexicography, Terminology, Terminography**. Class notes, Terminology course. Pretoria: Department of African Languages, University of Pretoria, p. 56, 2000.

ALONSO, D. **Forms of control and interaction as determinants of lecture effectiveness inthe electronic classroom**. Unpublished master's thesis, Dept. of Psychology, University ofMaryland, College Park, MD. 1995.

ANDERSON, J.M., EWEN, C. **Principles of Dependency Phonology**. Cambridge: Cambridge University Press. 1987.

ANTUNES, I. **Território das Palavras**: estudo do Léxico em sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

ATKİNS, B.T.S., RUNDELL, M. **The oxford guide to practical lexicography**. Oxford University Pres, New York, 2008.

BABINI, M. **Onomasiologie et dictionnaires onomasiologiques**. São José do Rio Preto: Beatriz, 2001.

BALDINGER, K. Semasiologia e onomasiologia. Tradução de Ataliba T. de Castilho. **Alfa**. São Paulo, v. 9, p. 7-36, 1966.

BALTAZAR, A. B. **Dicionário de Língua Gestual Portuguesa**. Porto: Porto Editora, 2010.

BARRETO, M.; BARRETO, R. **Escrita de Sinais sem mistérios**. Belo Horizonte: Ed. do autor, Vol. 2, 2015.

BARROS, M.E. **Elis - Escrita das Línguas de Sinais***:* proposta teórica e verificação prática. 2008. 197 p. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-Graduação em Linguística, Florianópolis, 2008.

BATTISON, R. Phonological Deletion in American Sign Language**. Sign Language Studies,** n. 5, p. 1–19, 1974.

BATTISON, R. **Lexical borrowing in American Sign Language**. Silver Spring, MD: Linstok Press, 1978.

BÉBIAN, R.A.A. **Essai sur les sourds-muets et sur le langage naturel ou introduction à une classification naturelle des idées avec leurs signes propres.** París: J.G. Dentu, 1817.

BÉBIAN, R.A.A. **Mimographie, ou essai d´écriture mimique propre à régulariser le langage des sourds-muets.** París: Louis Colas, 1825.

BÉJOINT, H. **Tradition and innovation in modern english dictionary.** Oxford: Clarendon Press, 1994.

BÉJOINT, H. **Modern Lexicography**: an introduction. Oxford: Oxford University Press, 2000.

BÉJOINT, H. **The lexicography of English.** Oxford: Oxford University Press, 2010.

BERGENHOLTZ, H.; TARP, S. Twoopposing theories: On H. E. Wiegand's recente Discovery of lexicographic functions. **Hermes Journal of Linguistics**, n. 31, p. 171-196, 2003.

BERNARD, Y. La Mimographie de Bébian (1789-1839). Le Signe est l´ombre de l´idée. **Liaisons***,* v. 7, p. 34-76, 1995.

BERTOLDI, V. **Enciclopedia Italiana di Scienze**. Lettere ed Arti. Roma: Treccani, 1935.

BIDERMAN, M. T. C. Léxico e vocabulário fundamental**. Alfa**, São Paulo, 40: 27-46, 1996.

BIDERMAN, M. T. C. Os dicionários na contemporaneidade: arquitetura, métodos e técnicas. In: OLIVEIRA, A. M. P. P. de; ISQUERDO, A. N. (Org.). **As ciências do léxico***:* lexicologia, lexicografia, terminologia. Campo Grande: UFMS, 1998, v. 1, p. 129-142.

BIDERMAN, M. T. C. Fundamentos da Lexicologia. In: BIDERMAN, M. T. C. **Teoria Linguística:** teoria lexical e linguística computacional. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 99 – 155.

BIDERMAN, M. T. C. Análise de dois dicionários gerais do português brasileiro contemporâneo: o Aurélio e o Houaiss. **Filologia Linguística Português**, n. 5, p. 85 -116, 2002.

BLANCO, H. A. **Gramática Didáctica de la Lengua de Signos Española [LSE].** Boadilla del Monte: Ediciones SM, 2009.

BORNSTEIN, H. HAMILTON, L. B. 'Recent National Dictionaries of Signs'. **Sign Language Studies**. v. 1, 1972.

BOYES-BRAEM, P. A Multimedia Bilingual Database for the Lexicon of Swiss German Sign Language. In. **Sign Language and Linguistics**. Special Issue: Sign Transcription and Database Storage of Sign Information, 2001, p. 133-144.

BOYES-BRAEM, P.; SUTTON-SPENCE, Rachel. **The Hands are the Head of the Mouth**: The Mouth as Articulator in Sign Languages. Seedorf/Hamburg: Signum Verlag, 2001.

BRANDÃO, Flávia. **Dicionário Ilustrado de Libras** – Língua Brasileira de Sinais. Global Editora: São Paulo, 2011.

BRASIL. **Lei nº 10.436**. Presidência da República, dispõe a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS. Brasília, 24 de abril de 2002. Brasília: Senado Federal, 2002.

BRASIL. **Decreto nº 5.626 de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei nº 10.436 de 24 de abril, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais. Brasília: Senado Federal, 2005.

BRENTARI, Diane. **A prosodic model of sign language phonology.** Cambridge, MA: MIT Press, 1998.

BUGUEÑO MIRANDA, F. **O que é macroestrutura no dicionário de línguas?** As Ciências do Léxico, vol. III, p. 261-272, Campo Grande, 2007.

BUGUEÑO MIRANDA, F. **Desenho da macroestrutura de um dicionário escolar de língua portuguesa**. In: BEVILACQUA, C.R.; HUMBLÉ, Ph.; XATARA, C.M. Lexicografia Pedagógica: Pesquisas e perspectivas. Florianópolis: UFSC; NUT, p.129-169, 2008.

BUGUEÑO MIRANDA, F. Para uma taxonomia de paráfrases explanatórias. **Alfa**, São Paulo, v.53, n.1, p.243-260, 2009.

BUGUEÑO MIRANDA, F.; FARIAS, V. S. Panorama crítico dos dicionários escolares brasileiros**. Lusorama**, Frankfurt am Main, v. 77 / 78, p. 29-78, 2009

BUGUEÑO MIRANDA, F.; FARIAS, V. Princípios para o desenvolvimento de uma teoria da definição lexicográfica. **Alfa**, São Paulo, v.55, n.1, p.31-61, 2011.

BUGUEÑO MIRANDA, F. Balanço e perspectivas da lexicografia. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 2, p. 15-37, 2013.

BUGUEÑO MIRANDA, F. Da classificação de obras lexicográficas e seus problemas: proposta de uma taxonomia. **Alfa**, São Paulo, v. 58, p. 215-231, 2014.

BURKE, S. M. **The Design, of Online Lexicons***.* Master's thesis: Northwestern University, Evanston, IL, 1998.

CABRÉ, M., T. **Terminology theory, methods and applications.** Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company. 1992.

CABRÉ, M., T. **Las nuevas terminologías aparecen en la medida en que crece el conocimiento**. 2010. Disponível em: http://www.clarin.com/notas/2010/09/15/_-02207893.htm. Acesso em: 20 mar. 2019.

CÂMARA JR. J. M. **Dicionário de linguística e gramática**. 8. ed. Petrópolis, Vozes, 1978.

CAPOVILLA, F.C; MACEDO, E.C.; RAPHAEL, W.D. **Manual Ilustrado de Sinais e sistema de comunicação em rede para Surdos**. São Paulo: Instituto de Psicologia da USP, 1998.

CAPOVILLA, F. C., RAPHAEL, W. D. **Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua Brasileira de Sinais**. São Paulo: Edusp SP, 2001. Vol. 1 e 2.

CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D. **Dicionário enciclopédico ilustrado trilíngue da Língua de Sinais Brasileira.** Vol. 1: Sinais de A a L. São Paulo, SP: Edusp, MEC-FNDE, 2006a.

CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D. **Dicionário enciclopédico ilustrado trilíngue da língua de sinais brasileira**, Vol. 2: Sinais de M a Z. São Paulo, SP: Edusp, MEC-FNDE, 2006b

CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D.; MAURICIO, A. C. Novo dicionário enciclopédico ilustrado trilíngue da Língua de Sinais Brasileira (Novo Deit-Libras). In: SENNYEY, A. L.; CAPOVILLA, F. C.; MONTIEL, J. M. (Orgs.), **Transtornos de aprendizagem: da avaliação à reabilitação**. São Paulo, SP: Artes Médicas, 2009. p. 165-177.

CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D.; MAURÍCIO, Aline, C. **Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue Novo Deit-Libras Língua de Sinais Brasileira**. São Paulo: Edusp SP, 2012a, Vol. 1

CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D.; MAURÍCIO, A. C. **Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue Novo Deit-Libras Língua de Sinais Brasileira**. São Paulo: Edusp SP, 2012b. Vol. 2,

CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D.; TEMÓTEO, J. G.; MARTINS, A. C. **Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: A Libras em suas mãos.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2017. Vol. 1 e 2.

CARVALHO, O. L. de S. **Lexicografia bilíngue português alemão**: teoria e aplicação à categoria das preposições. Brasília: Thesaurus, 2001.

CARVALHO, O. L. de S.; MARINHO, M. L. Contribuições da lexicografia ao contexto educacional bilíngüe de surdo. In: Heloisa Moreira Lima-Salles. (Org.). **Bilingüismo dos Surdos**. Questões Lingüísticas e Educacionais. 1. ed. Goiânia: Cânone Editorial, 2007, p. 119-143.

CARVALHO, A. dos G. de. **Sinais simples e compostos na LIBRAS**: conceitos, critérios de formação e classificação. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

CASELLI, N. K., COHEN-GOLDBERG, A. M. **Lexical access in sign language:** A computational model. Frontiers in Psychology, 2014.

CASTRO JÚNIOR, G. de. **Varlibras**. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. Trad. Fabiana Komesu. **Dicionário de Análise do Discurso**. São Paulo: Contexto, 2008.

CORBIN, D. La représentation d"une “famille” de mots dans le Dictionnaire dérivationnel du français et ses corrélats théoriques, méthodologiques et descriptifs. **Recherches linguistiques de Vincennes**, p. 5-37, 1997.

COSTA, M. R. **Proposta de Modelo de Enciclopédia Visual Bilíngue Juvenil:** ENCICLOLIBRAS. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

CRASBORN, O., HULST, H van der; KOOIJ, E. van der. **Phonetic and phonological distinctions in sign languages**. Paper presented in Intersign meeting at Leiden, 2000.

CUXAC, Ch. **Le langage des sourds***.* Paris: Payot. 1983.

CUXAC, Ch. La Mimographie de Bébian: finalité et destin d´une écriture de la LSF”. **Surdités** (5-6)*,* 81-95. 2004.

DAPENA, J. A. **Manual de Técnica Lexicográfica**. Madri: Arco/Libros, 2002.

DIÁRIO DA REPÚBLICA. **Promoção da Língua Gestual Portuguesa e de boas práticas nos órgãos de governo próprio da Região Autónoma da Madeira**. 1.ª série — N.º 114 — 14 de junho de 2017, pp. 3009. Disponível em: https://dre.pt/application/conteudo/107514246. Acesso em: 15 out. 2019.

DIAS-DA-SILVA, B.C. **A face tecnológica dos estudos da linguagem: o processamento automático das línguas naturais.** Tese (Doutorado em Letras). Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 1996.

DIAS-DA-SILVA, B. C. O estudo linguístico-computacional da linguagem. **Letras de Hoje**, EDIPUCRS Porto Alegre Brasil, v. 41, n. 144, p. 103-138, 2006.

DOUETTES, B. B. **A tradução na criação de sinais-termos religiosos em Libras e uma proposta para organização de glossário terminológico semibilíngue.** Dissertação (Mestrado em Linguística) Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

DUDA, W., M. F.; ZIMMERMANN **T. Zu einer Theorie der zweisprachigen Lexikographie. Überlegungen zu einen neuen russisch–deutschen Wörterbuch.** Berlin: Akademie-Verlag, 1986.

FARIA-NASCIMENTO, S. P. **Representações Lexicais da Língua de Sinais Brasileira**. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

FARIAS, S. V. **Desenho de um dicionário escolar de Língua portuguesa.** Dissertação (Mestrado em Lexicografia e Terminologia). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

FARIAS, S. V. Considerações preliminares sobre o pós-comentário na microestrutura de dicionários semasiológicos**. Revista Virtual de Estudos da Linguagem**, Porto Alegre, v. 9, p. 109-139, 2011.

FARIAS, S. V. **Sobre a definição lexicográfica e seus problemas.** Fundamentos para uma teoria geral dos mecanismos explanatórios em dicionários semasiológicos. Tese (Doutorado em Lexicografia e Terminologia). Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

FELIPE, T. A**. A relação sintático-semântica dos verbos e seus argumentos na Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS).** Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1998.

FELIPE, T. A**.** Capacitação de Instrutores surdos. **Anais**... V Seminário Nacional do INES: Surdez - desafios para o próximo milênio, Rio de Janeiro, 2000, p. 40-42.

FELIPE, T. A.; MONTEIRO, M. S. **LIBRAS em Contexto**, Livro do Professor/instrutor - Curso Básico - Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos. Brasília. MEC - SEE. 2001.

FELIPE, T. A**.** Capacitação de Instrutores surdos. **Anais**... V Seminário Nacional do INES: Surdez - desafios para o próximo milênio, Rio de Janeiro, 2002, p. 40-42.

FELIPE, T. A**.;** GP FENEIS. **Dicionário Digital da Língua Brasileira de Sinais.** 2002. Disponível em: http://www.acessobrasil.org.br/libras/. Acesso em: 25 abr. 2018.

FELIPE, T. A**.;** GP INES. **Dicionário Digital da Língua Brasileira de Sinais.** Versão 2.0, 2005. Disponível em: http://www.ines.gov.br/dicionario-de-libras/main_site/libras.htm. Acesso em: 25 abr. 2018.

FELIPE, T. A**.** Banco de Dados e Sistemas de Transcrição para as Línguas de Sinais. In: BAALBAKI, A. CALDAS, B. (Orgs.). **Instrumentos Linguísticos**: usos e atualizações. Araruama: Cartolina Editora, 2014, p. 155-188.

FENEIS. Federação Nacional de Educação e Integração de Surdos. **Relatório Anual: 1993.** Rio de Janeiro: Feneis, 1993.

FENLON, J. C.; SCHEMBRI, A. Building BSL SignBank: The lemma dilemma revisited. **International Journal of Lexicography,** v. 28, n. 2, maio de 2015.

FERREIRA-BRITO, L. **Por uma gramática de Língua de Sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

FERREIRA-BRITO, L.; LANGEVIN, R. **Sistema Ferreira Brito-Langevin de Transcrição de Sinais**. In. FERREIRA BRITO, L. Por uma gramática de Língua de Sinais. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

FISCHER, R. **Language of action.** In: FISCHER, R.; LANE, H. (Eds.) **Looking back**: A Reader of the History of Deaf Communities and Their Sign Languages. Hamburg: Signum, 1993, p. 429-455.

FISCHER, R. The notation of sign languages: Bébian's mimographie. In: BOS, H. F.; SCHERMER, G.; GERTRUDE, M. (Eds.). **Sign Language Research 1994**: Proceedings of the Fourth European Congress on Sign Language Research. Hamburg: Signum, 1995, p. 285-302.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, Apostila. 2002.

FUERTES-OLIVEIRA, P. A.; ARRIBAS-BAÑO, A. **Pedagogical Specialised Lexicography**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2008.

GAMA, F. J. da. **Iconographia dos signaes dos surdos-mudos.** Rio de Janeiro: Tipografia Universal de E. & H. Laemmert, 1875.
GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOUWS, R. H. Toward a Lexicon-based Lexicography Dictionaries. **Journal of the Dictionary Society of North America**, n.13, p. 75-90, 1991.

GOUWS, R. H. Using a frame structure to accommodate cultural data. In: EMEJULU, J. du P. (Wd.) **Elements de Lexicographie Gabonaise**. Tome II. New York: Jimacs-Hillman Publishers: 2003, p. 54-69.

GOUWS, R. H. Unlearning and Innovation in the Planning of Electronic dictionaries. In: FUERTES-OLIVERA, P. A; BERGENHOLTZ, H. (Eds). **E-Lexicography**: The Internet, Digital Initiatives and Lexicography. London and New York: Continuum, 2011, p. 17-29.

HAENSCH, G.; WOLF, L. **La lexicografia. De la lingüística teórica a la lexicograña prática**. Madrid: Gredos, 1982.

HALL, C. German dictionaries for the PC: a survey from the perspective of the language learner. **Gfl-journal**, v.2, 2000. Disponível em: http://www.gfl-journal.de/2-2000/hall.html. Acesso em: 28 jun. 2018.

HANDKE, J. **The Structure of the Lexicon**. Berlin: de Gruyter, 1995.

HANKE, T. **HamNoSys** - representing sign language data in language resources and language processing contexts. Hamburgo: Universidade de Hamburgo, 2004.

HANKE, T. **Hamnosys –** Hamburg Notation System for Sign Languages. Hamburgo: Universidade de Hamburgo, 2007.

HANSEN, J. **A Linguistic description of the phonetics and phonology of Danish Sign Language**. Aarhus, Denmark: Aarhus University M. A. thesis, 2011.

HARTMANN, R.R.K. Lexicography, with particular reference to English learners dictionaries. **Language Teaching,** n. 25, p. 151-159, 1992.

HARTMANN, R. R. K. **Lexicography:** Principles and Practice. London: Academic Press. Ed, 1993.

HARTMANN, R. R. K. **Teaching and Researching Lexicography.** Harlow: Longman/Pearson Education, 2001.

HARTMANN, R.R.K.; JAMES, G. **Dictionary of lexicography**. London: Routledge, 2001.

HAUSMANN, F. J. **Einführung in die Benutzung der neufranzösischen Wörterbücher**. Tübingen: Niemeyer, 1977.

HAUSMANN, F. J. Kollokationen im deutschen Wörterbuch. In: BERGENHOLTZ, H.; MUGDAN, J. (Eds.). **Lexikographie und Grammatik**: Akten des Essener Kolloquiums zur Grammatik im Wörterbuch. Tübingen: MaxNiemeyer, 1984, p. 118-129.

HAUSMANN, F. J. Wortschatzlernen ist Kollokationslernen**.** Zum Lehren und Lernen französischer Wortverbindungen. In: **Praxis des neusprachlichen Unterrichts.** Tübingen: MaxNiemeyer, 1984, p. 395-406.

HAUSMANN, F. J.; BRONWYN H. H.; ZVI, G. Econometric Models for Count Data with an Application to the Patents-R&D Relationship. **Econometrica**, **v.** 52, n. 4, p. 909-938, 1984.

HAUSMANN, F. J.; WIEGAND, E. H. Component parts and structures of general monolingual dictionaries: A survey. In: HAUSMANN, F. J.; REICHMANN, O.; WIEGAND, E. H.; ZGUSTA, L. **Wörterbücher/Dictionaries/Dictionnaires**. An international encyclopedia of lexicography. Berlin: Walter de Gruyter, 1989, p. 328-360.

HOEMANN, H. W.; OATES, E. **Linguagem de Sinais do Brasil**. Porto Alegre: Centro de Educacional para Deficientes Auditivos. 1983.

HORNÁČKOVÁ KLAPICOVÁ, E. Composition of the Entry in a Bilingual Dictionary. **Skase Joournal of Theoretical Linguistics**, V. 2, N.3, p. 58, 2005.

HULST, H. V. D. Units in the analysis of signs. **Phonology, v**. 10, p. 209–241, 1993.

HUMPHRIES, T. Scientifi c Explanation and Other Performance Acts in the Reorganization of DEAF. In: KRISTIN, A. et al. **Signs and Voices***:* Deaf Culture, Identity, Language, and Arts, Washington, D.C.: Gallaudet University Press, 2008, p. 3-20.

ILSON, R. **Dictionaries, lexicograph and language learning.** Headington Hill Hall: Pergamon Press Ltd., 1985.

JOHNSTON, T. **A Preliminary Signing Dictionary of Australian Sign Language** (AUSLAN). Adelaide, 1987.

KATZ, J.; FODOR, J. Structure of a semantic theory. **Language**, p. 39-42, 1963.

KLIMA, E. S.; BELLUGI, U. **The Signs of Language**. Cambridge: Harvard University Press, 1979.

KOOIJ, E. V.der. **Phonological Categories in Sign Language of the Netherlands:** the Role of Phonetic Implementation and Iconicity. JK Utrecht, the Netherlands, 2002. Disponível em: https://www.lotpublications.nl/Documents/55_fulltext.pdf. Acesso em: 30 jun. 2018.

KRIGER, M. G. Heterogeneidade e dinamismo do léxico: impactos sobre a lexicografia. **Confluência: revista do instituto de língua portuguesa**. Rio de Janeiro, n. 46, 1.º semestre, p. 323-334. 2014.

KRIEGER, M. G. Do ensino da terminologia para tradutores: diretrizes básicas. **Cadernos de Tradução**, v. 1, n. 17. Universidade Federal de Santa Catarina, 2006

KRISTOFFERSEN, J. and J. B. NIEMELÄ. How to Describe Mouth Patterns in the Danish Sign Language Dictionary. In: QUADROS, R. M. D. (Org.). **Sign Languages**: Spinning and Unraveling the Past, Present and future. Florianopolis, Brazil, December, 2006. Petrópolis: Editora Arara Azul, 2008, p. 230-238.

KRISTOFFERSEN, J. H.; TROELSGÅRD, Thomas. The electronic lexicographical treatment of sign languages: The Danish Sign Language Dictionary. In: GRANGER, S.; PAQUOT, M. **The electronic lexicographical treatment of sign languages**. Oxford: University of Oxford, 2012.

KROMAN H.-P.; RIIBER T., ROSBACH P. Principles of Bilingual Lexicography. In: HAUSMANN F.J.; REICHMANN O.; WIEGAND E.; ZGUSTA L. **Wörterbucher / Dictionaries / Dictionnaires.** Ein internationales Handbuch zur Lexikographie / An International Encyclopedia of Lexicography / Enciclopédie internationale de lexicographie. Vol.III, Berlin-New York: De Gruyter, 1991.

LANDAU, S.I. **Dictionaries: The art and craft of lexicography.** New York, United States of America: The Scribner Press. 1984.

LAPLANE, C.; SEGUIN, J. **Dictionnaire de Linguistique em Langue des Signes Française:** Linguistique des langues des signes**.** Licence SCL2. AMU. Faculté ALLS Hd'Aix-en-Provence, 2015-2016.

LI MING. **Chinese lexicography**. In K. Brown (Ed.), Encyclopedia of language and linguistics (2nd ed., pp. 362–5). Amsterdam, Netherlands: Elsevier, 2006.

LIDDELL, S. K.; JOHNSON, R. E. American Sign Language: The Phonological Base. **Sign Language Studies**, n. 64, p. 197–277, 1989.

LIDDELL, S. K. THINK and BELIEVE: sequentiality. **American Sign Language. Language**, v.2, n. 60, p. 372-399, 1984.

LIDDELL, S. K. & JOHNSON, R.E. American Sign Language: The Phonological Base. In: VALLI, C.; LUCAS, C. (org). **Linguistics of American Sign Language**: na introduction. Washington, D.C.: Clerc Books/Gallaudet University Press, 2000.

LIMA V. L. de S. **Língua de Sinais Proposta Terminológica para a Área de Desenho Arquitetônico**. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

LONGMAN. **Longman Dictionary of American English**: Your Complete Guide to American English. Longman Pub Group, 2000.

LUCAS, C.; VALLI, C. **Language contact in the American deaf community**. New York: Academic Press, 1992.

LUCAS, C. The role of variation in lexicography. **Sign Language Studies,** v. 3, p. 322–340, 2003.

MARTINET, A. **Elementos de Linguística Geral**. Trad. Jorge Morais Barbosa. 5. Ed. Lisboa: Sá da Costa, 1973.

MARTÍNEZ DE SOUSA, J. **Diccionario de lexicografía práctica**. Barcelona: Bibliograf, 1995.

MARTINS**,** A. C. **Lexicografia da Língua de Sinais Brasileira do Rio grande do Sul.** Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

MARTINS, T. A. **Um estudo descritivo sobre as manifestações de ambiguidade lexical em Libras**. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2013.

MARTINS, T. A.; BIDARRA, J. **O problema da ambiguidade lexical para a interpretação envolvendo a Língua Portuguesa e Libras**. Anais doSIELP v. 2, n. 1. Uberlândia: EDUFU, 2012.

MCBURNEY, S. L. William Stokoe and the discipline of Sign Language Linguistics. **Historiographia Linguistica**, v. 28, n. 1-2, 143-186, 2001.

MCBURNEY, S. L.; STOKOE, W. **Discipline of Sign Language Linguistics**. **Historiographia Linguistica**, v. 28, n. 1-2, p. 143-186, 2001.

MCKEE, R. L. MCKEE, D. **Making an Online Dictionary of New Zealand Sign Language**. International Conference of the African Association for Lexicography

(AFRILEX), University of Pretoria, Pretoria, South África, 2–5 July 2012. Lexikos 23 (AFRILEX-reeks/series 23), p. 500-531, 2013.

MCKEE, Rachel L. MCKEE, David. **Making an Online Dictionary of New Zealand Sign Language**. International Conference of the African Association for Lexicography (AFRILEX), University of Pretoria, Pretoria, South África, 2–5 July 2012.

MENIS, V.; LINS S. D. - Junta De Missões Nacionais Da Convenção Batista Brasileira. **Manual de sinais bíblicos: o clamor do silêncio**. Rio de Janeiro, 1991.

MOREIRA, Daniela A. **Um Estudo Introdutório sobre o Desenvolvimento dos Repertórios Léxicos da Língua de Sinais Brasileira a partir da Elaboração da Definição Lexicográfica.** Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

OATES, E. **Linguagem das mãos**. Aparecida do Norte: Santuário, 1969.

OLIVEIRA, Janine S.; STUMPF, Marianne R. Glossário do Curso Letras-Libras. **Anais...** IX Congresso Brasileiro de Linguística Aplicada. Rio de Janeiro, julho, 2011. Disponível em http://www.alab.org.br/pt/eventos/ix-cbla/59. Acesso em: 20 fev. 2019.

OLIVEIRA, J. S.; WEININGER, M, J. Densidade de informação, complexidade fonológica e suas implicações para a organização de glossários de termos técnicos da língua de sinais brasileira. **Cadernos de Tradução**, v. 2, n. 32, p. 141-163, 2013.

OLIVEIRA, J. S. **Análise Descritiva da Estrutura Querológica de Unidades Terminológicas do Glossário Letras-Libras.** Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

OVIDEO, A. Vuelta um hito histórico de La linguística de lãs lenguas de señas: La mimographiede Bébianem el sistema detranscripción de Stokoe. **Lenguaje**, Universidad Del Valle, Cali. Vol. 37, nº 2, p. 293 –313, 2009.

OVIEDO, A. **Roch Ambroise Auguste Bébian (*1789 / †1839).** Pionero de los estudios sobre la sordera. 2007.

PADDEN C, HUMPHRIES T. **Inside Deaf Culture**. Cambridge: Harvard University Press, 2005.

PÉLISSIER, P**. L´Enseignment Primaire des Sourds-Muets mis à la Portée de Tout le monde, avec une Iconographie des Signes**. Paris: Librairie Paul Dupont, 1856.

PETERSON, J. E. **Comunicando com as mãos**. Fortaleza: Edição do autor, 1987.

PETERSON, J. E.; ENSMINGER, J. **Aprendendo a comunicar**. Fortaleza: Edição do autor, 1984.

PETITTA, G.; SALLANDRE, M.-A.; ROSSINI, P. **Mouth Gestures and Mouthing in Two Sign Languages (LIS and LSF)**. Theoretical Issues in Sign Language Research Conference (TISLR 11), University College London, DECAL (Deafness, Cognition and Language Research Centre), p. 10-13, July 2013.

PIMENTA, N.; QUADROS, R. M. de. **Curso LIBRAS 1**. 4a Edição. Editora Vozes, 2010.

POTTIER, B. **Linguistique générale**: théorie et description. Paris, Klincksieck, 1974.
PRAXEDES FILHO, P. H. L. Linguística Sistêmico-Funcional: Linguística teórica ou aplicada? **Linguagem em Foco**, Fortaleza, v. 6, n. 1, jan./jun. 2014.

PUSTEJOVSKY, J.; BOGURAEV, B. **Lexical semantics**. Oxford: Clarendon, p. 133 – 162. 1996.

QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. B. **Língua de Sinais Brasileira:** estudos linguísticos. Porto Alegre: ARTMED, 2004.

QUADROS, R. M. **Língua de Herança:** Língua Brasileira de Sinais. Porto Alegre: Penso, 2017.

QUADROS, R. M. **LIBRAS:** Linguística para o Ensino Superior. 1 ed. São Paulo: Parábola, 2019.

RAINBOLT, G. W.; DWYER, S. L. **Critical thinking:** The art of argument (2nd ed.). Stamford, CT: Cengage Learning, 2012.

REY-DEBOVE, J. **Étude linguistique et semiotique dês dic-cionnaires françaises contemporaines**. Paris: Hachette, 1971.

REY-DEBOVE, J. Léxico e dicionário. **Alfa**, São Paulo, UNESP, v.28 (sup1.), p. 45-69, 1984.

SACKS, O. **Vendo vozes:** uma viagem ao mundo dos surdos. Trad. Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SALES, T. C. (Org.) **Onze Histórias e um Segredo**: desvendando as lendas amazônicas. Manaus–AM.: Dalmir Pacheco de Souza, 2016.

SANDLER, W. **Phonological representation of the sign**. Linearity and nonlinearity in American Sign Language. Dordrecht: Foris, 1989.

SANDLER, W. VISUAL PROSODY. In: PFAU, R.; STEINBACH, M.; WOLL, B. (Eds.). **Sign language**. Berlin: De Gruyter Mouton, 2012, p. 55–76.

SANDLER, W.; LILLO-MARTIN, D. **Sign language and linguistic universals**. Cambridge: Cambridge University Press. 2006.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de Lingüística Geral**. Trad. De Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1995.

SCERBA, L.V. Towards a General Theory of Lexicography**. International Journal of Lexicography**, p. 315-350, 1940.

SCHWINDT, L. C. (Org.) **Manual de Linguística**: Fonologia, Morfologia e Sintaxe. Editora Vozes, Petrópolis, RJ. 2017.

SEIDE, M. S**. Libras: de língua natural a língua histórica**. In: BIDARRA, J.; MARTINS, T. A.; SEIDE, M. S (Orgs.) **Entre a Libras e o Português**: desafios face ao bilinguismo. Cascavel, PR: EDUNIOESTE; Londrina: EDUEL, 2016, p. 47-68.

SELISTRE, I. C.T. Dicionários **disponíveis on-line para aprendizes de inglês: estruturação e recursos. Ci**. Inf., Brasília, DF, v. 39 n. 3, p. 61-72, set. /dez, 2010. Disponível em: http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/1266/1444. Acesso em: 20 jun. 2018.

SILVA, N. M. **Instrumentos Linguísticos de Língua Brasileira de Sinais:** constituição e formulação. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Estadual de Campinas, Campins, 2012.

SILVEIRA BUENO, F. **Minidicionário da Língua Portuguesa.** Ed. Rev. e atual. São Paulo: FTD, 2007.

SILVEIRA, D. T.; CÓRDOVA, F. P. A pesquisa científica. In: GERHARDT, T. E.; SIVEIRA, D. T. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

SILVESTRE, J. P. Lexicografia. In: MARTINS, A. M.; CARRILHO, E. (Eds.). **Manual de linguística portuguesa**. Berlin: De Gruyter Mouton, 2016, p. 200-223.

SMITH, R. **HamNoSys handbook.** 2013. [Online]. Disponível em: https://robertsmithresearch.files.wordpress.com/2012/10/hamnosys-user-guide-rs-draft-v3-0.pdf. Acesso em: 20 set. 2019.

SOFIATO, C. G. **Do desenho à litografia**: a origem da língua brasileira de sinais. Tese (Doutorado em Linguística). Instituto de Artes, Universidade de Campinas, Campinas, 2011.

SOFIATO, C.G.; REILY, L.H. **Dicionarização da Língua Brasileira de Sinais**: estudo comparativo iconográfico e lexical. **Educação e Pesquisa**, vol.40, no.1, São Paulo Jan./Mar, 2014.

SOLINA, F.; KRAPEZ, S.; JAKLI, A. Multimedia Dictionary and Synthesis of Sign Language. In: SYED, M. R. (Ed). **Design and Management of Multimedia Information Systems**. Hershey: PA, 2001, p. 268–281.

SOUZA, I. L.; GEDIEL, A. L. Os sinais dos surdos: uma análise a partir de uma perspectiva cultural. **Campinas, Trab. linguist. Apl**. [online], vol.56, n.1, p.163-185. 2017. Disponível em: https://www.scielo.br/pdf/tla/v56n1/0103-1813-tla-56-01-00163.pdf. Acesso em: 20 jun. 2018.

STACK, K. **Tiers and syllable structure in American Sign Language**: evidence from phonotactics. MA thesis, UCLA. 1988.

STOKOE, W.C. **Sign Language Structure**. Silver Spring, Linstok Press, 1960.

STOKOE, W.C.; CASTERLINE, D. C.; & CRONEBERG, C. G. **A dictionary of American Sign Language on linguistic principles**. DC: Gallaudet College. Linstok Press, 1965.

STUMPF, M. R. O estado da arte da escrita de língua de sinais pelo sistema SignWriting: uma meta-análise. In BIDARRA, J.; MARTINS, T. A.; SEIDE, M. S (Orgs.) **Entre a Libras e o Português**: desafios face ao bilinguismo. Cascavel, PR: EDUNIOESTE; Londrina: EDUEL, 2016, p. 83-115.

STUMPF, M. R. **Aprendizagem de Escrita de Língua de Sinais pelo Sistema SignWriting**: Línguas de sinais no papel e no computador. Tese (Doutorado) – Curso de Informática na Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2005.

SUPALLA, T.; CLARK, P. **Sign Language Archeology: Understanding the Historical Roots of American Sign Language**. Washington, D.C.: Gallaudet University Press. 2015.

SUTTON-SPENCE, Rachel and WOLL, Bencie. **The linguistics of British Sign Language**: an introduction. Printed in the United Kingdom at the University Press, Cambridge, 1999.

SWANEPOEL, P. Dictionary typologies: A pragmatic approach. In: STERKENBURG, P. (Org.). **A practical guide to lexicography**. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamin, 2003, p. 44-69.

TARP, S. **Lexicography in the Borderland between Knowledge and Non-knowledge**. General Lexicographical Theory with Particular Focus on Learner's Lexicography. Lexicographica. Series Maior 134. Tübingen: Max Niemeyer. 2008.

TARP, S. School dictionaries for first-language learners**. Lexikos**, n.22, p.333-351, 2012.

TARP, S. Theoretical Challenges to Practical Specialised Lexicography. ***Lexico****s, n.* 10, p. 189-208, 2000.

TEMOTEO, J. G. **Lexicografia da língua de sinais brasileira do Nordeste**. Tese (Doutorado em Linguísitca). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

TESTEMUNHAS DE JEOVÁ. **Linguagem dos sinais**. Cesário Lange: Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, 1992.

TIMMERMANS, N. **The status of sign languages in Europe. Strasbourg**: Council of Europe Publishing. 2005.

TUXI, P.S. **A Terminologia na Língua de Sinais Brasileira**: proposta de organização e registros de termos técnicos e administrativos no meio acadêmico em glossário bilíngue. UnB, Brasília, 2017.

VALE, Mireille. **A study of the users of an online sign language dictionary.** Victoria University of Wellington PO Box 600, Wellington, New Zealand, 2016.

VALLI, C.; LUCAS, C. **Linguistics of American Sign Language**: an introduction. 3. ed. Washington: Gallaudet University Press, 2000.

VALLI, C.; LUCAS, C.; MULROONEY, K. J.; VILLANUEVA, M. **Linguistics of American Sign Language**: an introduction.5th ed., p. 579, 2011.

VAN HERREWEGHE, M.; VERMEERBERGEN, M. **The Semantics and Grammatical Status of Three Different Realizations of geven** (give): Directional Verb, Polymorphemic Construction, and Auxiliary/Preposition/Light Verb. Poster Presented at the 8th International Conference on Theoretical Issues in Sign LanguageResearch (TISLR 8), Barcelona. 2004.

VETTORI, C., STREITER, O., and KNAPP, J. **From Computer Assisted Language Learning (CALL) to sign language processing**: the design of e-LIS, an electronic bilingual dictionary of Italian sign language and Italian. In Proceedings of the Workshop on the Representation and Processing of Sign Languages, LREC 2004.

WEINRICH, H. **Lenguaje em textos**. Madrid: Gredos, 1976.

WELKER, H. A. **Dicionários.** Uma pequena introdução à lexicografia. Brasília: Thesaurus, p. 287, 2004.

WIEGAND, H. E. Einige grundlegende semantisch-pragmatische Aspekte von WörterbucheintrSgen. Ein Beitrag zur praktischen Lexikologie. **Kopenhagener BeitrSge zur germanistischen Linquistik**, v.12, p 59-149, 1977.

WIEGAND, H.E. **Was ist eigentlich ein Lemma**? Ein Beitrag zur Theorie der lexikographischen Sprachbeschreibung in Studien zur neuhochdeutschen Lexikoqraphie (Band III) ed. by H.E. Wiegand. Hildesheim-New York: Olms, 1983.

WIEGAND, H. E. Zur handlungstheoretischen Grundlegung der Wörterbuchbenutzungsforschung. I**Lexicographica**, n. 3, p. 178-227, 1987.

WIEGAND, H.E. Der Begriff der Mikrostruktur: Geschichte, Probleme, Perspektiven. In: HAUSMANN, F. J. et al. **Wörterbücher, dictionaries, dictionnaires**. Berlin; New York: Walter de Gruyter, 1989, p. 409-462

WIEGAND, H. E. **Wörterbuchforschung**. Untersuchungen zur Wörterbuch-benutzung, zur Theorie, Geschichte, Kritik und Automatisierung der Lexikographie.1. Teilband. Berlin/New York: de Gruyter. 1998.

WIEGAND, H.E. MORÁN, M. T. F. **Estructuras lexicográficas**. Aspectos centrales de una teoría de la forma del diccionarío. Granada: Edicíones Tragacanto, 2009.

WIEGAND, H.E. On the Structure and Contents of a General Theory of Lexicography. In: HARTMANN, R.R.K (Ed.). **LEXeter '83 Proceedings**. Papers from the International Conference on Lexicog-raphy at Exeter, 1983; Tübingen: Max Niemeyer, 1984.

WILCOX, S. **Universities That Accept ASL In Fulfillment Of Foreign Language Requirements.** University of New Mexico, 2017. Disponível em: https://pdf4pro.com/view/universities-that-accept-asl-in-ful-llment-of-foreign-59d4b2.html.- Acesso em: 18 ago. 2019.

XAVIER, A. N. **Uma ou duas? Eis a questão!** Um estudo do parâmetro número de mãos na produção de sinais da língua brasileira de sinais (libras). 2014. Tese (Doutorado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014.

XAVIER, A. N. **Descrição fonético-fonológica dos sinais da língua brasileira de sinais (libras).** Dissertação (Mestrado em Linguística). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

YEN, Lim Mei. **MySlang – An Electronic Malaysian Sign Language Dictionary**. University Of Malaya, 2008.

ZGUSTA, L. Lexicology, generating words. In: MCDAVID, R.I.; DUCKERT, A.R. (Eds.) **Lexicography in English**. New York: Academy of Sciences, 1973, p. 14-28

ZGUSTA, L. **Manual of Lexicography.** Paris: Mouton, The Hague, 1971.

ZILE, U. Fenomenologia e teoria do conhecimento em Husserl**. Rev. abordagem gestalt.**, v.13, n.2, dez. 2007.

ZÖFGEN, E. Bilingual Learner's Dictionaries. In: HAUSMANN, F. J. et al. (Eds.) **Wörterbücher**: ein Internationales Handbuch zur Lexikographie. – Dictionaries: an International Handbook on Lexicography. Vol. 3. Berlin / New York: de Gruyter, p. 1991, p. 2888-2903.

ZWITSERLOOD, I. Meaning at the feature level in sign languages. The case of name signs in Sign Language of the Netherlands (NGT. In KAGER, R.; GRIJZENHOUT, J.; SEBREGTS, K. (ed.). **Where the Principles Fail**. A Festschrift for Wim Zonneveld on the occasion of his 64th birthday. Utrecht: Utrecht Institute of Linguistics OTS pp. 241-2512014.

ZWITSERLOOD, I. Sign Language Lexicography in the Early 21st Century and a Recently Published Dictionary of Sign Language of The Netherlands. **International Journal of Lexicography,** p. 443–476, 2010.

APÊNDICES

APÊNDICE I - CONFIGURAÇÕES DE MÃOS E SUAS RESPECTIVAS ORIENTAÇÕES

Configuração de Mão (CM) corresponde à **forma** que uma ou as duas mãos assumem para realizar um determinado sinal. Se fôssemos comparar com o alfabeto de uma língua oral, poderíamos dizer que as configurações de mãos são as “letras” responsáveis pela formação de uma palavra. Portanto, a forma da mão (CM) é o primeiro passo para constituição de um sinal, seguido da orientação (OR), **posição** que uma ou as duas mãos assumem para realização de um sinal. No quadro abaixo, segue as 66 CMs com suas respectivas orientações distribuídas horizontalmente:

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

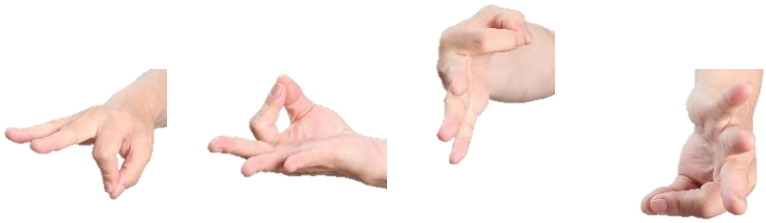
20

21

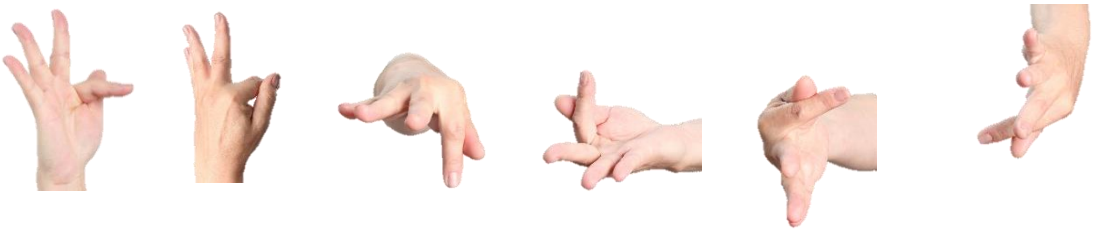
22

23

24



25



26

27

28

29

30

31

32

33

34

35

36

37

38

39

40

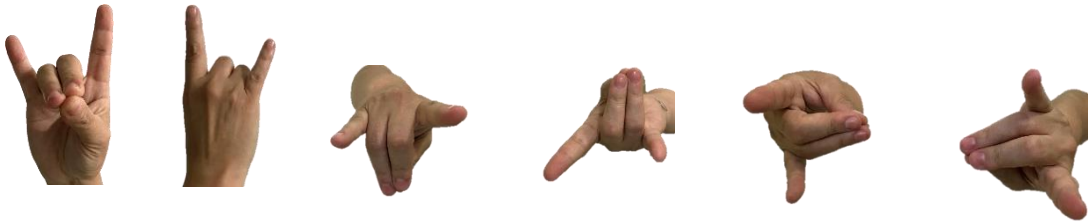
41

42

43

44

45



46

47

48

49

50

51

52

53

54

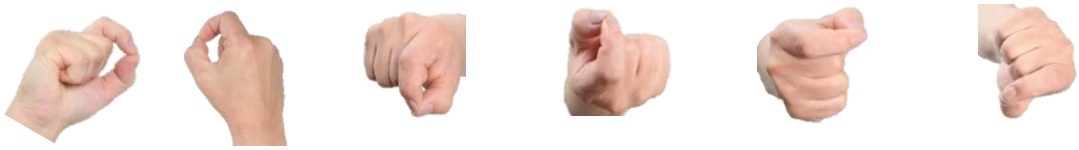
55

56

57

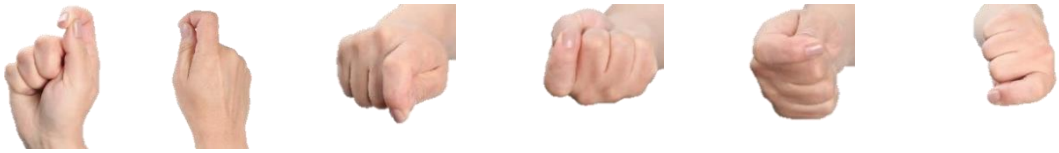
58

59

60 

61

62

63 

64

65

66

Fonte: Autora da pesquisa (2020).

Fotos: João B. Theodoro – Estúdio fotos Clivati.